Jonathan Swift

VIAGENS DE GULLIVER



eBooksBrasil

Viagens de Gulliver
(Travels Into Several Remote Nations of the World - In Four Parts - by Lemuel Gulliver - first a Surgeon, and then a Captain of several Ships - London - MDCCXXVI)
Jonathan Swift
(1667-1745)
Tradução: Cruz Teixeira

Fonte Digital
Digitalização do livro em papel
Clássicos Jackson vol. XXXI
1950

Traduções de “O Editor ao Leitor” e “Uma Carta do Capitão Gulliver para seu primo Sympson” por Teotonio Simões a partir da edição de “Gulliver’s Travels” do Project Gutenberg
Transcribed from the 1892 George Bell and Sons edition by David Price
ccx074@coventry.ac.uk

Imagem da capa:
Arthur Rackham (1867-1939)
Fonte digital
www.artpassions.net

ÍNDICE

O Editor ao Leitor

[desta edição]

> “Se eu tivesse que fazer uma lista de seis livros a serem preservados quando todos os outros fossem destruídos, certamente colocaria *Viagens de Gulliver* entre eles.”
> George Orwell: Politics vs Literature

Creio que nem seria preciso um aval tão respeitável quanto o de Orwell, que leu a obra, texto integral, quando tinha oito anos (ou, para ser mais exato, um dia antes, porque abriu o presente antes do dia:), que o leu pelo menos seis vezes desde então, para dizer da importância deste clássico de Jonathan Swift.

Entretanto, como sempre faço antes de publicar alguma obra, percorri as livrarias online, conferindo a disponibilidade do título, para não infringir nenhum direito autoral, principalmente no aspecto patrimonial.

Qual não foi minha surpresa ao verificar que o *As Viagens de Gulliver* está disponível em muitas e muitas edições... mas em sua maioria

"adaptações" para o público infantil, nas quais, indefectivelmente, consta o nome do adaptador(a), claro. Em uma livraria online, inclusive, o livro é atribuído a quem fez a adaptação. O pobre Jonathan Swift foi literalmente desprezado!!

E houve tempo em que a obra, texto integral, era lida por garotos de oito anos. Não precisava ser nenhum Orwell, nem morar na Inglaterra. Por aqui mesmo, na edição da saudosa Editora Globo (a de Porto Alegre), em edição especial do Clube do Livro, na coleção Clássicos Jackson, entre outras.

Mas, já em 1956, ao anunciar a edição especial de "As Viagens de Gulliver" aos associados do Clube do Livro, por encomenda, ao preço em todo o Brasil de Cr$50,00 (o preço normal de cada livro do Clube do Livro era Cr$15,00), na orelha de *Thingum Bob*, de Edgar Allan Poe (setembro de 1956), fazia-se a seguinte ressalva:

> "Geralmente, editam-se as duas primeiras viagens: ao país dos anões (Liliput) e ao país dos gigantes (Brobdingnag). Neste volume, encontram-se, não só as 2 primeiras viagens já citadas, mas as 2 subseqüentes, à Lapúcia e a Japão e ao país dos cavalos (huyhnhnms), o que torna precioso este

livro, traduzido em todas as línguas como a Bíblia. Em

“AS VIAGENS DE GULLIVER”

V. S. encontrará uma das mais terríveis e marcantes sátiras contra a humanidade, escrita pelo gênio de Jonathan Swift.”

O “elegante volume de 420 páginas, capas em cores, preço para os associados em todo o Brasil Cr$50,00”, contudo, estava além das minhas posses. Li, emprestado de biblioteca, em edição da Editora Globo (a de Porto Alegre) e não aos oito, mas aos onze anos.

A que vem esta nota do editor, mais no estilo prefácio, já que não é meu costume prefaciar os livros editados pela eBooksBrasil.com?

Primeiro, para destacar a importância da edição em eBook deste título, já que tempo houve em que o Clube do Livro fazia dele “edição extra”.

Segundo, para destacar que, hoje, substima-se a infância, com as tais “adaptações para o público infantil”, que me parecem atender mais à economia de papel de certas casas editoras do que qualquer outra coisa. Mas ainda bem que existem os Harry Porter e os Senhor dos Anéis para provar que as crianças de hoje não são

diferentes das de antanho! Se lhes interessam os títulos, não são o tamanho dos volumes que as afastam da boa leitura.

Nesta edição, com capa em cores, nas versões de eBooks que cores comportam, o leitor (espero que muitos em seus oito ou onze anos), encontrará as quatro viagens, em texto (quase)* integral. Tratei de incluir dois textos que foram omitidos na edição em papel digitalizada, que constavam da primeira edição, de acordo com a disponível no Project Gutenberg: *O Editor ao Leitor* e *Uma Carta do Capitão Gulliver para seu Primo Sympson*.

Não sei se constavam na edição do Clube do Livro. Nunca tive acesso a ela.

Chamo a atenção, finalmente, para o fato de esta edição ser feita sob um licenciamento Creative Commons, destacando o aspecto **Atribuição**: "Você deve dar crédito ao autor original". E colocar uma questão, para reflexão do eventual leitor: É correto alterar o texto do Autor, com omissões ou inserções não autorizadas?

Como contribuição à abertura de discussão a respeito, as reclamações do Capitão Guliver em carta a seu primo e Editor, Richard Sympson, podem ser um bom começo.

Sem mais, para vocês, crianças de hoje, as fantásticas Viagens de Gulliver.

Preço em todo o Brasil e mundo: o custo de uma ligação telefônica local, energia elétrica e a disponibilidade de um computador conectado à internet.

Observação: leitura permitida para adultos:)

Outono, 2004
Teotonio Simões
eBooksBrasil

Jonathan Swift



VIAGENS DE GULLIVER

O Editor ao Leitor

[segundo a edição original]

O autor destas Viagens, Sr. Lemuel Gulliver, é meu antigo e íntimo amigo; há, parece, alguma relação entre nós pelo lado materno. Há cerca de três anos, o Sr. Gulliver fartando-se do assédio de pessoas curiosas que iam procurá-lo em sua casa em Redriff, comprou um pequeno pedaço de terra, com uma casa aprazível, perto de Newark, em Nottinghamshire, sua terra natal; onde agora vive retirado, embora na boa estima entre seus vizinhos.

Embora Mr. Gulliver tenha nascido em Nottinghamshire, onde seu pai viveu, eu o ouvi dizer que sua família veio de Oxfordshire; confirmando o fato, observei no cemitério da igrega em Bandury, neste condado, diversas tumbas e monumentos dos Gullivers.

Antes de deixar Redriff, confiou-me a custódia dos papéis que se seguem em minhas mãos, com a liberdade de dispor deles como achasse melhor. Eu os percorri cuidadosamente três vezes. O estilo é correto e simples; e o único

defeito que encontrei é que o autor, à maneira dos viajantes, é um pouco por demais detalhista. Há um ar de aparente verdade no todo; e realmente o autor era tão distinguido por sua veracidade, que se tornou uma espécie de provérbio entre seus vizinhos em Redriff, quando alguém afirmava algo, dizer, era tão verdade como se o Sr. Gulliver o tivesse dito.

Por conselho de algumas pessoas prestigiosas, às quais, com a permissão do autor, mostrei estes papéis, agora aventuro-me a lançá-los ao mundo, esperando que possam ser, pelo menos por algum tempo, um entretenimento melhor para nossos jovens nobres, que as garatujas comuns de políticos e partidos.

Este volume teria sido pelo menos duas vezes maior, se eu não tivesse forçado a tirar inumeráveis passagens relativas aos ventos e ondas, bem como às variações e finalidades nas diversas viagens, juntamente com as descrições minuciosas do manejo do navio em tempestades, no estilo dos marinheiros; bem como a conta de longitudes e latitudes; embora tenha razão de temer que o Sr. Gulliver ficasse um pouco insatisfeito. Mas resolvi talhar o trabalho tanto quanto possível à capacidade geral dos leitores. Contudo, se minha própria ignorância dos negócios marítimos me levou a cometer alguns erros, só eu sou responsável por eles. E se

qualquer viajante tiver a curiosidade de ver o trabalho inteiro, como veio das mãos do autor, estarei à disposição para satisfazê-lo.

Para maiores informações a respeito do autor, o leitor satisfar-se-á nas primeiras páginas do livro.

Richard Sympson.

Uma carta do Capitão Gulliver para seu primo Sympson.

Escrita no ano de 1727.

Espero que você esteja disposto a admitir publicamente, caso seja intimado a isso, que através de sua grande e freqüente pressa você me persuadiu a publicar um relato muito desconexo e não correto de minhas viagens, com indicações para contratar alguns jovens de qualquer universidade para ordená-los, e corrigir o estilo, como meu sobrinho Dampier fez, aconselhado por mim, em seu livro intitulado "Uma Viagem ao redor do mundo". Mas não me lembro de lhe ter concedido o poder de consentir que qualquer coisa pudesse ser omitida, e muito menos que qualquer coisa pudesse ser insertada; por isso, quanto às inserções, aqui renuncio qualquer coisa desse tipo; particularmente um parágrafo sobre sua majestade Rainha Anne, da mais pia e gloriosa memória; apesar de reverenciá-la e estimá-la mais que qualquer um da espécie humana. Mas você, ou seu interpolador, deve ter

considerado que essa não era minha inclinação, assim não foi decente louvar qualquer animal de nossa composição perante meu mestre *Huyhnhnm*. E ademais, o fato foi totalmente falso; pois pelo que sei, estando em Inglaterra durante alguma parte do reinado de sua majestade, ela governou através de um ministro chefe; aliás mesmo por dois sucessivamente, o primeiro dos quais era o lord de Godolphin, e o segundo o lord de Oxford; assim que você me fez dizer coisa que não era. Da mesma forma no relato da academia dos projetistas, e em diversas passagens de minha conversa com meu mestre *Huyhnhnm*, você ou omitiu algumas circunstâncias materiais, ou misturou-as ou mudou-as de tal modo, que dificilmente reconheço minha própria obra. Quando anteriormente apontei algo disso em uma carta, você teve a gentileza de responder que tinha medo de ofender; que as pessoas no poder eram muito vigilantes sobre a imprensa, e aptas não apenas a interpretar, mas a punir qualquer coisa que parecesse como um *innuendo* (como penso que você o chamou). Mas, como, como poderia o que falei há tantos anos atrás, e a cerca de cinco mil léguas de distância, em outro reino, ser aplicado a qualquer dos *Yahus*, que agora dizem governar o rebanho; especialmente em um tempo quando pouco pensei, ou temi, a infelicidade de viver sob eles? Não tenho toda razão de reclamar, quando vejo estes mesmos

Yahus levados por *Huyhnhnms* em um veículo, como se fossem brutos, e aqueles as criaturas racionais? E na verdade evitar tão monstruosa e detestável visão foi um dos principais motivos de meu retiro para cá.

Esse tanto pensei próprio contar a você em relação a você mesmo, e à confiança que despositei em si.

Lastimo, em segundo lugar, de minha própria grande vontade de julgamento, ao ser persuadido pelas solicitações e falsos raciocínios de você e de alguns outros, muito contra minha própria opinião, por conceder que minhas viagens fossem publicadas. Por favor, traga à mente quantas vezes desejei que você considerasse, quando você insistiu no motivo do bem público, que os *Yahus* eram uma espécie de animais completamente incapazes de emenda por preceitos ou exemplos: e isso foi provado; em vez de ver um completo fim dado a todos os abusos e corrupções, pelo menos nesta pequena ilha, como tinha razão de esperar; veja, após seis meses de admoestações, não soube que meu livro tenha produzido um único efeito acorde com minhas intenções. Desejaria que você me fizesse saber, por uma carta, quando partido ou facção fossem extintos; juízes estudados e corretos; peticionários honestos e modestos, com alguma tintura de senso comum, e Smithfield*, refulgindo com pirâmides de livros

de leis; a educação da jovem nobreza inteiramente mudada; os médicos banidos; as fêmeas *Yahus* abundando em virtude, honra, fidelidade e bom senso; cortes e reuniões de grandes ministros inteiramente sem joio ou mácula; juízo, mérito, e aprendizado agraciados; todos depreciadores da imprensa em prosa e verso condenados a comer nada mais que seu próprio papel, e saciar sua sede com sua própria tinta. Estas, e milhares de outras reformas, contava firmemente por seu encorajamento; como de fato eram completamente deduzíveis dos preceitos externados em meu livro. E é preciso confessar, que sete meses eram um tempo suficiente para corrigir cada vício e loucura às quais os *Yahus* estão sujeitos, se suas naturezas tivessem sido capazes de mínima disposição à virtude ou à sabedoria. Já, tão longe você esteve de responder minha expectativa em qualquer de suas cartas; que pelo contrário você está abarrotando nosso correio cada semana com libelos, e chaves, e reflexões, e memórias, e segundas partes; em que me vejo acusado de refletir sobre o povo do grande estado; de degradar a natureza humana (pois assim têm ainda a confiança de descrevê-la), e de abusar do sexo feminino. Descobri igualmente que os escritores destes volumes não estão concordes entre si; pois alguns deles não me consentem ser o autor de minhas próprias viagens; e outros

fazem-me autor de livros dos quais sou totalmente estranho.

Descobri igualmente que seu impressor foi tão descuidado a ponto de confundir as épocas, e errar as datas, de minha várias viagens e retornos; quer designando o verdadeiro ano, nem o verdadeiro mês; nem dia do mês: e ouvi que o manuscrito original está todo destruído desde a publicação de meu livro; quer tenho qualquer cópia remanescente: contudo, enviei-lhe algumas correções, que pode insertar, caso haja algum dia uma segunda edição: e embora não possa sustentá-las; mas deixarei esta questão para ser ajustada pelos meus judiciosos e cândidos leitores como queiram.

Ouvi alguns de nossos *Yahus* do mar acharem erros em minha liguagem marítima, como não adequada em muitas partes, nem atualmente em uso. Não posso ajudar nisso. Em minhas primeiras viagens, quando jovem, fui instruido por marinheiros mais velhos, e aprendi a falar como falavam. Mas desde então descobri que os *Yahus* do mar são aptos, como os de terra, a ficarem na moda em suas palavras, que muda a cada ano; tanto que, como recordo a cada retorno à minha própria terra seu velho dialeto estava tão alterado, que dificilmente podia entender o novo. E observo, quando algum *Yahu* vem de Londres movido pela curiosidade visitar-me em casa,

nenhum de nós é capaz de expressar nossas concepções de maneira intelegível ao outro.

Se a censura dos *Yahus* pudesse de alguma forma me afetar, teria grande razão para reclamar, que alguns deles são tão brutos a ponto de pensarem meu livro de viagem uma mera ficção tirada de meu próprio cérebro, e foram tão longe a ponto de lançar insinuações, que os *Huyhnhnms* e os *Yahus* têm uma existência não maior que os habitantes de Utopia.

De fato preciso confessar, que referente ao povo de *Lilipute*, *Brobdingrag* (pois que asssim é que a palavra deveria ter sido soletrada, e não erroneamente *Brobdingnag*), e *Lapúcia*, não ouvi nunca até agora de qualquer *Yahu* tão presunçoso a ponto de disputar sua existência, ou os fatos que relatei a respeito deles; porque a verdade imediatamente atinge cada leitor com convicção. E há menos probabilidade em meu relato dos *Huyhnhnms* ou *Yahus*, quando é manifesto quanto aos últimos, há tantos quantos milhares mesmo neste país, que apenas diferem de seus irmãos brutos na terra dos *Huyhnhnm*, porque usam uma espécie de jargão, e não andarem nus? Escrevi para emendá-los, e não para sua aprovação. A louvação unânime de toda a raça seria para mim de menor conseqüência que o relinchar destes dois *Huyhnhnms* degenerados que mantenho em meu estábulo;

porque destes, degenerados como são, eu ainda melhoro em algumas virtudes sem nenhuma mistura de vício.

Presumem pensar acaso estes miseráveis animais que sou tão degenerado a ponto de defender minha veracidade? *Yahu* como sou, é bem conhecido por toda a terra dos *Huyhnhnm*, que, pelas instruções e exemplos de meu ilustre mestre, fui capaz de no espaço de dois anos (embora confesse com a maior dificuldade) de remover aquele infernal hábito de mentir, trapacear, enganar, e prevaricar, tão profundamente enraizado nas próprias almas de todos da minha espécie; especialmente os Europeus.

Tenho outras queixas a fazer sobre esta vexatória ocasião; mas me esquivo de aborrecer-me ou a você por mais tempo. Preciso livremente confessar, que desde meu último retorno, algumas corrupções de minha natureza*Yahu* reviveram em mim através de minha conversa com uns poucos de sua espécie, e particularmente com os de minha própria família, por uma inevitável necessidade; do contrário eu nunca teria tentado um projeto tão absurdo como o de reformar a raça *Yahu* neste reino: Mas acabei com todos tais visionários esquemas para sempre.

2 de Abril, 1727

Primeira Parte

VIAGEM A LILIPUTE

CAPÍTULO I

O autor conta de modo sucinto os principais motivos que o levaram a viajar — Naufraga e salva-se a nado chegando ao país de Lilipute — Prendem-no e conduzem-no para o interior.

MEU pai, cujas propriedades, situadas na província de Nottingham, eram medíocres, tinha cinco filhos; era eu o terceiro. Mandou-me ele para o colégio Emanuel, em Cambridge, aos quatorze anos. Permaneci aí três anos, que empreguei com utilidade. Como, porém, a minha educação fosse muito dispendiosa, puseram-me como aprendiz em casa do Sr. James Bates, famoso cirurgião de Londres, onde fiquei até aos vinte e um. Meu pai, de tempos a tempos, enviava-me algumas pequenas quantias, que empreguei em aprender pilotagem e outros ramos de matemáticas mais precisos aos que manifestam o desejo de viajar pelo mar, pois eu supunha ser essa a minha vida futura.

Deixando a companhia do Sr. Bates, voltei para casa de meu pai, e, tanto dele como de meu tio John e de outros parentes, consegui arranjar a quantia de quarenta libras esterlinas por ano para a minha subsistência em Leyde. Entreguei-me e apliquei-me ao estudo da medicina durante dois anos e sete meses, convencido de que tal

estudo, algum dia, me seria útil nas minhas viagens.

Pouco depois do meu regresso de Leyde, pela boa recomendação do meu excelente professor, o Sr. Bates, consegui emprego de cirurgião no *Andorinha,* no qual embarquei por três anos e meio, sob as ordens do comandante Abrahão Panell. Entrementes, viajei pelo Levante e proximidades.

Quando voltei, resolvi fixar residência em Londres, e o Sr. Bates animou-me a tomar essa resolução, recomendando-me aos seus clientes. Aluguei parte de um palacete situado no bairro Old-Jewry e pouco depois esposei Maria Burton, segunda filha de Eduardo Burton, negociante da rua de Newgate, a qual me trouxe quatrocentas libras esterlinas de dote.

Mas, passados dois anos, o meu querido professor, senhor Bates, faleceu e, faltando o meu protetor, a minha clientela principiou a minguar. A minha consciência não me consentia imitar o modo de proceder da maior parte dos cirurgiões, cuja ciência é deveras semelhante à dos procuradores: esta a razão por que, consultando minha mulher e alguns dos meus íntimos, resolvi fazer nova viagem por mar.

Fui, depois, cirurgião em dois navios, e muitas outras viagens que fiz, durante seis anos,

às Índias orientais e ocidentais, aumentaram um pouco a minha fortuna.

Empreguei os meus ócios em ler os melhores autores antigos e modernos, levando sempre comigo certo número de livros, e, quando vinha à terra, não descurava de notar os usos e costumes dos povos, aprendendo, simultaneamente, a língua do país, o que se me tornava fácil, visto possuir boa memória.

Tendo sido pouco feliz numa das minhas últimas viagens, aborreci-me do mar e deliberei meter-me em casa com minha mulher e meus filhos. Mudei de residência e fui de Old-Jewry para a rua de Fetter-Lane e, daí, para Wapping, na esperança de praticar com os marinheiros, mas tal não aconteceu.

Depois de, baldadamente, ter esperado três anos que os meus negócios melhorassem, aceitei vantajoso partido, que me foi oferecido pelo capitão Guilherme Prichard, que ia partir no *Antílope,* em viagem para o mar do Sul. A 4 de Maio de 1699, embarcámos em Bristol e a nossa viagem foi, a princípio, muito feliz.

Ocioso se torna maçar o leitor com a pormenorização das nossas aventuras por esses mares; basta apenas dizer-lhe que, ao passarmos pelas Índias orientais, fomos acometidos por um temporal de tamanha violência que nos lançou

para o noroeste da terra de Van Diemen. Por uma observação que fiz, notei que estávamos a 30,2 de latitude meridional. Da tripulação haviam morrido doze homens em virtude do exaustivo trabalho e da má alimentação. A 5 de Novembro, que era o princípio do estio naqueles países, o tempo estava um pouco escuro, e os marinheiros avistaram uma rocha que se achava afastada do navio apenas o comprimento de um cabo; mas o vento era tão forte, que fomos impelidos diretamente contra o escolho, onde chocámos num momento. Eu e mais cinco companheiros saltámos para uma lancha e, à força de remar, conseguimos livrar-nos do navio e do escolho. Navegámos, assim, perto de três léguas, mas por fim o cansaço não nos deixou mais remar; completamente extenuados, deixámo-nos levar ao sabor das vagas e em breve uma nortada rija virou-nos a lancha.

Desconheço qual tivesse sido a sorte dos meus companheiros de lancha, nem dos que se salvaram do escolho, ou ainda dos que ficaram no navio, mas desconfio que pereceram todos; quanto a mim, nadei ao acaso e fui levado para terra pelo vento e pela maré. De vez em quando estendia as pernas a ver se encontrava fundo; por fim, estando quase exausto, tomei pé. Por então, o temporal amainara. Como o declive era um tanto insensível, caminhei perto de meia légua pelo mar, antes que pusesse pé em terra firme.

Andei quase um quarto de légua sem avistar casa alguma, nem encontrar vestígios de habitantes, embora esse país fosse muito povoado. O cansaço, o calor e o meio quartilho de aguardente que bebera ao deixar o navio, tinham-me dado sono. Deitei-me na relva, que era de uma finura extrema, e pouco depois dormia profundamente. Dormi durante nove horas seguidas. Ao cabo desse tempo, acordei, tentei levantar-me, mas em vão o fiz. Vi-me deitado de costas, notando também que as pernas e os braços estavam presos ao chão, assim como os cabelos. Cheguei a observar que muitos cordões delgadíssimos me rodeavam o corpo, das axilas às coxas. Só podia olhar para cima; o sol começava a aquecer e a sua forte claridade feria-me a vista. Ouvi um confuso rumor em torno de mim, mas na posição em que me encontrava só podia olhar para o sol. Em breve, porém, senti mover-se qualquer coisa em cima da minha perna esquerda, coisa que me avançava suavemente sobre o peito, e me subia quase ao queixo. Qual não foi o meu espanto quando enxerguei uma figurinha humana que pouco mais teria de seis polegadas, empunhando um arco e uma flecha, e com uma aljava às costas! Quase ao mesmo tempo os meus olhos viram mais uns quarenta da mesma espécie. Desatei de repente a soltar gritos tão horríveis, que todos aqueles animálculos fugiram aterrorizados, e mais tarde soube que alguns

caíram de cima do meu corpo, com tal precipitação, que ficaram gravemente feridos. Apesar disso, tornaram daí a pouco, e um deles teve o arrojo de chegar tão perto, que viu a minha cara; levantou as mãos e os olhos com ar de admiração, e, por fim, com voz esganiçada mas nítida, exclamou: *Hekinah Degul*, palavras que os outros repetiram muitas vezes, mas cujo sentido me não foi lícito desvendar.

Entretanto, conservava-me admirado, inquieto, perturbado, e o leitor ponha-se no meu caso e veja se não era de fato uma situação crítica.

Por fim, forcejando em readquirir liberdade, tive a sorte de arrancar do chão as estacas que prendiam à terra o meu braço direito, porque, soerguendo-me um pouco, dera por que me tinham preso e cativo. Ao mesmo tempo, com um forte repelão, que me causou extrema dor, alarguei um pouco os cordões que prendiam os meus cabelos do lado direito, (cordões mais finos do que os meus próprios cabelos) de modo que me encontrei em condições de dar à cabeça um movimento mais livre.

Então, aqueles insetos humanos puseram-se em fuga, soltando agudíssimos gritos. Assim que cessou aquele ruído, ouvi um deles exclamar: *Fogo fonac*, e, em seguida, senti a mão cravada de

mais de cem flechas, que me picavam como se fossem agulhas. Deram depois nova descarga para o ar, assim como nós na Europa atiramos bombas, e, ainda que não as visse, é de supor que algumas caíssem parabolicamente sobre o meu corpo e sobre minha cara, que eu diligenciava tapar com a mão direita. Assim que terminou aquela granizada de flechas, tentei novamente libertar-me; mas uma outra descarga, maior do que a primeira, se fez ouvir, enquanto outros tentavam ferir-me às lançadas; por felicidade, trazia vestida uma impenetrável roupa de pele de búfalo. Pensei que o melhor era conservar-me quieto e naquela posição até à noite; nesse instante, libertando o meu braço esquerdo, poderia pôr-me completamente em liberdade, e, com respeito aos habitantes, era com razão que me supunha de uma força igual aos mais poderosos exércitos que viessem atacar-me, desde que seus componentes fossem do tamanho daqueles que vira até então. Outra, porém, era a sorte que me aguardava.

Quando me viram tranqüilo, deixaram de me assediar com flechas; mas, pelo rumor que ouvi, compreendi que o seu número aumentava consideravelmente e, perto de duas toesas, defronte do meu ouvido esquerdo, senti um ruído durante mais de uma hora como de pessoas que trabalhavam. Por fim, voltando um pouco a cabeça para esse lado, tanto quanto mo

permitiam as estacas e os cordões, vi um tablado erguido palmo e meio do chão, onde quatro desses homenzinhos poderiam caber, e uma escada que lhe dava acesso; daí, um deles, que parecia ser pessoa de importância, dirigiu-me um longo discurso, de que não percebi palavra. Antes de principiar, exclamou três vezes: *Langro Dehul san.* Estas palavras foram, em seguida, repetidas e explicadas por sinais para que eu as compreendesse. Depois, cinqüenta homens avançaram e cortaram os cordões que seguravam a parte esquerda da minha cabeça, o que deu ensejo a que eu pudesse movê-la livremente para a direita e observar a cara e o gesto daquele que falava. Pareceu-me ser de meia idade e, de estatura maior do que os três que o acompanhavam, um dos quais, que tinha o aspecto de pajem, lhe segurava a cauda da beca, enquanto os outros dois permaneciam de pé, aos lados, para o amparar. Pareceu-me bom orador e conjecturei que, segundo as regras da arte, misturava na sua arenga períodos cheios de ameaças e de promessas. Respondi em poucas palavras, ou, melhor exprimindo, por um pequeno número de sinais, mas de um modo cheio de submissão, erguendo a mão esquerda e os dois olhos ao sol, como que a tomá-lo por testemunha de que morria de fome, pois já não comia havia algum tempo. O meu apetite era, de fato, tão violento, que não pude deixar de fazer

ver a minha impaciência, (talvez contra os preceitos da civilidade), levando várias vezes a mão à boca para dar a perceber que carecia de alimento.

O *Hurgo*, (é assim que entre eles se designa um fidalgo, como mais tarde soube), percebeu-me às mil maravilhas. Desceu do tablado e deu ordem para que encostassem a mim muitas escadas de mão pelas quais subiram mais de cem homens, que se dirigiram para a minha boca, carregados de cestos cheios de viandas. Notei que havia carnes de diversos animais, mas não pude distingui-las pelo sabor. Eram quartos parecidos com os de carneiro, e magnificamente preparados, mas menores do que as asas de uma cotovia; enguli-os aos dois e aos três com seis pães. Forneceram-me tudo isso, dando grandes mostras de assombro e de admiração da minha estatura e do meu prodigioso apetite. Fazendo-lhes um outro sinal para lhes dar a entender que me faltava de beber, conjecturaram, pela maneira por que comia, que uma pequena quantidade de bebida me não satisfaria; e, como eram um povo interessante, levantaram com muita agilidade um dos maiores tonéis de vinho que possuíam, vieram-no rolando até a minha mão e destaparam-no. Bebi-o de um trago e com grande prazer. Trouxeram-me outro, que levou o mesmo caminho, e fiz-lhes vários sinais para que me trouxessem mais alguns.

Depois de me haverem visto praticar todas aquelas maravilhas, soltaram gritos de alegria e desataram a dançar, repetindo muitas vezes, como a princípio haviam feito: *Hekinah Degul*. Pouco depois ouvi uma aclamação geral com freqüentes repetições das palavras: *Peplom Selan,* e senti ao lado esquerdo muita gente alargando-me os cordões, de tal maneira que me encontrei em estado de me voltar e de satisfazer o desejo de urinar, função que efetuei com grande admiração do povo que, adivinhando o que ia fazer, fugiu impetuosamente para a direita e para a esquerda, a fim de evitar o dilúvio. Algum tempo antes tinham-me caridosamente untado o rosto e as mãos com uma pomada de aroma agradável que, em pouquíssimo tempo, me curou das picadas das flechas. Estas circunstâncias, reunidas às bebidas que me deram, predispuseram-me para dormir; o sono durou oito horas seguidas, em virtude do imperador ter ordenado aos médicos que me deitassem drogas soporíficas no vinho.

Enquanto dormia, o imperador de Lilipute, (tal era o nome desse país), ordenou que me conduzissem ao lugar em que se encontrava. Esta resolução parecerá talvez arrojada e perigosa, e estou certo de que soberano algum da Europa a levaria a bem; no entanto, a meu ver, era um desejo igualmente prudente e perigoso, porque, no caso em que esse povo tivesse tentado matar-me com as suas lanças e as suas flechas

enquanto dormia, seria imediatamente despertado à primeira sensação de dor, o que excitaria a minha cólera e aumentaria as minhas forças a tal ponto, que me encontraria em estado de quebrar o resto dos cordões e, após isso, como me não pudessem resistir, seriam todos esmagados por mim.

Fizeram trabalhar à pressa cinco mil carpinteiros e engenheiros para construir um carro: era uma viatura com o tamanho de três polegadas, com sete pés de comprimento por quatro de largura, e com vinte e duas rodas. Assim que o deram por concluído, conduziram-no ao lugar em que me encontrava. A principal dificuldade, porém, estava em levantar-me e colocar-me naquele carro. Com esse fito, fincaram no chão oitenta varas, tendo cada uma dois pés de altura; cada uma delas era munida, na ponta, de uma roldana pela qual passavam cordas muito fortes, da grossura de uma guita, com ganchos que iam prender-se em cintos que os operários haviam colocado em volta do pescoço, das mãos, das pernas e de todo o corpo. Novecentos homens dos mais robustos foram empregados a puxar as cordas por meio de um elevado número de polés ligadas às varas, e, por essa forma, em menos de três horas, fui levantado, colocado e ligado à máquina. Sei tudo isso pela narração que depois me fizeram, porque, enquanto durou aquela manobra, dormia eu profundamente. Quinhentos

cavalos, dos maiores que existiam nas cavalariças imperiais, tendo cada um a altura de quatro polegadas e meia, foram atrelados ao carro, e arrastaram-no na direção da capital, que ficava à distância de um quarto de légua.

Tinha já quatro horas de caminho, quando fui subitamente acordado por um acidente deveras ridículo. Os condutores haviam parado para arranjar qualquer coisa, e uns três habitantes do país tiveram a curiosidade de examinar o meu rosto enquanto dormia; e, avançando cautelosamente até a minha cara, um deles, capitão dos guardas, enfiou a aguda ponta da alabarda na minha venta esquerda, o que me fez comichão no nariz, acordou-me e obrigou-me a espirrar três vezes. Caminhámos durante o resto do dia e acampámos à noite, com quinhentos guardas, metade com archotes e metade com arcos e flechas, prontos a descarregá-las ao primeiro movimento que eu fizesse.

No dia seguinte, ao romper do sol, continuámos a nossa rota e chegámos ao meio-dia a cem toesas das portas da cidade. O imperador e toda a corte saíram para nos ver; mas os oficiais não consentiram que Sua Majestade arriscasse a sua pessoa em subir para o meu corpo, como muitos outros o haviam feito.

No sítio em que o carro parou, havia um antigo templo, tido como o maior de todo o império, que, segundo o preconceito daquela gente, fora profanado com um crime de homicídio, e, por esse motivo, era empregado para diversos usos. Ficou resolvido que eu ficaria alojado naquele vasto edifício. A porta grande, que dava para o norte, tinha aproximadamente seis palmos de altura e quase três de largura; aos lados, havia uma pequena janela de seis polegadas. À da esquerda, os serralheiros do imperador aplicaram noventa e uma correntes, parecidas com as que as damas da Europa costumam usar nos relógios, e quase tão grossas; e com trinta e seis cadeados me prenderam a perna esquerda. Em frente do templo, do outro lado da estrada, à distância de vinte pés, havia uma torre que devia ter uns cinco pés de altura; era aí que o soberano devia subir com muitos dos principais senhores da sua corte para, comodamente, ver-me à sua vontade. Conta-se que mais de cem mil habitantes saíram da cidade, atraídos pela curiosidade, e, apesar dos meus guardas, não foram menos de dez mil, suponho eu, os que, por diversas vezes, subiriam com escadas acima do meu corpo, se se não publicasse um decreto do conselho do Estado proibindo que tal coisa se fizesse.

Não é possível imaginar-se o barulho e o espanto do povo, quando me viu de pé e a

caminhar: as correntes que me prendiam o pé esquerdo tinham pouco mais ou menos seis pés de comprido, e davam-me liberdade de ir e vir, descrevendo um semicírculo.

CAPÍTULO II

O imperador de Liliput, acompanhado de muitos dos seus cortesãos, veio visitar o autor na sua prisão — Descrição da personalidade e do trajo de Sua Majestade — Sábios nomeados para ensinar o idioma do país ao autor — São-lhe concedidas algumas graças em virtude da sua conduta pacífica — As algibeiras são-lhe revistadas.

A primeira vez que o imperador, a cavalo, me veio visitar, ia-lhe sendo funesta, porque, ao ver-me, o cavalo, espantado, encabritou-se; o príncipe, porém, que é um excelente cavaleiro, firmou-se bem nos estribos até que a sua comitiva correu e lhe segurou o freio ao cavalo. Sua Majestade, depois de pôr o pé em terra, examinou-me por todos os lados com grande admiração, mantendo-se sempre, contudo, por precaução, fora do alcance da minha corrente.

A imperatriz, as princesas e os príncipes de sangue, acompanhados de muitas damas, sentaram-se a alguma distância em cadeiras de braços.

O imperador é o homem mais alto de toda a sua corte, o que o faz temido de todos os que o olham. As feições do seu rosto são fortes e másculas; lábio austríaco, nariz aquilino e tez esverdeada; é de corpo bem feito, membros

proporcionados; tem graça e majestade em todos os seus movimentos. Tinha já passado a flor da sua mocidade, tendo vinte e oito anos e três quartos, e já reinara sete, aproximadamente. Para o contemplar mais à minha vontade, mantinha-me deitado de lado, de maneira que o meu rosto estivesse paralelo ao seu, enquanto ele se conservava a toesa e meia longe de mim. Depois disso, tive-o muitas vezes à minha mão e por essa circunstância não é fácil enganar-me em descrevê-lo. O seu trajo era simples, meio europeu, meio asiático; mas cingia-lhe a cabeça um ligeiro elmo de ouro, ornado de jóias e de um magnífico penacho. Empunhava a espada para se defender, caso eu quebrasse as minhas cadeias. Esta espada devia ter o tamanho de três polegadas; o punho e a bainha eram de ouro e cheios de diamantes. A sua voz era áspera, mas clara e distinta, e podia ouvi-lo à vontade, embora me conservasse de pé. As damas e os cortesãos vinham todos soberbamente trajados, de modo que o lugar ocupado por toda a corte parecia a meus olhos como que uma bela saia estendida no chão e bordada com figuras de ouro e prata. Sua Majestade imperial concedeu-me a honra de falar comigo muitas vezes: e eu sempre lhe respondi, sem que nos entendêssemos um ao outro. Ao cabo de duas horas, a corte retirou-se e deixaram-me numerosa guarda para impedir a impertinência e, quiçá, a maldade da populaça,

que sentia grande impaciência em amontoar-se em torno de mim, para me ver de perto. Alguns tiveram o arrojo e a temeridade de me alvejar com flechas, uma das quais me ia tirando o olho esquerdo. O coronel, porém, mandou prender os seis mais teimosos desta canalha e não julgou pena mais conveniente para aquele delito do que entregá-los às minhas mãos bem amarrados e tolhidos. Tomei-os, pois, com a mão direita e meti-os todos cinco na algibeira do gibão; quanto ao sexto, fingi querer enguli-lo vivo. O pobre diabo soltava gritos horríveis, e o coronel, juntamente com alguns oficiais, estava sobressaltado, principalmente quando viu que eu sacava de um canivete. Mas depressa lhe fiz cessar todo o espanto porque, com uma calma suave e humana, cortei rapidamente as cordas que o prendiam e o coloquei no chão com a máxima delicadeza, e ele logo fugiu em desabalada carreira. Tratei os outros pela mesma forma, tirando-os da algibeira, um por um. Notei, com satisfação, que os soldados e o povo tinham ficado muito comovidos com aquele gesto de humanidade, que foi relatado à corte de um modo vantajoso para mim e que me deu honra.

A notícia da chegada de um homem prodigiosamente grande espalhara-se em todo o império e atraíra grande número de pessoas ociosas e curiosas, de maneira que as aldeias ficaram quase despovoadas e o cultivo das terras

ficaria abandonado, o que seria uma enorme calamidade para o país, se Sua Majestade imperial não providenciasse com a publicação de decretos. Decretou, pois, que todos aqueles que já me tinham visto, voltassem imediatamente para suas casas e não tornassem a aparecer, senão mediante uma licença especial. Essa medida deu imensos lucros aos empregados das secretarias do Estado.

Entretanto, o imperador convocara diversas vezes os conselhos, para deliberar sobre o partido que era preciso tomar a respeito de mim. Soube mais tarde que a corte se tinha visto em sérios embaraços. Receavam que eu quebrasse as correntes e me pusesse em liberdade; diziam que o meu sustento, porque causava uma enorme despesa, viria a produzir carestia e escassez de víveres; por vezes eram de opinião que me deixassem morrer de fome ou então que me atravessassem com flechas envenenadas; refletiram, porém, que a infecção de um corpo como o meu poderia produzir uma epidemia na capital e em todo o império. Enquanto deliberavam, muitos oficiais do exército dirigiram-se para a porta da antecâmara, onde se reunia o conselho, e logo que dois foram introduzidos, deram conta do meu comportamento com respeito aos seis criminosos, a que já me referi, o que causou uma impressão tão favorável no espírito de Sua Majestade e de todo o conselho,

que uma comissão imperial foi logo enviada para obrigar todas as aldeias, a quatrocentas e cinqüenta toesas em redor da cidade, a entregar todas as manhãs seis bois, quarenta carneiros e outros víveres para meu sustento, com uma quantidade proporcional de pão e de vinho, além de outras bebidas. Esses gêneros seriam pagos com letras do tesouro, que Sua Majestade mandava entregar. Este príncipe tinha apenas de rendimento o das suas terras, e só em ocasiões muito especiais é que criava impostos aos seus súditos, que eram obrigados a acompanhá-lo à guerra à sua própria custa.

Foram designadas seiscentas pessoas para me servirem, as quais tiveram uma gratificação especial para seu passadio e tendas muito cômodas, levantadas aos lados da minha porta para residirem.

Também foi ordenado que trezentos alfaiates me fizessem uma roupa à moda do país; que seis homens de letras, dos mais notáveis do império, fossem encarregados de me ensinar a língua e, enfim, que os cavalos do imperador e os da nobreza, fariam muitas vezes exercícios na minha presença para se costumarem à minha estatura. Todas estas ordens foram pontualmente cumpridas. Fiz grandes progressos no conhecimento da língua de Lilipute. Entrementes, o imperador deu-me a honra de freqüentes visitas

e também quis auxiliar os meus professores a me instruírem.

As primeiras palavras que aprendi foram para lhe dar a perceber que tinha grande vontade de que me concedesse liberdade, o que todos os dias lhe repetia de joelhos. A sua resposta foi que era preciso esperar por algum tempo; que era um assunto que não podia resolver sem ouvir a opinião do seu conselho e que, primeiramente, era necessário que eu prometesse, sob juramento, observar uma inviolável paz para com ele e com os seus súditos, e que enquanto esperasse, seria tratado com toda a delicadeza possível. Aconselhou-me a alcançar, pela minha paciência e pelo meu bom comportamento, a sua estima e a do seu povo. Pediu-me que lhe não ficasse querendo mal, se ordenasse a certos oficiais que me revistassem, porque era muito natural que eu trouxesse comigo armas perigosas e prejudiciais à segurança do Estado. Respondi-lhe que estava pronto a despir a roupa e a despejar todas as algibeiras na sua presença. Observou-me que, conforme às leis do império, era preciso que fosse revistado por dois comissários; que sabia muito bem que tal ato não se devia executar sem meu consentimento, porém que formava tão bom conceito da minha generosidade e da minha retidão, que confiaria sem receio aqueles indivíduos nas minhas mãos; que tudo o que se me tirasse, me seria restituído fielmente, quando

saísse do país, ou que seria indenizado segundo o valor que eu próprio desse.

Quando vieram os dois comissários para me revistar, tomei esses dois cavalheiros nas minhas mãos. Meti-os primeiramente nas algibeiras do gibão, e, depois, em todas as outras. Vinham munidos de penas, tinta e papel, e de tudo o que viram, fizeram um minucioso inventário; e, assim que concluíram, pediram-me que os pusesse no chão para que fossem dar conta ao imperador do que haviam visto.

Este inventário era assim concebido:

"Em primeiro lugar, na algibeira direita do gibão do grande *Homem Montanha* (que assim traduzi as palavras *Quimbus Flestrin*), após uma minuciosa busca, apenas encontrámos um pouco de fazenda grosseira, demasiado grande para servir de tapete na principal sala de recepção de Vossa Majestade. Na algibeira esquerda, achámos um grande cofre de prata com uma tampa do mesmo metal, que nós, comissários, não pudemos levantar. Pedimos ao citado *Homem Montanha* que o abrisse e, entrando um de nós, enterrou-se em pó até ao joelho e esteve a espirrar durante duas horas, e outro, sete minutos. Na algibeira direita do colete, encontrámos um prodigioso maço com a grossura aproximada de três homens, amarrado com um

cabo muito forte, de substâncias brancas e delgadas, pegadas uma às outras, com grandes figuras negras, que nos pareceram ser de escrita. Na algibeira direita, havia uma grande máquina chata, armada com dentes muito compridos que pareciam a paliçada que há em volta do palácio de Sua Majestade. Na algibeira grande do lado direito do *alçapão*, (conforme interpretei a palavra *ranfulo*, pela qual queriam indicar os meus calções), vimos um grande pilar de ferro, oco, ligado a uma grossa peça de madeira, maior do que o pilar, e de um lado desse pilar havia outras peças de ferro em relevo, que seguravam uma pedra talhada em cunho; não soubemos o que isso era, e na algibeira direita havia ainda uma outra máquina do mesmo gosto.

"Na algibeirinha do lado direito, havia muitas rodelas de metal vermelho e branco e de uma grossura diferente; algumas das rodelas brancas, que nos pareceram ser de prata, eram de tal diâmetro e peso, que eu e meu colega tivemos certa dificuldade em levantá-las. *Item*, dois sabres de algibeira, cuja lâmina se encaixava em uma ranhura do punho e tinha um fio muito cortante; estavam metidos numa grande caixa ou estojo. Havia ainda duas algibeiras a revistar, que eram duas aberturas talhadas no alto do *alçapão*, mas muito juntas em virtude do seu ventre, que as comprimia. De fora do bolsinho direito pendia uma grande corrente de prata, com uma

maravilhosa máquina na extremidade. Pedimos-lhe que tirasse para fora do bolso tudo o que estava preso à corrente, e pareceu-nos ser um globo parte de prata e parte de metal transparente. Pelo lado transparente vimos certas figuras esquisitas traçadas num círculo; julgámos que lhes poderíamos tocar, mas os dedos foram retidos por uma substância luminosa. Aplicámos essa máquina junto aos nossos ouvidos; fazia um ruído contínuo, semelhante ao de um moinho d'água, e conjecturamos que, ou é qualquer animal desconhecido, ou, então, a divindade que adora; no entanto, inclinamo-nos mais para esta última opinião, porque nos afirmou, (se nós assim o compreendemos, pois se exprimia muito imperfeitamente), que raramente fazia qualquer coisa sem que o consultasse; chamava-lhe o seu oráculo, e dizia que designava o tempo para todas as ações da sua vida.

"Do bolso esquerdo, tirou uma rede que quase podia servir para pescador, porém que se abria e fechava; encontramos-lhe dentro muitas rodelas maciças de um metal amarelo; se são de ouro verdadeiro, devem ter incalculável valor.

"Assim, tendo, para cumprimento das ordens de Vossa Majestade, revistado cuidadosamente todas as suas algibeiras, notámos um cinto em volta do corpo, fabricado com a pele de algum animal prodigioso, do qual pendia, do lado

esquerdo, uma espada do tamanho de seis homens; enquanto do lado direito, havia uma bolsa repartida em dois compartimentos, podendo cada um conter três súditos de Vossa Majestade. Num desses compartimentos, havia globos ou balas de um outro metal muito pesado, quase do tamanho da nossa cabeça e que exigia uma forte mão para as levantar; o outro continha uma porção de certos grãos negros, mas relativamente pequenos e muito leves, porque pudemos conservar na palma da mão mais de cinqüenta.

"Tal é o inventário exato de tudo o que encontrámos no corpo do *Homem Montanha*, que nos recebeu magnificamente e com o respeito devido à incumbência de Vossa Majestade.

"Assinado e selado aos quatro dias da nonagésima lua do feliz império de Vossa Majestade.

Flessen, Frelock, Marsi, Frelock"

Assim que o inventário acima foi lido na presença do imperador, este ordenou-me, em termos corteses, que lhe entregasse todas aquelas coisas uma a uma. Primeiro, pediu o meu sabre: dera ordem a três mil homens das suas melhores tropas, que o acompanhavam, que o rodeassem a certa distância com arcos e flechas; eu, porém,

não dei por esse movimento porque os meus olhos estavam fixos em Sua Majestade. Pediu-me, pois, que desembainhasse o meu sabre, que, embora um pouco enferrujado pela água do mar, estava muito brilhante. Desembainhei-o, e, em seguida, todas as tropas soltaram grandes gritos. Ordenou-me que o embainhasse e que o lançasse para o chão tão suavemente quanto pudesse, a seis pés de distância, pouco mais ou menos, das minhas correntes. A segunda coisa que me pediu foram as colunas de ferro ocas, referindo-se às minhas pistolas; apresentei-as e, por sua ordem, expliquei-lhe, conforme pude, o uso, e, carregando-as só de pólvora, avisei o imperador para não se assustar, e disparei-as para o ar. O assombro, por esta ocasião, foi maior do que quando foi visto o sabre; caíram todos de costas como que fulminados por um raio, e até o imperador, que era valente, só pôde refazer-se do susto passado certo tempo. Entreguei-lhe as duas pistolas pelo mesmo processo que já tinha usado com o sabre, com os sacos de chumbo e de pólvora, prevenindo-o de que não aproximasse do lume o saco de pólvora, se não queria que o seu palácio imperial fosse pelos ares, aviso que deveras o surpreendeu.

Entreguei-lhe também o meu relógio, que lhe despertou grande curiosidade, e ordenou que dois dos seus maiores guardas o levassem aos ombros, enfiado numa vara, como costumam

fazer os carregadores em Inglaterra aos barris de cerveja. Estava admirado com o contínuo ruído que fazia e com o movimento do ponteiro que marcava os minutos; podia, muito à vontade, segui-lo com os olhos, pois que aquele povo tinha uma vista mais penetrante do que a nossa. Pediu aos seus doutores que lhe dissessem o que pensavam a esse respeito, o que deu lugar a respostas muito desencontradas, como o leitor facilmente calculará.

Depois entreguei as moedas de cobre e de prata, a bolsa, com umas nove grandes moedas de ouro e algumas mais pequenas; o pente, a caixa de prata, de rapé, o lenço e o jornal. O sabre, as pistolas, os sacos de pólvora e de chumbo foram transportados para o arsenal de Sua Majestade; o resto, porém, foi deixado ficar no sítio em que me encontrava.

Numa bolsa à parte, e que não foi revistada, estavam os óculos, de que às vezes me servia, por ter a vista fraca, um telescópio, com muitas outras bagatelas, que supus não serem de grande importância, pelo que deixei de mostrar aos comissários, temendo que, apreendendo-mas, as perdessem ou estragassem.

CAPÍTULO III

O autor diverte o imperador e os grandes de um e de outro sexo de forma deveras extraordinária — Descrição das diversões da corte de Lilipute — O autor é posto em liberdade, mediante certas condições.

O imperador quis um dia dar-me espetaculosa diversão, em que aquele povo vai além de todas as outras nações que visitei, quer na destreza, quer na magnificência, mas nada me divertiu tanto como ver os dançarinos de corda fazerem volteios sobre finíssimo fio, com o comprimento de dois pés e onze polegadas.

As pessoas que executam este trabalho são as que aspiram a grandes empregos e se supõem dignos de se tornarem favoritos da corte; com esse intuito se entregam desde tenra idade a esses nobres exercícios, que convêm principalmente aos indivíduos de elevada categoria. Quando um importante cargo está vago, ou pela morte do que o desempenhava ou por ter caído no desagrado do imperador, (o que acontece freqüentemente), apresentam, uns seis pretendentes, um requerimento para lhes ser concedida licença de divertirem Sua Majestade e a corte com uma dança na corda, e aquele que saltar a maior altura sem cair, é quem conquista

o lugar. Acontece muitas vezes que se ordena também aos grandes magistrados que dancem, para provarem a sua habilidade e para darem a entender ao imperador que não perderam as suas faculdades. *Flimnap*, tesoureiro-mor do império, passa por ter a habilidade de dar uma cabriola na corda, uma polegada mais alto do que qualquer outro grande da corte; vi-o por várias vezes dar o salto mortal, (a que damos o nome de *somerset*), em uma minúscula tábua presa à corda e que não tem mais grossura do que uma guia ordinária.

Essas diversões dão muitas vezes lugar a funestos desastres, a maioria dos quais é registrada nos arquivos imperiais. Eu próprio vi uns três pretendentes ficarem aleijados; o perigo, porém, é muito maior, quando os próprios ministros recebem ordem para mostrar a sua habilidade, porque, fazendo esforços extraordinários, para serem superiores a si mesmos e para colocarem mal os outros, dão quase sempre perigosas quedas.

Asseguraram-me que, um ano antes da minha chegada, *Flimnap* teria infalivelmente quebrado a cabeça, se um dos coxins do imperador o não tivesse salvado.

Há um outro divertimento; mas esse é apenas para o imperador, a imperatriz e o primeiro

ministro. O imperador coloca em cima de uma mesa três fios de seda, separados uns dos outros, com o comprimento de seis polegadas; um é carmesim; outro, amarelo; e o terceiro, branco. Os citados fios constituem prêmios para aqueles a quem o imperador quer distinguir com uma singular demonstração de sua magnificência. A cerimônia realiza-se na grande sala de recepção de Sua Majestade, onde os concorrentes são obrigados a dar uma prova do seu engenho; e de ordem tal, que nada de semelhante eu vi em qualquer outro país do velho ou do novo mundo.

O imperador segura um bastão, com as duas extremidades voltadas para o horizonte, enquanto os concorrentes, adiantando-se sucessivamente, saltam por cima do bastão. Algumas vezes, o imperador segura uma ponta e o primeiro ministro outra; e outras vezes só o primeiro ministro é quem segura.

Aquele que melhor realiza o salto, demonstrando agilidade e leveza, é recompensado com a seda carmesim; a amarela é dada ao segundo, e a branca, ao terceiro. Estes fios, de que fazem talabarte, servem-lhes depois de ornamento e, distinguindo-os do vulgo, dão-lhes grande prosápia.

Tendo um dia o imperador dado ordem a uma parte do seu exército, instalado na capital e nos

arredores, para estar pronta à primeira voz, quis divertir-se de uma forma muito singular. Ordenou-me que me conservasse de pé como um colosso, com os dois pés distanciados um do outro, quanto possível, porém sem que essa posição me incomodasse; depois mandou ao seu general, velho capitão muito experimentado, que dispusesse em linha de batalha as tropas e que as fizesse passar em revista pelo meio das minhas pernas: a infantaria a vinte e quatro de frente, a cavalaria a dezesseis, tambores a rufar, bandeiras desfraldadas e lanças em continência. O corpo do exército era constituído por três homens de pé e mil de cavalo. Sua Majestade fez saber a todos os seus soldados, sob pena de morte, que observassem, com respeito a mim, durante a marcha, o máximo rigor da ordenança, o que, no entanto, não impediu que alguns oficiais erguessem a cabeça, olhando-me quando passavam por debaixo. E, para confessar a verdade, os meus calções estavam em tal estado, que lhes dei razão para desatarem a rir.

Tinha apresentado ou enviado tantos memoriais e requerimentos para a minha liberdade, que, por fim, Sua Majestade expôs o assunto, primeiramente à mesa do desembargo e depois ao conselho do Estado, onde houve objeção apenas por parte do ministro *Skyresh Bolgolam*, que, sem razão alguma, se declarou contra mim; todo o resto do conselho, porém, foi-

me favorável, e o imperador apoiou esta opinião. O citado ministro, que era *galbet*, como quem diz almirante, merecera a confiança do seu amo por ser hábil nos negócios públicos, mas era de índole áspera e excêntrica. Conseguiu que os artigos respeitantes às condições, em que devia ser posto em liberdade, seriam redigidos por ele. Esses artigos foram trazidos pessoalmente por *Skyresh Bolgolam*, acompanhado de dois subsecretários e de muitas pessoas de distinção. Disseram-me que me comprometesse, sob juramento, a observá-los, juramento feito primeiro à moda do meu país e, em seguida, à maneira decretada pelas suas leis, que consistia em conservar o artelho do meu pé direito na mão esquerda, em pôr o dedo grande da mão direita no alto da cabeça e o polegar na ponta da orelha direita. Como, porém, há talvez curiosidade em conhecer o estilo daquela carta e em saber os artigos preliminares da minha libertação, traduzo, aqui, palavra por palavra, todo o documento.

"GOLBASTO MOMAREN EULAMÉ GURDILO SHEFIN MULLY ULLY GUÉ, mui poderoso imperador de Lilipute, as delícias e o terror do universo, cujos estados abrangem cinco mil *blustrugs* (ou sejam, aproximadamente, seis léguas em redor) até os confins do globo, soberano de todos os soberanos, mais alto do que os filhos dos homens, cujos pés oprimem a terra até o centro, cuja cabeça chega ao sol, cujo

relance de olhos faz tremer os joelhos dos potentados, carinhoso como a primavera, agradável como o verão, abundante como o outono, terrível como o inverno, a todos os nossos fiéis e amados súditos, saúde. Sua Majestade altíssima propõe ao *Homem Montanha* os seguintes artigos, dos quais, como preliminar, será obrigado a fazer a ratificação por juramento solene:

I. O *Homem Montanha* não sairá dos nossos vastos Estados sem nossa permissão escrita e autenticada com o nosso selo grande.

II. Não terá a liberdade de entrar na nossa capital sem nossa ordem expressa, a fim de que os habitantes sejam avisados duas horas antes para permanecerem encerrados em suas casas.

III. O referido *Homem Montanha* limitará os seus passeios às nossas estradas principais, evitando passear ou deitar-se em algum prado ou seara.

IV. Passeando pelas aludidas estradas, terá o máximo cuidado possível em não pisar o corpo de algum dos nossos fiéis súditos, nem os seus cavalos ou carruagens e não agarrará nenhum dos nossos súditos, sem que ele o consinta.

V. Se for necessário que algum dos correios do gabinete faça qualquer jornada extraordinária,

o *Homem Montanha* é obrigado a levar na algibeira o mencionado correio durante seis dias, uma vez em todas as luas, e trazendo-o de novo, são e salvo, à nossa presença imperial, se tal lhe for requerido.

VI. Será o nosso aliado contra os nossos inimigos da ilha de Blefuscu e fará todo o possível para fazer submergir a esquadra que eles atualmente preparam contra o nosso território.

VII. O dito *Homem Montanha*, às horas de descanso, prestará o seu auxílio aos nossos operários, ajudando-os a carregar grandes blocos de pedra para se concluírem os muros do nosso grande parque e outras construções imperiais.

VIII. Depois de ter feito o solene juramento de observar estes artigos, acima decretados, o dito *Homem Montanha* terá uma ração de carne todos os dias e bebida suficiente para sustento de mil e oitocentos e setenta e quatro súditos nossos; terá entrada livre perante a nossa individualidade imperial e outras demonstrações do nosso valimento.

"Dado no nosso paço, em *Belfaborac*, aos doze dias da nonagésima primeira lua do nosso império".

Prestei o juramento e assinei todos aqueles artigos com grande alegria, embora alguns não

fossem tão honrosos como eu desejava, mas nisso via-se o efeito da malícia do almirante *Skyresh Bolgolam*.

Tiraram-me as correntes e fui posto em liberdade. O imperador deu-me a honra de assistir à minha libertação. Agradeci humildemente a mercê que Sua Majestade me havia feito, prostrando-me a seus pés, mas ele mandou que me levantasse, nos termos mais amáveis possíveis.

O leitor decerto pôde notar que, no último artigo do auto da minha libertação, o imperador se comprometera a dar-me uma ração de carne e bebida, que poderia bastar para sustento de mil e oitocentos e setenta e quatro Liliputianos. Algum tempo depois, perguntando a um cortesão, meu amigo particular, a razão que determinara aquele alimento, respondeu-me que os matemáticos de Sua Majestade, tomando a altura do meu corpo por meio de um quadrante e calculando a minha grossura, e, achando-a, em relação à sua, como mil e oitocentos e setenta e quatro estão para um, inferiram da *homogeneidade* do seu corpo, que eu devia ter um apetite mil e oitocentas e setenta e quatro vezes maior do que o deles.

Por esta exposição pode o leitor avaliar o notável senso daquele povo e a economia sábia, exata e perspicaz do imperador.

CAPÍTULO IV

Descrição de Mildeno, capital de Lilipute, e do palácio do imperador — Conversa entre o autor e um secretário de Estado relativa aos negócios do império — Oferecimento que o autor fez ao imperador de servir nas grandes guerras.

O primeiro requerimento que apresentei, depois de ter alcançado a minha liberdade, foi para obter licença de visitar Mildeno, capital do império; o imperador deferiu-o, recomendando-me que não causasse dano algum aos habitantes nem tão pouco às moradias. O povo foi avisado, por uma proclamação, do desejo, de que eu estava possuído, de visitar a cidade.

A muralha que a circundava era da altura de dois pés e meio e da espessura de oito polegadas, pelo menos; de maneira que um carro podia andar por cima e dar a volta à cidade com segurança; era flanqueada de fortes torres distanciadas umas das outras dez pés. Passei por cima da porta ocidental e caminhei vagarosamente e de lado pelas duas ruas principais, levando apenas o colete vestido, receando que as abas do gibão fizessem algum estrago nos telhados e beirais das casas. Ia com o máximo cuidado, para que não acontecesse pisar algumas pessoas que se encontravam pelas ruas,

apesar das claras ordens expressas a toda a gente, para que se fechasse em casa enquanto eu andasse de passeio. Os balcões, as janelas dos primeiros, segundos e terceiros andares, as das águas-furtadas ou trapeiras, e os próprios beirais estavam tão apinhados de espectadores, que vi logo ser enorme a população. Esta cidade forma uma espécie de quadrilátero, tendo cada lanço de muralha quinhentos pés de comprido. As duas ruas maiores têm cinco pés de largura; as ruas pequenas, onde me não foi possível entrar, têm a largura de doze a dezoito polegadas. A cidade pode comportar quinhentas mil almas. As casas têm três ou quatro andares. As lojas e os mercados são bem sortidos. Em outros tempos, havia boa ópera e excelente comédia; como, porém, a liberalidade do príncipe não abrangesse os atores, decaíram.

O palácio do imperador, edificado no centro da cidade, onde as duas principais ruas se encontram, é rodeado de uma elevada muralha de vinte e três polegadas que está vinte pés distanciada do edifício.

Sua Majestade dera-me licença para eu transpor de uma pernada aquela muralha, a fim de ver o seu palácio por todos os lados. O átrio exterior é um quadrado de quarenta pés e compreende dois outros átrios.

É no mais interior que ficam os aposentos de Sua Majestade, que eu tinha grande desejo de ver. Isso era difícil tarefa, visto como as portas maiores tinham apenas dezoito polegadas de alto por sete de largo. Demais, as construções do átrio exterior elevavam-se a cinco pés do terreno e tornava-se-me impossível dar uma pernada por cima delas, sem risco de quebrar a lousa dos telhados, enquanto os muros me não dessem cuidado por serem solidamente construídos com pedras de quatro polegadas de espessura. O imperador, entretanto, tinha grande vontade de que eu visse a magnificência do seu palácio. Só, porém, ao cabo de três dias, é que me encontrei em estado de satisfazê-lo, depois de haver cortado com o meu canivete algumas das maiores árvores do parque imperial, afastado da cidade cinqüenta toesas aproximadamente. Dessas árvores fiz dois tamboretes, com três pés de altura cada um e tão fortes que pudessem aguentar-me o peso do corpo. Sendo a população novamente prevenida, tornei a atravessar a cidade e dirigi-me para o palácio, levando na mão os tamboretes. Quando cheguei a um dos lados do átrio exterior, subi para um tamborete e segurei o outro. Passei este por cima dos telhados e coloquei-o delicadamente no chão, no espaço que havia entre o primeiro e o segundo átrio, que tinha oito pés de largura. Em seguida passei muito comodamente por cima das construções, servindo-me dos tamboretes e,

quando me encontrei do lado de dentro, tirei com um gancho o tamborete que ficara do lado oposto. Deste modo, consegui chegar até o átrio mais interior, onde, deitando-me de lado, meti a cara por todas as janelas do primeiro andar, que tinham deixado ficar abertas de propósito, e vi os mais magnificentes aposentos que imaginar se possa. Vi também a imperatriz e as jovens princesas nos seus quartos, rodeadas da sua comitiva. Sua Alteza imperial dignou-se sorrir-me graciosamente e deu-me, pela janela, a mão para eu beijar. Não pormenorizarei aqui as curiosidades que se encerravam nesse palácio; reservo isso para obra de maior tomo e que está quase pronta a entrar no prelo, contendo uma descrição geral desse império desde a sua fundação, a história dos seus imperadores durante um longo número de séculos, observações sobre as suas guerras, política, leis, literatura e religião do país, as plantas e os animais que aí se encontram, usos e costumes dos habitantes, com muitos outros assuntos prodigiosamente curiosos e excessivamente úteis. O meu fim agora é, apenas, referir o que me aconteceu durante uma permanência de quase nove meses naquele maravilhoso império.

Quinze dias depois de haver recuperado a liberdade, recebi a visita de *Keldersal*, secretário de Estado encarregado das missões particulares, que veio apenas acompanhado de um criado. Deu

ordem para que o coche o esperasse a certa distância e pediu-me que lhe concedesse uma hora de audiência. Propus-lhe deitar-me no chão para que pudesse ficar à altura dos meus ouvidos; ele, porém, preferiu que o tomasse na palma da mão durante a conversa. Principiou por me felicitar pela minha liberdade, dizendo que podia gabar-se de ter contribuído um pouco para tão feliz resultado. Em seguida acrescentou que, se não fora o interesse que a corte tomara, não seria tão depressa que eu a obteria, prosseguindo:

— Embora o nosso Estado pareça florescente aos olhos do estrangeiro, o que é certo é que temos dois grandes males a debelar: de dentro, uma poderosa facção; de fora, a invasão de que estamos ameaçados por um formidável inimigo. Com respeito ao primeiro, preciso é que saiba que há setenta luas existem dois partidos contrários neste império, sob os nomes de *Tramecksan* e *Slamecksan*, termos derivados de *altos* e *baixos tacões* dos seus sapatos, pelos quais se distinguem. Não falta quem seja de opinião, é fato, que os tacões altos são mais conformes à nossa antiga constituição; apesar disso Sua Majestade resolveu servir-se apenas dos tacões baixos na administração do governo e em todos os cargos que dependem da coroa. Pode mesmo verificar que os tacões de Sua Majestade imperial são, pelo menos, mais baixos um *drurr* do que os

de qualquer outra pessoa da corte. (O *drurr é* aproximadamente a décima quarta parte de uma polegada). O ódio dos dois partidos — continuou *Keldersal* — estão em tal grau, que não comem, não bebem juntos, nem se falam. Temos quase que a certeza de que os Tramecksans ou tacões altos são em maior número do que nós; a autoridade, porém, está na nossa mão. Contudo, andamos suspeitosos de que sua alteza imperial, o presuntivo herdeiro da coroa, tem alguma inclinação para os tacões altos; pelo menos tivemos ocasião de ver que um dos tacões é mais alto do que outro, o que o faz coxear um pouco. Ora, no meio destas dissensões intestinas, estamos ameaçados de uma invasão pelo lado da ilha de Blefuscu, que é outro grande império do universo, quase tão grande e tão poderoso como este, porque, segundo temos ouvido dizer, há outros impérios, reinos e Estados no mundo, habitados por criaturas humanas tão grandes e tão altas como vós; os nossos filósofos, porém, põem suas dúvidas e preferem conjecturar que caístes da lua ou de alguma estrela, porque o que é fato é que meia dúzia de mortais do vosso tamanho consumiria em pouco tempo toda a fruta e todo o gado dos Estados de Sua Majestade imperial. Demais, os nossos historiógrafos, há seis mil luas, não fazem referência a outras regiões senão aos dois grandes impérios de Lilipute e de Blefuscu. Estas duas poderosas

potências têm, como ia dizendo, andado empenhadas, durante trinta e seis luas, numa guerra muitíssimo acesa, e motivada pelo seguinte: toda gente concorda em que a maneira primitiva de partir os ovos antes de serem comidos, é bater com eles no rebordo de qualquer prato ou copo; mas o avô de Sua Majestade imperial, em criança, estando para comer um ovo, teve a infelicidade de cortar um dedo, o que deu motivo a que o imperador, seu pai, lavrasse um decreto, em que ordenava aos seus súditos, sob graves penas, que partissem os ovos pela extremidade mais delgada. Este decreto irritou tanto o povo, que consoante narram os nossos cronistas, houve por essa época seis revoltas, em uma das quais um imperador perdeu a coroa. Estas questiúnculas intestinas foram sempre fomentadas pelos soberanos de Blefuscu e, quando as sublevações foram sufocadas, os culpados refugiaram-se neste império. Pelas estatísticas que se fizeram, onze mil homens, em diversas épocas, preferiram morrer a submeter-se ao decreto de partir os ovos pela extremidade mais delgada. Foram escritas e publicadas centenas de volumosos livros acerca deste assunto; mas os livros que defendiam o modo de partir os ovos pela extremidade mais grossa foram proibidos desde logo, e todo o seu partido foi declarado incapaz de exercer qualquer função pública. Durante a ininterrupta série daqueles

motins, os imperadores de Blefuscu fizeram freqüentes recriminações por intermédio dos seus embaixadores, acusando-nos de praticar um crime, violando um preceito fundamental do nosso grande profeta Dustrogg, no quinquagésimo quarto capítulo de *Blundecral* (que é o seu Corão). Isto, porém, foi considerado como uma simples interpretação do sentido do texto, cujos termos eram: *que todos os fiéis quebrarão os ovos pela extremidade mais cômoda.* Na minha opinião, deve deixar-se à consciência de cada um a resolução de qual seja a extremidade mais cômoda, ou pelo menos, é à autoridade do soberano magistrado que compete resolver. Ora, os partidários da extremidade mais grossa, que se encontravam exilados, viram tanta deferência na corte do imperador de Blefuscu e tanto auxílio e apoio no nosso próprio país, que se seguiu uma guerra sanguinolenta entre os dois impérios, guerra que durou trinta e seis luas, com vário êxito para cada uma das partes. Nesta guerra perdemos quarenta naus de linha e um grande número de navios com trinta mil dos nossos mais valentes marinheiros e soldados; dá-se como certo que a perda sofrida pelo nosso inimigo não foi inferior. Seja como for, o que é fato é que os de Blefuscu preparam agora uma temível esquadra, para operar um desembarque nas costas do nosso império. Ora, Sua Majestade imperial, tendo a máxima confiança na vossa

coragem, e tendo em altíssimo apreço a vossa força, pediu-me que vos pormenorizasse todos estes assuntos, a fim de saber quais as vossas disposições a respeito de semelhante assunto.

Respondi ao secretário, limitando-me a enviar ao imperador as minhas muito humildes homenagens e dando-lhe a entender que estava disposto a sacrificar a vida para defender a sua sagrada personalidade e o seu império contra todas as empresas e invasões dos seus inimigos. Despediu-se, depois, muito satisfeito com a minha resposta.

CAPÍTULO V

O autor opõe-se ao desembarque dos inimigos, por meio de um extraordinário estratagema — O imperador concede-lhe um grande titulo honorífico — O imperador de Blefuscu envia embaixadores a solicitar a paz — Incendeiam-se os aposentos da imperatriz — O autor concorre muito para extinguir o incêndio.

O império de Blefuscu é uma ilha situada ao nordeste de Lilipute, e está dele separada apenas por um canal, que tem quatrocentas toesas. Nunca o vira, e como corria o boato do projetado desembarque, tomei as máximas cautelas para não aparecer desse lado, receoso de que fosse descoberto por algum navio do inimigo.

Dei parte ao imperador de um projeto, que elaborara havia pouco tempo, para me tornar senhor de toda a frota inimiga que, segundo o relatório daqueles que haviam sido mandados em reconhecimento, estava no porto, pronta a fazer-se de vela ao primeiro vento favorável. Consultei os mais experimentados marinheiros, para que soubessem qual a profundidade do canal, e disseram-me que ao centro, na maré cheia, tinha de profundidade setenta *glumgluffs*, (que eqüivalem a seis pés de medida européia, pouco mais ou menos) e em outros pontos cinqüenta *glumgluffs*, o máximo. Encaminhei-me

secretamente para a costa nordeste, fronteira a Blefuscu e, deitando-me detrás de uma colina, assestei o óculo e vi a frota inimiga, que era constituída de cinqüenta navios de guerra e um avultado número de transportes. Afastando-me em seguida, dei ordem para fabricarem grande quantidade de cabos, o mais fortes possível, com barras de ferro. Os cabos deviam ser pouco mais ou menos da grossura de um cordel dobrado, e as barras, do comprimento e grossura de uma agulha de fazer meia. Tripliquei o cabo para o tornar ainda mais forte, e, pela mesma razão, torci juntamente três barras de ferro e a cada uma delas apliquei um gancho. Voltei à costa nordeste, e, metendo debaixo do gibão os sapatos e as meias, entrei no mar. A princípio entrei pela água com a maior presteza possível e depois nadei até o centro umas toesas, de maneira a achar pé. Cheguei junto da frota em menos de trinta minutos. Os inimigos ficaram tão aterrados com a minha presença, que saltaram todos dos navios como rãs e fugiram para terra; calculei-lhes o número em trinta mil homens, pouco mais ou menos. Tratei, então, de segurar cada nau pela proa com um gancho preso a um cabo. Enquanto andava nesta faina, o inimigo deu uma descarga de milhares de flechas, muitas das quais me atingiram na cara e nas mãos e que, além da excessiva dor que me produziram, deveras embaraçaram a minha tarefa. O que me

dava mais cuidado eram os olhos, que ficariam infalivelmente perdidos se me não lembrasse logo de um expediente: em uma das algibeiras tinha uns óculos; tirei-os e coloquei-os o mais depressa que pude. Armado com este elmo de novo gênero, continuei o meu trabalho, não fazendo caso da contínua granizada de flechas que caía em cima de mim. Colocados todos os ganchos, principiei a rebocá-los; o trabalho, porém, resultou inútil, visto como os navios estavam ancorados. Puxei logo do canivete e cortei todas as amarras; feito isto, num abrir e fechar de olhos fui sirgando muito à vontade cinqüenta dos maiores navios e arrastei-os comigo.

Os Blefuscudianos, que não podiam adivinhar qual fosse o meu propósito, ficaram igualmente surpreendidos e confusos: não me tinham visto cortar as amarras e julgaram que a minha idéia era deixá-los flutuar ao sabor do vento e da maré, fazendo-os se entrechocarem; quando, porém, viram que eu rebocava toda a esquadra, soltaram gritos de raiva e de desespero.

Tendo caminhado por algum tempo e achando-me fora do alcance das suas flechas, parei um pouco para tirar todas aquelas que se me tinham cravado no rosto e nas mãos; depois, conduzindo a minha presa, tratei de me dirigir ao porto imperial de Lilipute.

O imperador, com toda a sua corte, estava na praia, aguardando o êxito da minha empresa.

Viam ao longe uma armada que se acercava; como, porém, a água me dava pelo pescoço, não notaram que era eu quem a conduzia até eles.

O imperador julgava que eu tinha perecido e que a esquadra inimiga se aproximava para operar o desembarque; os seus temores, porém, em breve foram dissipados, porque, tendo encontrado pé, viu-me à frente de todas as naus e ouvira-me gritar com toda a força dos meus pulmões: *Viva o muito poderoso imperador de Liliputе.* Assim que cheguei à terra, este soberano elogiou-me infinitamente e, logo em seguida, me fez *nardac,* que é o mais honroso título honorífico existente entre eles.

Sua Majestade pediu-me que lhe satisfizesse o desejo de se assenhorear dos outros navios inimigos e de os conduzir aos seus portos. A ambição deste príncipe ficava satisfeita com a posse de todo o império de Blefuscu, para o reduzir a província do seu império e fazê-la governar por um vice-rei; mandou matar todos os exilados partidários da extremidade mais grossa e constranger os seus povos a quebrarem os ovos pela extremidade mais delgada, o que o faria chegar à monarquia universal; tratei de dissuadi-lo dessa idéia, baseando-me em razões políticas e

justiceiras e neguei-me energicamente a tornar-me instrumento para oprimir a liberdade de um povo livre, nobre e corajoso. Quando foi apresentado este assunto ao conselho, a parte mais sensata apoiou o meu parecer.

Esta declaração franca e desassombrada era tão oposta aos projetos e à política de Sua Majestade imperial, que era difícil obter perdão para mim; falaram a este respeito no conselho de uma forma muito artificiosa, e os meus inimigos secretos valeram-se disso para me perder. É bem certo que os mais importantes serviços prestados aos soberanos são depressa esquecidos, quando seguidos de uma recusa em os auxiliar cegamente em suas paixões!

Perto de três semanas depois da minha memorável expedição, chegou de Blefuscu uma solene embaixada, trazendo propostas de paz. O tratado em breve ficou concluído em condições deveras vantajosas para o imperador de Lilipute. A embaixada era constituída por seis fidalgos, com uma comitiva de quinhentas pessoas, e pode dizer-se sem exagero que a sua entrada correspondeu à grandeza de seu amo e à importância da negociação.

Depois de feito o tratado, Suas Excelências, tendo sabido secretamente os bons serviços que prestara ao país pelo modo por que falei ao

imperador, fizeram-me uma cerimoniosa visita. Principiaram por me fazer os maiores elogios acerca do meu valor e da minha generosidade, e convidaram-me, em nome de seu amo, para ir viver em Blefuscu. Agradeci-lhes e pedi-lhes que apresentassem os meus mais humildes respeitos à Sua Majestade blefuscudiana, cujas brilhantes virtudes eram universalmente conhecidas. Prometi visitar Sua Majestade antes de regressar ao meu país.

Passados alguns dias, pedi licença ao imperador para fazer os meus cumprimentos ao grande soberano de Blefuscu; respondeu-me, com a maior frieza, que fosse quando me apetecesse.

Esqueci-me de dizer que os embaixadores me haviam falado por intermédio de um intérprete, visto que as línguas dos dois países são muito diferentes uma da outra. Qualquer das nações gaba a antigüidade, a beleza e a força do seu idioma e despreza o outro.

No entanto, o imperador, orgulhoso da vantagem que obtivera sobre os Blefuscudianos pela tomada da sua esquadra, obrigou os embaixadores a apresentarem as suas credenciais e a fazerem a sua alocução em língua liliputiana, e, como verdade, seja dito que, em virtude do tráfico e do comércio que existem entre os dois países, da recepção mútua dos exilados e

do costume em que os Liliputianos estão de mandar a flor de sua nobreza a Blefuscu, a fim de se educar e aprender os seus exercícios, há poucas pessoas de distinção no império de Lilipute e também pouquíssimos negociantes ou marinheiros nas praças marítimas que não falem as duas línguas.

Por então, tive ensejo de prestar à Sua Majestade imperial assinalado serviço.

Fui acordado certa ocasião, — devia ser perto de meia-noite — com os gritos de uma multidão, que se juntara à porta de minha casa; ouvi freqüentemente a palavra *burgum.* Alguns cortesãos, abrindo passagem por entre a multidão, imploraram-me que, sem detença, me dirigisse ao palácio, e que lavrava incêndio nos aposentos da imperatriz, por descuido de uma das suas aias que adormecera lendo um poema blefuscudiano. Levantei-me imediatamente e dirigi-me ao palácio com certo custo, para que não pisasse ninguém na minha passagem, o que consegui. Quando cheguei, vi que já se tinham aplicado as escadas às paredes dos quartos e estavam bem fornecidos de baldes; a água, porém, ficava muito longe. Esses baldes deviam ter talvez o tamanho de dedais, e o pobre povo acarretava-os com a máxima solicitude. O incêndio lavrava já com bastante intensidade e aquele magnífico palácio seria infalivelmente

reduzido a cinzas, se, por uma extraordinária presença de espírito, me não ocorresse de repente uma idéia. Na noite precedente, tinha bebido em grande quantidade um certo vinho branco chamado *glimigrim,* importado de uma província de Blefuscu e que tem grandes propriedades diuréticas. Desatei então a urinar em tal abundância e dirigi o jato com tanto acerto e tão apropositadamente que, dentro de três minutos, o fogo estava completamente apagado e o resto daquele soberbo edifício, que custara somas imensas, ficou preservado de tal incêndio.

Não sabia se o imperador veria com bons olhos o serviço que acabava de prestar-lhe, porque, consoante às leis fundamentais da nação, era um crime capital e digno da pena de morte verter águas nas proximidades do palácio imperial; fiquei, porém, tranqüilo, quando soube que Sua Majestade dera ordem ao grão-juiz para me enviar cartas de agradecimento; disseram-me, depois, que a imperatriz, experimentando um grande terror pelo ato que praticara, fora transportada para o lado mais afastado do átrio e se resolvera a nunca mais habitar os aposentos que eu ousara macular com ação desonesta e impudente.

CAPÍTULO VI

Os costumes dos habitantes de Lilipute — Sua literatura — Suas leis e maneiras de educar os filhos.

Ainda que eu reserve a descrição deste império para um trabalho à parte, julgo um dever, dar, dele, aqui, ao leitor, uma idéia geral. Como a estatura ordinária daquela gente pouco maior é do que seis polegadas, há uma proporção exata em todos os outros animais, assim como nas árvores. Por exemplo: os cavalos e os bois maiores regulam entre quatro e cinco polegadas, aproximadamente; os patos são quase do tamanho de um pardal; quanto aos insetos, esses eram quase invisíveis para mim; a natureza, porém, soube ajustar a vista dos habitantes de Lilipute a todos os objetos que lhes são destinados. Para fazer conhecer bem quanto o seu olhar é penetrante, com respeito aos objetos que lhes ficam próximos, basta dizer que vi uma vez com prazer um cozinheiro hábil depenando uma cotovia que não era maior do que uma mosca vulgar, e uma rapariga a enfiar um fio de seda invisível numa agulha também invisível.

Servem-se de caracteres e de letras, e o seu modo de escrever é notável, não o fazendo nem da

esquerda para a direita, como na Europa; nem da direita para a esquerda, como os Árabes; nem de cima para baixo, como na China; nem de baixo para cima como os Caucasianos, mas obliquamente e de um a outro ângulo do papel, como as senhoras em Inglaterra.

Enterram os mortos de cabeça para baixo, porque imaginam que, dentro de onze mil luas, todos os mortos devem ressuscitar; que, por essa época, a Terra, que julgam plana, se voltará de baixo para cima e que, por esse meio, no momento da ressurreição, seriam encontrados de pé. Os sábios, entretanto, reconhecem o absurdo daquela opinião, mas permanece o uso antigo, baseado nas idéias do povo.

Têm leis e costumes singularíssimos, que eu talvez tentasse justificar, se não fossem contrários aos da minha querida pátria. A primeira, de que farei menção, diz respeito aos denunciantes. Todos os crimes contra o Estado são punidos nesse país com extremo rigor; se o acusado, porém, prova evidentemente a sua inocência, o acusador é logo condenado a uma ignominiosa morte e todos os seus bens confiscados em prol do inocente. Se o acusador é pobre, o imperador, do seu tesouro particular, indeniza o acusado de todas as perdas e danos.

A fraude é considerada como um crime maior do que o roubo; esta a razão por que é sempre punida com a morte, visto como existe o princípio de que o cuidado e a vigilância, com um espírito vulgar, podem garantir os bens de um indivíduo contra as tentativas dos ladrões, mas a probidade não tem defesa contra a astúcia e a má fé.

Embora eu considere os castigos e as grandes recompensas como os eixos em que gira o governo, ouso dizer que a máxima de castigar e recompensar não é observada na Europa com a mesma sensatez como no império de Lilipute. Todo aquele que pode apresentar provas bastantes de que observou fielmente as leis do seu país durante setenta e três luas, tem o direito de pretender certas regalias, consoante ao seu nascimento e a sua posição, com certa quantia tirada de um fundo destinado a esse fim; alcança até o título de *snipall,* ou de *legítimo,* que é apenso ao seu nome; esse título, porém, não passa aos descendentes. Estes povos vêem como um prodigioso defeito político entre nós que todas as nossas leis sejam ameaçadoras e que a infração seja punida com os mais severos castigos, enquanto a sua observância não dá direito a recompensa alguma; por este motivo representam a justiça com seis olhos, dois adiante, dois atrás e um de cada lado (para simbolizar a circunspeção), segurando na mão direita um saco cheio de ouro, e empunhando na

esquerda uma espada embainhada, para demonstrar que está mais disposta a premiar do que a punir.

Na escolha que fazem dos súditos para desempenharem cargos públicos, olham mais para a probidade do que para o talento. Como o governo é necessário ao gênero humano, crêem que a Providência nunca teve em mira fazer da administração dos negócios públicos uma ciência complicada e misteriosa, acessível apenas a um limitado número de espíritos raros e sublimes, desses três ou quatro prodígios, que aparecem lá de séculos a séculos; mas julgam que a verdade, a justiça, a temperança e as restantes virtudes estão ao alcance de toda gente e que a prática dessas virtudes, acompanhada de alguma experiência e bons intuitos, tornam quem quer que seja apto para servir ao seu país, embora muito raquítico e muito tacanho.

Persuadindo-se de que os talentos superiores estão longe de suprir as virtudes morais, dizem eles que os empregos não poderiam ser confiados a mais perigosas mãos do que às dos grandes talentos que não possuem virtude alguma, e que os erros nascidos da ignorância de um ministro probo não têm tantas conseqüências funestas para o bem do seu povo, como as obscuras práticas desse ministro, cujas tendências fossem

depravadas, cujas intenções fossem criminosas ou predispostas a fazer o mal impunemente.

Aquele dos Liliputianos que não acreditar na providência divina é declarado incapaz de exercer qualquer cargo público. Como os soberanos se julgam, muito justamente, delegados da Providência, os Liliputianos supõem que nada há mais absurdo nem mais incoerente do que o procedimento de um príncipe que se serve de gente sem religião, que nega essa suprema autoridade de que se considera depositário e da qual, de fato, recebe a que possui.

Referindo-me a estas leis e às seguintes, apenas falo das leis originais e primitivas dos Liliputianos. Sei que, pelas modernas leis, estes povos caíram em um grande excesso de corrupção; prova-o o vergonhoso uso de obter os mais elevados empregos dançando na corda e os lugares de distinção os que saltam à vara larga. Note o leitor que esse indigno uso foi introduzido pelo pai do atual imperador.

Entre aquele povo, a ingratidão é tida como um crime enorme, como em outro tempo o foi, segundo refere a história, aos olhos de algumas nações virtuosas. Dizem os Liliputianos que todo indivíduo que se torna ingrato para com o seu benfeitor, deve ser necessariamente inimigo de todos os outros homens.

Julgam os naturais de Lilipute que o pai e a mãe não devem ser encarregados da educação dos filhos, e há, em todas as cidades, colégios públicos, para onde todos os progenitores, exceto camponeses e operários, são obrigados a mandar os filhos de ambos os sexos, para serem educados e instruídos. Assim que atingem a idade de vinte luas, supõem-nos dóceis e capazes de aprender. As escolas são de diversas espécies, consoante à diferença de sexo ou de sangue. Professores hábeis educam as crianças para um modo de vida conforme a sua ascendência, os seus próprios dotes de espírito e as suas tendências.

Os seminários para os filhos de nobres têm professores sérios e eruditos. O vestuário e subsistência dos rapazes são simples. Inspiram-lhes princípios de honra, de justiça, de coragem, de modéstia, de religião e de amor pela pátria. Até à idade dos quatro anos são vestidos pelos homens; dessa idade em diante, são obrigados a se vestirem sós, embora sejam de nobre estirpe. Só têm licença para brincar na presença do professor e por esse sistema evitam funestas impressões de doidice e de vício que cedo começam a corromper os costumes e as tendências da mocidade. Os pais podem visitá-los duas vezes por ano. A visita pode durar apenas uma hora, com a liberdade de beijar o filho à entrada e à saída; um professor, que assiste sempre a essas visitas, não consente que falem

em segredo com as crianças, que as lisonjeiem, nem lhes dêem confeitos ou bolos.

Nos colégios para o sexo feminino, as meninas nobres são educadas quase como rapazes, com uma diferença: é que são vestidas por criadas, mas sempre na presença de uma professora, até que cheguem aos cinco anos, idade em que principiam a vestir-se sem auxílio de ninguém.

Quando se sabe que as aias ou criadas graves entretêm as raparigas com histórias extravagantes, contos insípidos ou capazes de lhes causar medo, (o que é uso corrente das governantas em Inglaterra), são açoitadas publicamente três vezes por toda a cidade, presas durante um ano e por fim exiladas para o ponto mais deserto do país. Assim as raparigas e os rapazes, entre aquele povo, envergonham-se de ser covardes e tolos; desprezam todo o ornamento exterior e só têm em consideração a compostura e o asseio. Os seus exercícios são menos violentos do que os dos rapazes e não as fazem aplicar tanto. Entretanto, aprendem ciências e belas-letras. Há um provérbio que diz que a mulher, devendo ser uma companhia sempre agradável ao marido, carece de ornar o espírito que nunca envelhece.

Ao contrário dos Europeus, os Liliputianos pensam que nada demanda mais cuidado e aplicação do que a educação das crianças. É fácil gerá-las, dizem eles, tão fácil como semear e plantar, mas conservar certas plantas, fazê-las crescer bem, precavê-las contra os rigores do inverno, contra os ardores e tempestades de verão, contra os ataques dos insetos, de, em suma, fazer-lhes dar frutos em abundância, é o resultado da atenção e do cuidado de um hábil jardineiro.

Escolhem o professor que tenha o espírito mais bem formado do que espírito sublime, mais morigeração do que ciência.

Não podem suportar os professores que atordoam incessantemente os ouvidos dos discípulos com gramaticais combinações frívolas, discussões pueris, observações e que, para lhes ensinar a antiga língua, que pouca relação tem com a que se fala hoje, lhes enchem o espírito de regras e exceções e põem de lado o uso e o exercício para lhes atulhar o cérebro de princípios supérfluos e preceitos dificultosos; querem que o professor se familiarize dignamente com os seus alunos, porque não há nada mais contrário à boa educação do que o pedantismo e a fingida seriedade; segundo eles, devem mais baixar-se do que elevar-se perante eles, embora não deixem de o considerar algo difícil, pois que muitas vezes é

preciso mais esforço e vigor e sempre mais atenção para descer sem perigo do que para subir.

São de opinião de que os professores devem aplicar-se mais a formar o espírito das crianças para as lutas da vida do que a enriquecê-lo com conhecimentos curiosos, quase sempre inúteis. Ensinam-lhes, pois, logo, a ser prudentes e filósofos, a fim de que, mesmo na idade dos prazeres, saibam gozá-los filosoficamente. Não será ridículo — perguntam eles — só conhecer-lhes a natureza e o verdadeiro uso quando já se encontram inaptos, aprender a viver quando a vida está quase passada e principiar a ser homem quando se está prestes a deixar de o ser? Dão-se recompensas para a confissão sincera e ingênua dos erros, e os que melhor sabem raciocinar sobre os seus próprios defeitos, obtêm honras e mercês. Querem que sejam curiosos e façam amiudadas perguntas acerca de tudo o que ouvem, e são punidos severamente aqueles que, em presença de uma coisa extraordinária e notável, demonstrem pouca admiração ou curiosidade.

Recomenda-se-lhes que sejam muito fiéis, muito submissos, muito dedicados ao príncipe, mas de uma dedicação geral e de dever não particular, que fere muitas vezes a consciência e

sempre a liberdade, e que expõe a grandes fatalidades.

Os professores de História empenham-se menos com o trabalho de ensinar a seus discípulos a data de tal ou tal acontecimento, do que a descrever-lhes o carácter, as boas, as más qualidades dos reis, dos generais e dos ministros; julgam que pouco lhes pode interessar em que ano ou mês tal batalha foi travada; mas decerto lhes interessa saber quanto os homens, em todas as épocas, são bárbaros, brutais, injustos, sanguinários, sempre dispostos a expor a vida sem necessidade e a atentar contra a dos outros sem motivo; quanto os combates desonram a humanidade e quão fortes devem ser para chegar a esta funesta extremidade; consideram a história do espírito humano a melhor de todas, e ensinam menos os discípulos a reter os fatos, do que a julgá-los.

Querem que o amor das ciências se limite e que cada um escolha o gênero de estudo que mais convenha à sua tendência e ao seu talento; fazem tanto caso de um homem que estuda demasiado como de um homem que come demais, persuadidos de que o espírito tem as mesmas indisposições que o estômago. Só o imperador é que possui uma vasta e numerosa biblioteca. Quanto aos particulares que possuam

grandes bibliotecas, são considerados como asnos carregados de livros.

Naquele povo, a filosofia é muito alegre e não consiste, como nas nossas escolas, em *ergotismos;* ignoram o que seja *barroco* e *buralipton,* categorias, termos de primeira e de segunda intenção e outras dificultosas tolices da dialética, que são tão úteis para o raciocínio como para a dança. A filosofia deles consiste em estabelecer princípios infalíveis que levem o espírito a preferir o estado medíocre de um homem honesto ao bem-estar do rico e ao fausto de um financeiro, e às conquistas de um general vitorioso o vencerem em si próprios a força das paixões. A filosofia de que usam habitua-os a um viver austero, fugindo de tudo quanto costuma os sentidos à voluptuosidade, tudo o que torna a alma dependente do corpo, enfraquecendo-lhe a liberdade. De resto, a virtude é sempre apresentada como uma coisa fácil e agradável.

Exortam-nos a que escolham com segurança um modo de vida, fazendo o possível para lhes fazer tomar aquele que melhor convenha às suas naturais tendências, pouco se importando com as faculdades paternas, de maneira que, por vezes, o filho de um lavrador chega a ser ministro de Estado, enquanto o filho de um fidalgo se torna simples comerciante.

O valor que este povo consagra à física e às matemáticas é simplesmente com a mira de que essas ciências sejam vantajosas para a vida e para os progressos das artes aplicadas.

Geralmente, dão-se pouco o trabalho de conhecer todas as partes do universo, preferindo gozar a natureza sem a examinar, a discorrer sobre a ordem e o movimento dos corpos físicos. Quanto à metafísica, têm-na como uma fonte de visões e de quimeras.

Embirram com a linguagem afetada e a preciosidade do estilo, tanto na prosa como no verso, e entendem que é do mesmo modo impertinente o querer uma pessoa salientar-se, seja pela maneira de se exprimir, seja pela maneira de trajar. Autor que ponha de parte o estilo puro, claro e sério, para usar de uma gíria obsoleta, recheada de extraordinárias metáforas, é corrido e apupado nas ruas como se fora um tipo de carnaval.

Naquele povo, cuidam do corpo e da alma ao mesmo tempo, porque, tratando-se de fazer homens, cumpre não lhes formar uma coisa sem a outra. É, consoante dizem, uma parelha de cavalos que é necessário guiar em passo certo. Segundo eles, desenvolvendo uma criança simplesmente o físico, fica ignorante e estúpida;

cultivando-lhe somente o espírito, fica desgraciosa e raquítica.

Aos mestres é proibido castigar os alunos corporalmente; castigam-nos apenas privando-os de alguma coisa que apreciem, envergonhando-os e, principalmente, não lhes dando lições durante três dias, o que os apoquenta extraordinariamente, pois que, abandonando-os a si próprios, assim lhes demonstram que não são dignos de que os instruam.

A dor física produzida pelo castigo corporal serve apenas para os tornar tímidos, defeito muito prejudicial, de que nunca se curam.

CAPÍTULO VII

Recebendo o autor aviso que iam processá-lo pelo crime de lesa-majestade, foge para Blefuscu.

Antes de me referir à minha saída do império de Lilipute, parece-me talvez conveniente informar o leitor de uma intriga secreta que se teceu contra mim.

Estava pouco ao corrente do manejo da corte, e a minha situação negara-me disposições necessárias para ser astucioso cortesão, ainda que muitos de humilde condição como eu tenham conseguido as graças da corte e empregos rendosos; no entanto, não tinham decerto escrúpulos em questões de brio e pundonor. Fosse como fosse, o que é fato é que, quando me dispunha a sair para visitar o imperador de Blefuscu, uma individualidade de alta influência e consideração no palácio, e a quem eu prestara serviços de certa importância, veio procurar-me secretamente à casa, durante a noite. Chegou de cadeirinha, sem se fazer anunciar, e despediu os moços.

Meti a cadeirinha, com sua excelência dentro, na algibeira do gibão e, dando ordem ao meu criado que fechasse a porta, coloquei a cadeirinha

em cima da mesa e sentei-me ao lado. Feitos os cumprimentos de praxe, notando o aspecto contristado e inquieto do meu hóspede, perguntei-lhe qual o motivo por que assim estava. Pediu-me que o ouvisse com a máxima atenção sobre um assunto que dizia respeito à minha honra e à minha vida e principiou:

— Informo-o de que há pouco foram convocados vários conselhos privados por sua causa e que, há dois dias, Sua Majestade tomou uma desagradável solução.

Decerto não ignora que *Skyresh Bolgolam* (*galbet* ou almirante-mor) nunca deixou de ser seu mortal inimigo, desde que o senhor se encontra aqui. Não sei a que atribuir tal antipatia; o que sei é que o ódio lhe aumentou desde a sua expedição contra a esquadra de Blefuscu: como almirante, sentiu-se despeitado com o bom êxito. Este cavalheiro, de combinação com *Flimnap,* tesoureiro-mor, o general Limtoc, o camareiro-mor Lalcon e o supremo magistrado Balmaff, redigiu uma série de artigos para o processar como réu de lesa-majestade e como autor de vários outros crimes.

Este exórdio chocou-me de tal maneira, que ia interrompê-lo, quando me pediu que não proferisse palavra e que o ouvisse. Em seguida, continuou:

— Grato pelos serviços que me prestou, procurei informar-me de todo o processo e obtive cópia de todos os artigos. É uma coisa que põe a minha cabeça em perigo, mas que faço para o servir.

ARTICULADO DA ACUSAÇÃO PROMOVIDA CONTRA QUIMBUS FLESTRIN (O HOMEM MONTANHA)

"Art. 1.° — Visto que, por uma lei decretada no império de Sua Majestade Cabin Deffar Piune, é ordenado que qualquer indivíduo que verta águas no recinto do palácio imperial seja sujeito às penas e castigos do crime de lesa-majestade, e que, apesar disso, o citado Quimbus Plestrin, por uma violação feita à lei, sob pretexto de apagar o fogo havido nos aposentos da querida esposa de Sua Majestade imperial, apagara maliciosa, traiçoeira e diabolicamente, despejando a bexiga, o referido fogo havido nos aludidos aposentos, tendo entrado para esse efeito no recinto do citado palácio imperial;

"Art. 2.° — Que havendo o mencionado Quimbus Flestrin conduzido a armada imperial de Blefuscu, e tendo-lhe seguidamente Sua Majestade imperial ordenado que se assenhoreasse de todas as outras mais do mencionado império de Blefuscu, e reduzi-lo a simples província que pudesse ser governada por um vice-rei do nosso país, e fazer perecer e matar todos os exilados partidários dos ovos quebrados

pela extremidade mais grossa, o mencionado Flestrin, como traidor rebelde à Sua Fidelíssima Majestade imperial, apresentara um requerimento para ser dispensado do citado serviço, sob o pretexto frívolo de uma repugnância em meter-se a obrigar as consciências e a oprimir a liberdade de um povo inocente;

Art. 3.° — Que certos embaixadores de Blefuscu, tendo vindo há pouco pedir a paz à Sua Majestade imperial, o mencionado Flestrin, como súdito desleal, ajudara, socorrera, livrara de apuros e obsequiara os citados embaixadores, ainda que os reconhecesse como ministros de um príncipe que acabara de mostrar-se recentemente inimigo declarado de Sua Majestade imperial e numa guerra aberta contra a sobredita Majestade;

"Art. 4.° — Que o mencionado Quimbus Flestrin, contra o dever de um súdito fiel, se dispunha agora a fazer uma viagem à corte de Blefuscu, para a qual recebera apenas uma licença verbal de Sua Majestade imperial, e, sob o pretexto da dita licença, se propunha temerária e perfidamente a fazer a citada viagem, livrar de apuros e auxiliar o imperador de Blefuscu."

— Ainda existem outros artigos — acrescentou ele — mas os mais importantes são aqueles que acabo de citar-lhe. Nas diversas

deliberações sobre este assunto, é preciso confessar que Sua Majestade fez ver a sua moderação, a sua suavidade e a sua equidade, considerando muitas vezes os seus serviços e tratando de atenuar os seus crimes. O tesoureiro e o almirante foram de opinião que devia sofrer morte cruel e ignominiosa, lançando fogo à sua casa durante a noite, e o general devia esperá-lo com vinte mil homens armados de flechas envenenadas, para o ferir no rosto e nas mãos. Ordens secretas deviam ser dadas a alguns dos seus criados para espalharem um líquido venenoso nas suas camisas, líquido que depressa rasgaria a própria carne, fazendo-o morrer entre excessivos tormentos. O general concordou, de maneira que, durante certo tempo, a maioria dos votos foi contra si; Sua Majestade imperial, porém, resolvido a salvar-lhe a vida, conseguiu o sufrágio do camareiro-mor. Entretanto, Redresal, primeiro secretário dos negócios secretos do Estado, recebeu ordem do imperador para dar a sua opinião, o que fez em conformidade à de Sua Majestade, e decerto justificou bem a estima que o senhor lhe consagra: reconheceu que os crimes cometidos eram grandes, contudo mereciam esta indulgência; disse que a amizade que havia entre ambos era tão conhecida, que talvez o pudesse julgar prevenido a seu favor; que, no entanto, para obedecer ao mandado de Sua Majestade, ponderando os seus serviços e seguindo a

suavidade do seu espírito, queria poupar-lhe a vida e contentar-se em tirar-lhe os olhos. Julgava com submissão que, por esta forma, a justiça podia ficar de algum modo satisfeita, e todos aplaudiriam a clemência do imperador, tão bem como o processo equitativo e generoso daqueles que tinham a honra de ser seus conselheiros; que a perda da vista não lhe poria obstáculo à força corporal, com a qual podia ainda ser útil a Sua Majestade; que a cegueira serve para aumentar a coragem, ocultando-nos os perigos; que o espírito se torna mais recolhido e mais apto para a descoberta da verdade; que o temor que mostrou pelos seus olhos era a maior dificuldade que teve a vencer ao assenhorear-se da esquadra inimiga, e que seria bastante que visse pelos olhos dos outros, pois que os mais poderosos príncipes não vêem de outro modo. Esta proposta foi recebida desfavoravelmente por toda a assembléia. O almirante Bolgolam, todo aceso, ergueu-se e, arrebatado de furor, disse que estava admirado de que o secretário ousasse ser de opinião que se conservasse a vida a um traidor; que os serviços que o senhor havia prestado eram, consoante às verdadeiras máximas do Estado, enormes crimes; que, quem era capaz de apagar de repente um fogo regando com urina o palácio de Sua Majestade, (o que não podia recordar sem horror), poderia, de outra vez, pelo mesmo modo, inundar o palácio e toda a cidade, tendo uma bomba

disposta para esse efeito; e que a mesma força que o fizera arrastar toda a esquadra inimiga poderia servir para a reconduzir, ao primeiro descontentamento, ao sítio de onde a havia tirado; que havia motivos fortíssimos para pensar que o senhor era no íntimo partidário da extremidade mais grossa, e porque a traição principia no coração antes de transparecer nos atos, como partidário da extremidade mais delgada, declarou-o formalmente traidor e rebelde, e insistiu em que devia ser morto sem mais delongas. O tesoureiro foi do mesmo parecer. Fez ver a que extremo tinham sido reduzidas as finanças com a despesa do seu sustento, o que era uma coisa incomportável; que o expediente proposto pelo secretário, de lhe tirar os olhos, longe de ser um remédio contra o mal, o aumentaria segundo todas as aparências, como parece pelo uso vulgar que há em cegar certas aves que, depois dessa operação, comem mais ainda e engordam rapidamente; que Sua Sagrada Majestade e o conselho, que eram seus juízes, estavam conscienciosamente persuadidos do seu crime, o que era uma prova mais do que suficiente para o condenar à morte, sem recorrer a provas formais requisitadas pela letra rígida da lei. Sua Majestade imperial, porém, não estando absolutamente resolvido a dar consentimento à sua morte, disse graciosamente que, visto como o conselho julgava a perda da sua vista um castigo

muito leve, podia acrescentar-se um outro. E o secretário, que é seu amigo, pedindo submissamente para ser ouvido ainda, e responder ao que o tesoureiro objectara com referência à grande despesa que Sua Majestade fazia por sua causa, disse que Sua Excelência, que dispunha das finanças do imperador, poderia facilmente remediar esse mal diminuindo na sua mesa pouco e pouco e que, por esse meio, falta de quantidade suficiente de alimento, o senhor se tornaria fraco e lânguido, perderia o apetite e, em breve, a vida. Assim, pela grande amizade que o secretário lhe consagra, este assunto foi liquidado amigavelmente; foram dadas ordens terminantes para que fosse mantido o segredo do desejo de o fazer morrer lentamente de fome. A sentença lavrada para lhe serem vasados os olhos foi registrada no arquivo do conselho, ao que pessoa alguma se opôs, exceção feita do almirante Bolgolam. Dentro de três dias, o secretário terá ordem para vir a sua casa, onde lerá os artigos de acusação na sua presença e, em seguida, fazê-lo sabedor da grande clemência e graça de Sua Majestade e do conselho, condenando-o apenas à perda da vista, pena a que Sua Majestade tem a certeza de que se sujeitará com o reconhecimento e humildade convenientes. Vinte cirurgiões de Sua Majestade virão depois e executarão a operação pela acertada descarga de muitas flechas bastante agudas nas meninas dos seus

olhos, quando estiver deitado no chão. É a si que compete tomar as convenientes precauções que a prudência lhe sugira. Quanto a mim, para afastar qualquer suspeita, é preciso que volte tão secretamente como vim.

Sua Excelência deixou-me e fiquei só, entregue a inquietações. Era um uso introduzido por esse príncipe e pelo seu ministério, (pelo que me asseguram, muito diferente do uso dos primitivos tempos), que, depois da corte haver ordenado um suplício para satisfazer o ressentimento do soberano ou a maldade de um favorito, o imperador devia fazer um discurso a todo o seu conselho, falando da sua brandura e da sua clemência como qualidades reconhecidas de toda gente. O discurso do imperador a meu respeito depressa correu por todo o país, e nada inspira tanto terror ao povo como esses elogios da clemência imperial, porque se tinha notado que, quanto mais rasgados eram esses elogios, mais o suplício era, ordinariamente, cruel e injusto. E, com respeito a mim, preciso é confessar que, não sendo pelo meu nascimento, nem pela minha educação, destinado a ser homem de corte, percebia tão pouco desses assuntos, que não podia decidir se a sentença lavrada contra mim era branda ou rigorosa, justa ou injusta. Nem sequer pedi licença para apresentar a minha defesa: preferia ser condenado sem ser ouvido, porque, tendo visto em outros tempos vários

processos idênticos, sempre notei que terminam consoante às instruções dadas aos juízes e conforme à vontade dos acreditados e poderosos acusadores. Tive certo desejo de resistir, pois que, estando em liberdade, nem todas as forças deste império conseguiriam nada de mim e podia facilmente, à pedrada, bater e arrasar a capital; repeli, porém, esse projeto com horror, lembrando-me do juramento que prestara a Sua Majestade, dos favores que me havia concedido e da dignidade de *nardac,* em que fora investido. Demais, não tinha tão cheio o espírito dos sentimentos da corte, que me persuadisse de que os rigores de Sua Majestade me permitiriam liquidar todas as obrigações que lhe devia.

Por fim, tomei uma resolução, que, conforme as aparências, será censurada por algumas pessoas justiceiras, porque, confesso, foi uma grande temeridade e um péssimo procedimento da minha parte ter querido conservar os olhos, a liberdade e a vida, contra a vontade da corte. Se conhecesse melhor a índole dos príncipes e dos ministros de Estado, que depois observei em muitas outras cortes, e o seu método de tratar acusados menos criminosos do que eu, submeter-me-ia sem custo a um castigo tão suave; mas, levado pelo fogo da mocidade, e tendo antecipadamente obtido licença de Sua Majestade imperial para ir à corte de Blefuscu, dei-me pressa, antes de expirado o prazo de três dias, em

mandar uma carta ao meu amigo secretário, pela qual o fazia ciente da resolução que tomara de partir nesse mesmo dia para Blefuscu, mediante a licença que me fora concedida, e, sem aguardar resposta, dirigi-me para a costa da ilha, onde estava a esquadra. Apossei-me de um grande navio de guerra, prendi-lhe um cabo à proa e, levantando as âncoras, despi-me, coloquei a roupa (e a manta que trazia no braço) sobre o navio, que trouxe atrás de mim, e ora andando, ora nadando, cheguei ao porto real de Blefuscu, onde o povo tanto tempo esperara por mim. Deram-me dois guias para me levar à capital, que tem o mesmo nome. Conservei-os nas mãos até chegar a cem toesas das portas da cidade e pedi-lhes que avisassem da minha chegada um dos secretários de Estado, e lhe fizessem saber que aguardava as ordens de Sua Majestade. Como resposta recebi, uma hora depois, a notícia de que Sua Majestade, acompanhado de toda a comitiva, vinha receber-me. Adiantei-me cinqüenta toesas, e o rei e a comitiva apearam-se de suas montadas; a rainha e suas aias saíram dos seus coches, e não notei que a minha presença os assustasse. Deitei-me no chão para beijar as mãos do rei e da rainha. Disse a Sua Majestade que viera, cumprindo a minha promessa e com licença do imperador meu amo, para ter a honra de visitar tão poderoso príncipe, e para lhe oferecer todos os serviços que

dependessem de mim e que não fossem contrários aos deveres contraídos com o meu soberano, sem aludir, porém, ao meu desvalimento.

Não enfastiarei o leitor com os pormenores da minha recepção, que foi consoante à generosidade de tão grande príncipe, nem com os incômodos por que passei à míngua de uma casa ou de uma cama, sendo obrigado a dormir no chão embrulhado na minha manta.

CAPÍTULO VIII

O autor, por um feliz acaso, encontra meio de deixar Blefuscu e após algumas dificuldades volta à sua pátria.

Três dias depois da minha chegada, passeando eu a minha curiosidade pela encosta da ilha que olha para o nordeste, descobri, a meia légua de distância no mar, qualquer coisa que me pareceu um barco, de quilha para o ar. Descalcei os sapatos e as meias e, caminhando pela água perto de cinqüenta toesas, reparei em que o objeto se aproximava com a força da maré e conheci então que era una escaler que, pelo que calculei, podia ter sido desligado de um navio em virtude de alguma tempestade; por essa circunstância tornei apressadamente à cidade e pedi a Sua Majestade que me cedesse vinte dos maiores navios, que lhe haviam ficado da derrota da sua esquadra, e três mil marinheiros, sob as ordens de um vice-almirante. Os citados navios fizeram-se de vela e seguiram o seu rumo, enquanto eu me dirigia pelo caminho mais curto à encosta, onde primeiramente descobrira o escaler. Notei que a maré o tinha aproximado mais da terra. Quando os navios se me juntaram, despi-me, meti-me na água e avancei até cinqüenta toesas do escaler, depois do que me vi

obrigado a nadar até que o atingisse; os marinheiros lançaram-me um cabo, no qual amarrei uma das extremidades a um buraco na proa do escaler e a outra extremidade a um navio de guerra; não pude, porém, continuar a minha viagem, porque perdi o pé. Pus-me então a nadar atrás do escaler e a empurrá-lo com uma das mãos, de maneira que a favor da maré me encaminhei de tal modo para a margem, que pude pôr o queixo fora da água e achar pé. Descansei durante uns três minutos e, em seguida, impeli ainda o escaler até que a água me desse pelas axilas e então a maior fadiga já tinha passado; agarrei outros cabos trazidos num dos navios e liguei-os primeiramente ao escaler e depois a nove dos navios que me esperavam; como o vento era de feição e os marinheiros me auxiliaram, procedi de maneira que chegássemos a vinte toesas da margem, e como o mar recuou, alcancei o escaler a pé enxuto e, com o auxílio de dois mil homens, de cordas e de máquinas, consegui virá-lo, notando que poucas avarias tinha sofrido.

Levei dez dias para fazer entrar o escaler no porto de Blefuscu, onde se acumulou grande multidão, cheia de pasmo pela presença de tão prodigiosa embarcação.

Disse ao rei que a minha boa estrela me fizera encontrar aquele escaler para me

transportar a qualquer outro ponto, de onde poderia regressar ao meu torrão natal, e pedi a Sua Majestade que desse ordem para pôr aquela embarcação em estado de servir e me concedesse licença para abandonar os seus Estados o que, após sentidas recriminações, me foi concedido.

Estava eu sobremaneira surpreendido de que o imperador de Lilipute, depois da minha partida, não tivesse feito quaisquer diligências para me encontrar; soube, porém, que Sua Majestade imperial, ignorando que eu fora conhecedor dos seus desígnios, imaginara que eu tinha ido a Blefuscu apenas com o intuito de cumprir a minha promessa, conforme a licença que dele obtivera, e que regressaria em breve; mas, por fim, a minha ausência deu-lhe cuidado e, tendo conferenciado com o tesoureiro e o resto do conluio, foi enviada uma pessoa de distinção com uma cópia dos artigos do processo contra mim. O mensageiro tinha instruções para representar ao soberano de Blefuscu a grande brandura de seu amo, que se contentava em punir-me com a perda da minha vista; que me subtraíra à justiça e que, se eu não regressasse no prazo de dois dias, seria despojado do meu título de *nardac e* declarado réu de alta traição. O embaixador acrescentou que, para manter a paz e a amizade entre os dois países, esperaria que o rei de Blefuscu desse ordem para me fazer reconduzir a Lilipute, ligado de pés e mãos, para ser punido como traidor.

O rei de Blefuscu, tendo solicitado três dias para deliberar sobre este assunto, enviou uma resposta muito sensata e muito prudente. Observou que, quanto a restituir-me ligado, o imperador não ignorava que isso era uma coisa impossível; que, embora eu lhe tivesse arrebatado a esquadra, estava muito reconhecido para comigo em virtude de alguns bons serviços que lhe prestara, com relação ao tratado de paz; demais, que em breve se veriam livres de mim, porque encontrara na margem um prodigioso navio capaz de me levar embarcado; que dera ordem para que o preparassem consoante às minhas indicações e aproveitando o meu auxílio, de maneira que esperava, no prazo de algumas semanas, que os dois países ficariam livres de tão insuportável fardo.

O embaixador regressou a Lilipute com esta resposta, e o soberano de Blefuscu referiu-me tudo o que se havia passado, oferecendo-me ao mesmo tempo, mas em segredo e confidencialmente, a sua graciosa proteção, se quisesse ficar ao seu serviço. Ainda que acreditasse na sua sincera proposta, resolvi nunca mais entregar-me nas mãos de nenhum príncipe, nem de nenhum ministro, quando podia passar sem eles; esta a razão por que, depois de ter manifestado a Sua Majestade o meu justo reconhecimento pelas suas simpáticas intenções, pedi-lhe, humildemente, que me desse licença

para me retirar, dizendo-lhe que, visto a boa ou má estrela me haver proporcionado um barco, decidira me entregar ao oceano, antes de que houvesse rompimento de hostilidades entre aqueles dois poderosos soberanos. O rei não se mostrou ofendido com este meu discurso, e soube mesmo que bastante contente tinha ficado com a minha decisão, e bem assim a mor parte dos seus ministros.

Estas considerações levaram-me a partir um pouco mais cedo do que projetara, e a corte, que anelava pela minha saída, contribuiu para isso com solicitude. Quinhentos operários foram empregados no fabrico de duas velas para o meu barco, segundo as ordens, dobrando-se em treze o mais grosso tecido que havia lá, e acolchoando-o. Entreguei-me à tarefa de fazer cordas e cabos, juntando dez, vinte ou trinta dos mais fortes que eles tinham. Uma grande pedra, que tive a sorte de encontrar perto da praia, após aturadas pesquisas, serviu-me de âncora; e gordura de trezentos bois serviu-me para encebar o meu escaler e para outros usos. Tive um trabalho insano em cortar as maiores árvores para fazer remos e mastros, no que, contudo, fui auxiliado pelos carpinteiros dos navios de Sua Majestade.

Decorrido perto de um mês, quando tudo estava a postos, fui ter com o rei para receber as suas ordens e, simultaneamente, fazer as minhas

despedidas. O rei, acompanhado da família e corte, saiu do palácio. Deitei-me de bruços para ter a honra de lhe beijar a mão, que me estendeu muito graciosamente, assim como a rainha e os jovens príncipes. Sua Majestade presenteou-me com cinqüenta bolsas contendo duzentos *spruggs* cada uma, com o seu retrato em tamanho natural, que meti logo nas minhas luvas para não se estragarem.

Embarquei a bordo do escaler cem bois e trezentos carneiros, com pão e bebidas em proporção e certa quantidade de carne cozida, tanta quanto os quatrocentos cozinheiros me haviam podido fornecer. Tratei de obter seis vacas e seis touros vivos, e igual número de ovelhas e cordeiros, com o fito de os levar ao meu país, para fazer procriar a espécie; forneci-me também de feno e trigo. Não me faltou vontade de levar comigo seis naturais do país, mas o rei não consentiu, e, além de me passarem uma minuciosa busca às algibeiras, Sua Majestade fez-me dar a minha palavra de honra de que não levaria nenhum dos seus súditos, ainda que consentissem nisso ou mo pedissem.

Preparadas as coisas deste modo, fiz-me ao mar no vigésimo quarto dia de Setembro de 1701, pelas seis horas da manhã, e, depois de ter navegado quatro léguas para o norte, notei que estava o vento de sudoeste; às seis da tarde

descortinei uma ilhota que se prolongava aproximadamente meia légua para o nordeste. Segui avante e lancei ferro do lado da costa da ilhota, que estava abrigada do vento e me pareceu desabitada. Bebi alguns refrescos e fui descansar. Dormi perto de seis horas, porque o dia começou a despontar duas horas depois de eu ter acordado. Almocei, e, como o vento estava de feição, levantei ferro e segui o mesmo rumo do dia anterior, guiado pela minha agulha portátil. Era meu desígnio, caso me fosse possível, aproar a uma das ilhas que, com razão, supunha situadas ao nordeste da terra de Van Diemen.

Nesse dia nada descobri; mas no imediato, pelas três horas da tarde, depois de ter navegado, segundo os meus cálculos, perto de vinte e quatro léguas, enxerguei um navio que se dirigia para o sudoeste. Larguei o pano todo e, ao cabo de meia hora, o navio, que me tinha avistado, arvorou o seu pavilhão e disparou um tiro de canhão. É difícil patentear a alegria que experimentei com a esperança de tornar a ver novamente o meu país e os queridos entes que lá deixara. O navio ferrou as velas e veio ao meu encontro, das cinco para as seis horas da tarde de 26 de Setembro. Fiquei louco de contentamento ao ver o pavilhão inglês. Meti as vacas e os carneiros na algibeira do gibão e subi para bordo com a minha pequena carga de víveres. Era um navio mercante inglês, que regressava do Japão pelos mares do norte e do

sul, comandado pelo capitão João Bidell, de Depford, honrado homem e excelente marinheiro.

Havia a bordo perto de cinqüenta homens, entre os quais encontrei um antigo camarada meu, Pedro Williams, que falou elogiosamente de mim ao capitão. Esta boa criatura proporcionou-me magnífico acolhimento e pediu-me que lhe dissesse de onde vinha e para onde me dirigia, o que fiz em poucas palavras; julgou, porém, que a fadiga e os perigos que eu tinha corrido me haviam transtornado a cabeça, pelo que tirei logo da algibeira as vacas e os carneiros, o que deu lugar a uma grande admiração de seu lado, provada, assim, a veracidade do que acabava de narrar. Mostrei-lhe as moedas de ouro, que me dera o rei de Blefuscu, e bem assim o retrato em tamanho natural e muitas outras curiosidades do país. Dei-lhe duas bolsas com duzentos *spruggs* e prometi que, chegando à Inglaterra, lhe faria presente de uma vaca e de uma ovelha prenhes.

Não importunarei o leitor com os pormenores da minha viagem; aproámos às Dunas em 13 de Abril de 1702. Uma única fatalidade me aconteceu: os ratos do navio arrebataram-me uma das ovelhas. Desembarquei o resto do meu gado com excelente saúde e soltei-o a pastar no canteiro de um jardim, onde se jogava bola, em Greenwich.

Durante o pouco tempo que me deixei ficar em Inglaterra, amealhei um razoável pecúlio em mostrar os meus animais a várias pessoas de importância e até à gente do povo, e, antes de empreender a minha segunda viagem, desfiz-me deles por seiscentas libras esterlinas. Após o meu último regresso, em vão procurei a raça que julgava consideravelmente aumentada, principalmente os carneiros; esperava que tudo aquilo revertesse em favor das nossas manufaturas de lã pela finura dos velos.

Piquei apenas dois meses em companhia de minha mulher e dos meus: a insaciável paixão de ver terras estranhas não consentia que estivesse muito tempo sedentário. Entreguei a minha mulher mil e quinhentas libras esterlinas e alojei-a numa bela casa em Redriff; levei comigo o resto dos meus bens, uma parte em dinheiro e outra em mercadorias, com o intuito de aumentá-los. Meu tio John deixara-me umas terras perto de Epping, que rendiam trinta libras esterlinas e eu alugara a longo prazo os Touros Negros, em Fotherlane, que me davam o mesmo rendimento. Por este processo, não corria o risco de deixar minha família na necessidade de recorrer à caridade da paróquia. Meu filho John, a quem dei o nome de meu tio, aprendia latim e freqüentava o colégio; minha filha Isabel, casada atualmente e com filhos, consagrava-se ao trabalho de agulha. Despedi-me de minha mulher e de meus filhos e,

apesar de bastantes lágrimas choradas de parte a parte, embarquei corajosamente a bordo do *À ventura,* navio mercante, de trezentas toneladas, comandado pelo capitão João Nicolau. de Liverpool.

Segunda Parte

VIAGEM A BROBDINGNAG

CAPÍTULO I

O autor, depois de haver suportado um grande temporal, embarca num escaler para se dirigir à terra e é agarrado por um dos seus naturais — Como foi tratado — Esboço sobre o país e o seu povo.

TENDO sido condenado pela natureza e pela fortuna a uma agitada existência, dois meses depois da minha chegada, como já referi, tornei a deixar a minha terra natal e embarquei nas Dunas, em 20 de Junho de 1702, a bordo do navio *À ventura,* cujo capitão, João Nicolau, da província de Cornualha, partia para Surate. Tivemos vento favorável até às alturas do Cabo da Boa Esperança, onde lançámos ferro para fazer aguada. Encontrando-se o nosso capitão atacado de uma febre intermitente, só pudemos sair do Cabo em fins de Março. Tornámos então a fazer-nos de vela e a nossa viagem decorreu bem até o estreito de Madagascar; chegando, porém, ao norte desta ilha, os ventos, que nesses mares sopram sempre entre norte e oeste, desde o princípio de Dezembro até princípio de Maio, começaram em 29 de Abril a soprar muito violentamente do lado de oeste, o que durou vinte dias seguidos, e nesse prazo fomos impelidos um pouco para o oriente das ilhas Molucas sobre três graus ao norte da linha equinocial, o que o nosso

capitão descobriu pelo cálculo feito no segundo dia de Maio, quando o vento amainou; sendo, porém, muito experimentado na navegação desses mares, deu-nos ordem para nos prepararmos para sofrer uma terrível tempestade, que não tardou a se desencadear. Principiou a levantar-se um pé de vento chamado *monção.* Temendo que o vento se tornasse demasiadamente forte, ferrámos a vela de estai e pusemo-nos de capa para ferrar a mezena; o temporal, porém, aumentava, e fizemos amarrar os canhões e ferrámos a mezena. O navio estava ao largo, e pareceu-nos que o melhor partido a tomar era ir de vento em popa. Amarrámos a mezena e esticámos as escotas; o leme estava voltado ao vento e o navio governava bem. Largámos a vela grande, mas ficou rasgada com a violência do temporal. Em seguida, arriámos a grande verga, a fim de a desmantilhar e cortámos todas as cordagens e o cadernal que a segurava. No mar encapelado as vagas entrechocavam-se. Tirámos as malaguetas e ajudámos o timoneiro, que não podia governar só. Não quisemos arriar o mastro da gávea, porque o navio aguentava-se melhor correndo com o tempo e estávamos persuadidos de que prosseguiria o seu rumo mesmo com o mastro içado.

Vendo que nos encontrávamos muito ao largo depois da tempestade, largámos a mezena e a vela grande e navegámos com vento da alheta; em

seguida largámos o velacho, a vela de estai e a gávea. O nosso rumo era este-nordeste, e o vento era de sudoeste. Amarrámos a estibordo e desamarrámos de barlavento, braceámos as bolinas e pusemos o navio mais perto do vento, a todo o pano. Durante este temporal, que foi seguido desse impetuoso vento, de este-sudoeste, fomos impelidos, segundo os meus cálculos, para quinhentas léguas aproximadamente para o Oriente, de modo que o mais velho e o mais experimentado dos marinheiros não nos soube dizer em que parte do mundo estávamos. Entretanto, os nossos víveres não faltavam, o navio não abrira água e a nossa tripulação gozava boa saúde; a ração de água, porém, era muito diminuta. Pareceu-nos, pois, mais conveniente continuar a mesma rota, em vez de voltarmos ao norte, o que talvez nos tivesse levado até às paragens da Grande Tartária que ficam mais para nordeste e no mar Glacial.

A 16 de Junho de 1703, um gageiro descobriu terra do alto do joanete; a 17, vimos claramente uma grande ilha ou um continente, (pois não soubemos qual das duas coisas era), ao lado direito do qual havia uma pequena língua de terra, que entrava pelo mar e uma enseada demasiado baixa para poder receber um navio com mais de cem toneladas. Lançámos ferro a uma légua dessa enseada; o nosso capitão mandou doze homens da sua equipagem bem

armados na chalupa, com recipientes para água, caso pudessem encontrar. Pedi-lhe licença para os acompanhar a esse país e fazer as descobertas que pudesse. Quando desembarcámos, não encontrámos nem ribeira, nem fontes, nem vestígio algum de habitantes, o que forçou nossa gente a costear a margem para procurar água doce junto do mar. Quanto a mim, passeei só e caminhei aproximadamente uma milha dentro dessas terras, que percebi logo serem apenas uma região estéril e cheia de rochedos. Principiei a aborrecer-me, e, não vendo coisa alguma que pudesse satisfazer a minha curiosidade, tornei tranqüilamente para a enseada, quando vi os nossos homens na chalupa, que pareciam tentar, à força de remos, salvar a vida, e notei ao mesmo tempo que eram perseguidos por um homem de tamanho descomunal. Ainda que entrasse pelo mar dentro, a água apenas lhe chegava aos joelhos e dava espantosas pernadas; os nossos homens, porém, tinham o avanço de quase meia légua e como o mar neste ponto era cheio de rochedos, o homenzarrão não pôde alcançar a chalupa. Por minha parte, desatei a fugir tão rapidamente quanto as pernas mo permitiam, e trepei até ao cume de uma escarpada montanha, que me proporcionou o meio de avistar uma parte da região. Achei-a muito bem cultivada; mas o que a princípio me surpreendeu foi o tamanho da

erva, que me pareceu ter mais de vinte pés de altura.

Tomei por uma estrada que se me afigurou para os habitantes uma pequena vereda que atravessava um campo de cevada. Por aí caminhei durante algum tempo, mas eu nada podia ver, porque o tempo da ceifa estava próximo e os trigos tinham a altura de quarenta pés. Caminhei seguramente uma hora antes de que conseguisse chegar ao extremo desse campo, que era defendido por uma sebe alta, de uns cento e vinte pés; quanto às árvores, essas eram tão grandes, que não lhes pude calcular a altura.

Tentei encontrar alguma abertura na sebe, quando enxerguei um dos habitantes em um campo próximo, do mesmo tamanho daquele que vira no mar perseguindo a chalupa. Afigurou-se-me tão alto como um campanário vulgar, e cada pernada ocupava o espaço de cinco toesas. Fui tomado de grande terror e corri a ocultar-me no trigo, de onde o vi parar junto de uma abertura da sebe, lançando a vista para um e outro lado e chamando com uma fortíssima e ressonante voz, como se partisse de um porta-voz; o som era tão forte e tão elevado, que a princípio julguei ser um trovão. Logo sete homens da sua estatura se encaminharam para ele, todos de foicinha empunhada e cada foicinha era do tamanho de seis foices das usadas na Europa. Estes homens

não estavam tão bem vestidos como o primeiro e pareciam criados. Apenas receberam ordem, dirigiram-se para o campo em que eu estava, para ceifar o trigo. Afastei-me deles o mais que foi possível; mas movia-me com extrema dificuldade, porque os colmos de trigo eram algumas vezes muito distantes uns dos outros, de maneira que quase se me tornava impossível caminhar naquela espécie de mata. Contudo, dirigi-me para um sítio do campo, onde a chuva e o vento tinham acamado o trigo; foi-me, então, totalmente impossível ir mais além, porque os caules estavam tão entrelaçados, que não havia meio de atravessá-los e as barbas das espigas caídas eram tão fortes e tão agudas, que me picavam através da veste, penetrando-me na carne. Entretanto, percebi que os ceifadores distavam de mim umas cinqüenta toesas. Sentindo-me completamente exausto e reduzido ao desespero, deitei-me entre dois sulcos e desejava aí acabar os meus dias, representando-se-me a minha viúva desolada, com meus filhos órfãos e deplorando a minha loucura, que me fizera empreender essa segunda viagem contra a vontade de todos os meus amigos e parentes.

Nesta terrível agitação, não podia deixar de pensar no país de Lilipute, cujos habitantes me haviam considerado como o maior prodígio que até então aparecera no mundo, onde era capaz de arrastar só com uma das mãos toda uma

esquadra e de praticar outras ações maravilhosas, cuja memória será eternamente conservada nas crônicas daquele império, embora a posteridade não queira acreditar, ainda que confirmadas por uma nação inteira. Refleti que mortificação não seria para mim parecer tão miserável aos olhos da nação, onde agora me encontrava, como o seria um liliputiano entre nós; no entanto, olhava isto como a menor das minhas fatalidades, porque é coisa para notar que os entes humanos são ordinariamente mais selvagens e mais cruéis em proporção ao seu tamanho e, assim refletindo, que podia eu esperar senão ser um manjar na boca do primeiro daqueles enormes bárbaros que me apanhasse? De fato, os filósofos têm razão, quando dizem que não há grande nem pequeno senão por comparação. Talvez os Liliputianos encontrassem alguma nação menor em relação a eles, como me pareceram, e quem sabe se esta prodigiosa raça de mortais não seria uma nação liliputiana em relação à de qualquer outro país, que não descobrimos ainda? Mas, aterrado e confuso, como estava, não fiz então todas estas observações filosóficas.

Um dos ceifeiros, acercando-se a cinco toesas do sulco em que estava deitado, fez-me recear que, dando mais um passo, me esmagasse com o pé ou me cortasse em dois com a foicinha; foi por isso que, vendo-o prestes a levantar o pé e a

caminhar, comecei a soltar gritos de piedade tão fortes quanto o terror de que estava possuído me consentiu. Considerou-me algum tempo com a circunspeção de um homem que tenta agarrar um pequeno animal perigoso, de forma que não seja arranhado nem mordido, como eu próprio fizera algumas vezes na Inglaterra com respeito a uma doninha. Por fim, ousou tomar-me pelas nádegas e ergueu-me a toesa e meia da sua vista, a fim de examinar o meu rosto mais atentamente. Adivinhei-lhe a intenção e resolvi não fazer a menor resistência, enquanto ele me suspendia no ar a mais de sessenta pés do chão, ainda que me apertasse cruelmente as nádegas, receando que lhe escorregasse por entre os dedos. Tudo o que ousei fazer foi limitar-me a olhar para o céu, e pôr as mãos em atitude suplicante e a proferir algumas palavras num tom muito humilde e muito triste, em conformidade com o estado em que me encontrava então, porque a todo o momento me arreceava de que me quisesse esmagar, como de ordinário esmagamos certos animaizinhos daninhos que queremos matar; ele, no entanto, pareceu contente com a minha voz e os meus gestos e principiou a olhar-me como um objeto curioso, ficando bastante surpreendido ouvindo-me falar.

Entretanto, não podia deixar de gemer e de chorar, e, voltando a cabeça, fazia-lhe perceber, tanto quanto podia, quanto me magoava o seu

índice e o polegar. Pareceu ter compreendido a dor que eu sentia, porque, erguendo uma aba do seu gibão, me colocou carinhosamente dentro dela e correu logo ao amo, que era o único lavrador, o mesmo que eu tinha visto no campo havia pouco.

O lavrador pegou em um pedacinho de palha quase da grossura de uma bengala de uso comum, e com essa palhinha ergueu as abas do meu casaco, tomando-as, pelo que me pareceu, por uma espécie de cobertura com que a Natureza me dotara; soprou os cabelos para melhor me ver o rosto; chamou os criados, perguntou-lhes, segundo supus, se já alguma vez tinham visto algum animal parecido comigo. Depois, colocou-me com a máxima cautela no chão com as quatro patas, mas eu me levantei logo e caminhei com gravidade, de um lado para o outro, para dar a entender que não tinha em mente fugir. Sentaram-se todos em volta de mim, para melhor examinar os meus movimentos. Tirei o chapéu e cumprimentei mui submissamente o lavrador, lancei-me a seus pés, levantei as mãos e a cabeça, e proferi algumas palavras o mais fortemente que pude. Tirei da algibeira uma bolsa cheia de ouro e apresentei-lha humildemente. Recebeu-a na palma da mão e chegou-a muito perto dos olhos para ver o que era e em seguida virou-a e revirou-a com a ponta de um alfinete que tirou da manga, mas nada percebeu. Nisto,

fiz-lhe sinal para que pusesse a mão no chão e, tomando a bolsa, abri-a e espalhei todas as moedas de ouro na sua mão. Tinha seis moedas espanholas de quatro pistolas cada uma, sem contar umas trinta moedas menores. Vi-o molhar o dedo mínimo na língua e levantar uma das moedas maiores e logo outra; pareceu-me, porém, ignorar completamente o que era; indiquei-lhe que as tornasse a guardar na bolsa e que a metesse na minha algibeira.

O lavrador ficou então persuadido de que eu era uma criatura pensante; dirigiu-me a palavra a miúdo, mas o timbre da sua voz aturdia-me os ouvidos como se fora uma azenha; no entanto, as palavras eram claras. Respondi o mais alto que pude em várias línguas e muitas vezes aplicou o ouvido a uma toesa de mim, mas em vão. Depois, mandou a sua gente voltar para o seu trabalho, e, puxando pelo lenço, dobrou-o em dois e colocou-o na mão esquerda que pusera no chão, fazendo-me sinal para que saltasse para dentro, o que pude fazer com facilidade, porque não tinha mais que um pé de espessura. Pareceu-me dever obedecer e, receando cair, deitei-me ao comprido no lenço, em que me envolvi e, por essa maneira, fui levado até à sua casa. Aí, chamou a mulher e apresentou-ma; ela, porém, soltou horríveis gritos e recuou como fazem as mulheres em Inglaterra ao ver um sapo ou uma aranha. Entretanto, quando, ao cabo de certo tempo, reparou em

todos os meus modos e em como eu compreendia os sinais que o marido me fazia, começou a tratar-me com mais ternura.

Estava próximo o meio-dia e então um criado pôs o jantar na mesa. A refeição era, conforme o uso comum do lavrador, constituída de carne cozida dentro de um prato com o diâmetro aproximado de vinte e quatro pés. A família compunha-se do lavrador, da mulher, de três filhos e de uma velha avó. Assim que se sentaram, o dono da casa colocou-me a pequena distância dele, em cima da mesa que tinha uns trinta pés de altura. Coloquei-me o mais afastado possível do rebordo, com medo de dar uma queda. A mulher cortou um bocado de carne, em seguida pão em um prato de madeira que pôs diante de mim. Fiz-lhe uma reverência muito humilde e, fazendo uso do meu garfo e da minha faca, comecei a comer, o que lhes causou grande satisfação. A dona da casa mandou a criada buscar um pequeno cálice que tinha capacidade para dez canadas; depois, encheu-o de um líquido. Ergui o cálice com grande dificuldade e, com um modo muito respeitoso, bebi à saúde dela, exprimindo-me em inglês o mais alto que me foi possível, o que fez com que os assistentes dessem tão grandes gargalhadas que quase fiquei surdo. Este líquido tinha um pouco o sabor da cidra e não era desagradável. O lavrador fez-me sinal para que me colocasse ao lado do seu prato

de madeira; mas, caminhando muito depressa, tropecei numa côdea de pão e caí de bruços, sem que, contudo, me magoasse. Levantei-me logo, notando que aquela boa gente estava muito contristada, agarrei o meu chapéu e, fazendo-o voltear sobre a cabeça umas poucas de vezes, soltei três vivas para provar que não tinha sofrido dano algum; ao encaminhar-me, porém, para o meu amo, (este é o nome que doravante lhe vou dar), o filho mais novo, que estava sentado mais perto dele, e que era maldoso, tendo pouco mais ou menos dez anos, agarrou-me pelas pernas e levantou-me a tamanha altura, que todo eu estremeci. O pai livrou-me das suas mãos e ao mesmo tempo assobiou-lhe com tanta força o ouvido esquerdo, que seria capaz de deitar abaixo um regimento de cavalaria européia, e mandou-o sair da mesa; temendo, porém, que o pequeno me ficasse com zanga, pois sei bem o que são rapazes, sempre maus e prontos a fazer perversidades a aves, a gatos, a cães e a coelhos, lancei-me de joelhos e pedi instantemente ao pai, indicando-lhe o filho, que o desculpasse. O pai acedeu e o rapazinho retornou a seu lugar; então, dirigi-me para ele e beijei-lhe a mão.

A meio do jantar, o gato favorito da minha ama saltou-lhe para o colo. Ouvi atrás de mim um ruído semelhante ao de doze fabricantes de meias trabalhando, e, voltando a cabeça, notei que era o gato que miava. Pareceu-me três vezes

maior do que um boi, quando lhe examinei a cabeça e uma das patas, enquanto a ama lhe dava de comer e lhe fazia festas. A ferocidade do focinho deste animal desconcertou-me completamente, embora estivesse a respeitável distância da mesa, a uns cinqüenta pés pelo menos, e embora a minha ama segurasse o bichano com medo que me saltasse; mas não houve novidade e o gato poupou-me.

Meu amo postou-me a toesa e meia do gato e como sei que, sempre que se foge de um animal feroz ou se mostra medo, o animal persegue-nos infalivelmente, resolvi portar-me convenientemente junto do bichano e andei resolutamente umas dezoito polegadas, o que o fez recuar como se tivesse medo de mim. Os cães não me assustaram tanto. Entraram uns quatro, e, entre eles, um mastim do tamanho de quatro elefantes e um galgo mais alto, mas menos corpulento.

Ao fim do jantar, entrou a ama de leite, trazendo ao colo uma criança de um ano que, assim que me viu, soltou gritos tão fortes, que não me custava nada acreditar se ouvissem da ponte de Londres até Chelsea. A criança, olhando-me como se fora um boneco ou uma bugiganga, chorava, porque me queria para brinquedo. A mãe pegou em mim e entregou-me nas mãos da criança, que me levou à boca; ao

ver-me em tal situação, dei tamanhos gritos, que a criança, assustada, deixou-me cair, e teria infalivelmente quebrado a cabeça se a mãe não me aparasse no avental. A ama, para sossegar o pequeno, deu-lhe um guizo do tamanho de uma pipa, cheio de pedregulhos, e preso, por meio de uma corda, à cintura do pimpolho. Isso porém não o sossegou, tendo a ama de recorrer ao extremo remédio e que foi dar-lhe de mamar. Forçoso é confessar que nunca vi coisa que mais nojo me causasse do que os peitos da citada ama, não sabendo mesmo a que possa compará-los.

Isto fez-me lembrar os peitos das damas inglesas, que tão encantadores são e que nos aparecem tais como são, porque são proporcionais à nossa vista e à nossa estatura; entretanto, o microscópio, aumentando-os, faz-nos aparecer muitos sítios, que escapam à vista desarmada, tornando-os extremamente feios. Pois os peitos da ama obedeciam a estas regras. Assim foi que, em Liliput e, uma mulher me dizia que lhe parecia muito feio, que descobria na minha pele grandes buracos, que os pêlos da barba eram dez vezes mais ásperos do que as cerdas do porco e a minha tez, composta de diversas cores, não podia ser mais desagradável, ainda que seja louro e passe por possuir uma bonita carnação.

Depois do jantar, meu amo mandou chamar os ceifeiros e, pelo que lhe percebi pela voz e pelos

gestos, encarregou a mulher de ter grande cuidado comigo. Sentia-me bastante cansado e com grande vontade de dormir; percebendo isso, minha ama meteu-me na sua cama e tapou-me com um lenço branco, mas muito mais largo do que a vela de um navio.

Dormi duas horas e sonhei que estava em casa ao lado de minha mulher e de meus filhos, o que tornou maior a minha aflição quando, ao acordar, me encontrei só num enorme quarto de duzentos a trezentos pés de comprido por duzentos de alto e deitado numa cama com a largura de dez toesas. Minha ama saíra para tratar dos serviços da casa e tinha-me deixado fechado. A cama ficava à altura de quatro toesas do chão; contudo, certas necessidades naturais forçavam-me a descer, e não me atrevi a chamar; embora o tentasse, seria em vão, pois uma voz como a minha, e estando a tão grande distância, como a que havia do quarto em que eu estava, à cozinha, onde se encontrava a família, não era fácil de ouvir. Entretanto, dois ratos treparam ao longo dos cortinados e desataram a correr pela cama; um aproximou-se da minha cara e tão assustado fiquei, que me levantei logo empunhando um sabre para me defender. Estes terríveis animais tiveram a insolência de me atacar por dois lados, mas furei a barriga de um, enquanto o outro fugiu. Após esse feito, deitei-me para descansar um pouco e tornar a mim. Estes

animais eram do tamanho de um cão de fila, mas infinitamente mais ágeis e mais ferozes, de maneira que, se tivesse tirado o cinturão e posto debaixo de mim antes de me deitar, teria sido infalivelmente devorado pelos ratos.

Pouco depois, a minha ama entrou no quarto e, vendo-me cheio de sangue, pegou em mim. Apontei-lhe o rato morto, sorrindo e fazendo outros sinais, dando-lhe a entender que não estava ferido, o que lhe causou certa alegria. Tentei fazer-lhe compreender que desejava muito ir para o chão, o que ela fez, mas o acanhamento não me permitiu exprimir de outra maneira, que não fosse apontando para a porta e fazendo muitas mesuras. A bondosa mulher percebeu, ainda que com certa dificuldade, e, tomando-me pela mão, levou-me até ao jardim, onde me deixou. Afastando-me umas cem toesas e, fazendo sinal para que me não olhasse, ocultei-me entre duas folhas de azedas e aí fiz o que o leitor facilmente adivinhará.

CAPÍTULO II

Retrato da filha do lavrador — O autor é levado a uma cidade onde havia uma feira, e, em seguida, à capital — Pormenores da sua viagem.

A citada senhora tinha uma filha de nove anos, criança muito inteligente e esperta para a sua idade. A mãe de combinação com ela, lembrou-se de me preparar, para passar a noite, a cama da boneca, antes que anoitecesse. Meteram a referida cama numa gaveta da mesinha de cabeceira e colocaram esta gaveta em cima de uma prateleira, suspensa na parede, por causa dos ratos; e foi essa a cama em que dormi durante a minha permanência em casa de tão bondosas criaturas. Era tão hábil esta pequena, que, depois de me vestir e despir-me diante dela umas duas vezes, soube vestir-me e despir-me, quando lhe aprazia, embora fosse só por obediência, que lhe eu dava semelhante trabalho; fez-me seis camisas e outras espécies de roupa branca, do mais fino pano que fora possível encontrar-se, (e que, em boa verdade, era muito mais grosso do que o tecido para velas de navio), e ela própria as lavava. A minha lavadeira armara-se também em professora, ensinando-me o idioma do seu país. Quando eu apontava para

qualquer coisa, dizia-me logo o nome que tinha, de maneira que, dentro em pouco, fiquei apto para pedir o que queria; era de muito boa índole; deu-me o nome de *Grildrig,* palavra que significa aquilo a que os Latinos chamam *homúnculos,* os italianos *homunceletino* e os ingleses *manikin.* É a ela que devo a conservação da minha existência. Estávamos sempre juntos; eu chamava-lhe *Glumdalclitch*, ou mestrazinha, e seria um indício de negra ingratidão se alguma vez esquecesse os cuidados e a afeição que me proporcionava. De todo o coração, desejo que um dia esteja em condições de retribuí-los, em lugar de ser talvez a inocente, mas funesta, causa da sua desventura, como tive ocasião de verificar.

Corria então por todo o país que o meu amo encontrara no campo um animal, do tamanho de, talvez, um *splacnuck* (animal da região que devia ter seis pés) e com a mesma configuração de um ente humano; que imitava o homem nas suas menores ações e parecia falar uma espécie de linguagem, que lhes era própria; que já aprendera muitos vocábulos do idioma deles; que caminhava direito sobre os dois pés, era dócil e tratável, acudia logo que o chamavam, fazia tudo quanto lhe ordenavam, tinha os membros delicados e uma tez mais branca e mais fina do que a filha de um fidalgo aos três anos de idade. Um lavrador, seu vizinho e seu íntimo amigo, veio fazer-lhe uma visita para verificar a veracidade do

boato que correra. Mandaram-me logo chamar; colocaram-me em cima da mesa, por onde caminhei, como me ordenavam. Desembainhei e embainhei a espada; cumprimentei o amigo do meu amo; perguntei-lhe, na língua do seu país, como ia de saúde, dei-lhe as boas vindas, enfim, segui todas as indicações da minha pequena professora. Este homem, a quem a avançada idade cansara a vista, pôs os óculos para me ver melhor; essa ação fez-me soltar uma grande gargalhada. As pessoas da família, que descobriram o motivo da minha alegria, também desataram a rir; o alvejado, porém, era tão gebo e tão palerma, que não se melindrou com isso. Tinha a aparência de um avarento e isso foi confirmado pelo estúpido conselho que deu a meu amo, para que me fizesse ver por dinheiro em qualquer dia de feira, na cidade próxima, afastada da nossa casa mais de vinte e duas milhas. Pareceu-me que falavam a meu respeito, pois o faziam em segredo, durante algum tempo, e outras vezes olhavam para mim e apontavam-me.

No dia seguinte, de manhã, *Glumdalclitch*, a minha juvenil ama, confirmou as minhas suspeitas, contando-me toda a conversa que tivera com a mãe. A pobre pequena meteu-me no seio e bastantes lágrimas chorou; receava que me acontecesse algum mal; que me pisassem, me estropeassem, ou, talvez, homens rústicos e

brutais me esmagassem, quando me segurassem. Como notasse que era de índole modesto e muito delicado em tudo quanto respeitava à minha honra, apoquentava-se por me ver exposto por dinheiro à curiosidade do mais baixo povo; dizia que o pai e a mãe lhe tinham prometido que *Grildrig* seria tudo para ela, porém que via perfeitamente que queriam enganá-la, como no ano anterior lhe haviam feito, quando lhe fingiram dar um cordeiro, que, tornado carneiro, foi vendido a um magarefe. Quanto a mim, posso dizê-lo com verdade, senti menos pesar do que a minha pequena dona. Concebi grandes esperanças, que nunca me abandonaram, de que um dia recuperaria a liberdade e, com respeito à ignomínia de ser transportado de um lado para o outro, como animal raro, pensei que tal desgraça nunca poderia ser repreensível e não atingiria a minha honra, quando chegasse à Inglaterra, porque o próprio rei da Grã-Bretanha, se estivesse em idênticas circunstâncias, teria a mesma sorte.

Meu amo, conforme a opinião do amigo, meteu-me em um caixote e, no dia da feira, conduziu-me para a cidade próxima com a filha. O caixote era todo tapado e apenas tinha alguns buracos para deixar entrar o ar. A minha amiguinha tinha tido o cuidado de colocar debaixo de mim o colchão da cama da sua boneca; entrementes, fui rudemente sacudido

durante a viagem, que, no entanto, foi apenas de meia hora. O cavalo andava quarenta pés aproximadamente cada passo, e trotava de tal maneira, que a oscilação era a mesma de um navio por ocasião de temporal; o caminho era um pouco mais comprido do que de Londres a Saint-Albans. O meu dono apeou-se do cavalo numa estalagem, onde costumava ficar e, depois de conversar um pouco com o estalajadeiro e fazer alguns preparativos necessários, alugou um *grultred,* ou pregoeiro público, para chamar a atenção de toda a cidade para um animal raro, que se poderia ver por indicação da *Águia-Verde,* que era menor do que um *splacnuck* e parecido, em todas as partes do seu corpo, com uma criatura humana, que podia pronunciar muitas palavras e fazer uma infinidade de frases retumbantes.

Fui colocado sobre uma mesa na maior sala da estalagem, que tinha quase trezentos pés quadrados. A minha pequena dona mantinha-se de pé em um tamborete muito perto da mesa, para tomar conta de mim e dar-me instruções sobre o que deveria fazer. O meu dono, para evitar a multidão e a desordem, não consentiu que entrassem mais de trinta pessoas de cada vez para me verem. Andei por um lado e outro em cima da mesa, seguindo as indicações da menina. Dirigiu-me algumas perguntas, que tinham resposta ao meu alcance e respondi o melhor e o

mais alto que me foi possível. Voltei-me várias vezes para todos os circunstantes e fiz mil cumprimentos. Tomei um dedal cheio de vinho, que *Glumdalclitch* me dera como copo, e bebi à sua saúde. Desembainhei a espada e fiz o molinete à maneira dos esgrimistas de Inglaterra. A minha dona deu-me uma haste de palha, fazendo exercícios nela como funâmbulo, que aprendera na minha meninice. Nesse dia, fui mostrado durante doze vezes e obrigado a repetir sempre a mesma coisa, até que estivesse quase morto de fadiga, de aborrecimento e de desgosto.

Aqueles que me viram fizeram tais referências a meu respeito, que o povo quis forçar as portas para entrar.

Meu amo, tendo em vista os seus próprios interesses, não deixou que pessoa alguma me tocasse, salvo a filha, e, para me colocar mais ao abrigo de qualquer acidente, enfileirara bancos em volta da mesa, a uma distância que me punha fora do alcance do espectador. No entanto, um pequeno e mau estudante arremessou-me à cabeça uma noz, e por pouco que me não alcança; foi arremessada com tanta força que, se o golpe lhe não falhava, ter-me-ia feito saltar os miolos, pois era quase tão grande como um melão; tive, porém, o prazer de ver que o estudantinho foi posto fora da sala.

Meu amo fez anunciar que, no dia seguinte, havia ainda de mostrar-me; entretanto, arranjaram-me um modo de condução mais cômodo, visto que ficara derreadíssimo com a primeira viagem, e com o espetáculo que dera durante oito horas consecutivas não me podia ter nas pernas e quase estava sem voz. Para concluir, quando estava de volta, os fidalgos das vizinhanças, ouvindo falar de mim, foram ter à casa do meu amo. Houve um dia em que apareceram mais de trinta com as mulheres e os filhos, porque nesse país, assim como na Inglaterra, há muitos fidalgos ociosos e mandriões.

Meu amo, vendo o proveito que podia tirar de mim, resolveu deixar-me ver nas mais importantes cidades do reino. Tendo-se fornecido das coisas mais necessárias para uma viagem longa, depois de ter regulado os seus negócios particulares, e de se haver despedido da mulher, a 17 de Agosto de 1703, aproximadamente dois meses depois da minha chegada, partimos em direção à capital, situada no centro deste império, a quinhentas léguas de distância da nossa moradia. Meu amo fez sentar a filha na garupa, por detrás dele. Levou-me em uma caixa presa em volta do corpo, metida no pano mais fino que ela pôde encontrar.

A vontade de meu amo era fazer-me ver pelo caminho, em todas as cidades, vilas e aldeias um pouco importantes, e percorrer até os solares da nobreza que pouco o desviassem do seu caminho. Fizemos jornadas pequenas, apenas de oitenta ou cem léguas, porque *Glumdalclitch*, de propósito, para me evitar fadiga, queixou-se de que já estava moída com o andamento do cavalo. Muitas vezes me tirava da caixa para tomar um pouco de ar. Atravessamos uns seis rios mais largos e mais profundos que o Nilo e o Ganges, e quase não havia ribeiro que não fosse maior do que o Tâmisa na ponte de Londres. Demorámo-nos três semanas nessa viagem e fui exibido em dezoito grandes cidades, sem contar várias aldeias e muitos solares de província.

Ao vigésimo sexto dia de Outubro, chegámos à capital, chamada na sua língua *Lorbrulgrud* ou o *Orgulho do Universo.* Meu amo alugou um aposento na principal rua da cidade, pouco afastado do palácio real, e distribuiu, conforme costumava, programas, contendo uma minuciosa e atraente descrição da minha pessoa e das minhas habilidades. Alugou uma grande sala de trezentos a quatrocentos pés de largura, onde colocou uma mesa com sessenta pés de diâmetro, em cima da qual eu devia desempenhar o meu papel; fê-la cercar de paliçadas, para evitar que eu caísse. Foi em cima desta mesa que me exibiu dez vezes por dia, com grande espanto e

satisfação de todo o povo. Então, sabia eu falar sofrivelmente a sua língua e entendia perfeitamente tudo quanto diziam de mim; além disso, aprendera o seu alfabeto e podia, embora com certo custo, ler e explicar os livros, porque *Glumdalclitch* dera-me lições em casa do pai e nas horas de descanso no decorrer da viagem; trazia um livro na algibeira, um pouco maior do que um volume de atlas, livro para uso das crianças, e que era uma espécie de catecismo resumido; servia-se dele para me ensinar as letras do alfabeto e dava-me a interpretação das palavras.

CAPÍTULO III

O autor é mandado para a corte; a rainha compra-o e o apresenta ao rei — Discute com os sábios de Sua Majestade — Preparam-lhe um aposento — Torna-se favorito da rainha — Mantém a honra do seu país — As suas questões com o anão da rainha.

O trabalho e o cansaço, durante alguns dias, abalaram a minha saúde, porque, quanto mais meu amo ganhava, mais se tornava insaciável. Perdera completamente o apetite e quase me tornara um esqueleto. Meu amo, dando por isso e julgando que pouco tempo teria de vida, resolveu fazer-me valer o mais possível. Enquanto assim raciocinava, um *sardral,* ou escudeiro do rei, veio dar ordem a meu amo para me levar imediatamente à corte, para divertimento da rainha e de todas as damas. Algumas dessas damas já me haviam visto e relataram coisas estupendas acerca da minha pequena figura, do meu gracioso garbo e da minha fina inteligência. Sua Majestade e a comitiva ficaram extremamente encantadas com as minhas maneiras. Ajoelhei-me e pedi graciosamente vênia para lhe beijar o real pé; esta princesa, porém, apresentou-me o seu dedo mínimo, que abrangi com os meus dois braços e onde pousei, com o máximo respeito, os meus lábios. Dirigiu-me perguntas gerais com referência ao meu país e às

minhas viagens, ao que respondi o mais distintamente que me foi possível, empregando poucas palavras; perguntou-me se ficaria satisfeito em viver na corte; fiz uma grande reverência até tocar na mesa em que me haviam colocado, e respondi humildemente ser escravo do meu amo, porém que, se isso apenas dependesse de mim, ficaria encantado em consagrar a minha vida ao serviço de Sua Majestade: em seguida, perguntou a meu amo se queria vender-me. Ele, que supunha que a minha vida não ia além de um mês, ficou radiante com a proposta e fixou o preço da minha venda em mil peças de ouro, que imediatamente lhe foram entregues. Pedi então à rainha que, visto haver-me tornado escravo de Sua Majestade, me concedesse a mercê de que *Glumdalclitch,* que fora sempre cheia de atenções e cuidados para comigo, fosse admitida em honra do seu serviço e continuasse a ser minha governanta. Sua Majestade concedeu-me isso e bem assim o lavrador, que bem contente se mostrou por ver a filha na corte. Quanto à pobre pequena, não podia ocultar a sua alegria. Meu amo retirou-se e disse-me, ao partir, que me deixava em um bom lugar, ao que apenas redargui com uma cavalheiresca vênia.

A rainha notou a frieza com que acolhera o cumprimento e a despedida do lavrador e perguntou-me o motivo. Tomei a liberdade de

responder a Sua Majestade que só devia ao meu antigo amo a obrigação de me não haver esmagado como a um pobre animal inofensivo, achado casualmente nos seus campos; que essa boa ação estava bem paga pelo proveito que tirara, mostrando-me por dinheiro e pela importância que recebera pela minha venda; que a minha saúde estava muito abalada pela minha escravatura e pela obrigação contínua de entreter e divertir a populaça a todas as horas do dia e que, se meu amo não me julgasse a vida em perigo, Sua Majestade não me teria adquirido; como, porém, não tencionava doravante ser tão infeliz sob a proteção de tão boa e tão nobre princesa, ornamento da natureza, admiração do mundo, delícias dos seus súditos e fênix da criação, esperava que as apreensões que sofrera com o meu último amo ficariam sem efeito, pois já achava a minha vida reanimada pela influência da sua augustíssima presença.

Tal foi a súmula do meu discurso, proferido com diversos barbarismos e muitas vezes hesitante.

A rainha, que bondosamente desculpou os defeitos da minha arenga, ficou surpreendida por encontrar tanto espírito e tão bom senso em um pequeno animal; tomou-me nas mãos e levou-me imediatamente ao rei, que estava encerrado no seu escritório. Sua Majestade, príncipe muito

sério e de rosto severo, não reparando bem à primeira vista na minha figura, perguntou finalmente à rainha desde quando se tornara protetora de um *splacnuck* (pois me tomara por este inseto). A rainha, porém, que tinha infinito espírito, colocou-me delicadamente sobre a secretária do rei e ordenou-me dissesse eu próprio quem era. Fi-lo em poucas palavras e *Glumdalclitch*, que ficara à entrada do escritório, não podendo estar muito tempo sem mim, entrou e explicou a Sua Majestade que eu fora encontrado num campo.

O rei, mais sábio do que ninguém dos seus Estados, fora educado no estudo das filosofias e principalmente nas matemáticas. Entretanto, quando viu de perto a minha estatura e o meu aprumo, antes que eu principiasse a falar, imaginou que poderia ser uma artificiosa máquina como um engenho que faz mover os espetos de assar, ou, melhor, um relógio inventado e executado por um hábil artista; mas, quando notou raciocínio nos sons que emitia, não pôde ocultar o seu espanto.

Mandou chamar três famosos sábios que estavam, então, de serviço na corte (segundo o admirável costume desse país). Esses cavalheiros, depois de terem examinado de perto o meu talhe com a máxima exatidão, discutiram diferentemente a meu respeito. Eram todos de

opinião que não podia ser produto que seguisse as leis ordinárias da natureza, porque era destituído da faculdade natural de conservar a minha vida, quer pela agilidade, quer pela facilidade de trepar a uma árvore, quer pelo poder de cavar a terra para fazer buracos onde pudesse ocultar-me, como os coelhos. Os meus dentes, que examinaram detidamente, fizeram-lhes conjecturar que era um animal carnívoro.

Um desses filósofos foi mais longe; disse que eu era um embrião, um aborto; essa opinião, contudo, foi rejeitada pelos outros dois, que observaram que os meus membros eram perfeitos e completos na sua espécie e que tinha vivido muitos anos, o que pareceu evidente na minha barba, cujos pêlos descobriram com um microscópio. Não quiseram afirmar que eu fosse anão porque a minha pequenez estava fora de toda a comparação, e porque o anão favorito da rainha, o menor que até então se vira nesse reino, tinha quase trinta pés de altura. Após grande discussão, concluíram unanimemente que eu não passava de um *replum sealcath*, o que, sendo interpretado literalmente, queria dizer *lusus naturae,* decisão muito conforme com a filosofia moderna da Europa, cujos professores, desprezando o velho subterfúgio das *causas ocultas,* a favor das quais os sectários de Aristóteles tentam mascarar a sua ignorância, inventaram esta maravilhosa solução de todas as

dificuldades da física. Admirável progresso da ciência humana!

Feita esta conclusão decisiva, tomei a liberdade de proferir algumas palavras: Dirigi-me ao soberano e protestei a Sua Majestade que vinha de uma região em que a minha espécie se encontrava em muitos milhões de indivíduos de ambos os sexos, em que os animais, as árvores e as casas eram proporcionais ao meu tamanho, e onde, por conseguinte, podia sentir-me em condições de defender-me e encontrar o meu sustento, as minhas necessidades e as minhas comodidades, do mesmo modo que qualquer súdito de Sua Majestade. Esta resposta fez sorrir desdenhosamente os filósofos, que replicaram que o lavrador me ensinara bem e que eu sabia a lição na ponta da língua. O rei, que tinha um espírito mais esclarecido, despedindo os sábios, mandou chamar o lavrador que, por felicidade, ainda não saíra da cidade. Tendo-o, pois, interrogado particularmente, e em seguida acareando-o comigo e com a pequena, Sua Majestade principiou a acreditar que o que eu dissera podia muito bem ser verdade. Rogou à rainha que desse ordem para que tivessem comigo um cuidado muito especial, e foi de opinião que me deixassem continuar sob a tutela de *Glumdalclitch,* ao notar que tínhamos uma grande afeição mútua.

A rainha ordenou ao seu carpinteiro que fizesse uma caixa que me pudesse servir de quarto de dormir, conforme o modelo que eu e *Glumdalclitch* lhe fornecêssemos. Este homem, que era um artífice muito hábil, fez-nos, em três semanas, um quarto de madeira com dezesseis pés de largo e doze de alto, com janelas, uma porta e dois aposentos.

Um outro operário excelente, que se tornara célebre pelas curiosas bugigangas que fabricava, lembrou-se de me fazer duas cadeiras de um material parecido com marfim, e duas mesas com um armário, para eu guardar as minhas roupas; em seguida, a rainha mandou procurar pelos mercadores as mais finas fazendas para me fazer uma roupa.

Esta princesa gostava tanto de me ouvir conversar, que não podia jantar sem mim. Tinha uma mesa colocada sobre aquela em que Sua Majestade comia, com uma cadeira em que me sentava. *Glumdalclitch* permanecia de pé sobre um tamborete, perto da mesa, para poder tomar conta de mim.

Certo dia, o príncipe, ao jantar, quis ter o prazer de conversar comigo, fazendo-me perguntas concernentes a costumes, religião, leis, governo e literatura da Europa, a que eu respondi o melhor que pude. O seu espírito era tão

apurado e o seu juízo tão seguro, que fez reflexões e observações muito sensatas sobre tudo quanto lhe disse; referindo-se a dois partidos, que dividem a Inglaterra, perguntou-me se eu era *whig* ou *tory;* depois, virando-se para o seu ministro, que se postara por detrás dele, empunhando um bastão branco tão alto como o mastro do *Soberano Real*, disse:

— Como a grandeza humana pouco vale, pois que vis insetos têm também ambição pelas classes e distinções entre si! Têm pequenos farrapos que envergam, tocas, gaiolas, caixas, a que chamam palácios e solares; equipagens, librés, títulos, empregos, funções, paixões, como nós. Entre eles ama-se, odeia-se, engana-se, trai-se, como aqui.

Era assim que filosofava Sua Majestade, na ocasião em que lhe falara na Inglaterra, e eu sentia-me confuso e indignado de ver a minha pátria, a senhora das artes, a soberana dos mares, o árbitro da Europa, a glória do Universo, tratada com tanto desprezo.

Não havia nada que me ofendesse e me incomodasse mais do que o anão da rainha, que, sendo de uma estatura até então não vista naquele país, se tornou de extrema insolência na presença de um homem muito menor do que ele. Olhava-me com ar altivo e desdenhoso e zombava

incessantemente da minha pequena estatura. Vinguei-me, apenas, tratando-o como *irmão.* Um dia, durante o jantar, o malévolo anão, aproveitando o ensejo, em que não pensava em coisa alguma, tomou-me pelo meio do corpo e deixou-me cair num prato de leite, desaparecendo logo. Fiquei apenas com as orelhas de fora e, se não fora um excelente nadador, decerto morreria afogado. *Glumdalclitch,* nessa ocasião, estava casualmente na parte oposta do aposento. A rainha ficou tão consternada com este acidente, que lhe faltou presença de espírito para me acudir; a minha pequena governanta, porém, correu logo em meu auxílio e tirou-me habilmente do prato, depois de eu ter bebido mais de meia canada de leite. Meteram-me na cama; entretanto, só sofri o desaire de perder a roupa, que ficou toda manchada. O anão foi castigado e eu senti certo prazer em assistir a esse castigo.

Vou agora fazer ao leitor uma ligeira descrição desse país, tanto pelo que pude conhecê-lo, como pelo que dele percorri. Toda a extensão do reino é aproximadamente de três mil léguas de comprimento e de duas mil e quinhentas de largura; daqui concluo que os nossos geógrafos da Europa se enganam, quando julgam que apenas há mar entre o Japão e a Califórnia. Imaginei sempre que devia haver daquele lado um grande continente, para servir de contrapeso ao grande continente da Tartária.

Devem, pois, corrigir-se os mapas e juntar esta vasta extensão do país à parte nordeste da América; e para isso estou disposto a auxiliar os geógrafos com as minhas luzes. Este reino é quase uma ilha, terminada ao norte por uma cadeia de montanhas que tem pouco mais ou menos trinta milhas de altitude, e de onde não é fácil a aproximação por causa dos vulcões, que são em grande número no cimo.

Os mais sábios ignoram que espécie de mortais habita além dessas montanhas, nem mesmo se lá existem habitantes. Não há porto algum nesse reino, e os locais da costa onde os rios vão perder-se no mar, são tão cheios de rochedos altos e escarpados, e o mar está ordinariamente tão agitado, que não há quase ninguém que se aventure a ele, de maneira que esses povos são excluídos de todo o comércio com o resto do mundo. Nos grandes rios pululam sempre excelentes peixes; assim, raramente se pesca no oceano, porque os peixes do mar são do mesmo tamanho dos da Europa e, com relação a eles, não merecem ser pescados; daí a evidência de que a natureza, na produção de plantas e animais de talhe enorme, se limita completamente a este continente, e, sob este ponto de vista, recorro aos filósofos. No entanto, apanham-se às vezes, na costa, baleias com que aquele povo se sustenta e se delicia. Vi uma dessas baleias, tão grande, que um homem

daquela região mal a podia levar às costas. Às vezes, por curiosidade, trazem-nas em cestos a *Lorbrulgrud*; vi um pedaço num prato à mesa do rei.

A região é muito povoada, porque contém cinqüenta e uma cidades, perto de cem burgos cercados de muralhas, e bem importante número de aldeias e lugarejos. Para satisfazer a curiosidade do leitor, bastará talvez dar a descrição de *Lorbrulgrud.* Esta cidade fica situada sobre um rio que a atravessa e a divide em duas partes quase iguais. Contém mais de oitenta mil casas e perto de seiscentos mil habitantes; tem de comprimento três *glonglus* (que são cerca de cinqüenta e quatro milhas inglesas) e dois e meio de largo, segundo a medida que tomei sobre o mapa real, levantado por ordem do rei, que foi estendido no chão de propósito para eu ver, e tinha cem pés de comprimento.

O palácio do rei é um edifício bastante irregular; ê antes um amontoado de edifícios, que têm perto de sete milhas de circuito; os principais aposentos têm a altura de duzentos e quarenta pés, tendo largura proporcional.

Cederam um coche para *Glumdalclitch* e para mim, a fim de vermos a cidade, as praças e os monumentos. Suponho que o coche era quase um quadrado como a sala de Westminster, não,

porém, tão alto. Um dia, fizemos parar o coche em diversas lojas, onde os mendigos, aproveitando o ensejo, se amontoaram junto das portinholas e me patentearam os mais horrorosos espetáculos que foi dado ver a olhos ingleses. Como eram disformes, estropiados, sujos, cheios de chagas, de tumores que à minha vista pareciam enormes, peço ao leitor que ajuíze da impressão que essas misérias me causaram e me poupe o descrevê-los.

As aias da rainha pediam muitas vezes a *Glumdalclitch* que as visitasse nos seus aposentos e que fosse eu com ela, para terem o prazer de me ver de perto e tocar-me. Diversas vezes me despiam e me punham nu dos pés à cabeça, para melhor examinarem a delicadeza dos meus membros. Nesse estado, gabavam-me, metiam-me às vezes no seio e faziam-me mil carícias; nenhuma delas, porém, tinha a pele tão macia como *Glumdalclitch.*

Estou persuadido de que não tinham más intenções; tratavam-me sem cerimônia, como uma criatura sem raciocínio, despiam-se à vontade e tiravam a própria camisa na minha presença sem tomar as precauções que a decência e o pudor exigem. Estava, entretanto, colocado em cima das cômodas, defronte delas e era obrigado, embora constrangido, a vê-las completamente nuas. E digo constrangido,

porque, na verdade, essa vista não me dava tentação alguma nem o menor prazer. A sua pele parecia-me áspera, pouco unida e de diferente coloração, com manchas aqui e ali, do tamanho de pratos; os seus compridos cabelos caídos pareciam pedaços de fitas; nada digo acerca de outros sítios do corpo, donde é preciso concluir que a beleza das mulheres, que tanta emoção nos causa, não passa de uma coisa imaginária, pois que as mulheres da Europa se assemelhariam a essas mulheres a que acabo de aludir, se os nossos olhos fossem microscópicos. Suplico ao belo sexo do meu país que não se melindre com esta minha observação. É coisa de pouca monta para as belas, serem feias a olhos penetrantes que nunca verão. Os filósofos sabem bem o que isto é; quando, porém, olham uma beleza, vêm-na como toda a gente e já não são filósofos. A rainha, que conversava muitas vezes comigo acerca de minhas viagens por mar procurava todos os ensejos possíveis para me distrair, quando me via melancólico. Perguntou-me, certo dia, se tinha destreza para manejar uma vela ou um remo, e se um pouco de exercício nesse gênero não conviria à minha saúde. Respondi que conhecia muito bem dos dois, porque, embora o meu emprego particular fosse o de cirurgião, isto é, médico da armada, fui, muitas vezes, obrigado a trabalhar como marinheiro, mas ignorava como isso se fazia neste país, onde o barco menor era igual a um

navio de guerra de primeira ordem entre nós; demais, um navio proporcionado à minha estatura e às minhas forças não poderia flutuar durante muito tempo naquelas águas, e não poderia governá-lo. Sua Majestade disse-me que, se eu quisesse, o seu carpinteiro de navios faria um pequeno barco e me escolheria um lugar próprio, em que eu pudesse navegar. O carpinteiro de navios, seguindo as minhas indicações, construiu, no prazo de dez dias, um pequeno navio com todas as suas cordagens, capaz de conter comodamente oito europeus. Assim que o deu pronto, a rainha ordenou ao construtor que fizesse um tanque de madeira, com o comprimento de trezentos pés, a largura de cinqüenta e a profundidade de oito, o qual era bem alcatroado para impedir que a água saísse; foi colocado no chão, ao longo da parede, numa sala exterior do palácio: tinha uma torneira perto do fundo para deixar sair a água de tempos a tempos, e dois criados podiam-no encher em meia hora. Foi aí que remei para meu divertimento, tanto como para divertir a rainha e as suas damas, que sentiram grande prazer em ver a minha agilidade e jeito. Algumas vezes içava a vela e o meu único trabalho era governar o leme, enquanto as damas faziam vento com os leques; quando se encontravam cansadas, alguns pajens impeliam e faziam andar o navio com o seu sopro, enquanto eu mostrava a minha destreza a

estibordo e a bombordo, conforme me apetecia. Quando acabava, *Glumdalclitch* guardava o navio no seu quarto e suspendia-o de um prego para secar.

Durante este exercício aconteceu-me um dia um acidente que me ia custando a vida, porque um dos pajens colocou o meu navio no tanque, e uma mulher da comitiva de *Glumdalclitch* levantou-me muito delicadamente para me meter no navio; mas, escorregando-lhe pelos dedos, cairia infalivelmente da altura de quarenta pés para a coberta, se não fosse detido por um grande alfinete, que estava preso no avental dessa mulher. A cabeça do alfinete passou por entre a camisa e o cós das calças e assim fiquei suspenso no ar pelos fundilhos, até que *Glumdalclitch* veio em meu auxílio.

Doutra vez, um dos criados, cuja função consistia em mudar a água ao meu tanque de três em três dias, foi tão desastrado que deixou cair à água uma enorme rã, sem que desse por isso.

A rã esteve oculta até o momento em que embarquei; então, vendo que tinha onde pousar-se, trepou para o navio e fê-lo inclinar de tal maneira que me vi obrigado a fazer contrapeso do lado oposto, para evitar que o navio submergisse, e depois, usando dos remos, forcei-a a sair.

Vou agora narrar o maior perigo que corri neste reino. *Glumdalclitch* tinha-me fechado à chave no seu quarto, saindo para negócios ou para fazer alguma visita. Era no verão e a janela do quarto e bem assim as janelas e a porta dos meus aposentos encontravam-se abertas; enquanto estava sentado tranqüila e melancolicamente perto da mesa, ouvi qualquer coisa entrar pela janela e andar aos pulos de um lado para outro. Ainda que ficasse um pouco assustado, tive coragem de olhar para fora, sem porém me levantar da cadeira; vi então um animal a pular e a saltar para todos os lados, o qual, por fim, se aproximou da minha caixa; este animal, que era um macaco, olhando para dentro e em todas as direções, causou-me tal terror que não tive a presença de espírito suficiente para me meter debaixo da cama, como podia fazer com grande facilidade. Depois de muitas caretas e cabriolas, descobriu-me, e, metendo uma das mãos pela abertura da porta, como costuma fazer um gato que brinca com um rato, embora mudasse muitas vezes de lugar para me pôr a salvo, agarrou-me pelas bandas do colete, (que era de fazenda desse país, muito espessa e muito forte) e puxou-me para fora. Agarrou-me com a mão direita e segurou-me como uma ama segura uma criança que vai amamentar, do mesmo modo que eu vi fazer à mesma espécie de animal com um gato da Europa. Quando me debatia,

apertava-me com tanta força, que me pareceu que o melhor partido a tomar era ficar sossegado e ceder a tudo quanto lhe aprouvesse. Tenho alguns motivos para crer que me tomou por um pequeno macaco, porque, com a outra mão, afagava-me o rosto. Foi repentinamente interrompido por um ruído à porta do aposento, como se alguém tentasse abri-la; de súbito, saltou pela janela por onde tinha entrado, e daí, para os beirais, caminhando sobre as três mãos e segurando-me com a quarta, até que atingiu um telhado que ficava contíguo ao nosso. Nesse instante ouvi que *Glumdalclitch* soltava estridentes gritos. A pobre moça estava num grande desespero e toda essa parte do palácio ficou sobressaltada; os criados correram em busca de enxadas; o macaco foi visto por muitas pessoas sentado na empena de um edifício, segurando-me como uma boneca numa das mãos e dando-me de comer com a outra, metendo-me na boca algumas carnes que tinha apanhado, e batendo-me, quando eu não queria comer, o que era motivo de galhofa para a gentalha que me via debaixo, no que tinha razão porque, salvo para mim, a coisa tinha sua graça. Alguns atiraram pedras na esperança de fazer descer o macaco, mas foram logo proibidos disso pelo receio que tinham de me partir a cabeça.

As escadas foram montadas e muitos homens subiram-nas. Logo o macaco, aterrado, deixou o

campo livre e largou-me sobre um beiral. Então, um dos lacaios da minha dona, excelente rapaz, subiu e, metendo-me na algibeira das calças, fez-me descer com segurança.

Estava quase sufocado com as porcarias que o macaco me tinha metido nas goelas; a minha querida dona, porém, deu-me um vomitório que me aliviou. Estava tão fraco e tão moído pelos apertões deste animal, que fui obrigado a recolher à cama, onde permaneci durante quinze dias. O rei e toda a corte mandaram perguntar por mim todos os dias. O macaco foi condenado à morte e foi lavrado um decreto em que se proibia a posse de um animal deste gênero nas imediações do palácio. Da primeira vez que, depois de estar completamente restabelecido, me apresentei ao rei para lhe agradecer todos os seus cuidados, deu-me a honra de chalacear muito a respeito deste caso; perguntou-me quais tinham sido os meus pensamentos e reflexões, enquanto estive nas mãos do macaco; que gosto tinham os alimentos que me dera, e se o ar fresco, que respirara no telhado, me não aguçara o apetite. Desejou muito saber o que faria em tal situação no meu país. Disse a Sua Majestade que na Europa não havia macacos, à exceção de dois que tinham trazido de países estrangeiros, e que eram tão pequenos que ninguém podia temê-los e que, com respeito àquele enorme animal, (era, de fato, tão grande como um elefante), se o medo me

houvesse dado tempo para pensar nos meios de recorrer à minha espada, (e proferindo estas palavras, tomei um ar altivo e levei a mão ao punho da espada), quando meteu a mão no meu quarto, talvez lhe fizesse tal ferimento que o obrigasse a retirar-se mais depressa do que viera. Pronunciei estas palavras num tom enérgico, como uma pessoa ciosa de sua honra e que tem sentimentos. No entanto, o meu discurso apenas produziu uma gargalhada, e todo o respeito devido a Sua Majestade por parte daqueles que o rodeavam, não pôde retê-los, o que me fez refletir sobre a tolice de um homem que tenta dignificar-se em presença dos que estão fora de todos os graus de igualdade ou de comparação para com eles; e, entretanto, o que então me aconteceu, vi repetir-se muitas vezes em Inglaterra, onde um homenzinho se orgulha, se faz valer, finge de fidalgote e ousa tomar ares importantes como grandes do reino, porque tem algum talento.

Fornecia todos os dias à corte matéria para algum ridículo, e *Glumdalclitch,* embora me estimasse com grandes extremos, era bastante maliciosa para informar a rainha das asneiras que eu às vezes fazia, supondo que, referindo-as, podia fazer rir Sua Alteza. Tendo-me um dia, por exemplo, apeado do coche em passeio, acompanhado por *Glumdalclitch,* levado por ela dentro da caixa, desatei a andar; havia excremento de vacas pelo caminho; quis, para

demonstrar a minha agilidade, saltá-lo; por infelicidade, porém, saltei mal e caí exatamente no meio, de maneira que fiquei todo sujo. Tiraram-me dali a custo e um dos lacaios limpou-me o melhor que pôde com um lenço. A rainha foi depressa sabedora daquela impertinente aventura e os lacaios divulgaram-na por toda parte.

CAPÍTULO IV

Diversas idéias do autor para agradar ao rei e à rainha — O rei informa-se acerca da Europa, de que o autor lhe faz um relatório — As observações do rei sobre este assunto.

Eu costumava ir ter com o rei, quando ele se levantava, uns três dias por semana, e encontrava-me lá muitas vezes quando o barbeavam, o que, a princípio, me fazia tremer: a navalha do barbeiro era quase duplamente do tamanho de uma foice. Sua Majestade, consoante era uso do seu país, só se barbeava duas vezes por semana. Certo dia pedi ao barbeiro alguns pêlos da barba de Sua Majestade. Tendo-me feito presente deles, peguei num pedaço de madeira e, fazendo-lhe alguns buracos com o bico de uma agulha, prendi, aí, com tal habilidade, os pêlos, que fiz um pente, o que foi um grande auxílio, porque o meu estava todo partido e quase inútil e não fui capaz de encontrar na região um operário que os soubesse fabricar.

Lembro-me de uma diversão que procurei para mim por essa mesma ocasião. Pedi a uma das criadas graves da rainha, que guardasse os finos cabelos que caíssem da cabeça de Sua Alteza quando a penteassem, e que mos desse. Juntei uma considerável porção e, então,

aconselhando-me com o marceneiro que recebera ordem para fabricar tudo quanto eu lhe pedisse, dei-lhe instruções para fazer duas poltronas do tamanho das que se encontravam na minha caixa e de fazer-lhes pequenos buracos com uma sovela delgada.

Quando os pés, os braços, as travessas e os espaldares ficaram prontos, compus o fundo com os cabelos da rainha, que passei pelos buracos e fiz delas cadeiras parecidas com as de cana de que nos servimos em Inglaterra. Tive a honra de presentear com elas a rainha, que as meteu num armário como uma curiosidade.

Quis um dia que me sentasse numa dessas cadeiras, mas eu excusei-me, protestando que não era tão temerário nem tão insolente que aplicasse o assento sobre os respeitáveis cabelos que tinham, noutro tempo, ornado a cabeça de Sua Alteza. Como era dotado de jeito para a mecânica, fiz, em seguida, com esses cabelos, uma pequena bolsa bem talhada, com o comprimento aproximado de duas varas, com o nome de Sua Alteza tecido em letras douradas, que dei a *Glumdalclitch,* com o consentimento da rainha.

O rei, que deveras apreciava música, dava muitas vezes concertos, a que eu assistia metido na caixa; o ruído, porém, era tão grande, que

quase me era impossível distinguir os acordes. Tenho a certeza de que nem os tambores nem as trombetas de um exército real, rufando e soando perto dos meus ouvidos ao mesmo tempo, poderiam igualar aquele ruído. Eu costumava fazer colocar a caixa longe do sítio em que estavam os concertistas, de fechar as portas e as janelas e de correr os cortinados: com essas precauções, não achava desagradável a música.

Aprendi, na minha mocidade, a tocar cravo, *Glumdalclitch* possuía um no seu quarto, onde, duas vezes por semana, ia um professor para ensinar. Deu-me um dia a fantasia para deliciar o rei e a rainha com uma ária inglesa tocada neste instrumento; isso, porém, pareceu-me extremamente difícil, porque o cravo tinha quase sessenta pés de comprimento e as teclas eram da largura aproximada de um pé, de maneira que, com os meus dois braços estendidos, não podia atingir mais do que cinco teclas e, além disso, para tirar alguns sons, tinha que dar fortes punhadas. No entanto, tive segunda idéia: arranjei dois bastões quase com a grossura de uma agulha de meia vulgar e forrei as extremidades dos bastões com pele de rato, para bater sobre as teclas e delas tirar alguns sons; coloquei-me num banco fronteiro para onde subi e então desatei a correr com toda a presteza e agilidade possível sobre essa espécie de estrado, batendo aqui e ali sobre o teclado, servindo-me

dos bastões com toda a força, de maneira que acabei por tocar uma giga inglesa com grande contentamento de Suas Majestades. Forçoso é, porém, confessar que nunca fiz exercício mais violento nem mais fatigante.

O rei, como já disse, era um príncipe cheio de espírito, e dava muitas vezes ordem para me trazerem na caixa e colocarem-me na secretária do seu escritório. Então pedia-me para que tirasse uma das cadeiras para fora da caixa e me sentasse de modo que ficasse no nível do seu rosto. Desta forma, frequentemente, com ele falei. Certo dia, tomei a liberdade de dizer a Sua Majestade que o desprezo que ele concebera pela Europa e pelo resto do mundo não estava em harmonia com as excelentes faculdades de espírito que o distinguiam; que a inteligência nada tinha com o tamanho do corpo; que, pelo contrário, havíamos observado, no nosso país, que os indivíduos de elevada estatura não eram, em geral, os mais engenhosos; que, entre os animais, as abelhas e as formigas gozavam da reputação de ter mais indústria, artifício e sagacidade; e, finalmente, que, embora ele pouca importância ligasse à minha figura, contudo esperava poder prestar grandes serviços a Sua Majestade. O rei ouviu-me com grande atenção e principiou a olhar-me de outro modo e a não avaliar a minha inteligência pelo meu tamanho.

Ordenou-me então que lhe fizesse uma exata relação do governo da Inglaterra, porque, ainda que os príncipes estejam ordinariamente prevenidos a favor das suas máximas e dos seus usos, ficaria bem satisfeito por saber se haveria alguma coisa no meu país que lhe fosse útil imitar. Imagine o meu querido leitor qual não seria o meu desejo em possuir o engenho e a língua de Demóstenes e de Cícero, para ser capaz de descrever dignamente a minha pátria, Inglaterra, e traçar dela uma idéia sublime.

Principiei por dizer a Sua Majestade que os nossos Estados eram constituídos por duas ilhas que formavam três poderosos reinos governados por um único soberano, sem que figurassem em linha de conta as nossas colônias na América. Alarguei-me deveras sobre a fertilidade do nosso território e sobre a variedade do nosso clima. Em seguida, descrevi a constituição do Parlamento inglês, composto, em parte, de uma corporação ilustre chamada *Câmara dos Pares,* personagens do sangue mais nobre, antigos proprietários e senhores das mais belas terras do país. Disse do extremo cuidado que havia na sua educação com relação às ciências e às armas para os tornar capazes de serem conselheiros natos do reino, de terem parte na administração do governo, de serem membros da mais elevada categoria da magistratura, de que não havia apelo, e da sua pátria, pelo seu valor, comportamento e

fidelidade; que esses senhores eram o ornamento e o esteio do reino, dignos sucessores dos seus antepassados, cujas honras haviam obtido como recompensa de uma virtude insigne e que nunca se vira a sua posteridade degenerar; que a esses senhores estavam agregados santos homens, que tinham o seu lugar entre os *bispos,* cujo cargo particular era velar pela religião e por aqueles que a pregam ao povo; que se buscavam e se escolhiam no clero os mais santos e os mais sábios homens para serem investidos nessa eminente dignidade.

Acrescentei que a outra parte do Parlamento era uma assembléia respeitável denominada *Câmara dos Comuns,* composta de nobres, escolhidos livremente, e até deputados pelo povo, unicamente por causa das suas luzes, dos seus talentos e do seu amor pela pátria, a fim de representar o saber de toda a nação. Disse que esses dois corpos formavam a mais augusta assembléia do universo que, de acordo com o príncipe, dispunha de tudo e regulava, de certo modo, o destino de todos os povos da Europa.

Em seguida, desci aos arcanos da justiça, onde tinham assento veneráveis intérpretes da lei, que decidiam as diferentes contestações dos particulares, que puniam o crime e protegiam a inocência. Não deixei de falar da sábia e econômica administração das nossas finanças e

de me esplanar sobre o valor e as expedições dos nossos guerreiros de mar e de terra. Computei o número do povo, contando também que havia milhões de homens professando diversas religiões e diferentes partidos políticos entre nós. Não omiti nem os nossos jogos, nem os espetáculos, nem nenhuma outra particularidade que eu supusesse dar honra ao meu país, e terminei com uma pequena narração histórica das últimas revoluções da Inglaterra, desde há cem anos para cá, pouco mais ou menos.

Esta conversa durou cinco audiências, cada uma delas de grande número de horas, e o rei ouviu tudo com a máxima atenção, escrevendo o extrato de quase tudo o que lhe dizia e marcando, ao mesmo tempo, os pontos sobre que tencionava interrogar-me.

Assim que concluí estes meus longos discursos, Sua Majestade, numa sexta audiência, examinando os seus extratos, apresentou-me muitas dúvidas e grandes objeções acerca de cada assunto. Perguntou-me quais eram os meios vulgares empregados para cultivar o espírito da nossa juvenil nobreza; quais as medidas que se tomavam, quando uma casa nobre se extinguia, o que podia dar-se de tempos a tempos; quais as qualidades precisas aos que deviam ser criados como novos pares; se o capricho do príncipe ou uma importante quantia dada de propósito a uma

dama da corte e a um favorito, ou um desejo de fortalecer um partido de oposição ao bem público, não eram nunca motivos para essas promoções; qual era o grau de ciência que os pares possuíam acerca das leis do seu país, e como se tornavam capazes de decidir em último recurso dos direitos dos seus compatriotas; se eram sempre isentos de avareza e preconceitos; se os santos bispos de que eu falara, alcançavam sempre esse alto cargo pela sua ciência sobre matérias teológicas e pela santidade da sua vida; se nunca tiveram fraquezas; se nunca tinham intrigado enquanto padres, se não tinham sido outrora esmoleres de um par, por intermédio do qual conseguiam ser elevados a bispos e se, neste caso, não seguiam sempre, cegamente, a opinião do par e não serviam a sua paixão ou o seu preconceito na assembléia do Parlamento.

Quis saber como se procedia para a eleição daqueles que chamara de *comuns;* se um estranho, com uma bolsa recheada de ouro, não podia, algumas vezes, ganhar o sufrágio dos eleitores à força do dinheiro, fazer-se preferido ao seu próprio senhor, ou aos mais importantes e mais distintos da nobreza na vizinhança; por que é que havia tamanha paixão em se ser eleito para a assembléia, pois que esta eleição dava ensejo a uma grande despesa e não rendia coisa alguma; que era preciso, pois, que os eleitos fossem homens de um completo desinteresse e de uma

eminente e heróica virtude, ou, ainda, que contassem ser indenizados e reembolsados com usura pelo príncipe e pelos ministros, sacrificando por eles o bem público. Sua Majestade apresentou-me, sobre esta matéria, dificuldades extraordinárias, que a prudência me não permite repetir.

Acerca do que lhe disse dos arcanos da justiça, Sua Majestade quis ser esclarecido em muitíssimos pontos. Estava bem no caso de satisfazê-lo, pois em outros tempos quase ficara arruinado com um longo processo em estado de ser julgado; se ficava muito caro um pleito; se os advogados tinham liberdade para defender as causas evidentemente injustas; se nunca se havia notado que o espírito partidário e de religião tivesse feito pender a balança; se esses advogados tinham algum conhecimento dos primeiros inícios e das leis gerais de equidade, ou se não se contentavam em saber as leis arbitrárias e os costumes locais do país; se eles e os juízes tinham o direito de interpretar e comentar as leis a seu modo; se os pleiteantes e as sentenças não estavam algumas vezes em contradição uns com outros na mesma espécie.

Depois, começou a interrogar-me sobre a administração das finanças, e disse-me que eu tinha desprezado esse assunto, porque não fizera subir senão a cinco ou seis milhões por ano os

impostos; que, no entanto, a despesa do Estado ia muito além e excedia muitas vezes a receita.

Não podia, dizia ele, conceber como é que um reino ousava despender além do seu rendimento e comer os seus bens como um particular. Perguntou-me quais eram os nossos credores e se nós teríamos com que lhes pagar; se mantínhamos a seu respeito as leis da natureza, da razão e da equidade. Estava admirado da pormenorização que lhe fizera das nossas guerras e das despesas excessivas que exigiam. Era preciso, certamente, dizia ele, que nós fôssemos um povo bem irrequieto e bem questionador ou que tivéssemos maus vizinhos.

— Que têm vocês a deslindar — acrescentava ele — fora das ilhas? Possuem aí outro negócio que não seja o comércio? Devem pensar em fazer conquistas? E não lhes basta tomar conta dos portos e das costas?

O que deveras o assombrou, foi saber que mantínhamos um exército no seio da paz e no meio de um povo livre. Disse que, se fôssemos governados com o nosso próprio consentimento, não podia imaginar que tivéssemos medo e contra quem nos havíamos de bater. Perguntou-me se a casa de um particular não seria melhor defendida por ele próprio, pelos filhos e pelos criados do que por uma cáfila de patifes e de gatunos tirados ao

acaso da escória do povo, com salário diminuto, e que poderiam ganhar cem vezes mais.

Riu muito da minha extravagante aritmética, (como lhe aprouve chamar), quando computei o número dos nossos habitantes, calculando as diferentes seitas que vivem entre nós, com relação à religião e à política.

Notou que, entre as diversões da nobreza, eu mencionara o jogo. Quis saber em que idade era essa diversão ordinariamente praticada e por quanto tempo, e se algumas vezes não se alterava a fortuna dos particulares e lhes não fazia cometer ações baixas e indignas; se homens vis e corruptos não podiam, algumas vezes, pela sua habilidade nesse mister, adquirir grandes riquezas, ter mesmo os nossos pares em uma espécie de dependência, acostumá-los a viver em más companhias, desviá-los inteiramente da cultura do seu espírito e do cuidado dos seus negócios particulares e forçá-los pelas perdas que podiam causar, ensiná-los talvez a servir-se dessa mesma habilidade infame que os arruinara.

Ficara extremamente admirado com a narrativa que lhe fizera da nossa história do último século, que não passava, segundo ele, de um encadeamento horrível de conjurações, de rebeliões, de chacinas, de morticínios, revoluções, de exílios e dos mais horrendos defeitos que a

avareza e o espírito de facção, a hipocrisia, a perfídia, a cruzada, a raiva, a loucura, o ódio, a inveja, a maldade e a ambição podiam engendrar.

Sua Majestade em uma outra audiência teve o trabalho de recapitular a substância de tudo quanto eu dissera, comparou as perguntas que me dirigira com as respostas que lhe dera; depois, tomando-me nas suas mãos, e afagando-me carinhosamente, exprimiu-se por estas palavras, que nunca esquecerei assim como não esquecerei o modo por que as pronunciou:

— Meu querido amiguinho *Grildrig,* fizeste um panegírico bem extraordinário acerca do teu país; provaste à evidência que a ignorância, a preguiça e o vício podem ser, às vezes, as únicas qualidades de um homem de Estado; que as leis são esclarecidas, interpretadas e aplicadas o melhor possível por indivíduos cujos interesses e rapacidade os levam a corrompê-las, a embrulhá-las e a iludi-las. Noto entre vós a constituição de um governo que, no seu princípio, foi talvez suportável, porém que o vício desfigurou por completo. Não me parece até, por tudo quanto me disseste, que uma única virtude seja requerida para alcançar alguma função ou algum lugar eminente. Vejo que os homens não são enobrecidos pela virtude; os sacerdotes, não avançam pela piedade ou pela ciência; os soldados, pelo seu comportamento ou pelo seu

valor; os juízes, pela sua integridade; os senadores, pelo amor da pátria, nem os homens de Estado pelo seu saber. Mas quanto a ti, que passaste a mor parte da vida em viagens, quero crer que não tenhas enfermado dos vícios do teu país; mas, por tudo o que me referiste a princípio, e pelas respostas que te obriguei a dar às minhas objeções, suponho que a maioria dos teus compatriotas é a mais perniciosa casta de insetos que a natureza jamais suportou que rastejasse sobre a superfície da terra.

CAPÍTULO V

Zelo do autor pela honra da sua pátria — Faz uma vantajosa proposta ao rei, que a rejeita — A literatura deste povo é imperfeita e limitada — As suas leis, os seus assuntos militares e os seus partidários de Estado.

O amor pela verdade não permitiu que eu calasse esta minha conversa com o rei; este mesmo amor, porém, não me deixou também que me abstivesse de falar, quando vi o meu querido país tratado com tal vilipêndio. Iludi habilmente a mor parte das suas perguntas e dei a cada coisa a mais favorável forma que pude, porque, quando se trata de defender a minha pátria e de manter a sua glória, exalto-me, quando vejo que não há razão; então, nada omito para ocultar os seus defeitos e deformidades e para colocar a sua virtude e beleza na posição mais vantajosa. Foi o que me esforcei por fazer nas diversas conferências que tive com o judicioso monarca; por desgraça, perdi o meu trabalho.

No entanto, necessário é desculpar um rei que vive completamente separado do resto do mundo e que, por conseguinte, ignora os usos e costumes das outras nações. Esse defeito de conhecimentos será sempre a causa de muitos preconceitos e de uma certa maneira limitada de

pensar, e que as idéias de virtude e de vício de um príncipe estrangeiro e isolado fossem tidas como regras e como máximas a seguir.

Para confirmar o que acabo de dizer e para fazer ver os desgraçados efeitos de uma educação limitada, relatarei, aqui, uma coisa que, com certo custo, se acreditará. Com o fim de alcançar as boas graças de Sua Majestade, dei-lhe conta de uma descoberta feita há uns quatrocentos anos, um pequeno pó negro que uma pequeníssima centelha podia acender num instante, de tal maneira que seria capaz de fazer ir pelos ares montanhas, com um ruído maior do que o do trovão; que certa quantidade deste pó, sendo metida num tubo de bronze ou de ferro, conforme a sua grossura, fazia sair uma bala de chumbo ou de ferro com tão grande violência e tanta velocidade, que nada era capaz de sustar a sua força; que as balas assim lançadas de um tubo fundido e expelidas pela inflamação daquele pequeno pó, quebravam, voltavam, davam cabo de batalhões, de esquadrões, arrasavam as mais fortes muralhas, deitavam por terra as mais elevadas torres e faziam soçobrar os maiores navios; que esse pó, metido num globo de ferro expelido por certa máquina, queimava, esmagava casas e lançava em todas as direções estilhaços que fulminavam tudo quanto encontrassem; que conhecia a composição desse maravilhoso pó, onde só entravam coisas vulgares e de preço

econômico e que até poderia ensinar aos seus súditos o segredo, se Sua Majestade quisesse; que, por meio deste pó, Sua Majestade derrubaria as mais fortes muralhas da mais potente cidade do seu reino, se alguma vez se sublevasse e ousasse resistir-lhe.

O rei, assombrado com a descrição que lhe fiz dos terríveis efeitos do meu pó, parecia não poder compreender como um inseto impotente, fraco, vil e rasteiro, imaginara tão horrível coisa, e de que ousava falar de forma tão familiar, que parecia olhar como bagatelas a carnificina e desolação que produzia tão pernicioso invento.

— Era preciso — dizia ele — que o seu inventor fosse um gênio mau, inimigo de Deus e das suas obras.

Respondeu que, embora nada lhe agradasse mais do que as novas descobertas, quer na natureza, quer nas artes, preferia perder a coroa a fazer uso de tão funesto segredo, proibindo-me, sob pena de perder a vida, de divulgá-lo a qualquer dos seus súditos; doloroso efeito da ignorância e da tacanhez de espírito de um príncipe sem educação. Este monarca, ornado com todas as qualidades que alcançam a veneração, o amor e a estima dos povos, de espírito forte e penetrante, de grande prudência, de profunda ciência, dotado de admiráveis

talentos para o governo, quase adorado pelo seu povo, encontra-se estupidamente incomodado por um capricho excessivo e extravagante, de que nunca fizemos idéia na Europa, e deixa fugir uma ocasião que lhe vem parar às mãos para se tornar o senhor absoluto da vida, da liberdade e dos bens de todos os seus súditos.

Não digo isto com o intuito de rebaixar as virtudes e as luzes deste príncipe, a quem, não ignoro, esta narrativa há-de desacreditar no espírito de um leitor inglês; mas asseguro que este defeito não provinha senão da ignorância. Esses povos não tinham ainda reduzido a política a uma arte, como os nossos sublimes espíritos da Europa.

Lembro-me de que, numa conversa que certo dia tive com o rei, disse-lhe que havia entre nós um grande número de volumes escritos acerca da arte de governar, e Sua Majestade formou a esse respeito uma opinião muito baixa do nosso espírito, acrescentando que desprezava e detestava todo o mistério, todo o requinte e toda a intriga nos processos de um príncipe ou de um ministro de Estado. Não podia compreender o que eu queria dizer com os segredos de gabinete.

Quanto a ele, resumira a ciência de governar em estreitíssimos limites, reduzindo-a ao senso comum, à razão, à justiça, à brandura, à rápida

decisão dos processos civis e criminais e a outras práticas semelhantes ao alcance de toda a gente e que não merecem referência. Por fim, arriscou este estranho paradoxo que, se alguém pudesse fazer crescer duas espigas ou dois bocados de erva num pouco de terra onde antes só havia um, mereceria mais do gênero humano e prestaria um serviço mais essencial ao seu país do que toda a raça dos nossos sublimes políticos.

A literatura deste povo é muitíssimo limitada e consiste apenas no conhecimento da moral, da história, da poesia e das matemáticas; preciso é, porém, confessar que são excelentes nestes quatro gêneros.

O último dos citados conhecimentos só é aplicado por eles a tudo quanto seja útil, de maneira que o melhor da nossa matemática seria muito pouco apreciado por eles. Com respeito a entidades metafísicas, abstrações e categorias, foi-me impossível fazer que as compreendessem.

Nesse país não é permitido decretar uma lei que empregue mais palavras do que as letras existentes no alfabeto, que é composto de vinte e duas apenas; há até muito poucas leis que tenham tais dimensões. São todas expressas em termos claros e simples, e esses povos não são nem muito vivos, nem muito engenhosos para lhes achar algum sentido; e, além disso, é crime

capital escrever um comentário sobre qualquer lei.

Possuem desde remotíssimos tempos a arte de imprimir, tão bem como os chineses; as suas bibliotecas, porém, não são grandes; a do rei, que é mais numerosa, é constituída por mil volumes apenas, enfileirados numa galeria de duzentos pés de comprimento, onde tive a liberdade de ver todos os livros que me aprouve. O livro que tive, a princípio, curiosidade de ler, foi colocado em cima de uma mesa sobre a qual me puseram; então, voltando o rosto para o livro, comecei pelo alto da página; passeava por cima dele, para a direita e para a esquerda, cerca de dez passos, conforme o comprimento das linhas, e recuava à medida que caminhava na leitura das páginas. Começava a ler outra página pelo mesmo processo, depois do que a virava, o que com dificuldade pude fazer com as minhas duas mãos, porque o papel era tão espesso e tão seco como papelão. O seu estilo é claro, másculo e suave, mas nunca florido, porque não sabem entre si multiplicar as palavras inúteis e variar as expressões. Percorri muitos dos seus livros, principalmente aqueles que diziam respeito à história e à moral; entre outros, li com prazer um velho tratado que estava no quarto de *Glumdalclitch* e que se intitulava: *Tratado da fraqueza do gênero humano* e que apenas era estimado pelas mulheres e pelas classes menos elevadas. Entretanto, tive a

curiosidade de saber o que um autor desse país podia dizer sobre semelhante assunto. Este escritor fazia ver muito extensamente quanto o homem está pouco em situação de se pôr ao abrigo das injúrias da atmosfera e da fúria dos animais ferozes; quanto era ultrapassado por outros animais, quer em força, quer em velocidade, quer na previdência, quer na indústria. Mostrava que a natureza se tinha degenerado nos últimos séculos e que estava a declinar.

Ensinava que as próprias leis da natureza revelavam absolutamente que tínhamos sido, a princípio, de uma estatura maior e de uma compleição mais vigorosa, para não sermos sujeitos a uma súbita destruição pela queda de uma telha de cima de uma casa, ou de uma pedra arremessada pela mão de uma criança, ou para não nos afogarmos em algum rio. Desses raciocínios, o autor tirava diversas aplicações úteis à conduta da vida. Quanto a mim, não podia deixar de fazer reflexões sobre esta moral e sobre a tendência universal que têm todos os homens de se queixar da natureza e de exagerar os seus defeitos.

Estes gigantes tinham-se como pequenos e fracos. Que somos nós, europeus? Esse mesmo autor dizia que um homem não passava de um verme da terra e de um átomo e que a sua

pequenez devia sempre humilhá-lo. Ai! que sou eu — dizia de mim para mim — eu, que estou abaixo de nada em comparação desses homens que se consideram tão pequenos e tão insignificantes!

Nesse mesmo livro fazia-se ver a vaidade do título de alteza e grandeza, e quanto era ridículo que um homem, que tinha mais de cento e cinqüenta pés de altura, ousasse dizer-se alto e grande. Que pensariam os príncipes e os soberbos senhores da Europa — pensava eu então — se lessem este livro, eles que, com cinco pés e algumas polegadas, pretendem, sem cerimônia, que se lhes dê o tratamento de *alteza* e de *grandeza?* Mas, por que é que não exigiam também os títulos de grossura, largura e espessura? Ao menos teriam podido inventar um termo geral para compreender todas essas dimensões e fazer-se chamar *vossa extensão.* Responder-se-me-á, talvez, que as palavras *alteza* e *grandeza* se relacionam com a alma e não com o corpo; mas, se assim é, por que não tomar títulos mais próprios e mais condizentes com um sentido espiritual? Por que não se fizeram tratar por *vossa sabedoria, vossa penetração, vossa previdência, vossa liberalidade, vossa bondade, vosso bom senso, vosso belo espírito*? É preciso confessar que, como estes títulos teriam sido muito belos e muito honrosos, teriam também semeado muita amenidade nos cumprimentos

dos inferiores, não havendo nada mais divertido do que um discurso cheio de contradições.

A medicina, a cirurgia, a farmacopéia são muito cultivadas nesse país. Entrei, certo dia, num vasto edifício, que julguei ser um arsenal cheio de balas e canhões: era a loja de um boticário; as balas eram pílulas e os canhões, seringas. Comparativamente, os nossos maiores canhões são, em verdade, modestas colubrinas.

Com relação à sua milícia, diz-se que o exército do rei é composto de cento e seis mil homens de pé e de trinta e dois mil de cavalo, se lícito é dar-se esse nome a um exército constituído de negociantes e lavradores, cujos comandantes não são senão seus pares e a nobreza sem recompensa nem soldo algum. São, de fato, bastante perfeitos nos seus exercícios e têm uma disciplina magnífica, o que não é para admirar, visto que os lavradores são comandados pelos seus próprios senhores e os burgueses pelos principais da sua própria cidade, eleitos à maneira de Veneza.

Tive curiosidade de saber por que este príncipe, cujos Estados são inacessíveis, julgava necessário ensinar ao seu povo a prática da disciplina militar; mas depressa soube a razão, quer pelas conversas que entabulei sobre este assunto, quer pela leitura das suas histórias;

porque, durante muitos séculos, foram atacados pela doença a que tantos outros governos estão sujeitos: o pariato e a nobreza, disputando muita vez pelo poder, o povo pela liberdade e o rei pelo domínio arbitrário. Estas coisas, ainda que prudentemente temperadas pelas leis do reino, têm ocasionado a criação de facções, ateado paixões e causado guerras civis, a última das quais foi felizmente sufocada pelo avô do príncipe reinante, e a milícia, então estabelecida no reino, foi mantida desde então para prevenir novas desordens.

CAPÍTULO VI

O rei e a rainha fazem uma viagem à fronteira, onde o autor os acompanha — Pormenor da maneira por que saí desse país para regressar à Inglaterra.

Tinha sempre presente no espírito que algum dia recuperaria a minha liberdade, ainda que não pudesse adivinhar por que meio, nem formar projeto algum com a menor probabilidade. O navio, que me tinha trazido e que soçobrara nessas paragens, era o primeiro barco europeu que, ao que se sabe, conseguira aproximar-se daí, e o rei dera ordens muito terminantes para que, se algum outro aparecesse, fosse puxado para terra e toda a tripulação e passageiros fossem metidos numa carroça de lixo e levados para *Lorbrulgrud.*

Estava muito empenhado em encontrar uma mulher da minha estatura com a qual eu pudesse multiplicar a espécie; no entanto, creio que preferiria morrer a fazer criação de desgraçados entes, destinados a ser engaiolados, assim como canários, e a ser, depois, vendidos por todo o reino a pessoas de elevada estirpe, como pequeninos animais curiosos. Era, na verdade, tratado com grande bondade; era o favorito do rei e da rainha e as delícias de toda a corte; mas

estava numa situação que não convinha à dignidade da minha natureza humana. A princípio, não podia esquecer os preciosos penhores que deixara em minha casa. Desejava bastante encontrar-me entre povos com os quais pudesse entabular conversa como de igual para igual, e ter a liberdade de andar pelas ruas e pelos campos sem receio de ser pisado ou esmagado como uma rã ou ser o joguete de algum cãozinho; a minha libertação, porém, chegou mais depressa do que esperava e de uma forma extraordinária, que vou referir fielmente com todos os pormenores desse admirável acontecimento.

Havia dois anos que vivia nesse país. No princípio do terceiro, *Glumdalclitch* e eu fazíamos parte da comitiva régia numa viagem que o rei e a rainha realizaram pela costa meridional do reino. Levavam-me, de ordinário, na minha caixa de viagem, que era um aposento muito cômodo, com a largura de doze pés. Tinham, por minha ordem, colocado uma maca suspensa de cordões de seda aos quatro cantos superiores da minha caixa, a fim de que sentisse menos as sacudidelas do cavalo, sobre o qual um criado me levava na sua frente. Ordenara ao marceneiro que fizesse na tampa uma abertura com um pé quadrado para deixar entrar o ar, de maneira que, quando eu quisesse, pudesse abri-la e fechá-la por meio de uma corrediça.

Quando chegámos ao termo da nossa viagem o rei achou conveniente passar alguns dias numa vivenda que possuía perto de Flanflasnic, cidade situada a dezoito milhas inglesas da beira-mar. *Glumdalclitch* e eu estávamos deveras fatigados, e eu até um pouco constipado; mas a pobre pequena estava tão doente que era obrigada a permanecer sempre no quarto. Tive vontade de ver o oceano. Fiz-me parecer mais doente do que realmente me sentia e pedi que me dessem liberdade para respirar o ar do mar com um pajem com quem eu simpatizava muito e a quem, noutro tempo, fora confiado. Nunca esquecerei a repugnância com que *Glumdalclitch* consentiu nisso, nem a ordem severa que deu ao pajem para ter cuidado comigo, nem as lágrimas que chorou, como se tivesse o pressentimento do que me devia acontecer. O pajem conduziu-me, pois, na caixa, afastando-se quase meia légua da região, para os rochedos à beira-mar. Disse-lhe, então, que me pusesse no chão e, levantando o caixilho de uma das minhas janelas, comecei a olhar tristemente para o mar. Pedi então ao pajem que, tendo vontade de dormir alguns instantes na maca, mo deixasse fazer, pois isso me aliviaria. O pajem fechou bem a janela, com receio de que eu sentisse frio; depressa adormeci. Tudo o que posso conjecturar é que, enquanto dormia, o pajem, julgando que nada tinha a recear, trepou pelos rochedos em busca de ovos

das aves marinhas, tendo-o visto da janela a procurá-los e apanhá-los. Fosse como fosse, o que é certo é que fui subitamente acordado por um violento solavanco que a minha caixa sofreu, que me senti no ar e, em seguida, arrebatado com prodigiosa rapidez. O primeiro solavanco quase me fez saltar fora da maca, mas, depois, o movimento tornou-se mais suave. Gritei com todas as forças dos meus pulmões, mas debalde. Olhei por entre os vidros e só vi nuvens. Ouvia por cima da cabeça um terrível ruído, semelhante ao bater de asas. Então, comecei a conhecer a perigosa situação em que me encontrava e a suspeitar que alguma águia tivesse segurado o cordão da minha caixa com o bico, no desejo de a deixar cair sobre algum rochedo, como uma tartaruga na casca e, em seguida, tirar-me para fora e devorar-me, porque a sagacidade e o olfato desta ave permitem-lhe descobrir a sua presa a grande distância, ainda que muito oculto estivesse na caixa que tinha apenas a espessura de duas polegadas.

Ao cabo de certo tempo, notei que o ruído e o bater de asas aumentavam muito e que a caixa se movia para um lado e para outro como uma tabuleta impelida pelo vento; ouvi violentas pancadas que eram dadas na águia e depois, de repente, senti-me cair perpendicularmente durante mais de um minuto, mas com incrível velocidade. A minha queda acabou por um

terrível solavanco que retiniu na minha cabeça como a nossa catarata do Niágara, depois do que fiquei às escuras durante um minuto e então a minha caixa principiou a elevar-se, de maneira que pude ver o sol por cima da minha janela. Percebi, então, que caíra no mar e que a caixa flutuava. Supus, e suponho ainda, que a águia que arrebatara a minha caixa fora perseguida por duas ou três águias e constrangida a deixar-me cair, enquanto se defendia das outras, que lhe disputavam a presa. As chapas de ferro, colocadas por baixo da caixa, conservaram o equilíbrio e impediram que se quebrasse e esmigalhasse ao cair.

Oh! como desejei que *Glumdalclitch* me socorresse nesse súbito acidente que tanto me afastara dela! Posso, na verdade, dizer que, no meio das minhas desgraças, lamentava e tinha saudades da minha pequena dona, e pensava no desgosto que sentiria com a minha perda e no sentimento da rainha. Estou certo de que poucos viajantes há que se tenham encontrado em situação tão triste como aquela em que então me encontrava, esperando a todo o instante que a minha caixa se partisse ou pelo menos se voltasse ao primeiro golpe de vento e fosse submergida pelas vagas; um vidro partido, e estava completamente perdido. Não havia nada que pudesse fazer senão conservar-me à minha janela, que estava munida pelo lado de fora de

arames muito fortes que a protegiam contra os acidentes que podem ocorrer em uma viagem. Vi a água entrar na minha caixa por algumas fendazinhas, que tratei de tapar o melhor possível. Ah! não tinha força para levantar a tampa da minha caixa, o que, se pudesse, faria, e aí me colocaria de preferência a ficar encerrado nessa espécie de porão.

Nesta crítica situação, ouvi, ou julguei ouvir, uma espécie de ruído ao lado da caixa; depressa comecei a imaginar que era puxada e de alguma forma rebocada, porque, de tempos a tempos, sentia como que um esforço, que fazia subir as ondas até à altura das janelas, deixando-me quase às escuras. Alimentei, então, algumas fracas esperanças de salvação, ainda que não pudesse imaginar de onde ela me viria. Subi para as cadeiras e aproximei a cabeça de uma pequena abertura que havia na tampa da caixa, e desatei a gritar com toda força e a pedir socorro em todas as línguas que sabia. Em seguida, atei o lenço a uma bengala que tinha e, fazendo-a sair pela abertura, manejei-a muitas vezes no espaço, a fim de que, se algum barco ou navio estivesse próximo, os marinheiros pudessem conjecturar que dentro daquela caixa estava um desgraçado mortal.

Não notei que tudo isso tivesse dado algum resultado, mas constatei que a minha caixa

caminhava sempre para a frente. Ao cabo de uma hora senti que chocava contra alguma coisa dura. Temi a princípio que fosse um rochedo e fiquei muito alarmado com o caso. Ouvi, então, claramente, bulha sobre a tampa da caixa, como a de um cabo; depois, fui içado a pouco e pouco quase três pés a mais do que estava anteriormente; ao notar isso, ergui ainda a bengala e o lenço, gritando por socorro até ficar rouco. Como resposta, ouvi grandes aclamações repetidas três vezes, que me causaram transportes de alegria que não podem ser compreendidos senão por aqueles que os sentem; ao mesmo tempo ouvi andar sobre a tampa e alguém, chamando pela abertura, em inglês, perguntou:

— Está alguém aí?

— Sim! — respondi — Sou um pobre inglês reduzido pela fortuna à maior calamidade que até agora qualquer criatura tenha sofrido. Em nome de Deus, salve-me desta enxovia.

Ao que a voz me redarguiu:

— Tranquilize-se, que nada tem a recear; a caixa está segura ao navio, e o carpinteiro vem já para fazer um buraco e tirá-lo daí.

Respondi que isso era desnecessário e demorava muito tempo; que bastava que

qualquer tripulante pusesse o dedo no cordão a fim de levar a caixa para fora do mar, e colocá-la a bordo. Alguns dos que me ouviam falar assim, imaginavam que era um pobre insensato; outros riam; eu entretanto não me lembrava que estava tratando com homens da minha estatura e da minha força. Apareceu o carpinteiro e, dentro de poucos minutos, fez uma abertura na tampa, com a largura de três pés, e deu-me uma pequena escada pela qual subi. Entrei ao navio em um estado de grandíssima fraqueza.

Os marinheiros ficaram espantados e formularam-me mil perguntas, a que não tive coragem de responder. Imaginava ver-me entre pigmeus, tanto os meus olhos se haviam habituado aos objetos monstruosos que acabara de deixar; mas o capitão, M. Thomas Viletcks, homem de probidade e de mérito, oriundo da província de Salop, reparando em que eu estava caindo de fraqueza, mandou-me entrar para o seu quarto, deu-me um cordial para me fortalecer e fez-me deitar na sua cama, aconselhando-me a que repousasse, pois carecia bastante de descanso. Antes que adormecesse, disse-lhe que possuía preciosos móveis dentro da minha caixa, uma soberba maca, uma cama de campanha, duas cadeiras, uma mesa, um armário; que o meu quarto era atapetado ou, para melhor dizer, estofado de seda e algodão; que, se quisesse mandar algum homem da sua tripulação

rebuscar o meu quarto, abri-lo-ia na sua presença e lhe mostraria os móveis. O capitão, ouvindo-me aqueles absurdos, julgou que eu estava louco; no entanto, para me ser agradável, prometeu mandar fazer o que lhe pedia e, subindo ao convés, mandou alguns dos seus homens revistar a caixa.

Dormi durante algumas horas, mas continuamente sobressaltado pela idéia da região que deixara e do perigo que correra. Contudo, ao despertar, achei-me muito bem disposto. Eram oito horas da noite e o capitão ordenou que me dessem de cear imediatamente, supondo que jejuara durante muito tempo. Tratou-me com extrema bondade, notando, todavia, que eu tinha os olhos desvairados. Quando nos deixaram sós, pediu-me que lhe narrasse as minhas viagens e lhe explicasse por que acidente eu fora abandonado naquela grande caixa à mercê das ondas. Disse-me que, por volta do meio-dia, olhando pelo óculo, a descobrira de muito longe e a tomara por um pequeno barco, que queria apanhá-lo, em vista de querer comprar bolacha que lhe faltava; que, ao aproximar-se, conhecera o seu erro e mandara o escaler para verificar o que era; que os seus homens tinham voltado verdadeiramente aterrados, jurando que haviam visto uma casa flutuante; que rira do seu disparate e que ele próprio embarcara no escaler, ordenando aos seus marinheiros que trouxessem

um cabo; que, como o tempo estava sereno, depois de ter remado em volta da grande caixa, rodeando-a por várias vezes, dera com a janela; que ordenara então à sua gente que remasse e se aproximasse desse lado e, que ligando um cabo a uma das argolas da janela, fizera-a rebocar; que vira a bengala e o lenço pela abertura e que imaginara que alguns desgraçados estivessem encerrados nela. Perguntei-lhe se ele ou a sua tripulação não tinham visto aves prodigiosas no ar, na ocasião em que me descobriram, ao que redarguiu que, falando sobre esse assunto com os marinheiros, enquanto dormia, um deles lhe dissera ter observado três águias que tomavam o rumo do norte; porém não tinha notado que fossem maiores do que o vulgar, o que é fácil de supor, visto a enorme altura a que voavam, e não pôde também adivinhar o motivo por que lhe formulavam semelhante pergunta. Em seguida, perguntei ao capitão a que distância supunha estar de terra; respondeu-me que, pelos melhores cálculos que pudera fazer, estávamos afastados cem léguas. Garanti-lhe que estava completamente enganado em quase metade, porque não tinha deixado o país de onde eu vinha, senão duas horas antes que eu caísse ao mar; esta minha observação fê-lo voltar a crer que o meu cérebro estava avariado, e aconselhou-me que tornasse a deitar na cama, num quarto que de antemão me mandara preparar. Afirmei-

lhe que me sentia bem disposto depois da refeição e com a sua amável companhia, e que estava no pleno uso das minhas faculdades mentais e tão perfeitamente como antes.

Retomou a sua costumada seriedade e pediu-me para lhe dizer francamente se eu não tinha a consciência perturbada por algum crime que tivesse cometido e que fosse punido por ordem de algum príncipe, e exposto nessa caixa, como por vezes acontece aos criminosos de certos países, que são abandonados à mercê das ondas num navio sem velas e sem víveres; que embora se sentisse arrependido por haver recolhido a bordo tal celerado, dava a sua palavra de honra que me desembarcaria, com segurança, no primeiro porto que tocasse; acrescentou que as suas suspeitas haviam aumentado em virtude de alguns discursos muito absurdos, que fizera a princípio a alguns marinheiros, e, depois, a ele mesmo, com relação à minha caixa e ao meu quarto e bem assim pelos meus desvairados olhos e estranha atitude.

Pedi-lhe que ouvisse com paciência a narrativa da minha vida; historiei-lha mui fielmente desde a última vez que deixara a Inglaterra até o momento em que me descobrira; e, como a verdade abre sempre um caminho nos espíritos inteligentes, este honesto e digno fidalgo, que possuía bom senso e não era completamente

destituído de letras, ficou satisfeito com a minha boa fé e sinceridade; mas, além disso, para confirmar tudo quanto eu dissera, pedi-lhe que desse ordem para trazerem o meu armário, cuja chave estava em meu poder; abri-o à sua vista e fi-lo examinar todas as curiosas coisas executadas no país de onde eu saíra de uma forma tão estranha. Entre outros objetos, havia o pente que eu fabricara com os pêlos das barbas do rei e um outro da mesma matéria, ao qual servia de guarnição uma apara da unha do dedo polegar do mesmo soberano; havia uma carta de agulhas e de alfinetes com o comprimento de pé e meio; um anel com que um dia a rainha me presenteara de uma forma muito cativante, tirando-o do dedo e enfiando-mo no pescoço, como se fora um colar. Pedi ao capitão que aceitasse aquele anel como testemunho de reconhecimento pelos favores dispensados, o que ele recusou terminantemente. Por fim, disse-lhe que examinasse atentamente as calças que eu usava e que eram feitas de pele de rato.

O capitão ficou muito satisfeito com tudo o que lhe contei e disse-me que esperava, quando do nosso regresso à Inglaterra, que eu escrevesse a relação das minhas viagens e a publicasse em volume. Respondi que julgava haver já muitos livros de viagens; que as minhas aventuras não passariam de um simples romance e de uma ridícula ficção; que a minha relação conteria

apenas descrições de plantas e de animais extraordinários, de leis, de costumes e usos extravagantes; que essas descrições eram muito vulgares e que já estavam fartos delas; e que, não tendo outra coisa a dizer com respeito às minhas viagens, não valia a pena dar-me o trabalho de descrevê-las. No entanto, agradeci-lhe a lisonjeira opinião que formava a meu respeito.

Pareceu-me admirado de uma coisa: de eu falar tão alto, perguntando-me se o monarca e a soberana desse país eram surdos. Respondi-lhe que era uma coisa a que me habituara havia mais de dois anos e que, por meu lado, admirava a sua voz e a da sua gente, que parecia falar-me sempre ao ouvido, mas que apesar disso, podia ouvi-los muito bem; que, quando falava nesse país, era como um homem que fala da rua para outro que está no alto de um campanário, exceto quando era colocado sobre uma mesa ou equilibrado na mão de qualquer indivíduo. Declarei-lhe que notara outra coisa e era que, a princípio, ao entrar no navio, quando os marinheiros se mantinham de pé junto de mim, pareciam-me infinitamente pequenos; que, durante a minha permanência nesse país, não podia ver-me ao espelho, desde que os meus olhos se haviam habituado a objetos grandes, porque a comparação que fazia tornava-me desprezível a mim próprio. O capitão disse-me, enquanto ceávamos, que tinha notado que eu examinava as

coisas com uma espécie de assombro e que algumas vezes lhe parecia que fazia esforços para não soltar uma gargalhada; que, em tais momentos, não sabia como aceitar o caso, mas que o atribuía a um desarranjo mental. Redargui que estava assombrado por haver sido capaz de me conter ao ver os pratos da grossura de uma moeda de prata de três soldos, uma perna de carneiro que era uma simples isca, um copo tão grande como uma casca de noz e, assim sucessivamente, continuei a descrever todo o resto dos seus móveis e das suas coisas, comparativamente; porque, embora a rainha me tivesse dado para meu uso tudo quanto era necessário num tamanho proporcionado à minha estatura, o que é certo é que as minhas idéias estavam completamente entregues ao que via em volta de mim, e fazia como todos os homens que examinam continuamente os outros sem se examinarem a si próprios e sem prestarem atenção à sua pequenez. O capitão, referindo-se ao velho rifão inglês, disse-me que eu tinha mais olhos do que barriga, pois que reparara que não comia com grande apetite; e continuando a gracejar, acrescentou que daria com prazer cem libras esterlinas para ter o gosto de ver a minha caixa no bico da águia e, em seguida, cair de tão grande altura no mar, o que certamente seria um caso muito interessante e digno de ser transmitido aos séculos vindouros.

O citado capitão, que regressava de Tonquin, fazia-se de vela para Inglaterra, e fora impelido para o nordeste, a quarenta graus de latitude, e cento e quarenta e três de longitude; como, porém, se levantasse um vento de monção dois dias depois da minha estada a bordo, fomos levados para o norte durante muito tempo; e, costeando a Nova Holanda, fizemo-nos no rumo de oeste-nordeste e depois de sudoeste, até termos dobrado a Cabo da Boa Esperança. A nossa viagem foi muito feliz, mas eu pouparei ao leitor a sua descrição. O capitão aproou a uns dois portos e fez chegar aí o seu escaler para trazer víveres e tomar água; quanto a mim, não saí de bordo senão quando aportamos às Dunas. Isso deu-se, creio, que a 3 de Junho de 1706, quase nove meses depois da minha libertação. Ofereci os meus móveis para garantia do pagamento da minha passagem; o capitão, porém, protestou, dizendo nada querer receber. Despedimo-nos muito afetuosamente e fiz-lhe prometer que iria visitar-me em Redriff. Aluguei um cavalo e um guia por algum dinheiro que o capitão me emprestou.

Durante esta viagem, notando a pequenez das casas, das árvores, do gado e dos habitantes, julguei-me ainda em Lilipute: receei pisar os viajantes que encontrava e muitas vezes gritei para os fazer afastar do caminho, de maneira que em várias ocasiões corri o risco de ficar com a

cabeça partida por causa da minha impertinência.

Quando cheguei a minha casa, que reconheci a custo, um dos criados abriu-me a porta e eu baixei a cabeça para entrar, com receio de dar alguma cabeçada; essa porta parecia-me um postigo. Minha mulher correu logo para me beijar, mas curvei-me até a altura dos seus joelhos, temendo que não chegasse à boca. Minha filha saltou-me para os joelhos a fim de me pedir a bênção, mas só pude distinguir-lhe as feições quando se levantou, estando desde muito acostumado a estar de pé, com a cabeça e os olhos erguidos para cima. Considerei todos os meus criados e uns dois amigos que ali se encontravam como pigmeus e a mim como um gigante. Disse a minha mulher que ela tinha sido muito frugal, porque eu achava que ela própria estava reduzida, assim como a filha, a coisa nenhuma. Numa palavra, procedi de maneira tão estranha que todos formaram de mim a mesma opinião que o capitão formara quando me viu a bordo, e concluíram que eu ensandecera. Pormenorizo estas coisas para tornar conhecido o grande poder do hábito e do preconceito.

Em pouco tempo me habituei à mulher, à família e aos amigos; minha mulher opinou que eu não tornaria a embarcar; no entanto, a minha má estrela ordenou precisamente o contrário,

como o leitor poderá verificar pelo seguimento. Entretanto, é aqui que finda a segunda parte das minhas mal-aventuradas viagens.

Terceira Parte

VIAGEM A LAPÚCIA, AOS BALNIBARBOS, A LUGGNAGG, A GLUBBDUDRIB E AO JAPÃO

CAPÍTULO I

O autor empreende terceira viagem — É aprisionado pelos piratas — Maldade de um holandês — Chega a Lapúcia.

HAVIA pouco mais de dois anos que permanecia em minha casa, quando o capitão Guill Robinson, da província de Cornualha, comandante do *Boa Esperança,* navio de trezentas toneladas, veio procurar-me. Fora outrora cirurgião de um navio de que ele era capitão, numa viagem ao Levante, e fui sempre muito bem tratado. O capitão, tendo conhecimento da minha chegada, fez-me uma visita em que patenteou a alegria que sentira ao ver-me de perfeita saúde; perguntou-me se eu me resolvera a ficar definitivamente em casa e disse-me que projetava fazer uma viagem às Índias Orientais, para onde contava partir dentro de dois meses. Insinuou-me ao mesmo tempo que sentiria muito prazer em que eu continuasse a ser o médico de bordo; que teria um outro cirurgião e dois enfermeiros comigo; que receberia soldo dobrado; e, depois de provar que o conhecimento que eu tinha do mar era pelo menos igual ao seu, me levaria como se fosse o imediato.

Enfim, teve palavras tão elogiosas, pareceu-me tão bondoso, que me deixei levar, tendo ademais, apesar das desgraças passadas, uma grande paixão pelas viagens. A única dificuldade que previa era obter o consentimento de minha mulher que, no entanto, mo deu de boa vontade, decerto em vista das vantagens que seus filhos podiam auferir daí.

Fizemo-nos de vela em 5 de Agosto de 1708 e aportámos ao forte de S. Jorge em 1 de Abril de 1709, onde permanecemos três semanas para refrescar a nossa tripulação, que, na maioria, estava doente. Daí, dirigimo-nos a Tonquin, onde o nosso capitão resolveu demorar-se algum tempo, porque a mor parte das mercadorias que tinha vontade de adquirir só lhe podia ser entregue alguns meses depois. Para se desforrar um pouco das despesas da demora, adquiriu um barco carregado de diferentes espécies de mercadorias, de que os Tonquineses fazem um comércio ordinário com as ilhas próximas, e, embarcando aí quarenta homens, em que incluíra três da região, fez-me seu capitão e deu-me plenos poderes durante dois meses, enquanto ele negociava em Tonquin.

Ainda não havia três dias que nos tínhamos feito ao mar quando rebentou uma violenta tempestade que nos impeliu durante cinco dias para nordeste e em seguida para este. O tempo

serenou um pouco, mas o vento de oeste continuava a soprar com força.

Ao décimo dia, dois piratas perseguiram-nos e logo nos aprisionaram, porque o meu navio estava tão carregado que singrava muito lentamente, sendo-nos por completo impossível manobrar de maneira a nos defender.

Os dois piratas abordaram e entraram no nosso navio à frente dos seus homens; encontrando-nos, porém, de bruços, como eu ordenara, contentaram-se em ligar-nos e, fazendo-nos guardar, principiaram a visitar o navio.

Notei entre eles um holandês que parecia ter certa autoridade, conquanto fosse apenas a do comando. Pelos nossos modos conheceu que éramos ingleses e, falando-nos na sua língua, disse-nos que nos iam ligar a todos costas com costas e lançar-nos ao mar. Como eu falasse muito bem holandês, declarei-lhe quem éramos e solicitei-lhe, em consideração do nome comum de cristãos e de cristãos reformados, de vizinhos, de aliados, que intercedesse por nós junto do capitão. As minhas palavras deram apenas como resultado irritá-lo; redobrou as ameaças e, voltando-se para os companheiros, falou-lhes em língua japonesa, repetindo amiudadas vezes a palavra cristãos.

O maior navio desses piratas era comandado por um capitão japonês, que falava um pouco a língua holandesa; dirigiu-se-me e, após algumas perguntas, a que humildemente respondi, assegurou-me que nos pouparia a vida. Fiz-lhe um grande cumprimento e, virando-me, então, para o holandês, disse-lhe que estava bastante admirado de ter encontrado mais humanidade num idólatra do que num cristão. Em breve, porém, tive de me arrepender das palavras que proferira, porque esse miserável réprobo, tendo tentado em vão persuadir os dois capitães a que me lançassem ao mar (no que não quiseram consentir por causa da promessa que um deles me havia feito), obteve que fosse ainda mais rigorosamente tratado do que se me matassem. Haviam dividido a minha gente pelos dois navios e pelo barco; quanto a mim, decidiram abandonar-me à sorte, num batel com dois remos, uma vela e víveres para quatro dias. O capitão japonês redobrou a dose e tirou das suas próprias provisões esse caridoso aumento; não quis até que me expoliassem. Desci, pois, para esse barquinho, enquanto o brutal holandês me dirigia do alto da coberta todas as injúrias e imprecações que a sua linguagem podia lhe fornecer.

Quase uma hora antes de sermos vistos pelos dois piratas, tomara altura, e vira que nos encontrávamos a quarenta e seis graus de

latitude e a cento e oitenta e três de longitude. Quando me vi um pouco afastado, descobri com um óculo diferentes ilhas ao sudoeste. Então, icei a vela, pois o vento estava de feição, com desejo de aproar à mais próxima dessas ilhas, o que me deu tarefa para três horas. Esta ilha não era mais do que uma rocha, onde encontrei muitos ovos de pássaros; então, usando do meu fuzil, lancei fogo a algumas raízes e a alguns juncos marítimos para poder cozer os ovos, que foram nessa noite todo o meu sustento, estando resolvido a poupar as minhas provisões tanto quanto me fosse possível. Passei a noite nessa rocha, deitado no chão sobre as urzes que me serviram de cama, e dormi muito bem.

No dia seguinte, fiz-me de rumo para outra ilha e depois para uma terceira e para uma quarta, servindo-me às vezes dos remos; mas, para não maçar o leitor, direi apenas que ao cabo de cinco dias atingi a última ilha que vira, e que ficava ao sudoeste da primeira.

Esta ilha estava mais afastada do que eu imaginava e só pude chegar lá passadas cinco horas. Dei uma volta completa antes de poder aproar. Pondo pé em terra numa pequena baía, que era três vezes mais larga do que o meu barquinho, notei que toda a ilha não passava de um grande rochedo, com alguns intervalos em que nasciam relva e ervas muito odoríferas.

Tomei as minhas pequenas provisões e, depois de haver comido um pouco, guardei o resto numas covas, de que havia grande número. Apanhei alguns ovos no rochedo e arranquei certa quantidade de juncos marítimos e ervas secas, a fim de as acender no dia seguinte para cozinhar os meus ovos, porque tinha comigo o meu fuzil, a isca e uma lente. Passei toda a noite na cova, onde colocara as minhas provisões; a minha cama eram essas ervas destinadas para o lume. Dormi pouco, porque estava mais inquieto do que cansado.

Considerei que era impossível não morrer num lugar tão miserando. Achei-me tão combalido com estas reflexões, que não tive coragem para me levantar e, antes de me sentir com forças para sair do meu esconderijo, o sol já ia muito alto; fazia um tempo magnífico e o sol estava tão ardente que era obrigado a desviar dele o rosto.

De repente, porém, escureceu de maneira diferente do que costuma acontecer quando passa uma nuvem. Voltei-me para o sol e vi um grande corpo opaco e móvel entre mim e o astro, que parecia andar de um lado para o outro. Este corpo suspenso, que se me afigurava ficar a duas milhas de altura, ocultou-me o sol durante sete minutos; porém não pude observar a causa daquela escuridão. Quando este objeto chegou

mais perto do sítio em que me encontrava, pareceu-me ser de uma substância sólida, cuja base era plana, unida e luzente pela reverberação do mar. Detive-me em um montículo, quase a duzentos passos da margem, e vi esse corpo descer e aproximar-se de mim, a uma milha de distância talvez. Tomei, então, o meu telescópio, e descobri grande número de pessoas em movimento, pessoas que me olhavam e se olhavam umas para as outras.

O instinto natural da vida fez-me nascer alguns sentimentos de alegria e de esperança, pois que esta aventura poderia ajudar-me a sair do desgraçado estado em que me encontrava; ao mesmo tempo, porém, o leitor não pode imaginar a estupefação que me causou a vista daquela espécie de ilha aérea, habitada por homens que tinham a arte e o poder de a levantar, de a baixar e de a fazer andar à sua vontade; não tendo, contudo, o espírito de filosofar sobre tão estranho fenômeno, contentei-me em observar para que lado é que a ilha girava, porque me pareceu parar algum tempo. Entretanto, aproximou-se do lado em que eu estava e pude descortinar muitos terraços grandes e escadarias de espaço a espaço para comunicarem umas com outras.

Sobre o terraço mais baixo, vi muitos homens que pescavam aves à linha e outros que olhavam. Fiz-lhes sinal com o chapéu e com o lenço; e,

quando os vi mais perto, gritei com toda a força dos meus pulmões. Tendo, então, olhado com a máxima atencão vi uma enorme multidão apinhada no ponto que me ficava em frente. Descobri, pelas suas posições, que me viam, embora me não tivessem respondido. Reparei, então, nuns seis homens que subiam apressadamente ao cume da ilha, e supus que fossem enviados a algumas pessoas de autoridade para receberem ordens sobre o que deviam fazer nesta ocasião.

A multidão dos insulares aumentou e, em menos de meia hora, a ilha aproximou-se de tal maneira, que mediaram apenas uns cem passos de distância entre ela e mim. Foi, então, que adotei várias posições humildes e comoventes e dirigi várias súplicas; não obtive resposta alguma; os que pareciam estar mais próximos, a julgar pelas suas roupas, eram pessoas de distinção.

Por fim, um deles fez ouvir a sua voz numa linguagem clara, polida e muito suave, cujo timbre se aproximava do italiano; foi também em italiano que respondi, imaginando que o som e a acentuação desta língua seriam mais gratos aos seus ouvidos do que qualquer outro idioma. Este povo compreendeu o meu pensamento; assim, fizeram-me sinal para que descesse do rochedo e que me encaminhasse para a margem. Então, da ilha volante, baixando-se a uma altura

conveniente, deitaram-me de cima do terraço uma corrente com uma pequena cadeira suspensa, sobre a qual me sentei, sendo, num momento, içado por meio de um cadernal.

CAPÍTULO II

Carácter dos Lapucianos — Opinião a respeito dos seus sábios, do seu rei e da corte — Recepção que foi feita ao autor — Os receios e as inquietações dos habitantes — Carácter das mulheres lapucianas.

Assim que cheguei, encontrei-me rodeado de uma multidão que me observava admirada e que eu contemplei do mesmo modo, não tendo visto nunca tão singular raça de mortais tanto no rosto, como nos hábitos e nas maneiras; inclinavam a cabeça ora para a direita, ora para a esquerda; tinham um olho voltado para dentro e outro para o sol. As suas roupas eram semeadas de figuras do sol, da lua e das estrelas e cheios de rabecas, de flautas, de harpas, de trombetas, de guitarras, de alaúdes e de muitos outros instrumentos musicais desconhecidos na Europa. Vi em torno deles muitos criados armados de bexigas, ligadas com um malho na ponta de um pequeno pau, onde havia certa quantidade de ervilhinhas e seixinhos; batiam de tempos a tempos com essas bexigas na boca ou nas orelhas daqueles que lhes ficavam mais próximos e não pude perceber o motivo de tal hábito. A inteligência deste povo parecia tão distraída e tão mergulhada em profunda meditação, que ninguém podia falar nem estar com atenção ao

que se lhe dizia sem o auxílio daquelas ruidosas bexigas, com que se lhe batia na boca ou nas orelhas, para o despertar. Esta era a razão por que as pessoas que possuíam certos meios, mantinham um criado, que lhes servia de monitor e sem o qual nunca saíam.

A ocupação deste personagem, quando duas ou três pessoas se encontravam juntas, consistia em bater habilmente com a bexiga na boca daquele a quem se dirigia o discurso. O monitor acompanhava sempre o seu amo quando ele saía, e era obrigado a dar-lhe, de quando em quando, com a bexiga nos olhos, porque, sem isso, os seus grandes devaneios pô-lo-iam muita vez em perigo de cair em algum precipício, ou de bater com a cabeça em algum poste, de empurrar os outros na rua, ou de ser lançado em algum riacho.

Fizeram-me subir ao cume da ilha e entrar no palácio do rei, onde vi Sua Majestade num trono, cercado de personagens da primeira distinção. Em frente do trono estava uma grande mesa cheia de globos, esferas e de instrumentos matemáticos de toda espécie. O rei não deu pela minha entrada, embora a multidão que me acompanhasse fizesse bastante alarido; estava, então, entregue à solução de um problema, e parámos defronte dele durante uma hora precisa, à espera de que Sua Majestade acabasse a sua operação. Havia junto dele dois pajens

empunhando bexigas, e um deles, quando Sua Majestade concluiu o trabalho, bateu-lhe docemente e com respeito na boca, enquanto o outro lhe bateu na orelha direita. O rei pareceu, então, despertar como que em sobressalto e, circunvagando a vista por mim e pela gente que me rodeava, recordou-se do que lhe haviam dito acerca da minha chegada, poucos momentos antes; dirigiu-me algumas palavras e logo um homem, armado de uma bexiga, se aproximou de mim e bateu-me com ela na orelha direita; fiz-lhe, porém, sinal de que era desnecessário ter esse trabalho, o que deu ao rei e a toda a corte uma elevada idéia acerca da minha inteligência. O soberano fez-me algumas perguntas, a que respondi sem que um e outro nos compreendêssemos. Em seguida me conduziram a um aposento onde me serviram o jantar. Quatro pessoas de distinção me deram a honra de se sentar perto de mim; tivemos dois serviços, cada um de três pratos. O primeiro era composto de uma perna de carneiro cortada em triângulo equilátero; de uma peça de boi sob a forma de um rombóide e de um chouriço de sangue sob a de um ciclóide. O segundo serviço foi constituído por dois pratos semelhando rabecas, salsichas e lingüiças, que pareciam flautas e oboés, e um fígado de veado que tinha a aparência de uma harpa. Os pães, que nos serviram, tinham a

configuração de cones, de cilindros e de paralelogramos.

Depois do jantar, um homem veio ter comigo da parte do rei, com uma caneta, tinta e papel, e fez-me compreender, por sinais, que tinha ordem de me ensinar a língua do país. Estive com ele perto de quatro horas, durante as quais escrevi em quatro colunas um grande número de palavras com a tradução em frente. Ensinou-me também algumas frases curtas, cujo sentido me deu a conhecer, dizendo-me o que elas significavam. O meu professor mostrou-me em seguida, num dos seus livros, a figura do sol, da lua, das estrelas, do zodíaco, dos trópicos e dos círculos polares, dizendo-me o nome de tudo isso, assim como de toda a espécie de instrumentos de música, com os termos desta arte relativos a cada instrumento. Quando acabou a lição, compus para meu uso particular um pequeno e bonito dicionário de todos os vocábulos que aprendera e, em poucos dias, graças à minha feliz memória, soube sofrivelmente a língua lapuciana.

Na manhã seguinte compareceu um alfaiate, que me tirou medidas. Os alfaiates dessa região exercem o seu mister de maneira diferente da dos outros países da Europa. Tirou primeiramente medida da altura do meu corpo com um quadrante e depois com régua e compasso, tendo medido a circunferência e toda a proporção dos

membros superiores, fez o cálculo em um papel e, ao fim de seis dias, trouxe-me uma roupa muito mal feita; desculpou-se, dizendo-me que tivera a infelicidade de enganar-se nos cálculos.

Nesse dia, Sua Majestade ordenou que fizessem avançar a sua ilha para Lagado, que é a capital do seu reino em terra firme, e depois para certas cidades e aldeias, a fim de receber os requerimentos dos seus súditos. Para esse efeito deixou cair uma porção de cordéis com uma bola de chumbo na extremidade, com o fim de que o seu povo atasse aí os seus requerimentos, que eram puxados depois e que no ar davam a aparência de papagaios.

Os conhecimentos que eu possuía acerca de matemáticas auxiliaram-me muito para compreender o seu modo de falar e as metáforas, extraídas na sua maioria das matemáticas e da música, porque sei também um pouco desta arte. Todas as suas idéias não passavam de linhas e de figuras, e até a sua galanteria era toda geométrica. Se, por exemplo, queriam gabar a beleza de uma donzela, diziam que os seus dentes brancos eram belos e perfeitos paralelogramos; que as sobrancelhas eram um segmento encantador, ou uma bela porção de círculos; que os olhos formavam uma admirável elipse; que o colo era ornado de dois globos acíntotas. O seno, a tangente, a linha reta, a linha curva, o cone, o

cilindro, a oval, a parábola, o diâmetro, o raio, o centro, o ponto, são entre eles termos que entram na linguagem do amor.

As casas eram pessimamente construídas; e a razão é que nesse país se despreza a geometria prática como uma coisa vulgar e mecânica. Nunca vi povo tão tolo, tão mesquinho e tão inábil em tudo quanto se relacione com as ações comuns e o modo de proceder. São, além disso, os piores argumentadores do mundo, sempre dispostos a contradizer, exceto quando pensam com justiça, o que lhes acontece raramente, e, então, calam-se; não sabem o que seja imaginativa, invenção, retratos, e não têm sequer termos na sua língua que exprimam estas coisas. Deste modo todas as suas obras, incluindo as poesias, parecem teoremas de Euclides.

Muitos deles, principalmente aqueles que se dedicam à astronomia, caem na astrologia judiciária, embora não se atrevam a confessá-lo publicamente; mas o que eu encontrei de mais surpreendente, foi a tendência, que tinham, para a política, e a curiosidade pelos comentários; falavam continuamente dos negócios de Estado e faziam sem cerimônia alguma o seu juízo acerca de tudo quanto se passava nos gabinetes dos príncipes. Notei, muitas vezes, o mesmo carácter nos nossos matemáticos europeus, sem nunca ter podido encontrar a menor analogia entre os

matemáticos e a política, salvo se se imagina que, assim como um círculo menor tem tantos graus como o círculo maior, aquele que se encontra apto para raciocinar sobre um círculo traçado num papel, possa do mesmo modo fazê-lo sobre a esfera do mundo; porém não será antes o defeito natural de todos os homens, que se dão o prazer de falar e de raciocinar sobre o que menos percebem?

Este povo parece sempre inquieto e assustado. Aquilo que não conseguiu nunca impedir o repouso dos outros homens é o contínuo assunto das suas queixas e dos seus temores; ficam apreensivos com a alteração dos corpos celestes; por exemplo: que a terra, pelas contínuas aproximações do sol, não seja por fim devorada pelas chamas deste terrível astro; que esse archote da natura não se encontre a pouco e pouco coberto de crosta pela espuma e não venha a apagar-se completamente para os mortais; temem que o próximo cometa que, consoante os seus cálculos, aparecerá dentro de trinta e um anos, com uma pancada da sua cauda fulmine a terra e a reduza a cinzas; receiam ainda que o sol, à força de espalhar os raios por toda parte, venha a gastar-se e a perder completamente a sua substância. São estes os receios e as inquietações que lhes tiram o sono e os privam de toda a espécie de prazeres; assim, logo que se encontram de manhã, as primeiras palavras que

trocam entre si é referindo-se a ele, perguntando como passa, e em que estado nasceu e desapareceu no ocaso.

As mulheres desta ilha são muito vivas; desprezam os maridos e são muito amáveis com os estrangeiros, de que há sempre um considerável número na comitiva da corte; é também entre eles que as damas da corte escolhem os seus amantes. O que há de desagradável nisto, é que elas costumam entregar-se sem rebuço algum e com certa segurança, porque os maridos estão tão absorvidos nas suas especulações geométricas, que se lhes acaricia as mulheres na sua presença sem que eles dêem por isso, contanto que o seu monitor lá não esteja para lhes bater com a bexiga.

As donzelas e as mulheres casadas sentem grande desgosto em viverem encerradas naquela ilha, embora seja o mais delicioso ponto da terra e vivam entre riqueza e magnificências. Podem ir para onde quiserem, na ilha, mas almejam correr mundo e dirigir-se à capital, onde lhes é proibido ir sem autorização do rei, o que nunca conseguiram obter porque os maridos têm experimentado algumas vezes o desgosto de não as tornar a ver. Ouvi contar que uma alta dama da corte, casada com o primeiro ministro, o homem mais perfeito e rico da corte, que a amava

loucamente, veio a Lagado sob o pretexto de que estava doente, e aí permaneceu oculta durante alguns meses até que o soberano a mandou procurar; foi encontrada num estado lamentável, numa péssima casa, tendo empenhado os seus vestidos para manter um lacaio velho e feio que todos os dias a espancava; livraram-na dele muito contra vontade sua e, ainda que o marido a recebesse com bondade, fazendo-lhe mil carícias e dando-lhe vãs repreensões sobre o seu procedimento, pouco depois tornou a fugir com todas as jóias e pedrarias, para ir ter novamente com esse indigno amante; e nunca mais se ouviu falar nela.

O leitor talvez tome esta narrativa por um caso europeu, ou mesmo inglês; peço-lhe, porém, que considere que os caprichos da espécie feminina não se limitam apenas a uma parte do mundo, nem a um clima único; em qualquer ponto do globo terrestre são os mesmos.

CAPÍTULO III

Fenômeno explicado pelos filósofos e astrônomos modernos — Os Lapucianos são grandes astrônomos — De como o rei logra apaziguar as sedições.

Solicitei licença do soberano para ver as curiosidades da ilha; concedeu-me e ordenou a um dos seus cortesãos que me acompanhasse. Quis principalmente saber em que consistia o segredo natural ou artificial que causava os diversos movimentos de que vou dar ao leitor uma nota exata e filosófica.

A ilha volante é perfeitamente redonda; o seu diâmetro é de sete mil e oitocentos e sete toesas e meia, isto é, quase quatro mil passos, e, por conseguinte, contém aproximadamente dez mil acres. O fundo desta ilha ou a superfície inferior, tal como parece a quem a vê por baixo, é como um largo diamante, polido e talhado regularmente, que reflete a luz a quatrocentos passos. No subsolo há muitos minerais, situados seguindo a fila ordinária das minas, e por cima existe um terreno fértil de dez a doze pés de profundidade.

A inclinação das partes da circunferência para o centro da superfície superior é a causa

natural de todas as chuvas e orvalhos que caem na ilha serem conduzidos por pequenos regatos para o meio, onde se juntam em quatro grandes tanques, tendo cada um deles quase meia milha de circuito. A duzentos passos de distância do centro desses tanques, a água é continuamente atraída e evaporada pelo sol durante o dia, o que impede o extravasamento. Demais, como depende do poder real erguer a ilha acima da região das nuvens e dos vapores terrestres, pode, quando lhe apraz, impedir a queda da chuva e do orvalho, o que não está no poder de nenhum outro potentado da Europa, que, não dependendo de pessoa alguma, depende sempre da chuva e do bom tempo.

No centro da ilha existe um buraco com perto de vinte e cinco toesas de diâmetro, pelo qual descem os astrônomos a um largo zimbório que, por este motivo, é chamado *Flandona gagnole,* ou *Cava dos Astrônomos,* situada a uma profundidade de cinqüenta toesas acima da superfície superior do diamante. Nesta cava havia vinte lâmpadas sempre acesas que, pela reverberação do diamante, espalham uma grande luz por todos os lados. Este local é guarnecido de sextantes, de quadrantes, de telescópios, de astrolábios e de outros instrumentos astronômicos; a maior curiosidade, porém, de que depende até o destino da ilha, é uma pedra

magnética de prodigioso tamanho, talhada em forma de naveta de tecelão.

Tem o comprimento de três toesas e, na sua maior espessura, mede pelo menos toesa e meia. Este ímã está suspenso por um grosso eixo giratório de diamante, que passa pelo meio da pedra, sobre a qual gira, e que está colocado com tanta precisão que um fraco impulso pode fazê-la mover; está rodeada por um círculo de diamante com a configuração do cilindro cavado, com quatro pés de profundidade, com muitos pés de espessura e com seis toesas de diâmetro, colocado horizontalmente e mantido por oito pedestais, todos de diamante, tendo cada um a altura de três toesas. Do lado côncavo do círculo há uns entalhes profundos de doze polegadas, em que estão colocadas as extremidades do eixo, que gira quando é preciso.

Força alguma pode deslocar a pedra, porque o círculo e os pés do círculo são de uma só peça com o corpo do diamante que forma a base da ilha.

É por meio deste ímã que a ilha se levanta, se baixa e muda de lugar; porque, em relação a este ponto da terra em que reside o monarca, a pedra é munida, em um dos seus lados, de um poder atrativo e no outro de um poder repulsivo. Assim, quando o ímã está voltado para a terra pelo seu

pólo amigo, a ilha desce; mas, quando o *pólo inimigo* está voltado para a mesma terra, a ilha sobe. Quando a posição da terra obliqua, o movimento da ilha é igual, porque, nesse ímã, as forças agem sempre em linha paralela à sua direção; é pelo movimento oblíquo que a ilha é conduzida às diferentes partes dos domínios do soberano.

Este monarca seria o príncipe mais absoluto do universo, se pudesse arranjar ministros que lhe obedecessem em tudo, mas estes, possuindo terrenos em baixo, no continente, e considerando que o furor dos príncipes é passageiro, não se importam de causar prejuízo a si próprios oprimindo a liberdade dos seus compatriotas.

Se alguma cidade se revolta ou recusa pagar impostos, o rei tem duas maneiras de dominá-la. A primeira e mais moderada é estacionar a sua ilha por cima da cidade rebelde e das terras próximas; dessa maneira priva a região do sol e do orvalho, o que causa doenças e mortandade; mas, se o crime o merece, atira-lhes grandes pedras do alto da ilha, de que só podem livrar-se refugiando-se nos celeiros e nos subterrâneos, onde passam o tempo a beber enquanto os telhados das suas casas são despedaçados. Se continuam temerariamente na sua teimosia e na sua revolta, o rei recorre então ao último remédio, que é deixar cair a ilha a prumo sobre as suas

cabeças, o que esmaga todas as casas e todos os habitantes. No entanto, o príncipe raramente lança mão desse temível extremo, que os ministros não se atrevem a aconselhar-lhe, visto que esse violento processo os tornaria odiosos ao povo e prejudicaria também a eles, que possuem os seus bens no continente, porque a ilha só pertence ao rei, que também apenas possui a ilha como domínio.

Há ainda uma outra razão mais forte pela qual os reis deste país fogem sempre de aplicar esse último castigo, salvo num caso de absoluta necessidade; é porque, se a cidade que se quer destruir fica situada perto de alguns rochedos altos (porque os há neste país, assim como em Inglaterra, perto das grandes cidades que foram expressamente construídas junto dessas rochas, para se preservarem das cóleras régias) ou se tem grande número de campanários e pirâmides de pedra, a ilha real, com a sua queda, podia quebrar-se. São principalmente os campanários que o rei teme e o povo sabe isso perfeitamente. Assim, quando Sua Majestade está deveras agastado, faz sempre descer a ilha muito suavemente, com medo, diz ele, de esmagar o seu povo, mas, no íntimo, o que mais teme é que os campanários lhe quebrem a ilha. Nesse caso, os filósofos supõem que o ímã não poderia ampará-la mais e cairia fatalmente.

CAPÍTULO IV

O autor deixa a ilha de Lapúcia e é levado aos Balnibarbos — A sua chegada à capital — Descrição desta cidade e arredores — É recebido com bondade por um grão-senhor.

Embora não possa dizer que fui maltratado nesta ilha, é contudo verdade que me supus pouco atendido e um tanto desprezado. O príncipe e o povo só se dedicavam a curiosidades, a matemáticas e à música; sobre este assunto estava eu muito abaixo deles e faziam-me justiça dando-me pouca importância.

Por outro lado, depois de ter visto todas as curiosidades da ilha, sentia grande vontade de sair dali, estando muito cansado daqueles aéreos insulares. É verdade que me excediam em ciências, que muito estimo, e de que possuo algumas luzes; mas estavam tão absorvidos nas suas especulações que nunca me encontrara em tão triste companhia. Só me entretinha com mulheres, (que entretenimento para um filósofo marítimo!) com operários, com monitores, com os pajens da corte e gente de vária espécie, o que aumentou o desprezo que me tinham; mas, de fato, podia proceder de outro modo? Aqueles eram os únicos com quem eu podia me entender; os outros não falavam.

Havia na corte um grão-senhor, favorito do soberano e que, por esse único motivo, era tratado com respeito, sendo contudo considerado por todos como um homem muito ignorante e estúpido. Passava por ser honrado e probo, porém não tinha ouvidos para a música e era uma completa negação para matemáticas, tanto que nunca pudera aprender os mais fáceis problemas de aritmética. Este cavalheiro tratou-me com as mais cativantes provas de estima; deu-me muitas vezes a honra de visitar-me, desejando informar-se dos negócios da Europa e conhecer os usos, costumes, leis e ciências das diferentes nações em que me demorara; ouvia-me sempre com a máxima atenção e fazia magníficas observações a respeito de tudo quanto lhe dizia. Dois monitores acompanhavam-no *pró-forma,* mas só se servia deles na corte e nas visitas de cerimônia; quando estávamos juntos, mandava-os retirar.

Pedi a este alto personagem que intercedesse por mim junto de Sua Majestade para eu me despedir, e ele concedeu-me essa mercê com prazer, como teve a bondade de dizer-me, e fez-me muitos e vantajosos oferecimentos que no entanto recusei, patenteando o meu vivo reconhecimento.

A 16 de Fevereiro, despedi-me de Sua Majestade, que me ofereceu um considerável

presente, e o meu protetor deu-me um diamante, com uma carta de recomendação para um elevado personagem seu amigo, residente em Lagado, capital de Balnibarbo. Estando a ilha suspensa sobre uma montanha, desci do último terraço da ilha pelo mesmo processo por que subira.

O continente chama-se Balnibarbo, e a capital, como já disse, tem o nome de Lagado. A princípio, foi uma grande satisfação para mim o ver-me em terra firme e não no ar. Dirigi-me para a cidade sem custo nem estorvo algum, vestindo como os habitantes e sabendo muito bem a língua para a falar. Encontrei sem dificuldade a moradia da pessoa a quem ia recomendado. Apresentei-lhe a carta do elevado personagem e fui muito bem recebido. Esta personagem, que era uma pessoa importante balnibarba e que se chama *Munodi,* deu-me um belo alojamento em sua casa, onde permaneci durante a minha estada nesse país e onde fui muito bem tratado.

Na manhã do dia seguinte àquele em que cheguei, *Munodi* fez-me entrar no seu coche para me mostrar a cidade, que é grande como meia Londres; as casas, porém, eram estranhamente construídas, e a maior parte delas estava em ruínas; o povo, coberto de andrajos, andava com passo precipitado, tendo um olhar feroz. Passámos por uma das portas da cidade e

avançámos uns três mil passos no campo, onde vi grande número de lavradores que trabalhavam na terra com muitas espécies de instrumentos; não pude, contudo, perceber o que faziam; não via em parte alguma coisa que se parecesse com ervas ou com sementes. Pedi ao meu guia que me explicasse o que pretendiam todas aquelas cabeças e aquelas mãos ocupadas na cidade e no campo, não vendo dali resultado algum, porque, na verdade, nunca encontrara terra tão mal cultivada, nem casas em tão mau estado, um povo tão pobre e tão miserável.

O senhor *Munodi* fora muitos anos governador de Lagado, mas, pela intriga dos ministros, fora demitido com grande pezar do povo. No entanto, o rei estimava-o como um homem que tinha intenções retas, mas não possuía o espírito de corte.

Quando critiquei livremente o país e os seus habitantes, não me respondeu outra coisa senão que eu não permanecera tempo suficiente entre eles para ajuizar, e que os diferentes povos do mundo tinham usos diversos; empregou outros lugares-comuns semelhantes; mas, quando regressámos a casa perguntou-me que tal achava o seu palácio, que absurdos notava nele e que tinha a dizer das roupas e maneiras dos seus criados. Podia afoitamente formular aquelas perguntas a respeito do palácio porque era

regular, magnífico e polido. Respondi que a sua grandeza, a sua prudência e as suas riquezas o haviam tornado isento de todos os defeitos que haviam feito os outros loucos e mendigos; disse-me que, se fosse com ele à sua casa de campo, que ficava a vinte milhas, teria muito prazer em falar comigo sobre esse assunto. Retorqui a sua excelência que faria tudo o que desejasse; partimos, pois, no dia seguinte de manhã.

Durante a nossa viagem, fez-me observar os diferentes métodos dos lavradores para semear as suas terras. Contudo, salvo em alguns sítios, não descobrira em todo o país nenhuma esperança de seara, nem mesmo nenhum rasto de cultura; tendo, porém, andado ainda três horas, o cenário mudou completamente. Achámo-nos em um magnífico campo. As casas dos lavradores estavam um pouco afastadas e muito bem construídas; os campos eram fechados e encerravam vinhas, searas de trigo, campinas, e não me lembro de ter visto coisa tão agradável. O fidalgo, que observava o meu silêncio, disse, então, suspirando, que era aí que começavam as suas terras; que, contudo, os seus compatriotas o troçavam e o desprezavam por não saber dirigir os seus trabalhos.

Chegámos por fim ao seu palacete, que era de nobre estrutura; as fontes, os jardins, as alamedas, as avenidas, os caramanchões estavam

dispostos com critério e com gosto. Não regateei louvores a tudo o que vi, mas Sua Excelência só pareceu dar por isso depois de cear.

Então, como nos encontrávamos sós, disse-me, com ar muito triste, que não sabia se lhe seria preciso, em breve, deitar abaixo as suas casas do campo e da cidade, e destruir todo o seu palácio para o reconstruir conforme o gosto moderno; mas temia passar por ambicioso, por singular, por ignorante, por caprichoso e talvez desagradar às pessoas ricas; que eu não deixaria de ficar admirado quando soubesse algumas particularidades que desconhecia.

Declarou-me que havia quase quatro anos, certas pessoas tinham ido a Lapúcia, quer para tratar de negócios, quer por distração, e que, passados cinco meses, haviam voltado com algumas luzes sobre matemáticas, mas cheias de espíritos voláteis recolhidos nessa região aérea; que essas pessoas, ao regressar, tinham começado a reprovar o que se passava no país inferior e resolvido colocar as ciências e as artes em novas bases; que para isso haviam obtido cartas-patentes para erigir uma academia de engenheiros, ou seja de pessoas e de sistemas; que o povo era tão fantástico, que existia uma academia dessa gente em todas as grandes cidades; que, nessas academias ou colégios, os professores tinham achado novos métodos para

agricultura e arquitetura, e novos instrumentos e manufaturas, por meio dos quais um só homem poderia produzir tanto como dez, e um palácio podia ser construído numa semana com materiais tão sólidos, que duraria eternamente sem haver necessidade de reparação; todos os frutos da terra deviam nascer em todas as nações, cem vezes maiores do que presentemente, com uma infinidade de outros admiráveis projetos.

— É pena — continuou ele — que nenhum desses projetos fosse aperfeiçoado até agora, que em pouco tempo todo o campo fosse devastado miseravelmente, que a maior parte das casas tenha caído em ruínas e que todo o povo, nu, morra de frio, de sede e de fome. Com isto tudo, longe de desanimarem, sentem-se cada vez com maior coragem no prosseguimento dos seus sistemas, levados a pouco e pouco pela esperança e pelo desespero.

Acrescentou que, para o que era dele, não sendo um espírito empreendedor, contentara-se em agir conforme o método antigo, de viver em casas construídas pelos seus antepassados e de fazer como eles faziam, sem inovações; que as poucas pessoas de distinção que haviam seguido o seu exemplo, tinham sido olhadas com desprezo e se tinham até tornado odiosas, criaturas mal intencionadas, inimigas das artes, ignorantes,

maus republicanos, preferindo a sua comodidade e a sua mole preguiça ao bem geral do país.

Sua Excelência acrescentou que me não queria tirar, com arrazoados, o prazer que teria quando fosse visitar a academia dos sistemas; que desejava simplesmente que observasse uma construção arruinada do lado da montanha; que o que via, a meia milha do seu palácio, era um moinho, que a corrente de um grande rio fazia mover, o que bastava para a sua casa e para um grande número dos seus vassalos; que havia aproximadamente sete anos uma companhia de engenheiros viera propor-lhe o arrasamento do moinho e a construção de um outro no sopé da montanha, no cume da qual seria construído um reservatório para onde a água podia ser levada por meio de tubos e máquinas, de maneira que o vento e o ar no alto da montanha agitasse a água e a tornassem mais fluida, e que o peso desta, ao descer, faria, com a sua queda, mover o moinho com metade da corrente do rio; disse-me que, não se tendo dado bem na corte, porque não tinha até agora adotado nenhum dos novos sistemas, e apertado por muitos amigos, aceitara o projeto; que, porém, depois de ter trabalhado durante dois anos, a obra resultará má e os empreendedores haviam fugido.

Alguns dias depois, desejei ver a academia dos sistemas e Sua Excelência quis ter a

amabilidade de me dar um guia para me acompanhar; tomava-me talvez por um grande admirador de novidades, por um espírito curioso e crédulo. No fundo, eu tinha sido na mocidade homem de projetos e de sistemas, e ainda hoje tudo o que é novo e arrojado me agrada extremamente.

CAPÍTULO V

O autor visita a academia e descreve-a.

A instalação desta academia não é um único e simples corpo de habitação, mas uma série de diversas edificações ocupando dois lados de um largo.

Fui magnificamente recebido pelo porteiro, que me disse logo que, naquelas edificações, cada quarto encerrava um engenheiro, quando não mais, e que havia perto de quinhentos quartos na academia.

O primeiro mecânico que avistei pareceu-me um homem magríssimo: tinha a cara e as mãos cheias de gordura, a barba e o cabelo crescidos, com uma roupa e uma camisa cor da pele; entregava-se, havia oito anos, a um curioso projeto, que consistia, segundo ele, em recolher os raios do sol, a fim de os encerrar em frascos hermeticamente fechados, os quais podiam servir para aquecer o ar quando os estios fossem pouco quentes; declarou-me que outros oito anos seriam suficientes para fornecer aos jardins dos ricos proprietários raios de sol por preço módico; lamentou-se, porém, de que os seus fundos

fossem parcos e pediu-me lhe desse alguma coisa para o animar.

Passei a um outro quarto, mas depressa voltei as costas, não podendo suportar o mau cheiro. O meu guia obrigou-me a entrar, dizendo em voz baixa que tomasse cautela em não ofender um homem que disso se sentiria; assim, nem sequer funguei. O engenheiro que habitava este quarto era o mais antigo da academia; o rosto e a barba eram de cor pálida e amarela e as mãos e a roupa estavam cobertas de uma nauseante gordura. Quando lhe fui apresentado, abraçou-me muito estreitamente, delicadeza que teria dispensado. A sua ocupação, desde a sua entrada na academia, consistia em fazer tornar os excrementos humanos à natureza dos alimentos de onde eram tirados pela separação das partes diversas e pela depuração da tintura que o excremento recebe do fel e causa mau cheiro. Entregavam-lhe todas as semanas, da parte da companhia, um prato cheio de matérias, do tamanho quase de um barril de Bristol.

Vi um outro ocupado em calcinar gelo, para extrair dele, consoante dizia, magnífico salitre, do qual faria pólvora para canhão; mostrou-me um tratado concernente à maleabilidade do fogo, tratado que estava com intenção de publicar.

Em seguida, vi um arquiteto muito engenhoso, que imaginara um admirável método para construir casas começando pelo telhado e acabando pelos alicerces, projeto que me justificou magnificamente pelo exemplo de dois insetos: a abelha e a aranha.

Havia um homem, cego de nascença, que tinha sob as suas ordens muitos aprendizes cegos como ele. O seu emprego consistia em compor cores para os pintores. Este professor ensinava a distingui-las pelo tato e pelo cheiro. Fui bastante infeliz em os achar então muito pouco instruídos, e o próprio professor não era mais hábil.

Subi a um aposento, onde se encontrava um grande homem que descobriu o segredo de lavrar a terra com porcos, e poupar assim as rações dos cavalos, dos bois, a charrua e o lavrador. O seu método é este: no espaço de um acre de terreno, enterrava-se, de seis em seis polegadas, certa quantidade de bolotas, de tâmaras, de castanhas e outros frutos que os porcos apreciam; depois largavam-se seiscentos ou mais destes suínos que, com as mãos e o focinho, punham, em muito pouco tempo, a terra em estado de ser semeada e estrumavam-na também, restituindo-lhe o que tinham retirado. Por fatalidade, havendo feito a experiência, e além disso achando o sistema caro e difícil, o campo quase nada produzira. Não

duvidava, contudo, de que o invento fosse de grandes conseqüências e de verdadeira utilidade.

Num aposento fronteiro residia um homem que tinha idéias contrárias no tocante ao mesmo assunto. Pretendia fazer marchar uma charrua sem bois e sem cavalos, mas com a ajuda do vento e, para esse efeito, construíra uma charrua com mastro e velas; sustentava que, pelo mesmo processo, faria andar carros e carroças, e que, como conseqüência, se poderia fazer o serviço de posta pondo-lhes velas, tanto por mar como por terra; que, em vista de haver vários ventos no mar, não era difícil fazer a mesma coisa em terra.

Passei a um outro quarto, que estava todo atapetado com teias de aranha, onde mal havia espaço para dar passagem ao operário. Assim que este me viu, exclamou:

— Tome cuidado, não dê cabo das minhas teias!

Conversei com ele e foi-me dizendo que era uma coisa lamentável a cegueira que os homens tinham tido até agora em relação aos bichos da seda, enquanto tinham à sua disposição tantos insetos domésticos, de que não faziam uso algum e que, no entanto, eram preferíveis a essas lagartas, que só sabiam fiar, ao passo que a aranha sabia fiar e tecer. Acrescentou que o uso das teias de aranha pouparia ainda, com a

continuação, as despesas da tintura, o que eu conceberia muito facilmente quando me tivesse feito ver um grande número de moscas de encantadoras e variegadas cores, com que ele alimentava as suas aranhas; que era certo que as suas teias tomariam, infalivelmente, a cor daquelas moscas e que, como as havia de numerosas espécies, esperava também ver em breve teias capazes de satisfazer, pelas cores, todos os diversos gostos dos homens, logo que pudesse encontrar um certo alimento suficientemente glutinoso para as suas moscas, a fim de que os fios da aranha adquirissem maior força e solidez.

Vi depois um célebre astrônomo, que tinha imaginado colocar um quadrante na ponta do grande campanário da casa da câmara, ajustando de tal maneira os movimentos diurnos e anuais do sol com o vento, que pudessem concordar com o movimento da ventoinha.

Senti, durante alguns momentos, uma ligeira cólica, quando o meu guia me fez entrar muito a propósito no quarto de um grande médico, que se tornara celebérrimo pelo segredo de curar a cólica de um modo completamente maravilhoso. Tinha um grande fole, cujo tubo era de marfim; era insinuando diversas vezes esse tubo no ânus, que pretendia, por essa espécie de clister de vento, atrair todos os gases interiores e purgar assim as

entranhas atacadas de cólica. Fez a sua operação num cão que, por fatalidade, morreu imediatamente, o que desconcertou deveras o nosso doutor e me tirou a vontade de recorrer ao seu remédio.

Depois de ter visitado o edifício das artes, passei a um outro corpo da casa, onde estavam os fatores dos sistemas em relação às ciências. Entrámos primeiro na escola de linguagem, onde nos encontrámos com três acadêmicos que discutiam juntos o modo de embelezar a língua.

Um deles era de opinião, para abreviar o discurso, que se reduzissem todas as palavras a simples monossílabos e se banissem todos os verbos e particípios.

O outro ia mais longe e propunha um modo de abolir todas as palavras, de maneira que se discutisse sem falar, o que seria favorável ao peito, porque está claro que, à força de falar, os pulmões se gastam e a saúde se altera. O expediente, por ele achado, era trazer cada qual consigo todas as coisas de que quisesse tratar. Este novo sistema, dizia-se, seria seguido, se as mulheres se lhe não tivessem oposto. Muitos espíritos superiores desta academia não deixavam, no entanto, de conformar-se com essa maneira de exprimir as coisas, o que só se tornava embaraçoso quando tinham de falar em

diversos assuntos, porque então era-lhes preciso trazer às costas enormes fardos, salvo se eles tivessem dois criados bastante robustos para se pouparem esse trabalho; supunham que, se esse sistema se generalizasse, todas as nações poderiam facilmente compreender-se (o que seria de grande comodidade) pois não se perderia muito tempo em aprender línguas estrangeiras.

Daí, entrámos na escola de matemática, cujo professor ensinava aos seus discípulos um método que os europeus teriam trabalho em imaginar: cada teorema, cada demonstração era escrita numa obreia, com uma certa tinta de tintura cefálica. O aluno, em jejum, era obrigado, depois de ter comido essa obreia, a abster-se de beber e de comer durante três dias, de maneira que, digerida a obreia, a tintura cefálica pode subir ao cérebro e levar envolvido nela o teorema ou a demonstração. Este método, de fato, não obtivera grande êxito até agora, mas era porque, ao que se dizia, se tinha enganado um pouco no *quantum sufficit,* isto é, na medida da dose, ou porque os alunos, maus e indóceis, faziam simplesmente menção de comer a obreia, ou ainda porque iam muito depressa à sentina, ou comiam às escondidas durante os três dias.

CAPÍTULO VI

Continua-se a descrição da academia.

Não fiquei muito satisfeito com a escola de política, que depois visitei. Estes doutores pareceram-me pouco sensatos, e a presença de tais indivíduos teve o efeito de me tornar melancólico. Estes homens extravagantes sustentavam que os grandes deviam escolher para seus favoritos aqueles em que vissem mais sabedoria, mais capacidade, mais virtude, e ter sempre em vista o bem público, recompensar o mérito, o saber, a habilidade e os serviços; diziam ainda que os príncipes deviam depositar sempre a sua confiança nas pessoas mais capazes e mais experimentadas, e outras asneiras e quimeras, de que os príncipes não formaram opinião até agora, o que me confirmou a verdade deste admirável conceito de Cícero: *que nada há tão absurdo como o que avança algum filósofo.*

Todos os outros membros da academia, porém, em nada se pareciam com estes originais, a quem acabo de aludir. Vi um médico com um espírito sublime, que possuía a fundo a ciência do governo; tinha consagrado os seus serões a descobrir as causas das doenças de um Estado e

a achar remédios para curar o mau temperamento daqueles que administram os negócios públicos.

— Sabe-se — dizia ele — que o corpo natural e o corpo político têm entre si uma perfeita analogia, pois qualquer deles pode ser tratado com os mesmos remédios. Os que estão à testa dos negócios têm muitas vezes as seguintes doenças: estão cheios de humores em movimento, que lhes enfraquecem a cabeça e o coração, e causam-lhes algumas vezes convulsões e contrações de nervos na mão direita, uma fome canina, indigestões, gases, delírios e outras espécies de males.

Para os curar, o nosso grande médico propunha que, quando os que superintendem nos negócios do Estado estivessem dispostos a se reunir em conselho, se lhes tomasse o pulso e por isso se tentaria conhecer a natureza da doença; que depois, a primeira vez que se reunissem, se enviariam, momentos antes de principiar a sessão, boticários com remédios adstringentes, paliativos, purgativos, cefalálgicos, histéricos, apofegmáticos, acústicos, etc., consoante ao gênero do mal e repetindo sempre o mesmo remédio em todas as sessões.

A execução deste projeto demandaria grande despesa e seria, segundo penso, muito útil nestes

países em que os Parlamentos metem o nariz nos negócios do Estado; procuraria a unanimidade, acabaria com as diferenças, abriria a boca aos mudos, fechá-la-ia aos deputados, acalmaria a impetuosidade dos juvenis senadores, entusiasmaria a frieza dos velhos, despertaria os estúpidos e adormeceria os atabalhoados.

E porque ordinariamente se queixam de que os ministros têm memória curta e infeliz, o mesmo doutor queria que qualquer que tivesse negócios com eles, depois de haver exposto o assunto em poucas palavras, tivesse a liberdade de lhes dar um piparote no nariz, um pontapé na barriga ou espetar um alfinete nas nádegas, e tudo isso com o fim de o impedir de esquecer-se do negócio de que lhe falara; de maneira que se pudesse repetir de tempos a tempos o mesmo cumprimento até que o assunto fosse despachado, deferido ou indeferido, por completo.

Queria também que cada senador, na assembléia geral da nação, depois de haver dado a sua opinião e ter dito tudo quanto seria necessário para a manter, fosse obrigado a concluir a proposta contraditória, porque, infalivelmente, o resultado dessas assembléias seria muito favorável ao bem público.

Vi dois acadêmicos a discutir com calor o meio de criar impostos sem que os povos

murmurassem. Um, sustentava que o melhor método seria impor uma taxa sobre os vícios e as paixões dos homens, e que cada um seria coletado segundo o juízo e a estima dos seus vizinhos. O outro acadêmico era de um sentimento inteiramente oposto e pretendia, pelo contrário, que era preciso coletar as belas qualidades de corpo e de espírito de que cada um se orgulhava, e coletá-lo mais ou menos segundo os seus graus, de maneira que seriam os seus próprios juízes e fariam a sua declaração. A maior taxa seria imposta sobre os cultores de Vênus, os favoritos do belo sexo, proporcionalmente aos favores que tivessem recebido, e devia reportar-se ainda, sobre este assunto, à sua própria declaração. Era preciso também coletar fortemente o espírito e o valor, segundo a confissão que cada um fizesse das suas qualidades; mas com respeito à honra, probidade, saber, modéstia, isentavam-se essas qualidades de qualquer taxa, visto que, sendo muito raras, não dariam lucro algum; que não se encontraria ninguém que não quisesse confessar que as encontrava no seu próximo e que quase ninguém teria o arrojo de as atribuir a si próprio.

Do mesmo modo se deviam coletar as senhoras em proporção da sua beleza, dos seus atrativos e das suas graças, conforme ao seu próprio juízo, como o que se fazia com relação aos homens; mas pela fidelidade, sinceridade, bom

senso e bondade natural das mulheres, visto que disso não se ufanam, nada deviam pagar, pois tudo o que pudesse receber-se daí não bastaria para cobrir as despesas do governo.

A fim de reter os senadores no interesse da coroa, um outro acadêmico político era de opinião ser necessário que o príncipe fizesse jogar todos os empregos em rifas, de maneira, contudo, que os senadores, antes de jogarem, fizessem juramento e dessem caução de que se conformariam em seguida, conforme às intenções da corte, quer ganhassem ou não; porém que os recusados teriam depois o direito de ocupar qualquer lugar vago que houvesse mais tarde. Estariam sempre cheios de esperanças, não se queixariam de falsas promessas que lhes seriam dadas e só confiariam na fortuna, cujos ombros são sempre mais fortes do que os do ministério.

Um outro acadêmico mostrou-me um escrito contendo um curioso método para descobrir as conspirações e as intrigas, que era examinar os alimentos dos indivíduos suspeitos, a ocasião em que os comem, o lado para o qual se deitam na cama e a mão com que limpam o traseiro; observar-lhes os excrementos e ajuizar, pelo cheiro e pela cor, dos pensamentos e dos projetos de um homem, tanto mais que, na sua opinião, os pensamentos não são nunca mais ponderados,

nem o espírito se encontra tão recolhido, como quando se está no retrete.

Ajuntava que, quando, para fazer simplesmente experiências, havia algumas vezes pensado no assassínio de um homem, tinha então encontrado os seus excrementos muito amarelos e que, quando pensava em revoltar-se e incendiar a capital, achara-os de uma cor muito negra.

Arrisquei-me a acrescentar algumas palavras ao sistema desse político; disse-lhe que seria bom manter sempre um núcleo de espiões e delatores que se protegeriam e aos quais se daria sempre uma certa importância em dinheiro proporcional ao valor da sua denúncia, quer fundada, quer não; que, por esse meio, os súditos viveriam no receio e no respeito; que esses delatores e acusadores seriam autorizados a dar o sentido que lhes aprouvesse aos escritos que lhes caíssem nas mãos; que poderiam, por exemplo, interpretar assim os termos seguintes:

Um crivo: uma alta dama da corte.
Um cão coxo: uma descida, uma invasão.
A peste: um exército em pé de guerra.
Um bolônio: um favorito.
A gota: um grão-sacerdote.
Um pinico: uma assembléia.
Uma vassoura: uma revolução.

Uma ratoeira: um emprego financeiro.
Um esgoto: a corte.
Um chapéu e um cinto: uma amante.
Uma cana partida: o tribunal.
Um tonel vazio: um general.
Uma chaga aberta: o estado dos negócios públicos.

Poder-se-ia ainda observar o anagrama de todos os nomes citados num escrito; para isso, porém, eram necessários homens da mais elevada penetração e do gênio mais sublime, principalmente quando se tratasse de descobrir o sentido político e misterioso das letras iniciais. Assim: N poderia significar uma conspiração; B um regimento de cavalaria; L uma esquadra. Além disso, transpondo-se as letras, poder-se-ia descobrir num escrito todos os ocultos desejos de um partido descontente. Por exemplo: lê-se numa carta escrita a um amigo: *Seu irmão Tomás sofre de hemorróidas;* o hábil decifrador desvendará, na assimilação destas palavras indiferentes, uma frase que fará compreender que está tudo preparado para uma sedição.

O acadêmico agradeceu-me deveras o ter-lhe comunicado estas pequenas observações, e prometeu fazer menção honrosa de meu nome no tratado que ia publicar sobre esse assunto.

Nada vi no país que pudesse reter-me mais tempo, de maneira que comecei a pensar no meu regresso à Inglaterra.

CAPÍTULO VII

O autor deixa Lagado e chega a Maldonada — Faz uma pequena viagem a Glubbdudrib — Como é recebido pelo governador.

O continente de que este reino faz parte estende-se, pelo que pude ajuizar, a este para uma região desconhecida da América, a oeste para a Califórnia e, ao norte, para o oceano Pacífico. Não fica a mais de mil e cinqüenta léguas de Lagado. Este país, que tem um porto célebre e grande comércio com a ilha de Luggnagg, fica situado a noroeste, quase a vinte graus de latitude setentrional e a cento e quarenta de longitude. A ilha de Luggnagg fica ao sudoeste do Japão, de que está afastada cerca de cem léguas. Há uma estreita aliança entre o imperador do Japão e o rei de Luggnagg, o que dá vários ensejos de ir de um a outro. Por tal motivo resolvi tomar esse caminho para voltar à Europa. Aluguei duas mulas com um guia, para levar a minha bagagem e indicar-me o caminho. Despedi-me do meu ilustre protetor, que tanta bondade me demonstrara e, ao partir, recebi dele um magnífico presente.

Durante a minha viagem não se deu aventura alguma que mereça ser relatada. Quando cheguei

ao porto de Maldonada, que é uma cidade quase do tamanho de Portsmouth, não havia navio algum no porto pronto a partir para Luggnagg. Travei alguns conhecimentos. Um fidalgo distinto disse-me que, em vista de não haver navio algum para Luggnagg senão daí a um mês, faria bem em dar um passeio até Glubbdudrib, que ficava apenas a umas cinco léguas para sudoeste; ele mesmo ofereceu-se para me acompanhar com alguns amigos seus e forneceu-me um barco.

Glubbdudrib, segundo a sua etimologia, significa *Ilha dos Feiticeiros* ou *Mágicos*. É quase três vezes tão larga como a ilha de Wight e é fertilíssima. Esta ilha está sob o poder do chefe de uma tribo toda ela composta de feiticeiros, que só se ligam entre si, sendo sempre príncipe o mais antigo da tribo. Este príncipe ou governador possui um palácio magnífico e um parque com perto de três mil acres, cercados de um muro de pedras talhadas de vinte pés de altura. Ele e toda a família são servidos por criados de uma espécie muito extraordinária. Pelo conhecimento que possui de necromancia, tem o poder de evocar os espíritos e obrigá-los a servi-lo durante vinte e quatro horas.

Quando abordámos a ilha, deviam ser umas onze horas da manhã. Um dos dois fidalgos que me acompanhavam foi ter com o governador e disse que um estrangeiro desejava ter a honra de

cumprimentar sua alteza. Este cumprimento foi bem acolhido. Entrámos no átrio do palácio e passámos por entre uma sebe de guardas, cujas armas e atitudes deveras me assustaram; atravessámos as salas e encontrámos uma infinidade de criados antes de que conseguíssemos chegar aos aposentos do governador. Depois de havermos feito três profundas reverências, mandou que nos sentássemos em pequenos tamboretes, que ficavam junto do trono. Como compreendia a língua dos Balnibarbos, dirigiu-me algumas perguntas acerca das minhas viagens e, para me provar que queria tratar-me sem cerimônia, fez sinal com o dedo a toda a sua gente para que se retirasse e, num instante (o que me admirou muito) todos desapareceram como fumo. Mal tive tempo para me refazer; o governador, porém, tendo-me dito que nada tinha a recear e vendo os meus dois companheiros seguros de si, comecei a ter ânimo e contei a sua alteza as diferentes aventuras das minhas viagens, não sem ser, de vez em quando, perturbado por uma estúpida imaginação, olhando muitas vezes em torno de mim, para a direita e para a esquerda, e lançando os olhos para o lugar por onde vira desaparecer os fantasmas.

Tive a honra de jantar com o governador, que nos fez servir por um novo grupo de espectros. Permanecemos na mesa até ao pôr do sol e, tendo

pedido a sua alteza que nos desculpasse de não querermos passar a noite no seu palácio, retirámo-nos eu e os meus dois amigos, e fomos em busca de uma cama na capital, que fica próxima. Na manhã seguinte, viemos apresentar os nossos respeitos ao governador. Durante os dez dias que permanecemos nesta ilha, vim a familiarizar-me de tal maneira com os espíritos, que, se não tinha perdido de todo o medo, pois me restava algum, cedia à minha curiosidade. Logo depois tive ocasião de satisfazê-la, e por isso o leitor poderá julgar que sou mais curioso ainda do que poltrão. Sua alteza disse-me um dia que nomeasse todos os mortos que me aprouvesse, que os faria comparecer e os obrigaria a responder a todas as perguntas que lhes quisesse dirigir, com a condição, contudo, de que só os interrogaria sobre o que se passou no seu tempo e que podia estar bem certo de que me falariam sempre verdade, pois é inútil aos mortos mentir.

Rendi humildes ações de graças a sua alteza e, para me aproveitar dos seus oferecimentos, pus-me a recordar o que em outros tempos lera na história romana. Primeiro, acudiu-me ao espírito a idéia de pedir para ver a famosa Lucrécia, que Tarquínio violou e que, não podendo sobreviver a essa afronta, se suicidara. Logo vi diante de mim uma dama muito formosa, vestida à romana. Tomei a liberdade de perguntar-lhe por que vingara em si própria o

crime de outrem; baixou os olhos e respondeu que os historiadores, com receio de a darem por fraca, a haviam enlouquecido; em seguida, desapareceu.

O governador fez sinal para que aparecessem César e Bruto. Fiquei atônito de admiração e de respeito à vista de Bruto, e César confessou-me que todas as suas belas ações tinham ficado abaixo da de Bruto, que lhe tirara a vida para livrar Roma da sua tirania.

Tive vontade de ver Homero; apareceu-me; conversei com ele e perguntei-lhe o que pensava acerca da sua *Ilíada*. Declarou-me que ficara surpreendido com os excessivos louvores que lhe teciam havia três mil anos; que o seu poema era medíocre e eivado de tolices; que não tinha agradado no seu tempo senão por causa da beleza da sua dicção e da harmonia dos seus versos, e que ficara assombrado porque, visto a sua língua estar morta, e ninguém lhe conhecer as belezas, o espírito e as finuras, achava ainda pessoas ocas ou muito estúpidas, que o admiravam. Sófocles e Eurípedes, que o acompanhavam, tiveram pouco mais ou menos a mesma opinião e troçaram principalmente dos nossos sábios modernos que, obrigados a reconhecer os disparates das antigas tragédias, quando eram fielmente traduzidas, sustentavam, no entanto, que em grego é que se encontravam

as belezas e era preciso saber esse idioma para julgar com segurança.

Quis ver Aristóteles e Descartes. O primeiro confessou-me que nada ouvira de física senão aos filósofos seus contemporâneos, e todos aqueles que tinham vivido entre ele e Descartes; acrescentou que tomara por bom caminho, ainda que fosse muitas vezes enganado, principalmente pelo seu extravagante sistema com respeito à alma dos animais. Descartes tomou a palavra e disse que tinha encontrado alguma coisa e soubera estabelecer muito bons princípios, porém que não tinha ido muito longe, e que todos aqueles que doravante quisessem percorrer o mesmo trilho, seriam sempre retidos pela fraqueza do seu espírito e obrigados a tatear; que era uma grande loucura passar a vida a procurar sistemas e que a verdadeira física conveniente e útil ao homem era fazer um amontoado de experiências e de se limitar a isso; que tivera por discípulos muitos insensatos, entre os quais se podia contar um certo Spinoza.

Tive a curiosidade de ver diversos mortos ilustres dos últimos tempos, e sobretudo mortos distintos, porque senti sempre grande veneração pela nobreza. Oh! quantas coisas espantosas não vi, quando o governador fez passar revista diante de mim a todo o cortejo de antepassados da mor parte dos nossos marqueses, condes, fidalgos

modernos! quanto prazer não senti em ver a sua origem e todos os personagens que lhes transmitiram o seu sangue! Vi claramente o motivo por que certas famílias têm o nariz comprido, outras o queixo pontiagudo, outras o rosto abaçanado e as feições horríveis e ainda por que outras têm belos olhos e a tez delicada e loura; por que é que, em certas famílias, há muitos doidos e estouvados, e em outras, muitos velhacos e gatunos; por que a índole de umas é má, brutal, baixa e covarde, o que as distingue tanto como os brasões e as librés. Compreendi, finalmente, a razão por que Polidoro Virgílio dissera acerca de certas castas:

Nec vir fortis, nec fœmina casta. (1)

O que me pareceu mais notável foi ver os que, tendo trazido originariamente o mal imundo a certas famílias, tinham feito esse triste legado a toda a sua posteridade. Fiquei ainda surpreendido em notar, na genealogia de certos fidalgos, pajens, lacaios, professores de dança e de canto, etc.

Conheci claramente a razão por que os historiadores transformaram guerreiros imbecis e covardes em grandes capitães; insensatos e pequenos gênios em grandes políticos; bajuladores e cortesãos em pessoas de bem; ateus em homens cheios de religião; infames

devassos em castos, e delatores de profissão em homens verdadeiros e sinceros. Soube de que modo pessoas inocentíssimas tinham sido condenadas à morte ou banidas da sociedade pela intriga dos favoritos que haviam corrompido os juízes; como sucedera que homens de baixa extração e sem merecimento haviam sido guindados aos mais elevados cargos; como os alcoviteiros e as rameiras tinham muitas vezes abalado os mais importantes negócios e ocasionado no universo os maiores acontecimentos. Oh! como então fiz uma baixa idéia da humanidade! como a prudência e a probidade dos homens me pareceram tão mesquinhas, ao ver a origem de todas as revoluções, o vergonhoso motivo das mais brilhantes empresas, as molas, ou antes, os acidentes imprevistos e bagatelas que os tinham feito vencer.

Descobri a ignorância e a temeridade dos nossos historiadores, que fizeram morrer envenenados certos reis, que ousaram dar a público conversas secretas de um príncipe com o seu primeiro ministro e que têm, segundo se imagina, espionado, para assim dizer, os gabinetes dos soberanos e as secretárias dos embaixadores, para extrair daí curiosas anedotas.

Foi por isso que soube as causas secretas de alguns acontecimentos, que assombravam o

mundo; como uma rameira governara um confidente, um confidente um conselho secreto, e o conselho secreto todo um parlamento.

Um general do exército confessou-me que conseguira uma vitória pelo seu feitio poltrão e pela sua imprudência, e um almirante disse-me que tinha derrotado contra sua vontade uma esquadra inimiga, quando o seu desejo era deixar derrotar a sua. Houve três reis que me declararam que, no seu reinado, nunca tinham recompensado nem elevado nenhum homem de merecimento, salvo uma vez em que o seu ministro o enganou, enganando-se a si próprio sobre este assunto; que nisto haviam tido razão, porque a virtude era uma coisa muito incômoda na corte.

Tive a curiosidade de me informar por que meios um grande número de pessoas havia conseguido elevadas fortunas. Limitei-me a estes últimos tempos, sem tocar, contudo, no tempo presente, com receio de melindrar estrangeiros, (porque não preciso de advertir que tudo o que tenho dito aqui não respeita à minha querida pátria). Entre esses meios encontrei o preconceito, a opressão, o suborno, a perfídia, o *pandarismo* e outras idênticas bagatelas, que pouca atenção merecem; mas o pior é que muitos confessaram dever a sua elevação à facilidade que haviam tido, uns por se prestarem às mais

horríveis devassidões; outros por entregarem as mulheres e as filhas; outros, por traírem a sua pátria e o seu rei e alguns por se utilizarem do veneno. Após estas descobertas, persuado-me de que será perdoado doravante um pouco menos de estima e veneração pela grandeza, que honro e respeito naturalmente, como todos os inferiores devem fazer com relação àqueles a quem a natureza ou a fortuna colocaram numa fila superior.

Lera em alguns livros que os súditos tinham prestado grandes serviços ao seu príncipe e ao seu país. Tive vontade de conhecê-los; disseram-me, porém, que os seus nomes foram esquecidos e que se lembravam agora de alguns apenas, de que os cidadãos haviam feito menção fazendo-os passar por traidores e ladrões. Essas pessoas, pois, cujos nomes haviam esquecido, apareceram-me, todavia, na minha presença, mas com um aspecto humilde e mal vestidos; disseram-me que haviam morrido na miséria e na desgraça e alguns até no patíbulo.

Dentre eles, notei um homem, cujo caso me pareceu extraordinário, que tinha ao seu lado um rapaz de dezoito anos. Declarou-me que fora capitão de navios durante muitos anos e que, no combate naval de Actium, fizera soçobrar a primeira linha, afundara três navios da primeira fila e tomara um do mesmo tamanho, o que fora o

único motivo da fuga de Antônio e da completa derrota da sua esquadra; que o rapaz, que estava junto de si, era o único filho, que morrera em combate; acrescentou que, terminada a guerra, veio a Roma para solicitar uma recompensa e pedir o comando de um navio maior, cujo capitão morrera na batalha; mas, sem lhe atenderem o pedido, esse lugar fora dado a um rapaz que nunca vira o mar, filho de um certo liberto que servira uma das amantes do imperador; que, voltando ao seu departamento, o acusaram de ter faltado ao seu dever; e que o comando do seu navio fora confiado a um pajem favorito do vice-almirante Pulícola; que fora, então, obrigado a retirar-se para a sua casa, numa terra afastada de Roma e que aí findara seus dias. Desejando saber se esta história era verídica, pedi para ver Agripa, que, nesse combate, fora o almirante da esquadra vitoriosa; compareceu, e, confirmando a veracidade daquela narrativa, contou mais circunstâncias que a modéstia do capitão omitira.

Como todos os personagens evocados se apresentaram tais como haviam sido no mundo, vi com mágoa quanto, durante cem anos, o gênero humano se degenerara; quanto a devassidão, com todas as suas conseqüências, alterara os traços fisionômicos, tornara raquíticos os corpos, relaxara os músculos, afrouxara os nervos, apagara as cores e corrompera a carne dos ingleses.

Enfim, quis ver alguns dos nossos camponeses, de quem se louva a simplicidade, a sobriedade, a justiça, o espírito de liberdade, o valor e o amor pela pátria.

Vi-os e não pude deixar de os comparar com os de hoje, que vendem à custa do dinheiro os seus votos na eleição dos deputados ao Parlamento e que, sob este ponto de vista, possuem toda a finura e todo o manejo das pessoas da corte.

CAPÍTULO VIII

Regresso ao autor a Maldonada — Faz-se de vela para o reino de Luggnagg — É preso à sua chegada e levado à corte — Como é recebido.

Tendo chegado o dia da nossa partida, despedi-me de sua alteza o governador de Glubbdudrib e voltei com os meus dois companheiros a Maldonada, onde, depois de ter esperado durante quinze dias, embarquei por fim num navio que se dirigia para Luggnagg. Os dois fidalgos, e ainda umas outras pessoas mais, tiveram a gentileza de me fornecer provisões necessárias para essa viagem e de me conduzir a bordo. Apanhámos um forte temporal e fomos obrigados a governar ao norte para podermos nos afastar de um certo vento forte, que sopra neste ponto por espaço de sessenta léguas. A 21 de Abril de 1709 entrámos no rio de Clumegnig, que é uma cidade com porto de mar ao sudoeste de Luggnagg. Lançámos ferro a uma légua da cidade e fizemos sinal para aparecer o piloto. Em menos de meia hora vieram dois a bordo, os quais nos guiaram por meio de escolhos e rochedos, que são muito perigosos nesta baía, e na passagem que conduz a uma bacia onde os navios estão em

segurança e que está afastada dos da cidade o comprimento de um cabo.

Alguns dos nossos marinheiros, fosse por traição, ou por imprudência, disseram aos pilotos que eu era um estrangeiro e um grande viajante. Estes avisaram o comissário da alfândega, que me dirigiu diversas perguntas na língua balnibarbiana, que é compreendida nesta cidade em virtude do comércio e principalmente pela gente do mar e aduaneira. Respondi em poucas palavras e narrei uma história tão verossímil e tão extensa quanto me foi possível; no entanto, julguei conveniente ocultar o meu país e de me intitular holandês, com desejo de ir ao Japão, onde sabia que só os holandeses são recebidos. Disse, pois, ao comissário que naufragara na costa dos Balnibarbos e, tendo chocado com um rochedo, estivera na ilha volante de Lapúcia, de que muitas vezes ouvira falar e que desejava agora dirigir-me ao Japão, a fim de voltar daí ao meu país. O comissário disse-me que era obrigado a prender-me até que recebesse ordens da corte, para onde ia escrever imediatamente e de onde contava receber resposta dentro em quinze dias. Deram-me um alojamento razoável e puseram-me sentinela à porta. Tinha um grande jardim, por onde podia passear, e fui muito bem tratado, à custa do rei. Muitas pessoas vieram visitar-me, excitadas pela curiosidade de ver um

homem que vinha de um país muito afastado, do qual nunca tinham ouvido falar.

Tratei com um rapaz do nosso navio para me servir de intérprete. Era natural de Luggnagg; mas, vivendo há largos anos em Maldonada, sabia perfeitamente as duas línguas. Com o seu auxílio, fiquei em condições de conversar com todos os que me dessem a honra de vir visitar-me, isto é, de entender as suas perguntas e eles entenderem as minhas respostas.

A resposta da corte veio ao fim de quinze dias, como se esperava; trazia uma ordem para ser conduzido com a minha comitiva por um destacamento de cavalaria a Traldragenv ou Trildragdrib, porque, se não estou em erro, se pronuncia das duas maneiras. Toda a minha comitiva consistia nesse pobre rapaz, que me servia de intérprete e que tomara para meu serviço. Fizeram partir adiante de nós um correio, que nos avançou meio dia, para avisar o rei da minha próxima chegada e para pedir a Sua Majestade marcasse o dia e hora em que poderia ter a honra e prazer de lamber a poeira dos pés do trono.

Dois dias depois da minha chegada tive audiência. Primeiro fizeram-me deitar e arrastar sobre a barriga e limpar o sobrado com a minha língua à medida que adiantava para o trono do

rei; mas, porque era estrangeiro, tiveram a bondade de limpar o sobrado, de maneira que a poeira não podia prejudicar-me. Era uma graça especial, que não se concedia mesmo às pessoas de primeira categoria, quando tinham a honra de ser recebidas na audiência de Sua Majestade; algumas vezes até se deixava de propósito o sobrado muito sujo e coberto de poeira, quando os que vinham à audiência tinham inimigos na corte. Uma vez vi um fidalgo ter a boca tão cheia de pó e tão suja do que apanhara com a língua, que, quando chegou ao trono, lhe fora impossível articular uma única palavra. Para essa fatalidade não há remédio, porque é proibido, sob graves penas, escarrar ou limpar a boca na presença do rei. Existe mesmo, nessa corte, um outro uso, que não posso aprovar: quando o rei pretende matar algum fidalgo ou algum cortesão de maneira que o não desonre, faz lançar sobre o sobrado um determinado pó cinzento, que está envenenado e não deixa de fazê-lo morrer suavemente e sem ruído ao cabo de vinte e quatro horas; mas, para fazer justiça a este rei, à sua grande doçura e à bondade que tem em dirigir a vida dos seus súditos, é preciso dizer em sua honra que, depois de semelhantes execuções, tem o costume de ordenar muito expressamente o varrer bem o sobrado, de maneira que, se os criados se esqueciam, corriam o risco de descair da sua graça. Vi certo dia condenar um pajem a

ser chicoteado por se ter malevolamente desleixado de advertir o varredor de executar a ordem, o que tinha dado lugar a que um fidalgo, em que se fundavam grandes esperanças, ficasse envenenado; o príncipe, cheio de bondade, quis ainda perdoar ao pajem e poupar-lhe o chicote.

Para tornar a mim, quando cheguei a quatro passos do trono de Sua Majestade, levantei-me nos joelhos e, depois de haver batido sete vezes no chão com a cabeça, pronunciei as palavras seguintes, que na véspera me haviam ensinado de cor:

Iruckpling gloffthrobb squu tserumm blhiop mlashnalt zwin inodbalkuff hshiophad kurdluhasht.

É uma fórmula estabelecida pelas leis deste reino para todos aqueles que são admitidos em audiência e que pode ser traduzida assim: *Possa Vossa Majestade sobreviver ao sol!*

O rei deu-me uma resposta que não compreendi, e repliquei como me haviam ensinado:

— *Fluftedrin yalerick dwuldom prtasrad mirpush.*

Frase que, traduzida à letra, significava: *A minha língua está na boca do meu amigo.*

Dei assim a perceber que desejava servir-me do meu intérprete; então, mandou entrar o rapaz de quem falei, e, com o seu auxílio, respondi a todas as perguntas que Sua Majestade me dirigiu durante meia hora. Falei em balnibarbiano e o meu intérprete traduzia as minhas palavras para luggnaggiano.

O rei teve muito prazer com a minha conversação e ordenou ao seu *bliff-marklub,* ou camarista, que mandasse preparar um aposento no seu palácio, para mim e para o meu intérprete, e entregar-me uma importância por dia para a minha mesa, com uma bolsa cheia de ouro para os meus divertimentos.

Permaneci três meses nesta corte para obedecer a Sua Majestade, que me cumulou de amabilidades, e me fez oferecimentos muito graciosos para me convidar a estabelecer-me nos seus Estados; julguei, porém, dever meu agradecer-lhe e pensar antes em voltar para o meu país, para ali acabar meus dias junto de minha querida mulher, há tanto tempo privada das doçuras da minha presença.

CAPÍTULO IX

Dos struldbruggs ou imortais.

Os Luggnaggianos são um povo muito delicado e valente e, embora tenham um pouco desse orgulho que é comum a todas as nações do Oriente, são, contudo, probos e educados com respeito a estrangeiros, principalmente com aqueles que são bem recebidos na corte.

Travei conhecimento e liguei-me com pessoas de grande conhecimento e de bom aspecto e, com o recurso do meu intérprete, tive com elas conversas agradáveis e instrutivas.

Um deles perguntou-me certo dia se tinha visto alguns dos seus *struldbruggs,* ou imortais. Respondi-lhe negativamente e que tinha muita curiosidade em saber como é que podiam ter dado aquele nome a humanos; disse-me que algumas vezes (embora raramente) nascia numa família uma criança com uma mancha vermelha e redonda, colocada diretamente na sobrancelha esquerda, e que essa feliz mancha a preservava da morte; que essa mancha era a princípio do diâmetro de uma moeda de prata (a que nós, em Inglaterra, chamamos *three pence*) e que depois aumentava e até mudava de cor; que dos doze aos

vinte anos era verde, data em que se tornava azul, até aos quarenta, em que se fazia completamente verde e tão grande como um *shilling,* e depois não mudava; acrescentou que nasciam tão poucas crianças com essa mancha na testa que apenas existiam mil e cem imortais de ambos os sexos em todo o reino; que havia quase uns cinqüenta na capital e que havia três anos não nascia uma criança dessa espécie, que fosse do sexo feminino; que o nascimento de um imortal não era concedido a uma determinada família; que era um presente da natureza ou do acaso, e que os próprios filhos dos *struldbruggs* nasciam mortais como os filhos dos outros homens, sem ter privilégio algum.

Esta narrativa agradou-me extremamente, e à pessoa que ma contava, entendendo a língua dos Balnibarbos, que falava à vontade, testemunhei a minha admiração e a minha alegria com as palavras mais expressivas e mais desusadas. Exclamei, com uma espécie de entusiasmo:

— Feliz nação, cujos filhos ao nascer podem alcançar a imortalidade! Feliz região, em que os exemplos dos tempos passados se mantém sempre, em que a virtude dos primeiros séculos subsiste ainda, e em que os primeiros homens vivem ainda e viverão eternamente, para dar lições de prudência a todos os seus descendentes! Felizes os sublimes *struldbruggs,* que têm o

privilégio de não morrer e a quem, por conseguinte, a idéia da morte não intimida, não enfraquece, não quebra.

Demonstrei, em seguida, que ficara surpreendido por não ter ainda visto nenhum desses imortais na corte; que, se alguns havia, a gloriosa mancha estampada na testa saltaria logo à vista.

— Por que o rei — acrescentei — que é um príncipe tão judicioso, não os emprega no ministério e não lhes confere a sua confiança?

Mas talvez a rígida virtude desses velhos importunasse e ferisse os olhos da sua corte. Ainda que assim fosse, estava resolvido a falar no assunto a Sua Majestade na primeira ocasião que se me deparasse, e quer ele tivesse como boa a minha opinião, quer não, aceitaria em todo o caso o alojamento que teve a bondade de oferecer-me nos seus Estados, a fim de poder passar o resto dos meus dias na ilustre companhia desses homens imortais, contanto que se dignassem aturar-me.

Aquele a quem dirigi a palavra, olhando-me então com um sorriso que denotava a minha ignorância, que lhe causava dó, respondeu-me que estava encantado por eu desejar ficar no país, e pediu licença para explicar aos outros o que eu acabava de dizer; fê-lo e, durante algum

tempo, conversaram entre si na sua linguagem que eu não compreendia; não pude sequer ler-lhes, nos gestos ou nos olhos, a impressão que o meu discurso causara nos seus espíritos. Por fim, a mesma pessoa que me falara até então, disse-me delicadamente que os seus amigos estavam cativados com as minhas reflexões judiciosas sobre a felicidade e as vantagens da imortalidade, mas desejavam saber que sistema de vida seguiria e quais seriam as minhas ocupações e as minhas vistas, se a natureza me tivesse feito nascer *struldbrugg.*

A essa interessante pergunta retorqui que ia satisfazê-los imediatamente com prazer, que as suposições e as idéias me custavam pouco e que estava habituado a imaginar o que teria feito, se tivesse sido rei, general do exército ou ministro de Estado; que, com relação à imortalidade, meditara algumas vezes sobre o modo de proceder de que usaria se tivesse de viver eternamente e que, em vista do que me dizia, ia dar largas à minha imaginação.

Disse, pois, que, se tivesse tido a vantagem de nascer *struldbrugg,* logo que pudesse conhecer a minha felicidade e perceber a diferença que existia entre a vida e a morte, teria, primeiramente, metido mãos à obra, para me tornar rico, e que à força de ser intrigante, subtil e rasteiro, poderia esperar ver-me um pouco à

vontade ao cabo de duzentos anos; que, em segundo lugar, me aplicaria muito seriamente ao estudo dos meus primeiros anos, que poderia orgulhar-me de me tornar, um dia, o homem mais sábio do universo; que observaria com cuidado todos os grandes acontecimentos; que examinaria com atenção todos os príncipes e todos os ministros de Estado que se sucedessem uns aos outros; teria tido o prazer de comparar todos os seus caracteres e de fazer sobre esse assunto as mais belas reflexões do mundo; que teria traçado uma memória fiel e exata de todas as revoluções da moda e da linguagem, e das mudanças havidas nos costumes, leis, usos e até nos prazeres; que, por esse estudo e por essas observações, me tornaria, por fim, um museu de antigüidades, um registro vivo, um tesouro de conhecimentos, um dicionário falante, o orador perpétuo dos meus compatriotas e de todos os meus contemporâneos.

— Nestas circunstâncias, nunca me casaria, — acrescentei — e levaria uma vida de rapaz alegre, livremente, economicamente a fim de que, vivendo sempre, tivesse sempre de que viver. Ocupar-me-ia em formar o espírito de alguns rapazes, dando-lhes parte das minhas luzes e da minha longa experiência. Os meus verdadeiros amigos, os confidentes, os meus companheiros seriam os meus ilustres confrades *struldbruggs,* de que escolheria uma dúzia de entre os mais

velhos, para com eles me ligar mais estreitamente. Não deixaria de freqüentar também alguns mortais de merecimento, que me habituaria a ver morrer sem desgosto e sem pesar, pois a posteridade me consolaria da sua morte; poderia até ser para mim um espetáculo bastante agradável, do mesmo modo que um jardineiro sente prazer em ver as tulipas e os cravos do seu jardim nascerem, morrerem e tornarem a nascer. Comunicaríamos mutuamente, entre nós *struldbruggs,* todas as notas e observações que fizéssemos sobre a causa e o progresso da corrupção do gênero humano. Comporíamos a esse respeito um excelente tratado de moral, cheio de lições úteis e capazes de impedir a natureza humana de degenerar, como o fizera dia a dia, e pelo que é censurada há dois mil anos. Que espetáculo nobre e encantador não seria ver com os seus próprios olhos as decadências e as revoluções dos impérios, a face da terra renovada, as cidades soberbas transformadas em cidades burguesas ou tristemente amortalhadas nas suas vergonhosas ruínas; as aldeias obscuras tornadas a habitação dos reis e dos seus cortesãos; os rios célebres transformados em pequenos regatos; o oceano banhando outras praias; novas regiões descobertas; um mundo desconhecido, saindo, por assim dizer, do caos; a barbárie e a ignorância espalhadas pelas nações mais

delicadas e mais esclarecidas; a imaginação extinguindo o juízo; o juízo gelando a imaginação; o amor pelos sistemas, pelos paradoxos, pelo empolado, pelas subtilezas e antíteses, sufocando a razão e o bom gosto; a verdade oprimida hoje e triunfante amanhã; os perseguidos tornados perseguidores e os perseguidores, perseguidos por sua vez; os soberbos, abatidos, e os humildes, glorificados; os escravos, os libertos, os mercenários, conseguindo uma fortuna imensa com a administração dos fundos públicos, com as desgraças, fome, sede, nudez e sangue dos povos; enfim, a posteridade desses salteadores públicos reduzida ao nada, de onde a rapina e a injustiça os haviam tirado! Como, nesta situação de imortalidade, a idéia da morte nunca estaria presente no espírito para me perturbar ou para arrefecer os meus desejos, entregar-me-ia a todos os prazeres sensíveis de que a natureza e o raciocínio me permitissem o uso. Contudo, as ciências seriam sempre o meu primeiro e mais querido cuidado; suponho que, à força de meditar, encontraria por fim as longitudes, a quadratura do círculo, o moto perpétuo, a pedra filosofal e a panacéia universal; que, numa palavra, levaria todas as ciências e todas as artes à sua última perfeição.

Logo que findei a minha prédica, o único que tinha compreendido voltou-se para a assembléia e fez dela um extrato na linguagem do país; depois

de o ouvir, puseram-se a raciocinar juntos durante certo tempo, sem que, no entanto, testemunhassem, ao menos pelos seus gestos e atitudes, desprezo algum pelo que acabava de dizer. Por fim, todos, de comum acordo, pediram por favor e caridade à mesma pessoa que resumira o meu discurso, que me abrisse os olhos e me emendasse os erros.

Disse-me primeiramente que não era o único estrangeiro que olhava com espanto e com inveja a situação dos *struldbruggs*; que encontrara nos Balnibarbos e nos Japoneses pouco mais ou menos as mesmas exposições; que o desejo de viver era natural do homem; que aquele que tinha um pé para a cova, se esforçava por se manter firme no outro; que o velho mais corcovado imaginava sempre um amanhã e um futuro e apenas encarava a morte como um mal longínquo e fugidio; mas, na ilha de Luggnagg se pensava de um modo bem diferente, e que o exemplo familiar e a contínua presença dos *struldbruggs* haviam preservado os habitantes desse insensato amor pela vida.

— O sistema de conduta — continuou ele — que se propunha na suposição de ser imortal e que há pouco traçou, é ridículo e completamente contrário a todo o raciocínio. Supôs, decerto, que, nesse estado, gozaria de uma eterna mocidade, de um vigor e de uma saúde de ferro. Mas, quando

perguntámos o que faria se tivesse de viver sempre, supusemos porventura que nunca envelhecesse e a sua pretendida imortalidade fosse uma eterna primavera?

Em seguida, descreveu-me os *struldbruggs,* dizendo que eram semelhantes aos mortais e como eles viviam até aos trinta anos; que, depois dessa idade, caíam a pouco e pouco em negra melancolia, que aumentava sempre até atingirem os oitenta; que, por então, não eram apenas sujeitos a todas as enfermidades, a todas as misérias e a todas as fraquezas dos velhos dessa idade, mas a aflitiva idéia da eterna duração da sua miserável caducidade os atormentava a tal ponto que nada podia consolá-los; que não eram simplesmente, como todos os outros velhos, cabeçudos, rabugentos, avarentos, carrancudos, linguareiros, mas gostavam de si próprios, renunciavam às doçuras da amizade, não dispensavam ternura a seus filhos e que, além da terceira geração, já não reconheciam a posteridade; que a inveja e a raiva os devoravam continuamente; e que a vista dos sensíveis prazeres de que usufruem os juvenis mortais, os seus divertimentos, os seus amores, os seus exercícios os faziam de certo modo morrer a cada momento; que tudo, até a própria morte dos velhos que pagavam o tributo à natureza, lhes excitava a raiva e os mergulhava no desespero; que, por essa razão, todas as vezes que viam

realizar-se um enterro, maldiziam a sua sorte e se queixavam amargamente da natureza, que lhes recusara a doçura de morrer, de acabar a sua aborrecida carreira para entrar num eterno repouso; que já não se encontravam em estado de cultivar o espírito; que a memória enfraquecia; que mal se lembravam do que tinham visto e aprendido na sua mocidade e na idade madura; que os menos miseráveis eram os que tinham entontecido, que tinham perdido completamente a memória e estavam reduzidos ao estado infantil; esses, ao menos, encontravam quem se condoesse deles, dando-lhes todos os recursos de que necessitavam.

— Quando um *struldbrugg* — acrescentou — se casa com uma *struldbrugg*, o casamento, conforme as leis do Estado, é dissolvido logo que o mais novo dos dois chegue aos oitenta anos. É justo que desgraçados entes humanos, condenados, contra a vontade e sem o haverem merecido, a viver eternamente, não sejam ainda, para acréscimo de desgraça, obrigados a viver com uma mulher eterna. O que é mais triste ainda é que, depois de ter atingido esta idade fatal, são olhados como mortos civilmente. Os seus herdeiros apoderam-se dos seus bens; são-lhes dados tutores, ou antes, são despojados de tudo e reduzidos a uma simples pensão alimentícia (lei muito justa em virtude da sórdida avareza comum aos velhos). Os velhos são

mantidos por custeio público numa casa chamada: *hospital dos imortais pobres.* Um imortal de oitenta anos já não pode exercer um emprego ou função alguma; não pode negociar, não pode contratar, não pode comprar nem vender e o seu próprio testemunho não é reconhecido em justiça. Quando, porém, atingem noventa anos, ainda é pior: todos os dentes e cabelos caem; perdem o paladar e bebem e comem sem prazer algum; perdem a noção das coisas mais fáceis de reter, e esquecem o nome dos amigos e às vezes o próprio. Torna-se-lhes por este motivo inútil entreterem-se com a leitura, pois que, quando querem ler uma frase de quatro palavras, esquecem as duas primeiras, enquanto lêem as duas últimas. Pelo mesmo motivo lhes é impossível conversar com alguém. Além disto, como a língua deste país está sujeita a freqüentes mudanças, os *struldbruggs* nascidos num século têm muito trabalho em compreender a linguagem dos homens nascidos noutro século, e são sempre estrangeiros na sua pátria.

Tais foram os pormenores que me forneceu a respeito dos imortais desse país, pormenores que me surpreenderam em extremo. Em seguida, mostrou-me uns seis, e confesso que nunca vi nada mais feio e mais desagradável; as mulheres, sobretudo, eram horrorosas; imaginei ver espectros.

O leitor decerto compreenderá que perdi, então, toda a vontade de tornar-me imortal por semelhante preço. Fiquei vexadíssimo com as loucas imaginações a que me entregara sobre o sistema de uma vida eterna neste baixo mundo.

O rei, sabendo da conversa que eu mantivera com aqueles de quem falei, riu muito das minhas idéias sobre a imortalidade e a inveja que eu sentira pelos *struldbruggs.* Em seguida, perguntou-me muito a sério se eu queria levar comigo dois ou três exemplares deles para o meu país, para curar os meus compatriotas do desejo de viver e do medo de morrer. No íntimo, sentiria muito prazer em que me tivesse feito esse presente; mas por uma lei fundamental do reino é proibido aos imortais sair dele.

CAPÍTULO X

O autor parte da ilha de Luggnagg para se dirigir ao Japão, onde embarca em um navio holandês — Chega a Amsterdam e daí passa para a Inglaterra.

Suponho que tudo o que tenho contado acerca dos *struldbruggs* não haja enfastiado o leitor. Creio que não são coisas vulgares, gastas e batidas, que se encontrem em todas as relações de viagens; pelo menos, posso assegurar que nada achei de igual nas que li. Em todo o caso, se são coisas reditas e já conhecidas, peço considerar que viajantes, sem se copiarem uns aos outros, podem muito bem contar as mesmas coisas, quando visitam os mesmos países.

Como existe um grande comércio entre o reino de Luggnagg e o império do Japão, é de crer que os autores japoneses não esquecessem de mencionar nos seus livros os *struldbruggs.* Mas a permanência que fiz no Japão foi muito curta e, por não possuir, além disto, tintura alguma da linguagem japonesa, não pude saber ao certo se esse assunto fora tratado nos seus livros. Algum holandês poderá talvez um dia dizer-nos o que há sobre tal assunto.

O rei de Luggnagg, tendo muitas vezes, embora inutilmente, insistido comigo para ficar nos seus Estados, teve por fim a bondade de me conceder liberdade para sair e fez até a honra de me dar uma carta de recomendação, escrita por seu próprio punho, para Sua Majestade, o imperador do Japão. Ao mesmo tempo presenteou-me com quatrocentas e quarenta e quatro peças de ouro, de cinco mil quinhentas e cinco pérolas e de oitocentos e oitenta e oito mil, cento e oitenta e oito grãos de uma espécie de arroz muito rara. Estas espécies de números, que se multiplicam por dez, agradam muito ao povo desse país.

Em sete de Maio de 1709 despedi-me, com todas as cerimônias, de Sua Majestade, e disse adeus a todos os amigos que deixava na corte. Este príncipe fez-me conduzir por um destacamento dos seus guardas até ao porto de Glanguenstald, situado a sudoeste da ilha. Ao cabo de seis dias encontrei um navio pronto a transportar-me ao Japão; embarquei e, após a nossa viagem, que durou cinqüenta dias, desembarcámos num pequeno porto chamado Xamoschi, ao sudoeste do Japão.

Mostrei primeiramente aos comissários da Alfândega a carta com que tinha a honra de ser apresentado pelo rei de Luggnagg a Sua Majestade nipônica; conheceram logo o selo de

Sua Majestade luggnaggiana, cujo sinete representava *um rei amparando um pobre aleijado e ajudando-o a andar.*

Os magistrados da cidade, sabedores de que eu era portador daquela augusta carta, trataram-me como ministro e forneceram-me uma carruagem para me transportar a Yedo, que é a capital do Império. Aí, fui recebido em audiência por Sua Majestade imperial e tive a honra de lhe apresentar a minha carta, que abriu na presença de todos com grande cerimonial, e que Sua Majestade fez logo explicar pelo seu intérprete que lhe pedisse qualquer graça que, em consideração para com o seu muito querido irmão, o rei de Luggnagg, ma concederia imediatamente.

Este intérprete, que era ordinariamente empregado nos negócios do comércio com os holandeses, conheceu facilmente pelo meu aspecto que eu era europeu e, por esse motivo, traduziu-me em língua holandesa as palavras de Sua Majestade. Respondi que era negociante da Holanda; que naufragara num mar afastado; que desde então caminhara muito por terra e por mar para chegar a Luggnagg e daí ao império do Japão, onde sabia encontrar os holandeses meus compatriotas que comerciavam, o que me podia proporcionar ocasião de voltar para a Europa; suplicava, pois, a Sua Majestade que me

transferisse com segurança para Nangasac. Tomei, ao mesmo tempo, a liberdade de pedir-lhe uma outra mercê; foi que, por consideração para com o rei de Luggnagg, que me dava a honra de proteger-me, de muito boa vontade me dispensasse da cerimônia que se fazia praticar aos do meu país e não me obrigasse *a calcar aos pés o crucifixo*, pois viera ao Japão para passar à Europa e não para traficar.

Quando o intérprete expôs a Sua Majestade nipônica esta derradeira mercê que pedia, pareceu surpreendido e respondeu que era o primeiro homem da minha terra a quem semelhante escrúpulo acudia ao espírito, o que o fazia desconfiar de que eu não fosse realmente holandês, como eu garantira, e fazia antes supor-me cristão. No entanto, o imperador, gostando da razão que eu alegara e olhando principalmente a recomendação do rei de Luggnagg, houve por bem, por bondade, condescender à minha fraqueza e singularidade, contanto que eu guardasse todas as conveniências para salvar as aparências; disse-me que daria ordem aos oficiais encarregados de fazer observar este uso para que me deixassem passar, fazendo de conta que não haviam reparado em mim. Acrescentou que era de interesse meu calar-me sobre o caso, porque infalivelmente os holandeses, meus compatriotas, me apunhalariam na viagem se viessem a saber a

dispensa que obtivera e o injurioso escrúpulo que tivera em imitá-los.

Dei os meus mais humildes agradecimentos a Sua Majestade por este singular favor, e, assim que algumas tropas estavam prontas para marchar para Nangasac, o oficial teve ordem para me conduzir a essa cidade, com instruções secretas acerca do crucifixo.

Aos nove dias do mês de Junho de 1709, após uma longa e penosa viagem, arribei a Nangasac, onde encontrei uma companhia de holandeses que tinha partido de Amsterdam para negociar em Amboina e que estava pronta para embarcar, no seu regresso, num grande navio de quatrocentas e cinqüenta toneladas. Permanecera muito tempo na Holanda, pois fizera os meus estudos em Leyde e falava muito bem a língua desse país. Dirigiram-me diversas perguntas acerca das minhas viagens, a que respondi conforme me aprouve. Mantive perfeitamente, perante eles, a linha de holandês; citei amigos e parentes nas Províncias-Unidas e apresentei-me como natural de Gelderland.

Estava disposto a dar ao capitão do navio, que era um certo Theodoro Vangrult, tudo quanto lhe apetecesse pedir-me pela minha passagem; sabendo, porém, que eu era cirurgião, contentou-

se com metade do preço vulgar, com a condição de que exerceria a bordo o meu mister.

Antes de embarcarmos, alguns da tropa tinham-me perguntado amiudadamente se eu traficara, ao que eu respondi, de um modo geral, que fizera tudo quanto era necessário. Contudo, um patife audacioso lembrou-se de mostrar-me maldosamente ao oficial japonês, dizendo: *não calcou aos pés o crucifixo.* O oficial, que tinha secretas ordens para nada exigir de mim, aplicou-lhe vinte bastonadas dadas nas costas, de maneira que mais ninguém se atreveu, após essa cena, a fazer-me perguntas sobre tal assunto.

Na nossa viagem nada houve que mereça ser referido. Fizemo-nos de vela, com vento de feição, e tomámos água no Cabo da Boa Esperança em 16 de Abril de 1710; desembarcámos em Amsterdam, onde me demorei pouco tempo e onde depressa embarquei para a Inglaterra. Que prazer não foi o meu ao tornar a ver a minha querida pátria, após cinco anos e meio de ausência! Encaminhei-me diretamente para Redriff, onde encontrei minha mulher e meus filhos de perfeita saúde.

Quarta Parte

VIAGEM AO PAÍS DOS HUYHNHNMS

CAPÍTULO I

O autor empreende ainda uma viagem na qualidade de capitão de navio — A sua tripulação insubordina-se, prende-o, acorrenta-o e põe-no em terra num ponto desconhecido — Descrição dos Yahus — Dois Huyhnhnms vêm ter com ele.

PASSEI cinco magníficos meses na doce companhia de minha mulher e de meus filhos e posso dizer que, então, era feliz, se pudesse verificar que o era; fui, porém, desgraçadamente tentado a fazer ainda nova viagem, principalmente quando me foi oferecido o orgulhoso título de capitão a bordo do *Aventura,* navio mercante de trezentas e cinqüenta toneladas. Entendia muito bem de navegação e, demais, estava cansado do título subalterno de cirurgião de bordo. Não renunciei, contudo, à profissão, e soube exercê-la, quando se me ofereceu ensejo. Por então contentei-me em levar comigo, nesta viagem, um moço praticante. Despedi-me de minha mulher, que ficava grávida. Embarcando em Portsmouth, fiz-me de vela a 2 de Dezembro de 1710.

Durante a viagem as doenças levaram-me parte da tripulação, de maneira que fui obrigado a recrutar gente nos Barbados e nas ilhas de Leward, onde os negociantes, com quem eu

comerciava, tinham dado ordem para arribar; cedo, porém, tive ensejo para me arrepender de ter feito aquele maldito recrutamento, pois a mor parte era constituída por bandidos, que tinham sido piratas. Estes patifes insubordinaram o resto da minha tripulação e todos juntos combinaram apoderar-se de mim e do navio. Certa manhã, pois, entraram no meu camarote, atiraram-se a mim, amarraram-me e ameaçaram-me de me lançar ao mar se ousasse opor a menor resistência. Disse-lhes que a minha sorte estava nas suas mãos e que consentia, antecipadamente, no que eles quisessem. Obrigaram-me a proferir estas palavras sob juramento, e, em seguida, desamarraram-me, contentando-se em me acorrentar em pé à cabeceira da cama e em postarem uma sentinela à porta do meu camarote, com ordem de me fazer saltar os miolos se fizesse alguma tentativa de fuga. O seu projeto era fazer pirataria com o meu navio e dar caça aos espanhóis; para isso, porém, não eram muitos os tripulantes; resolveram, primeiramente, vender a carga do navio e ir a Madagascar para aumentar a sua gente. Entretanto, conservavam-me prisioneiro a bordo do meu camarote, muito inquieto com a sorte que me esperava.

A 9 de Maio de 1711, um tal Jacques Welch entrou e disse-me que recebera ordem do senhor capitão para me desembarcar. Quis, mas

baldadamente, conversar com ele e dirigir-lhe algumas perguntas; recusou até dizer-me o nome daquele a quem tratava por *senhor capitão.* Fizeram-me descer para o escaler, depois de me haverem permitido arranjar o meu fardo e levar as minhas coisas. Deixaram-me o meu sabre e tiveram a delicadeza de não me revistar as algibeiras, onde havia algum dinheiro. Após quase uma légua de navegação, deixaram-me numa praia. Perguntei aos que me acompanhavam que região era aquela.

— Por nossa fé — responderam — sabemos tanto como o senhor, mas tome cuidado, não vá a maré surpreendê-lo. Adeus.

Em seguida o escaler afastou-se.

Abandonei a praia e subi a um outeiro para me sentar e deliberar sobre o caminho que tinha a tomar. Quando me senti um pouco descansado, avancei por esses terrenos, resolvido a aproveitar-me do primeiro meio de salvação que se me oferecesse e resgatar a minha vida, se pudesse, por algumas sementes, por alguns braceletes e outras bagatelas, de que os viajantes não deixam de munir-se e de que tinha uma certa quantidade nas algibeiras.

Descortinei grandes árvores, vastas campinas e campos, onde a aveia crescia por todos os lados. Caminhava com precaução, receando ser

surpreendido ou receber alguma flechada. Depois de ter andado algum tempo, fui sair em uma estrada, onde se me depararam muitas pegadas de cavalos e algumas vacas. Vi, ao mesmo tempo, grande número de animais no campo e um ou dois da mesma espécie empoleirados numa árvore. A sua figura surpreendeu-me e, tendo-se aproximado alguns, ocultei-me por detrás de um maciço para melhor os examinar.

Cabelos compridos lhes caíam para a cara; o peito, as costas e as patas dianteiras eram cobertas de um espesso pêlo; tinham barba no queixo como os bodes, mas o resto do corpo era pelado e deixava ver uma pele muito cinzenta. Não tinham cauda; estavam ora sentados na relva, ora deitados, ora de pé nas patas traseiras; saltavam, pulavam e trepavam nas árvores com a agilidade dos esquilos, tendo garras nas quatro patas. As fêmeas eram um pouco menores do que os machos; tinham longos cabelos e apenas uma ligeira penugem em muitos sítios do corpo. Os seios pendiam entre as duas patas dianteiras e algumas vezes rojavam-se pelo chão, quando caminhavam. O pêlo de uns e de outros era de diversas tonalidades: cinzento, vermelho, preto e louro. Finalmente, em nenhuma das minhas viagens vira animal tão disforme e tão desagradável.

Depois de os haver examinado suficientemente, segui pela estrada, na esperança de que me conduziria a alguma choupana de índios. Tendo caminhado um pedaço, encontrei, a meio da estrada, um desses animais que se encaminhava diretamente para mim. Ao ver-me, estacou, fez uma infinidade de caretas e pareceu olhar-me como um animal cuja espécie lhe era desconhecida; depois, aproximou-se e levantou para mim a pata dianteira. Desembainhei o sabre e bati-lhe de leve, não querendo feri-lo, com receio de ofender aqueles a quem estes animais poderiam pertencer. O animal, sentindo-se magoado, desatou a fugir e a gritar de tal maneira que atraiu a atenção de uns quarenta animais da sua espécie, que correram para mim fazendo horríveis caretas. Corri para uma árvore, onde me encostei, mantendo-me em guarda com o sabre; logo saltaram aos ramos das árvores e começaram a estercar em cima de mim. Repentinamente puseram-se todos em fuga.

Então, deixei a árvore e continuei o meu caminho, ficando muito surpreendido de que um súbito terror lhes tivesse feito fugir; mas, olhando para a esquerda, vi um cavalo trotando gravemente no meio de um campo; fora a presença deste cavalo que fizera dispersar tão depressa o bando que me assaltara. Aproximando-se de mim, o cavalo estacou, recuou e, em seguida, olhou-me fixamente,

parecendo um pouco espantado; examinou-me por todos os lados, andando por várias vezes em volta de mim.

Quis andar para a frente, mas colocou-se diante de mim na estrada, olhando-me meigamente e sem praticar violência alguma. Examinámo-nos mutuamente durante certo tempo; por fim, atrevi-me a colocar-lhe a mão sobre o pescoço, acariciando-o, assobiando e falando à maneira dos palafreneiros, quando querem acariciar um cavalo; mas o animal, soberbo, fazendo pouco da minha delicadeza e da minha bondade, carregou a vista e levantou orgulhosamente uma das suas patas dianteiras para me obrigar a retirar a minha mão familiar demais. Ao mesmo tempo, desatou a relinchar três vezes, mas com uns sons tão variados, que comecei a crer que falava uma linguagem que lhe era própria e que tinha uma espécie de sentido ligado aos seus relinchos.

Imediatamente apareceu um outro cavalo, que cumprimentou o primeiro muito delicadamente; ambos se trataram muito bem e começaram a relinchar de cem diferentes modos, que pareciam formar sons articulados; em seguida, deram alguns passos juntos, como se quisessem conferenciar sobre qualquer assunto; iam e vinham, marchando gravemente a par, semelhantes a pessoas que deliberam sobre

coisas importantes; no entanto, não tiravam os olhos de cima de mim, como se temessem que eu tentasse a fuga.

Surpreendido por ver animais portarem-se assim, pensei de mim para comigo:

— Visto que neste país os animais raciocinam assim, é porque os homens são de uma suprema inteligência.

Esta reflexão incutiu-me tanta coragem que resolvi avançar por essa região até que descobrisse qualquer casa e encontrasse algum habitante, o que deixara ali os dois cavalos soltos; um deles, porém, que era ruço-malhado, vendo que me ia embora, começou a relinchar junto de mim de maneira tão expressiva que julguei perceber o que ele queria; voltei-me e acerquei-me dele, dissimulando o meu embaraço e a minha perturbação tanto quanto me era possível, porque, no fundo, não sabia em que daria tudo isso.

Os dois cavalos chegaram-se mais perto e puseram-se como que a examinar-me o rosto e as mãos. O meu chapéu parecia surpreendê-los, assim como a fazenda da minha roupa. O ruço-malhado pôs-se a gabar a minha mão direita, parecendo encantado, e a macieza e a cor da minha pele; mas apertou-ma tanto entre o casco e a ranilha que não pude deixar de gritar com

toda a força dos meus pulmões, o que me atraiu mil outras carícias, cheias de amizade. Os meus sapatos e as minhas meias inquietaram-nos, farejaram-nos e apalparam-nos por diversas vezes e fizeram sobre este assunto muitos gestos parecidos com os de um filósofo que tenta explicar um fenômeno.

Enfim, a atitude e as maneiras desses dois animais pareceram-me tão racionais, tão prudentes, tão judiciosas, que concluí de mim para mim que talvez fossem encantadores que se haviam transformado em cavalos com qualquer desígnio e que, encontrando um estranho no seu caminho, tinham querido divertir-se um pouco à sua custa, ou tinham ficado atônitos com as suas feições, roupas e maneiras. Foi por isso que tomei a liberdade de falar-lhes nestes termos:

— Senhores cavalos, se são feiticeiros, como tenho motivos para crer, decerto compreendem todas as línguas; assim, tenho a honra de lhes dizer, na minha, que sou um pobre inglês que, por fatalidade, naufraguei nestas costas e peço ou a um ou a outro que, se são realmente cavalos, me deixem subir para a garupa, a fim de descortinar alguma aldeia ou casa onde possa recolher-me. Como reconhecimento, ofereço-lhes este punhal e este bracelete.

Os dois animais pareceram ouvir o meu discurso com atenção e, quando acabei, puseram-se a relinchar cada um por sua vez, voltados um para o outro. Compreendi então, claramente, que aqueles relinchos eram significativos e encerravam palavras com que, talvez, se pudesse fazer um alfabeto tão claro como o dos chineses.

Ouvi-os repetir várias vezes a palavra *Yahu,* de que distinguia o som sem lhe perceber o sentido, ainda que, enquanto os dois cavalos conversavam, tentasse compreender-lhe o significado. Quando acabaram de falar, desatei a gritar com toda a força: *Yahu! Yahu!* tentando imitá-los. Isto pareceu surpreendê-los em extremo, e então o ruço-malhado, repetindo duas vezes a mesma palavra, pareceu querer ensinar-me o modo de pronunciá-la. Repeti-a após ele o melhor que me foi possível e quis me parecer que, embora estivesse muito longe da perfeição, da acentuação e da pronúncia, tinha, no entanto, feito algum progresso. O outro cavalo, que era baio, ao que me pareceu, quis também ensinar-me uma outra palavra muito mais difícil de pronunciar e que, sendo reduzida à ortografia inglesa, pode ser escrita assim: *huyhnhnm.* Não me saí tão bem da pronúncia desta como da primeira, mas depois de alguns ensaios já ia melhor, e os dois cavalos notaram que eu era inteligente.

Após alguns momentos de conversa (decerto a meu respeito) despediram-se com o mesmo cerimonial com que se tinham acercado de mim. O baio fez-me sinal para caminhar adiante dele, o que julguei a propósito fazer enquanto não encontrasse outro guia. Como caminhasse muito vagarosamente, pôs-se a relinchar, *hhuum, hhuum.* Compreendi o seu pensamento e dei-lhe a entender, conforme pude, que estava muito cansado e me custava muito a andar. Percebendo-o, deteve-se caridosamente para me deixar descansar.

CAPÍTULO II

O autor é levado à habitação de um huyhnhnm; como é recebido — Qual era o alimento dos huyhnhnms — Embaraços do autor para encontrar com que se alimentar.

Depois de ter palmilhado quase três milhas, chegámos a um sítio onde havia uma grande casa de madeira muito baixa e coberta de palha. Comecei logo a tirar da algibeira as pequenas lembranças, que destinava aos donos desta casa, para ser nela recebido mais bondosamente. O cavalo teve a delicadeza de me fazer entrar, primeiro, numa grande quadra muito limpa, onde, como único mobiliário, havia uma mangedoura e uma gamela.

Vi três cavalos com duas éguas, que não comiam, e que estavam sentados nos jarretes. Entretanto, o ruço-malhado chegou, e, entrando, começou a relinchar em tom de dono da casa. Atravessei com ele duas outras salas planas; na última, o guia fez-me sinal para esperar e passou a outro aposento que ficava próximo. Imaginei, então, de mim para mim, que era preciso que o dono da casa fosse uma pessoa nobre, pois assim me fazia esperar em cerimônia na antecâmara. Ao mesmo tempo, porém, não podia conceber que um homem de distinção tivesse um cavalo como

criado de quarto. Temi, então, estar doido, e que as minhas fatalidades me tivessem feito perder completamente a inteligência. Olhei atentamente em volta de mim e pus-me a examinar a antecâmara que estava pouco mais ou menos mobilada como a primeira sala. Abri muito os olhos, fitei fixamente tudo o que me cercava e via sempre a mesma coisa. Belisquei os braços, mordi os lábios, bati nos quadris para acordar, no caso em que estivesse sonhando e, como eram sempre os mesmos objetos que me feriam a vista, depreendi que havia ali obra do diabo e alta magia.

Enquanto ia fazendo estas reflexões, o ruço-malhado veio ter comigo e fez-me sinal para que entrasse com ele no aposento, onde vi sobre uma esteira muito asseada e fina uma bonita égua com um potro e uma eguazinha, todos apoiados simplesmente nas suas ancas. A égua levantou-se à minha chegada e, depois de ter-me examinado atentamente as mãos e o rosto, voltou-me o rabo com ar desdenhoso e pôs-se a rinchar, pronunciando muitas vezes a palavra *Yahu.* Compreendi logo, com grande pesar meu, o sentido funesto daquela palavra, porque o cavalo que me introduzira, fazendo-me sinal com a cabeça e repetindo a palavra *hhuum, hhuum,* conduziu-me a uma espécie de pátio onde havia uma outra construção, a alguma distância da casa. A primeira coisa que me saltou à vista

foram três daqueles malditos animais, que, a princípio, tinha visto no campo e de que mais acima fiz menção; estavam presos pelo pescoço e comiam raízes e carne de burro, de cão e de vaca morta (como depois soube), que seguravam nas garras e dilaceravam com os dentes.

O cavalo-mor mandou então a um cavalinho alazão, que era um dos seus lacaios, que desprendesse o maior desses animais e o trouxesse. Colocaram-nos a ambos de costas para melhor fazer a comparação e foi então que o *Yahu* foi repetido muitas vezes, o que me deu a entender que aqueles animais se chamavam *Yahus.* Não posso descrever a minha surpresa e o meu horror, quando, tendo examinado de perto esse animal, notei nele todas as feições e toda a configuração de um homem, com a diferença de que tinha uma cara larga e chata, o nariz esborrachado, os lábios grossos e a boca muito grande; isto, porém, é vulgar a todas as nações selvagens, porque as mães parem os filhos com o rosto voltado para o chão, levam-nos às costas e eles batem-lhes com o nariz nas espáduas. Este *Yahu* tinha as patas dianteiras parecidas com as minhas mãos, embora fossem munidas de unhas muito grandes e a pele fosse trigueira, rude e coberta de pêlo. As pernas também se pareciam com as minhas, com algumas diferenças. No entanto, as minhas meias e os meus sapatos tinham feito acreditar aos senhores cavalos que a

diferença era muito maior. Com respeito ao resto do corpo, era de fato a mesma coisa, exceto com relação à cor e ao pêlo.

Ainda que assim fosse, aqueles senhores imaginavam que a minha vestimenta era a minha pele, e, por conseguinte, parte integrante do meu ser, de maneira que, por essa circunstância, era muito diferente dos seus *Yahus.* O lacaio alazão, apanhando uma raiz com o casco e a ranilha, veio trazer-ma. Peguei-lhe e, tendo-a saboreado, restituí-lha imediatamente com a máxima delicadeza possível. Em seguida, foi à moradia dos *Yahus* e trouxe-me um bocado de carne de burro. Este petisco pareceu-me tão detestável e tão desagradável que nem lhe toquei, indicando, ao mesmo tempo, que me fazia mal ao coração. O alazão atirou-o ao *Yahu,* que imediatamente o devorou com prazer. Vendo que o sustento dos *Yahus* me não agradava, lembrou-se de me oferecer do seu, isto é, feno e aveia; abanei, porém, a cabeça, fiz-lhe compreender que não era iguaria de que gostasse. Então, levando uma das patas dianteiras à boca, de um modo muito surpreendente e contudo muito natural, fez-me sinais para me fazer compreender que não sabia como sustentar-me e para me perguntar o que eu queria comer; porém não pude fazer-lhe entender o meu pensamento por sinais, embora o entendesse, pois não via que ele se encontrasse em condições de poder satisfazer-me.

Entretanto, passou uma vaca, apontei-a com o dedo e dei a entender, por um aceno expressivo, que tinha vontade de mungi-la. Compreenderam-me e logo me fizeram entrar em casa, onde deram ordem a uma criada, isto é, à égua, de me abrir uma sala, onde encontrei uma grande quantidade de vasilhas de leite, alinhadas muito em ordem. Bebi dele abundantemente e tomei a minha refeição muito à vontade e com grande coragem.

À hora do meio-dia vi chegar à casa uma espécie de carruagem, puxada por quatro *Yahus.* Nessa carruagem um velho cavalo, que parecia pertencer a elevada hierarquia, vinha visitar os meus hospedeiros e jantar com eles. Receberam-no muito delicadamente e com grandes considerações, jantaram juntos na melhor sala e, além do feno e da palha que lhe apresentaram primeiramente, serviram-lhe aveia fervida em leite. A gamela em que comiam, colocada ao centro da sala, estava disposta em círculo, pouco mais ou menos como uma prensa de lagar na Normandia, e dividida em vários compartimentos, em volta dos quais se colocaram sentados sobre as ancas e encostados a fardos de palha. A cada compartimento competia uma grade de manjedoura, de maneira que cada cavalo e cada égua comia a sua ração com muito mais decência e limpeza. O potro e a eguazinha, filhos dos donos da casa, assistiam a esse jantar, e parecia que os seus progenitores estavam muito atentos em fazê-

los comer. O ruço-malhado ordenou-me que fosse para junto dele e pareceu referir-se a mim durante largo tempo ao seu amigo, que de vez em quando me fitava, repetindo por várias vezes a palavra *Yahu.*

Alguns momentos antes eu calçara as luvas; o ruço-malhado, tendo notado isso, e não vendo as minhas mãos conforme as havia visto a princípio, fez diversos sinais de admiração e de enleio; tocou-me três vezes com a sua pata e deu-me a entender que desejava que voltasse à primitiva forma. Em seguida descalcei-me, o que fez falar toda a sociedade, à qual inspirei afeição. Depressa lhe senti os efeitos; aplicaram-se em fazer-me pronunciar algumas palavras que ouvia e ensinaram-me os nomes de aveia, leite, fogo, água e muitas outras coisas. Decorei todos esses nomes e foi, então, mais do que nunca, que fiz uso dessa prodigiosa facilidade que a natureza me concedeu para aprender línguas.

Quando acabou o jantar, o cavalo, meu amo, chamou-me em particular e, por meio de sinais acompanhados de algumas palavras, fez-me compreender o pesar que sentia por ver que eu não comia, não achando coisa alguma que fosse do meu agrado. *Hlunnh,* na sua linguagem, queria dizer aveia. Pronunciei esta palavra duas ou três vezes, porque, embora a princípio tivesse recusado a aveia, depois de haver refletido julguei

poder fazer dela uma espécie de alimento, misturando-a com leite. Isso me sustentaria até que se me proporcionasse ensejo propício para me escapar e encontrasse indivíduos da minha espécie. Logo o cavalo deu ordem a uma criada, que era uma bonita égua, para que trouxesse uma boa porção de aveia em um prato de madeira. Fiz torrar esta aveia, consoante me foi possível; em seguida, esfreguei-a até que ficasse completamente descascada, depois tratei de a padejar e coloquei-a sobre duas pedras para a esmagar: arranjei água, e fiz dela uma espécie de bolo que cozi e que comi quente, misturado em leite.

A princípio, foi para mim uma iguaria muito insípida (embora seja um alimento muito usado em alguns pontos da Europa); mas, habituei-me com o tempo e, tendo-me encontrado bastantes vezes na minha vida reduzido a circunstâncias difíceis, não era a primeira vez que percebia que pouco era preciso para contentar as necessidades da natureza e que o corpo a tudo se habitua. Observarei aqui que, enquanto permaneci no país dos cavalos, não sofri a menor indisposição. Verdade é que, algumas vezes, ia à caça dos coelhos e das aves, que apanhava com armadilhas feitas de cabelos dos *Yahus*; outras vezes, colhia ervas, que fazia cozer, ou que comia como salada, e, de vez em quando, fabricava manteiga. O que a princípio me causava desgosto

era a falta de sal; acostumei-me, porém, a passar sem ele; daqui depreendo que o uso do sal é efeito da nossa intemperança e apenas foi produzido para excitar a beber, porque é bom que se note que o homem é o único animal que tempera com sal tudo o que come. Quanto a mim, ao deixar este país, tive certo custo em tornar a usá-lo.

Creio que já falei bastante a respeito do meu sustento. Se me alongasse muito mais sobre esse assunto, parece-me que faria o que fez, nas suas relações, a maioria dos viajantes, que imagina coisa de grande valia para o leitor saber se tem bom ou mau passadio.

Seja como for, suponho que este sucinto pormenor da minha alimentação era necessário para impedir que se imaginasse que me foi impossível alimentar-me durante três anos de permanência em tal país e com semelhantes habitantes.

À tarde, o cavalo, meu amo, mandou-me dar um quarto a seis passos da casa e separado do alojamento dos *Yahus*. Estendi alguns fardos de palha e cobri-me com o meu casaco, de maneira que passei uma noite magnífica, dormindo tranqüilamente. Nas seguintes passei melhor, como o leitor verá daqui a pouco, quando lhe falar da maneira de viver nesse país.

CAPÍTULO III

O autor entrega-se ao estudo de aprender bem a, língua e o huyhnhnm, seu amo, aplica-se em ensinar-lha — Muitos huyhnhnms vêm, por curiosidade, visitar o autor — Faz a seu amo um sucinto relato das suas viagens.

Entreguei-me extremamente ao estudo da língua que o *huyhnhnm* meu amo, (é assim que o tratarei de hoje em diante), seus filhos e criados tinham muita vontade de ensinar-me. Olharam-me como um prodígio e estavam surpreendidos de que um animal irracional tivesse todas as maneiras e todos os sinais naturais de um animal racional. Apontava cada coisa com o dedo e perguntava o nome, que retinha de memória e que não deixava de inscrever no meu pequeno registro de viagem, quando estava só. Com respeito à acentuação, tentei apanhá-la, apurando atentamente o ouvido. O alazão, porém, foi um grande auxiliar.

Preciso é confessar que a pronúncia desta língua me pareceu muito difícil. Os *huyhnhnms* falam, ao mesmo tempo, com a garganta e o nariz; e a sua língua, tanto nasal como gutural, se aproxima muito da dos alemães, mas é muitíssimo mais graciosa e expressiva. O imperador Carlos V fizera esta curiosa

observação; assim, dizia ele, se tivesse de falar com o seu cavalo, falar-lhe-ia em alemão.

O meu amo sentia-se tão impaciente por me ouvir falar na sua língua para poder conversar comigo e satisfazer a sua curiosidade, que empregava todas as suas horas de descanso em dar-me lições e em ensinar-me todos os termos, todos os rodeios e finuras dessa língua. Estava convencido, como mais tarde me declarou, de que eu era um *Yahu;* mas o meu asseio, a minha delicadeza, a minha docilidade, a minha disposição para aprender, admiravam-no: não podia ligar essas qualidades com as de um *Yahu,* que é um animal grosseiro, sujo e indócil. O meu vestuário causava-lhe também embaraço, imaginando que fazia parte integrante do meu corpo, pois não me despia senão à noite para me deitar, quando todos na casa estavam ferrados no sono, e me vestia de manhã ao levantar, antes de acordarem. Meu amo tinha vontade de saber qual era o meu país, onde e como adquirira esta espécie de raciocínio, que transparecia de todas as minhas maneiras e, enfim, de conhecer a minha história. Gabava-me de ter aprendido tudo isso, rapidamente, visto o progresso que eu fazia dia a dia na compreensão e na pronúncia da língua. Para auxiliar um pouco a minha memória, formei um alfabeto com todas as palavras que aprendera, e escrevia-as com o termo correspondente em inglês por baixo. Depois, não

tive dificuldade em escrever na presença de meu mestre as palavras e frases que aprendia; não podia, contudo, compreender o que eu fazia, porque os *huyhnhnms* não faziam idéia alguma do que seja escrita.

Enfim, ao cabo de dez semanas, encontrei-me em estado de entender diversas vezes as suas perguntas, e três meses depois fiquei bastante habilitado para lhes responder regularmente. Uma das primeiras perguntas que me dirigiu, quando lhe pareceu que eu estava em condições de responder-lhe, foi indagar de que país eu vinha e como aprendera a fazer-me animal racional, não passando de um *Yahu,* porque os *Yahus,* com os quais ele me encontrava semelhanças no rosto e nas patas dianteiras, tinham, dizia ele, uma espécie de conhecimentos, com astúcias e malícias, porém não tinham esta concepção e esta docilidade que notava em mim. Respondi-lhe que vinha de muito longe e tinha atravessado os mares com outros da minha espécie; que viajara numa grande construção de madeira; que os meus companheiros me haviam deixado nas costas deste país, abandonando-me. Foi-me preciso, então, juntar à linguagem muitos sinais para me fazer compreender. Meu amo replicou-me que era certo que me enganava *e que tinha dito uma coisa que não era,* isto é, mentia. (Os *huyhnhnms* não possuem na sua língua vocábulos para exprimir a verdade ou a mentira).

Não podia compreender que houvesse terras de além-mar e que um vil rebanho de animais pudesse fazer flutuar sobre esse elemento uma grande construção de madeira e conduzi-la à sua vontade. E acrescentou:

— Ninguém, salvo um *huyhnhnm,* poderia fazer semelhante coisa. Confiar o governo de uma construção dessas a um *Yahu,* é obra de insensatos.

Esta palavra *huyhnhnm,* na sua língua, significava *cavalo,* e quer dizer, conforme a sua etimologia, a perfeição da natureza. Respondi a meu amo que me faltavam as expressões, mas, dentro de algum tempo, ficaria em estado de lhe referir coisas, que, decerto, o surpreenderiam. Exortou a senhora égua sua mulher, os senhores seus filhos, o potro e a eguazinha, e todos os seus criados, a concorrer com zelo a aperfeiçoarem-me na língua, e ele próprio, todos os dias, consagrava para esse fim duas a três horas.

Muitos cavalos e éguas de distinção vieram, então, visitar meu amo, excitados pela curiosidade de ver um extraordinário *Yahu,* que, pelo que tinham ouvido, falava como *huyhnhnm* e fazia brilhar, com as suas maneiras, as chispas do seu raciocínio. Sentiam prazer em dirigir-me perguntas ao meu alcance, às quais redarguia conforme podia. Tudo isto contribuía para me

fortalecer no uso da língua, de sorte que, ao cabo de cinco meses, compreendia tudo o que me diziam e exprimia-me muito bem sobre a mor parte das coisas.

Alguns *huyhnhnms,* que vinham à casa de meu amo para me ver e conversar comigo, não queriam acreditar que eu fosse um *Yahu,* porque, diziam, tinha uma pele muito diferente da daqueles animais; não me viam, acrescentavam, uma pele aproximadamente parecida com a dos *Yahus* senão no rosto e nas patas dianteiras, porém peladas. Meu amo sabia bem o que isso era, porque uma coisa que aconteceu uns quinze dias antes tinha-me obrigado a descobrir-lhe esse mistério, que ocultara sempre até então com receio de que me tomasse por um verdadeiro *Yahu* e me pusesse na companhia deles.

Já disse ao leitor que todas as noites, quando toda a casa estava recolhida, o meu costume era despir-me e cobrir-me com o casaco. Certo dia, meu amo mandou-me, de madrugada, o seu lacaio alazão. Quando entrou no meu quarto, dormia eu profundamente; o meu casaco estava caído e tinha a camisa arregaçada. Acordei com o barulho que ele fez e notei que dava conta do recado com ar inquieto e embaraçado. Foi logo ter com o amo e contou-lhe confusamente o que vira. Quando me levantei fui dar os bons dias a *sua honra* (é o termo usado entre os *huyhnhnms*, que

corresponde aos nossos: alteza, grandeza e reverência) . Perguntou-me logo o que havia, o que o seu lacaio lhe tinha contado de manhã; que lhe dissera que não era o mesmo acordado que dormindo; que, quando dormia, tinha uma pele que não possuía durante o dia.

Tinha, até essa data, ocultado esse segredo, como já disse, para não ser confundido com a maldita e infame raça dos *Yahus*; mas, então, foi preciso desvendá-lo, contra minha vontade. Além disso, o meu vestuário e o meu calçado estavam já muito usados, e como precisavam de ser substituídos pela pele de um *Yahu,* ou de qualquer outro animal, eu previa que o meu segredo não ficaria por muito tempo oculto. Confiei a meu amo que, no país de onde eu vinha, os da minha espécie costumavam cobrir o corpo com o pêlo de certos animais, preparado com arte, quer por decência e comodidade, quer para se precaver contra o rigor das estações; que, pelo que me dizia respeito, estava pronto a fazer-lhe ver claramente o que acabava de dizer; que me ia despir e que só ocultaria o que a natureza nos inibe de mostrar. O meu discurso pareceu admirá-lo; não podia, principalmente, conceber que a natureza nos obrigasse a ocultar o que nos deu.

— A natureza — dizia ele — fez-nos presentes vergonhosos, furtivos e criminosos? Quanto a nós

— acrescentou — não coramos com esses dotes e não nos envergonhamos de os expor às claras. No entanto — prosseguiu — não quero contrariá-lo.

Despi-me, pois, decentemente, para satisfazer à curiosidade de sua honra, que deu grandes mostras de admiração ao ver a configuração de todas as partes decentes do corpo. Levantou o meu vestuário, peça por peça, tomando-o entre o casco e a ranilha e examinou-o atentamente; gabou-me, acariciou-me e deu várias voltas em torno de mim; em seguida, disse com gravidade que era evidentemente um *Yahu,* e que não diferia de todos os da minha espécie senão por ter a carne menos dura e mais branca, com uma pele mais macia; que não tinha pêlo na maior parte do corpo; que tinha garras mais curtas e de configuração um pouco diferente, e que afetava andar apenas com as patas traseiras. Não quis ver mais e deixou-me vestir, o que me causou prazer pois já começava a sentir frio.

Demonstrei a sua honra quanto me mortificava que me desse seriamente o nome de um animal infame e odioso. Supliquei-lhe que me poupasse uma denominação tão ignominiosa e que recomendasse a mesma coisa a sua família, aos seus criados e a todos os seus amigos; foi em vão. Pedi-lhe, ao mesmo tempo, a bondade de não dar parte do meu segredo, que lhe confiara, a pessoa alguma, com relação ao meu vestuário, ao

menos enquanto não tivesse necessidade de mudá-lo, e que, com respeito ao seu lacaio alazão, sua honra lhe ordenasse que não desse palavra sobre o que vira.

Prometeu guardar silêncio e o caso permaneceu secreto até que minha roupa ficasse imprestável e me fosse preciso procurar com que me vestisse, como direi mais tarde. Ao mesmo tempo exortou-me a que me aperfeiçoasse ainda na língua, porque ficara muito mais admirado de me ouvir falar e raciocinar, do que me ver branco e pelado, e que tinha uma extrema vontade de saber de mim as coisas admiráveis que eu tinha prometido explicar-lhe. Desde então, teve mais empenho em instruir-me. Ia com ele, sempre que saía, e fazia com que eu fosse tratado bondosamente em toda parte e com todas as considerações, a fim de estar sempre de boa disposição (como me disse particularmente) e de me tornar mais agradável e mais alegre.

Todos os dias, quando estava com ele, além do trabalho que tinha em ensinar-me a língua, dirigia-me mil perguntas a meu respeito, às quais respondia o melhor que me era possível, o que lhe dava já algumas idéias gerais e imperfeitas do que devia dizer-lhe pormenorizadamente mais tarde. Seria inútil explicar aqui como consegui travar com ele uma conversação longa, séria e seguida;

direi apenas que a primeira conversa teve lugar da forma que passo a expor:

Disse a sua honra que vinha de um país muito afastado, como já tinha tentado fazer-lhe compreender, acompanhado de quase cinqüenta meus semelhantes; que num navio, isto é, uma construção feita de pranchas, tínhamos atravessado o mar. Descrevi-lhe a forma desse navio o melhor que pude e, tendo desdobrado o lenço, fiz-lhe compreender como o vento, que inchava as velas, nos fazia caminhar. Disse-lhe que, por ocasião de uma discussão levantada entre nós, tinha sido desembarcado nas costas da ilha em que atualmente me encontrava; que ficara a princípio muito embaraçado, não sabendo onde estava, até que sua honra tivera a bondade de me livrar da perseguição dos vis *Yahus.*

Perguntou-me, então, quem tinha construído o tal navio, e como os *huyhnhnms* do meu país o haviam confiado ao governo de uns animais irracionais. Retorqui que era impossível responder à sua pergunta e continuar a minha narrativa se não me desse a sua palavra, e se não me prometesse sobre sua honra e sobre a sua consciência, que não se ofenderia com tudo o que lhe dissesse; que, sob esta única condição, prosseguiria a minha narrativa, e lhe exporia com

sinceridade as maravilhosas coisas que lhe prometera contar.

Assegurou-me, positivamente, que não se ofenderia com coisa alguma. Então, disse-lhe que o navio fora construído por criaturas parecidas comigo e que, no meu país e em todas as partes do mundo por onde viajava, eram os únicos animais senhores e denominados racionais; que, ao chegar àquela região, ficara extremamente surpreendido por ver os *huyhnhnms* procederem como pessoas dotadas de raciocínio, do mesmo modo que ele e os seus amigos estavam muito admirados de encontrar provas desse raciocínio numa criatura a quem lhes aprouvera tratar por *Yahu,* e que de fato se parecia com esses vis animais pela sua configuração exterior, e não pelas suas qualidades de alma. Acrescentei que, se algum dia o céu permitisse que voltasse ao meu país e publicasse a relação das minhas viagens, e em especial a minha permanência entre os *huyhnhnms,* toda a gente acreditaria que *eu diria uma coisa que não era,* e que seria uma história fabulosa e impertinente que eu tinha inventado; em suma, apesar de todo o respeito que ele me merecia, e toda a sua honrada família, e todos os seus amigos, ousava afirmar-lhe que no meu país ninguém acreditaria que um *huyhnhnm* fosse um animal racional e que um *Yahu* fosse um animal irracional.

CAPÍTULO IV

Idéias dos huyhnhnms acerca da verdade e da mentira — As dissertações do autor são censuradas por seu amo.

Enquanto pronunciava as derradeiras palavras, meu amo parecia inquieto, embaraçado e como fora de si. *Duvidar e não acreditar* o que se ouve dizer é para os *huyhnhnms* uma operação de espírito a que não estão habituados, e, quando são obrigados a isso, o espírito sai-lhes por assim dizer fora da órbita natural. Recordo-me até de que, conversando algumas vezes com meu amo a respeito das propriedades da natureza humana, tal como existe nas outras partes do mundo, e havia ocasião para lhe falar da mentira e do engano, tinha muito custo em perceber o que lhe queria dizer, porque raciocinava assim: o uso da palavra foi-nos dado para comunicar uns aos outros o que pensamos e para sabermos o que ignoramos. Ora, se *se diz a coisa que não é,* não se procede conforme a intenção da natureza; faz-se um abusivo uso da palavra; fala-se e não se fala. Falar não é fazer compreender o que se pensa?

— Ora, quando o senhor faz o que se chama *mentir,* dá-me a compreender o que não se pensa:

em vez de me dizer o que é, não fala, só abre a boca para articular sons vãos, não me tira da ignorância, aumenta-a.

Tal é a idéia que os *huyhnhnms* têm da faculdade de mentir, que nós, homens, possuímos num grau tão perfeito e tão eminente.

Para voltar à conversa particular de que se trata, quando garanti a sua honra que os *Yahus* eram, no meu país, os animais senhores e dominadores (o que deveras o admirou) perguntou-me se tínhamos *huyhnhnms* e qual era o seu estado e emprego. Respondi-lhe que tínhamos grande quantidade; que, no verão, pastavam nas campinas e que, durante o inverno, ficavam em suas casas, onde tinham *Yahus* para os servir, para lhes pentear a crina, para lhes escovar e esfregar a pele, para lhes lavar os pés, para lhes dar de comer.

— Compreendo, — retorquiu ele — isto é, que, embora os *Yahus* se gabem de possuir algum raciocínio, os *huyhnhnms* são sempre os amos, como aqui. Prouvesse aos céus apenas que os nossos *Yahus* fossem tão submissos e tão bons criados como os do seu país! Mas prossiga, rogo-lhe.

Pedi a sua honra quisesse dispensar-me de dizer mais sobre este assunto, porque não podia,

segundo as regras da prudência, da decência e da delicadeza, explicar-lhe o resto.

— Quero saber tudo — tornou. — Continue e não receie desgostar-me.

— Pois bem! — disse-lhe eu — Visto que o quer em absoluto, vou obedecer-lhe. Os *huyhnhnms,* a que nós damos o nome de *cavalos,* são, entre nós, os mais belos e mais soberbos animais, igualmente vigorosos e leves para corridas. Quando vivem em casas de pessoas de distinção, fazem-lhes passar o tempo a viajar, a correr, a puxar carruagens e têm por eles todas as espécies de atenção e amizade, enquanto são novos e se portam bem; mas, assim que começam a envelhecer ou a sofrer das pernas, desfazem-se deles logo e vendem-nos aos *Yahus,* que os empregam em trabalhos rudes, penosos, baixos e vergonhosos, até que morram. Então, esfolam-nos, vendem-lhes as peles, e abandonam os seus cadáveres às aves de rapina, aos cães e aos lobos, que os devoram. Tal é, no meu país, o fim dos mais belos e dos mais nobres *huyhnhnms.* Mas nem todos são bem tratados e felizes, como aqueles que acabo de citar; há os que habitam, nos seus primeiros anos, em casa dos lavradores, carroceiros, cocheiros e outros que tais, onde são obrigados a trabalhar, ainda que mal tratados e mal alimentados.

Descrevi, então, a nossa maneira de viajar a cavalo e a equipagem de um cavaleiro. Pintei o melhor possível o freio, a sela, as esporas, o chicote, sem esquecer todos os arreios dos cavalos que puxam uma carruagem, uma carroça ou uma charrua. Acrescentei que se aplicava à extremidade dos pés de todos os nossos *huyhnhnms* uma chapa de certa substância muito dura chamada *ferro,* para lhes conservar o casco e impedi-lo de partir-se nos caminhos pedregosos.

Meu amo pareceu indignado com esta maneira brutal por que tratamos os *huyhnhnms,* no nosso país. Disse-me que estava muito admirado de que tivéssemos a ousadia e a insolência de lhes subir para a garupa; que, se o mais vigoroso dos *Yahus* ousasse, alguma vez, tomar essa liberdade com respeito ao menor *huyhnhnm* entre os seus criados, seria imediatamente atirado ao chão, pisado, esmagado, feito em nada. Respondi-lhe que os nossos *huyhnhnms* eram em geral domados e educados dos três para os quatro anos, e que, se algum deles fosse insubmisso, rebelde ou renitente, o empregavam logo em puxar carroças, em lavrar as terras e enchiam-no de pancadas; que os machos destinados à cavalaria ou a puxar carruagens, eram ordinariamente castrados dois anos depois de nascer, para os tornar mais dóceis e mais macios; que eram sensíveis às

recompensas e aos castigos, e que, no entanto, eram destituídos de raciocínio, como os *Yahus* daquela região.

Tive muito trabalho em fazer compreender tudo isto a meu amo e foi-me preciso usar de muitos circunlóquios para exprimir as minhas idéias, porque a língua dos *huyhnhnms* não é rica e, como têm poucas paixões, têm também poucos vocábulos, porque são as paixões multiplicadas e subtilizadas que formam a riqueza, a variedade e a delicadeza de uma língua.

Impossível se torna descrever a impressão que este discurso causou no espírito do meu amo, e o nobre agastamento de que foi possuído quando lhe expus a maneira por que nós tratamos os *huyhnhnms,* e particularmente, o nosso uso de os castrar para os tornar mais dóceis e evitar que se procriem. Conveio em que, se houvesse um país em que os *Yahus* fossem os únicos animais racionais, era justo que eles fossem os senhores, visto como o raciocínio deve ser superior à força. Mas, examinando a configuração do meu corpo, acrescentou que uma criatura como eu era muito mal feita para poder ser racional ou pelo menos para se servir do raciocínio na maior parte das coisas da vida. Perguntou-me ao mesmo tempo se todos os *Yahus* do meu país se pareciam comigo. Respondi-lhe que tínhamos pouco mais ou menos

a mesma configuração, e que eu passava por bem feito; que os juvenis machos e as fêmeas tinham a pele mais fina e mais delicada, e a das fêmeas era ordinariamente, no meu país, branca como leite. Replicou-me que existia, de fato, alguma diferença entre os *Yahus* do pátio e eu; que era mais limpo e não tão feio como eles; com relação, porém, a vantagens sólidas, os julgava superiores a mim; que os meus pés tanto dianteiros como traseiros eram nus, e que o pouco pêlo que tinha era inútil, pois nem sequer me preservava do frio; que, com respeito aos meus pés dianteiros, não eram precisamente pés, pois que nunca me servia deles para caminhar; que eram fracos e delicados, que os conservava geralmente nus, e que a coisa com que eu os cobria de tempos a tempos não era tão forte nem tão dura como a coisa com que eu tapava os pés traseiros; que não andava com segurança, visto que, se um dos pés traseiros escorregasse, eu cairia imediatamente. Continuou, então, a criticar toda a configuração do meu corpo, a *chateza* do meu rosto, a *proeminência* do meu nariz, a situação dos meus olhos, agarrados imediatamente à testa, de maneira que não podia olhar nem para a direita nem para a esquerda sem voltar a cabeça. Disse que eu não podia comer sem auxílio dos meus pés dianteiros, que levava à boca, e que era aparentemente por isso que a natureza pusera aí tantas pinturas, a fim de disfarçar esse defeito;

que não via que uso pudesse dar a todos esses pequenos membros separados como estavam nas extremidades dos meus pés traseiros; que eram decerto muito fracos e muito tenros para que se cortassem nas pedras e nas arestas, e que precisava, para remediar isso, de os cobrir com a pele de qualquer outro animal; que o meu corpo nu e pelado estava sujeito ao frio, e que, para me precaver dele, era obrigado a cobri-lo com pêlos estranhos, isto é, a vestir-me e despir-me todos os dias, o que era, segundo a sua opinião, a coisa mais aborrecida e fatigante do mundo; que, enfim, notara que todos os animais do seu país tinham um natural horror aos *Yahus,* dos quais fugiam, de maneira que, supondo que nós, no nosso país, havíamos recebido da natureza o dom do raciocínio, não via como, com ele, podíamos curar esta intuitiva antipatia que todos os animais têm pelos da nossa espécie, e, por conseguinte, como podemos tirar deles algum préstimo.

— Em suma — acrescentou — não quero avançar mais sobre este assunto; deixo-o livre acerca das respostas que me poderia dar, e peço-lhe simplesmente que me conte a história da sua vida e que me descreva o país em que nasceu.

Retorqui que estava disposto a satisfazê-lo sobre todos os pontos que lhe interessassem a curiosidade; mas receei muito que me fosse

impossível explicar-lhe claramente a respeito da matéria de que sua honra não podia conceber idéia alguma, visto que nada tinha notado de parecido no seu país; que, contudo, faria o que pudesse e que tentaria explicar-lhe por semelhanças e metáforas, pedindo me desculpasse se me não utilizasse dos termos próprios.

Disse-lhe, pois, que era filho de pais honestos, que nascera numa ilha chamada Inglaterra, que ficava tão afastada, que o mais vigoroso dos *huyhnhnms* mal poderia fazer a viagem durante o curso anual do sol; que a princípio exercera a cirurgia, que é a arte de curar as feridas; que o meu país era governado por uma fêmea, a que damos o nome de rainha; que o tinha abandonado para tentar enriquecer e conseguir, à volta, que minha família vivesse um pouco desafogada; que, na minha última viagem, fora arvorado em capitão de navio, tendo sob as minhas ordens quase cinqüenta *Yahus,* a maioria dos quais morrera em trânsito, de maneira que me vira obrigado a substituí-los por outros, recrutados de outras nações diversas; que o nosso navio estivera duas vezes em perigo de naufragar; da primeira vez por uma violenta tempestade e, da segunda, por ter chocado com um rochedo.

Aqui meu amo interrompeu-me para me perguntar como pudera conseguir que estrangeiros de diferentes regiões viessem comigo, com o risco de sofrer os perigos de que eu me salvara e as perdas que me tinham atingido. Redargui-lhe que eram todos desgraçados sem eira nem beira e que tinham sido obrigados a deixar o seu país, quer pelo mau caminho que tomavam os seus negócios, quer pelos crimes que haviam cometido; que alguns tinham sido arruinados com demandas, outros pela má vida que levavam, outros pelo jogo; que a maioria era constituída por traidores, assassinos, ladrões, envenenadores, salteadores, perjuros, falsários, receptadores de roubos, fabricantes de moeda falsa, subornadores, soldados desertores e quase todos evadidos das galés; que, em conclusão, nenhum deles se atrevia a voltar à sua pátria, com receio de ser enforcado ou de apodrecer em alguma enxovia.

Durante este discurso meu amo viu-se forçado a interromper-me por várias vezes. Usei de muitos rodeios para lhe dar idéia de todos os crimes que tinham obrigado os meus tripulantes, na maioria, a deixar o seu país. Não podia perceber com que intenção tinham esses entes cometido tais ações, e o que os havia levado a isso. Para o esclarecer um pouco sobre este assunto, tentei dar-lhe umas luzes acerca do insaciável desejo que possuímos de nos

engrandecermos e enriquecermos, e sobre os funestos efeitos do luxo, da intemperança, da maldade e da inveja; mas só lhe pude fazer compreender tudo isso por meio de exemplos e hipóteses, porque não podia conceber que todos esses vícios existissem realmente; deste modo pareceu-me como uma pessoa cuja imaginação ficasse assombrada com a narrativa de uma coisa que nunca vira e de que nunca ouvira falar, que baixa os olhos e não pode exprimir por palavras a sua surpresa e a sua indignação.

Estas noções: *poder, governo, guerra, lei, punição* e muitas outras semelhantes, mal podem representar-se na língua dos *huyhnhnms* por longas perífrases. Tive, pois, muito trabalho, quando me foi preciso dar a meu amo uma relação da Europa, e em especial da Inglaterra, minha pátria.

CAPÍTULO V

O autor expõe ao amo o que ordinariamente acende a guerra entre os príncipes da Europa; explica-lhe,, em seguida, como os particulares se guerreiam mutuamente — Retrato dos procuradores e juízes de Inglaterra.

O leitor, se lhe aprouver, observará que o que vai ler é extraído de muitas conversas que entabulei diversas vezes, durante dois anos, com o *huyhnhnm,* meu amo. Sua honra dirigia-me perguntas e exigia de mim narrativas pormenorizadas à medida que me adiantava no conhecimento e no manejo da língua. Expus-lhe, o melhor que me foi possível, o estado de toda a Europa; dissertei sobre artes, manufaturas, comércio, ciências, e todas as respostas que dava a todas às perguntas, foram assunto de uma inesgotável conversa; mas relatarei aqui apenas a substância dos colóquios que tivemos a respeito da minha pátria; e, dando-lhes a melhor ordem que me for possível, olharei menos o tempo e as circunstâncias do que as exatas veracidades. Tudo o que me inquieta é o trabalho que terei em restituir a graça e a energia dos magníficos discursos e os raciocínios sólidos de meu amo; peço, contudo, ao leitor, que me desculpe a minha fraqueza e incapacidade e de levar também em conta a linguagem um pouco defeituosa, na

qual sou obrigado a exprimir-me no atual momento.

Para obedecer, pois, às ordens de meu amo, certo dia historiei-lhe a última revolução havida em Inglaterra pela invasão do príncipe de Orange, e a guerra que esse príncipe ambicioso travou com o rei de França, o mais poderoso monarca da Europa, cuja glória estava espalhada por todo o universo e que possuía todas as virtudes régias. Acrescentei que a rainha Ana, que sucedera ao príncipe de Orange, continuaria esta guerra, em que todas as potências da cristandade estavam envolvidas. Disse-lhe que esta guerra funesta tinha podido fazer morrer até agora quase um milhão de *Yahus*; que tinha como conseqüência mais de cem cidades assaltadas e tomadas e mais de trezentos navios incendiados e afundados.

Perguntou-me, então, quais eram as causas e os motivos mais vulgares das nossas questões, às quais eu dava o nome de *guerra.* Respondi-lhe que essas causas eram inúmeras e que lhe citaria apenas as principais.

— Muitas vezes — lhe disse eu — é a ambição de certos príncipes, que nunca julgam ter muitas terras nem governar muitos povos. Algumas vezes, é a política dos ministros, que querem dar emprego aos súditos descontentes. Outras, tem sido a divergência de espíritos sobre a escolha de

opiniões. Um imagina que assobiar é um bonito ato; outro, que é um crime; este diz que é preciso vestuário branco; aquele, que é preciso usá-lo preto, vermelho, cinzento; um é de opinião que o chapéu deve ser pequeno e de aba direita; outro, que deve ser grande e de aba caída sobre as orelhas, etc. (Imaginei de propósito estes quiméricos exemplos, não querendo explicar-lhe as verdadeiras causas das nossas dissensões com respeito à opinião, visto que teria certo custo e me envergonharia deveras em fazer-lhas compreender). Acrescentei que as nossas guerras nunca eram mais longas nem mais sangrentas do que quando eram motivadas por essas diferentes opiniões, que esses cérebros escandescidos sabiam fazer valer quer de um lado, quer do outro, e pelas quais se exaltam a ponto de pegar em armas.

Prossegui:

Dois príncipes estiveram em guerra, porque ambos queriam despojar um terceiro dos seus Estados, sem que a isso tivesse direito qualquer deles. Às vezes, um soberano atacava outro com receio de que este o atacasse. Declaram guerra ao seu vizinho, ora porque é muito forte, ora porque é muito fraco. Muitas vezes esse vizinho possui coisas que nos faltam e a ele faltam coisas que nós possuímos; então, declara-se a guerra para se possuir tudo ou nada. Um outro motivo que dá

lugar à guerra num país, é quando este se encontra desolado pela fome, dizimado pela peste, roto pelas facções. Uma cidade está ao agrado de um príncipe e a posse de uma pequena província arredonda o seu Estado? motivo de guerra. Um povo é ignorante, simples, grosseiro e fraco? ataca-se chacinando uma parte e reduzindo a outra à escravidão, e isto com o fim de civilizá-lo. Uma guerra é muito gloriosa, quando um generoso soberano vem em socorro de outro, que o chamou e que, depois de ter expulso o usurpador, se apodera dos próprios Estados que socorreu, mata, põe a ferros ou expulsa o príncipe que lhe implorara auxílio. A consangüinidade, as alianças, os casamentos são outros tantos motivos de guerra entre os príncipes; quanto mais aparentados são, mais próximos estão de ser inimigos. As nações pobres estão esfomeadas; as nações ricas são ambiciosas; ora a indigência e a ambição gostam igualmente das mudanças e das revoluções. Por todas estas razões, vê bem que, entre nós, o mister de um guerreiro é o mais belo de todos os misteres; o que é um guerreiro? é um *Yahu* a quem se paga para matar, a sangue frio, os seus semelhantes, que não lhe fazem mal algum.

— Realmente, o que me acaba de dizer acerca das causas vulgares das suas guerras — replicou-me sua honra — dá-me uma elevada idéia do seu raciocínio! Seja ele qual for, é uma felicidade,

sendo tão maus, estarem impedidos de causar mal, pois, pelo que me tem dito dos terríveis efeitos dessas guerras cruéis, em que tanta gente pereceu, creio, na verdade, *que me tem dito coisas que não são.* A natureza concedeu-lhes uma boca chata num rosto chato; assim, não vejo como possam morder-se, senão a pouco e pouco. Quanto às garras que têm nos pés dianteiros e traseiros, são tão fracas e tão curtas, que, na verdade, bastaria um dos nossos *Yahus* para dar cabo de uns doze como o senhor.

Não pude deixar de abanar a cabeça e de sorrir com a ignorância de meu amo. Como conhecia um pouco a arte da guerra, fiz-lhe uma desenvolvida descrição dos nossos canhões, das nossas colubrinas, dos nossos mosquetes, das nossas carabinas, das nossas pistolas, da nossa pólvora, dos nossos sabres, das nossas baionetas; pintei-lhe o assalto às praças, as trincheiras, os ataques, as sortidas, as minas e as contra-minas, os assédios, as guarnições passadas ao fio da espada; expliquei-lhe as nossas batalhas navais; descrevi-lhe os nossos maiores navios naufragando com toda a tripulação, outros crivados de balas de canhão, desmantelados e queimados no meio das águas; o fumo, o fogo, as trevas, os clarões, o ruído, os gemidos dos feridos, os gritos dos combatentes, os membros saltando pelo ar, o mar ensangüentado e coberto de cadáveres; em seguida, referi-lhe os nossos

combates em terra, onde havia muito mais sangue vertido e onde, num dia, morreram quarenta mil combatentes, de ambas as partes; e, para fazer valer um pouco a coragem e a bravura dos meus queridos compatriotas, disse-lhe que os vira uma vez num assédio fazer saltar, com felicidade, uma centena de inimigos, e que tinha visto ainda saltar mais num combate no mar, de maneira que os membros espalhados de todos esses *Yahus* pareciam cair das nuvens, o que constituía um espetáculo muito agradável à nossa vista.

Ia continuar a fazer ainda alguma excelente descrição, quando sua honra me ordenou silêncio, dizendo:

— A índole do *Yahu é* tão má, que me custa crer que tudo o que acaba de referir-me não fosse possível desde que eu lhe supusesse uma força e uma habilidade iguais à sua maldade e malícia. No entanto, por muito má idéia que eu formasse acerca desse animal, não se aproximava daquela de que lhe dera provas. O seu discurso perturba-me o espírito e coloca-me numa situação em que nunca me encontrei; receio que os meus sentidos, aterrorizados com essas horríveis imagens que me traçou, não venha a pouco e pouco a habituar-se a elas. Odeio os *Yahus* desta região, mas, apesar de tudo, perdôo todas as suas odiosas qualidades, visto como a natureza assim

os formou e não possuem raciocínio para se governar e corrigir-se; porém que uma criatura, que se gaba de possuir este raciocínio, em partilha, seja capaz de cometer ações tão execrandas e de se entregar a excessos tão horríveis, é o que não posso compreender e me faz concluir que o estado dos irracionais ainda é preferível a um raciocínio corrupto e depravado; mas, de fato, o vosso raciocínio é um verdadeiro raciocínio? Não será antes um talento com que a natureza vos dotou para aperfeiçoar todos os vícios? Mas — acrescentou — nada me tem dito com respeito ao assunto a que chamam *guerra.* Há um ponto que interessa a minha curiosidade. Parece que disse havia nesse bando de *Yahus* que o acompanhava no seu navio, miseráveis que os processos haviam arruinado e despojado de tudo; e qual era a *lei* que os pusera naquele triste estado? Além disso, que lei é essa? A sua índole e o seu raciocínio não bastam e não prescrevem claramente o que devem e o que não devem fazer?

Respondi a sua honra que eu não estava absolutamente versado na ciência da lei; que o pouco conhecimento que possuía de jurisprudência aprendera no convívio de alguns advogados que outrora consultara sobre os meus negócios; que, no entanto, ia dizer-lhe o que soubesse a tal respeito. Falei-lhe, pois:

— O número daqueles que, entre nós, se dão à jurisprudência e fazem profissão de interpretar a lei, é infinito e ultrapassa o das lagartas. Têm entre si todas as espécies de escalas, de distinções e de nomes. Como a sua enorme quantidade torna o ofício pouco lucrativo, para fazer de maneira que, ao menos, lhes dê para viver, recorrem à indústria e à chicana. Aprenderam, logo nos primeiros anos, a arte maravilhosa de provar, com um discurso retorcido, que o preto é branco e o branco é preto.

— São estes que arruinam e despojam os outros, com a sua habilidade? — atalhou sua honra.

— São, decerto — repliquei eu — e vou citar-lhe um exemplo, a fim de que melhor possa ajuizar do que digo. Imagine que o meu vizinho tem vontade de possuir a minha vaca; vai logo ter com um procurador, isto é, um douto intérprete de prática da lei, e promete-lhe uma recompensa se puder fazer ver que a minha vaca não é minha. Sou obrigado a dirigir-me também a um *Yahu* da mesma profissão para defender o meu direito, visto que a lei me não permite que me defenda a mim próprio. Ora, eu, que tenho certamente por um lado a justiça e o direito, nem por isso deixo de encontrar dois grandes obstáculos; o primeiro é que o *Yahu,* ao qual recorri para defender a minha causa, está, por ofício e espírito

profissional, habituado desde a mocidade a advogar a falsidade, de maneira que se vê fora do seu elemento quando lhe digo a verdade nua e não sabe como desvencilhar-se; o segundo obstáculo é que o mesmo procurador, não obstante a simplicidade do pleito de que o encarreguei, é obrigado a embrulhá-lo, para se conformar com o uso dos seus colegas e prolongá-lo o mais que puder, do contrário acusá-lo-iam de estragar o ofício e dar mau exemplo. Estando as coisas neste pé, só me restam dois meios para me desembaraçar da questão: o primeiro é ir ter com o procurador da parte contrária e tentar suborná-lo, dando-lhe o dobro do que esperava receber do seu constituinte; e decerto vossa honra compreende que me não é difícil fazê-lo pender para uma proposta tão vantajosa; o segundo meio, que vai talvez surpreendê-lo, mas é menos infalível, é recomendar a este *Yahu,* que me serve de procurador, pleiteie a minha causa um pouco confusamente e faça entrever aos juízes que a minha vaca podia não ser minha, mas do meu vizinho. Então os juízes, pouco habituados às coisas claras e simples, darão mais atenção aos subtis argumentos do meu advogado, acharão gosto em ouvi-lo e a contrabalançar o pró e o contra e, nesse caso, estarão melhor dispostos a julgar em meu favor do que se ele se limitasse a provar o direito, que me assistisse, em quatro

palavras. Uma das máximas dos juízes é que tudo quanto foi julgado, foi bem julgado. Assim, têm o máximo cuidado em conservar num cartório todas as decisões anteriormente tomadas, mesmo as ditadas pela ignorância, e que são o mais manifestamente possível opostas à equidade e à justa razão. Estas anteriores decisões formam o que se chama jurisprudência; são alegadas como autoridades e não há coisa alguma que não se prove e não se justifique, citando-as. Data de há pouco, contudo, o abandono do abuso que havia em dar tanta força à autoridade das causas julgadas; citam-se sentenças pró e contra, trata-se de ver que as espécies nunca podem ser completamente semelhantes e ouvi dizer a um juiz que *as sentenças são para aqueles que as alcançam.* De resto, a atenção dos juízes volta-se sempre mais para as circunstâncias do que para a causa principal. Por exemplo: no caso da minha vaca, quererão saber se é vermelha ou negra, se tem grandes cornos; em que campina costuma pastar; que quantidade de leite fornece por dia, e assim sucessivamente; isto feito, põem-se a consultar as antigas decisões. De tempos a tempos trata-se da questão; por muito feliz se deve dar o constituinte se for julgada ao fim de dez anos! É preciso observar ainda que os homens de lei têm uma linguagem especial, um calão que lhes é próprio; um modo de se exprimir que os outros não entendem; é nesta magnífica

linguagem que são escritas as leis, leis multiplicadas ao infinito e acompanhadas de inúmeras exceções. Vossa honra vê perfeitamente que, neste labirinto, o justo direito se perde facilmente; que a melhor questão é difícil de ganhar-se; e que, se algum estrangeiro, nascido a trezentas léguas do meu país, tivesse a lembrança de vir disputar-me uma herança que está na posse de minha família há trezentos anos, lhe seriam precisos talvez trinta anos para concluir e esgotar por completo este difícil pleito.

— É pena — atalhou meu amo — que uma gente com tanto gênio e talento não encaminhe o espírito para outro lado, fazendo dele bom uso. Não seria melhor — acrescentou — que se ocupassem em dar aos outros lições de prudência e de virtude, e participassem com o público das suas luzes? Porque, indubitavelmente, essa hábil gente possui conhecimento de todas as ciências.

— Qual história! — repliquei — Sabem apenas do seu mister e nada mais; são os maiores ignorantes do mundo sobre qualquer outra matéria; são inimigos da boa literatura, de todas as ciências, e, nas relações vulgares da vida, parecem estúpidos, mazombos, enfadonhos, malcriados. Falo na generalidade, porque se encontram alguns espirituosos, agradáveis e galantes.

CAPÍTULO VI

Do luxo, da intemperança e das doenças que reinam na Europa — Condição da nobreza.

Meu amo não podia compreender como toda essa raça de patrícios era tão malevolente e tão terrível.

— Que motivo — perguntava ele — os leva a causar detrimento tão considerável àqueles que carecem de auxílio? E que quer dizer com essa *recompensa* que se promete a um procurador, a quem se entrega uma causa?

Respondi-lhe que era dinheiro. Tive algum trabalho em fazer-lhe compreender o que significava essa palavra; expliquei-lhe as nossas diferentes espécies de moedas, e os metais de que eram constituídas; fiz-lhe conhecer a sua utilidade, dizendo-lhe que quem possuísse muitas era feliz; que então envergava boas roupas; possuía boas casas, boas propriedades; que comia pratos finos; e que tinha boas fêmeas à disposição; que, por essa razão, nunca acreditávamos ter muito dinheiro e que, quanto mais tínhamos, mais queríamos ter; que o rico ocioso abusava do trabalho do pobre, que, para achar com que mantivesse a sua miserável

existência, suava de manhã à noite, sem ter um momento de descanso.

— Pois quê! — atalhou sua honra — Toda a terra não pertence a todos os animais e não têm eles direito igual aos frutos que ela produz para seu alimento? Por que há *Yahus* privilegiados, que colhem esses frutos com exclusão dos seus semelhantes? E, se alguns pretendem um direito mais especial, não devem ser principalmente aqueles que, pelo seu trabalho, contribuíram para tornar a terra útil?

— Nada disso! — lhe respondi — Aqueles que fazem viver todos os outros pela cultura da terra são exatamente os que morrem de fome.

— Mas — prosseguiu ele —, que entende pela expressão de pratos finos, quando me disse que com dinheiro se comiam pratos finos no seu país?

Pus-me então a explicar-lhe as iguarias mais esquisitas que vulgarmente aparecem na mesa dos ricos e os diferentes modos por que se preparam as carnes; disse-lhe sobre isto tudo quanto me acudiu ao espírito e informei-o de que, para bem temperar as carnes, e sobretudo para ter bons licores, armávamos navios e empreendíamos longas e perigosas viagens pelo mar; de maneira que, antes de poder dar uma esplêndida refeição a algumas fêmeas de

distinção, era preciso mandar muitos navios às quatro partes do mundo.

— O seu país — retorquiu ele — é muito miserável, pois não fornece alimento para os seus habitantes! Nem sequer há água e são obrigados a atravessar mares para encontrar de beber!

Repliquei-lhe que a Inglaterra, minha pátria, produzia tanto alimento que era impossível aos habitantes consumi-lo e que, com respeito à bebida, fabricávamos um excelente licor com suco de certos frutos ou com o extrato de alguns cereais; que, numa palavra, nada faltava para as nossas necessidades naturais; mas, para manter o nosso luxo e a nossa intemperança, enviávamos a países estranhos o que tínhamos a mais no nosso e recebíamos dos outros o que não tínhamos e que, em troca, trazíamos artigos que serviam para nos tirar a saúde e nos encher o corpo de vícios; que esse amor pelo luxo, pelos pratos exóticos, e pelo prazer, era o princípio de todos os movimentos dos nossos *Yahus*; que, para atingi-lo, era preciso enriquecer; que era isso que produzia ratoneiros, ladrões, perjuros, patifes, lisonjeiros, subornadores, falsários, falsas testemunhas, mentirosos, jogadores, impostores, fanfarrões, maus autores, envenenadores, impudentes, pretensiosos, ridículos, espíritos fracos. Foi-me necessário definir todos estes termos.

Acrescentei que o trabalho que tínhamos em ir buscar vinho em países estrangeiros, não era por falta de água ou de outro licor bom para viver, mas porque o vinho era uma bebida que nos tornava alegres; que nos fazia de algum modo sair fora de nós mesmos; que afugentava do nosso espírito todas as idéias tristes; que enchia a nossa cabeça de mil imaginações loucas; que excitava a coragem, bania o receio e nos libertava, por algum tempo, da tirania do raciocínio.

— É — continuei eu — fornecendo aos ricos todas as coisas de que eles têm necessidade, que vive o nosso pequeno povo. Por exemplo: quando estou em minha casa, vestido como devo estar, trago sobre o meu corpo o trabalho de cem operários. Um milhão de mãos contribuiu para construir e mobilar a minha casa, e ainda são precisos cinco ou seis vezes mais para vestir minha mulher.

Tinha chegado ao ponto de descrever-lhe certos *Yahus,* que passam a vida junto dos que estão ameaçados de a perder, isto é, dos nossos médicos. Dissera a sua honra que a mor parte dos meus companheiros de viagem tinha morrido de doença; ele, porém, tinha uma idéia muito imperfeita do que eu lhe dissera. Sobre o caso, porém, tinha ele opinião bem diferente.

Imaginava que morríamos como todos os outros animais e que não tínhamos outra doença além de fraqueza e de pesadelo um momento antes de morrer, a menos que fôssemos feridos por qualquer acidente. Fui, pois, obrigado a explicar-lhe a natureza e a causa das nossas outras doenças. Disse-lhe que comíamos sem ter fome; que bebíamos sem ter sede; que passávamos as noites a tomar bebidas abrasadoras sem comer absolutamente nada, o que inflamava as nossas entranhas, arruinava o nosso estômago e espalhava em todos os membros uma fraqueza e uma languidez mortais; que muitas fêmeas da nossa espécie tinham um certo vírus que dividiam com os seus amantes; que essa doença funesta, assim como muitas outras, nascia algumas vezes conosco e nos era transmitida pelo sangue; enfim, que nunca mais acabaria, se quisesse expor-lhe todas as doenças a que estávamos sujeitos: que havia pelo menos quinhentas a seiscentas em relação a cada membro, e que cada parte, fosse externa, fosse interna, tinha uma infinidade, que lhe era própria.

— Para curar todos esses males — acrescentei — tínhamos *Yahus* que se consagravam unicamente ao estudo do corpo humano, e que pretendiam, com remédios eficazes, extirpar as nossas doenças, lutar contra a própria natureza e prolongar as nossas vidas.

Como se tratava da minha profissão, expliquei com prazer a sua honra o método dos nossos médicos e todos os mistérios da medicina.

— Em primeiro lugar — continuei — é preciso supor que todas as doenças provêm de repleção, concluindo, por isso, os médicos, sensatamente, que a evacuação é necessária, seja por baixo, seja por cima. Para isso, fazem uma escolha de ervas, de minerais, de gomas, de óleos, de escamas, de sais, de excrementos, de cascas de árvores, de serpentes, de sapos, de rãs, de aranhas, de peixes, e de tudo isto nos fabricam um licor de um cheiro e gosto abomináveis, que faz ânsias ao coração, horroriza e revolta todos os sentidos. É este licor que os nossos médicos nos mandam beber para produzir a evacuação por cima, que se chama vômito. Entretanto tiram do seu armazém outras drogas, que nos fazem tomar quer pelo orifício de cima, quer pelo orifício de baixo, conforme a sua fantasia; é, então, ou uma medicina que purga as entranhas e causa horríveis cólicas, ou é um clister que lava e relaxa os intestinos. A natureza — dizem eles, muito engenhosamente — deu-nos o orifício superior e visível para ingerir, e o orifício inferior e secreto para expulsar; ora, a doença muda a disposição natural do corpo; é preciso, pois, que o remédio faça o mesmo e combata a natureza, e para isso é necessário trocar o uso dos orifícios, isto é, ingerir pelo de baixo e evacuar pelo de cima.

Temos ainda outras doenças que nada têm de reais, senão a sua imaginação. Os que são atacados por esta espécie de mal, chamam-se doentes de cisma. Também há para as curar remédios para verdadeiras doenças. Geralmente, as fortes doenças de imaginação atacam as nossas fêmeas; mas nós conhecemos certos específicos naturais para as curar sem dor.

Certo dia, meu amo dirigiu-me um cumprimento que eu não merecia. Como lhe falasse das pessoas de qualidade de Inglaterra, disse-me que me julgava fidalgo, porque era muito mais limpo e mais bem feito do que todos os *Yahus* que viviam no seu país, embora eu lhes fosse muito inferior em força e agilidade; que isso provinha, decerto, da minha diferente maneira de viver e de que eu não tinha apenas a faculdade de falar, mas possuía ainda alguns lampejos de raciocínio que poderiam aperfeiçoar-se com a continuação das relações que travasse com ele.

Ao mesmo tempo fez-me observar que entre os *huyhnhnms* se notava que os brancos e os alazões cinzentos não eram tão bem feitos como os baios castanhos, os cinzentos ruços e os pretos; que aqueles não nasciam com os mesmos talentos e as mesmas disposições que estes; que, por isso, ficavam toda a vida no estado de servidão, que lhes convinha, e que nenhum deles pensava em sair dessa situação para se elevar à

de senhor, o que no país pareceria uma coisa enorme e monstruosa.

— Ê preciso — dizia ele — ficar na situação em que a natureza nos faz desabrochar; é ofendê-la, é revoltar-se contra ela querer sair da situação em que nos deu o ser. Quanto a si, decerto nasceu consoante é, porque tem de seu a nobreza, isto é: o seu bom espírito e a sua boa índole.

Agradeci a sua honra humildemente a boa opinião que formava a meu respeito, mas assegurei ao mesmo tempo que a minha ascendência era modesta, pois descendia apenas de uma honesta família, que me havia dado uma regular instrução. Disse-lhe que a nobreza entre nós nada tinha de comum com a idéia que ele concebera; que os nossos fidalgos eram educados desde a infância na ociosidade e no luxo; que, logo que a idade lhes permitia, esgotavam-se com fêmeas devassas e corruptas, contraindo odiosas doenças; que, quando haviam exaurido toda a fortuna e se viam completamente arruinados, casavam, e com quem? Com uma fêmea de baixo nascimento, feia, mal feita, doente, mas rica; que semelhante casal não deixava de engendrar filhos mal constituídos, amarfanhados, escrofulosos, disformes, o que continuava até à terceira geração, salvo se a judiciosa fêmea não remediasse isso, implorando o auxílio de algum

amigo caridoso. Acrescentei que, entre nós, um corpo seco, magro, descarnado, fraco, doente, se tornara um sinal quase infalível de nobreza: que mesmo uma compleição robusta e um aspecto de saúde iam tão mal a um homem de qualidade, que logo se concluía que era filho de algum criado de casa, a quem a mãe fizera seus favores, principalmente se possuir um espírito elevado, justo e bem feito, e se não for nem rombo, nem afeminado, nem brutal, nem caprichoso, nem devasso, nem ignorante.

CAPÍTULO VII

Paralelo entre os Yahus e os homens.

O leitor estará talvez escandalizado com os retratos fiéis que tracei, então, da espécie humana, e da sinceridade com que falei ante um soberbo animal que formava já uma tão má opinião acerca dos *Yahus*; confesso, porém, ingenuamente, que o carater dos *huyhnhnms* e as excelentes qualidades desses virtuosos quadrúpedes tinham feito uma tal impressão sobre o meu espírito, que não podia compará-los a nós outros, humanos, sem desprezar os meus semelhantes. Este desprezo fez-me vê-los como quase indignos de toda consideração. Além disso, meu amo tinha a inteligência muito penetrante e notava todos os dias na minha pessoa defeitos enormes, de que me não percebera e que olhava simplesmente como ligeiras imperfeições. As suas judiciosas observações inspiraram-me um espírito crítico e misantropo, e o amor que tinha pela verdade me fez detestar a mentira e tirar todo o disfarce às minhas narrativas.

Confessarei, contudo, ainda outra ingenuidade, um outro princípio da minha sinceridade. Quando passei um ano entre os

huyhnhnms, senti por eles tanta amizade, respeito, estima e veneração, que resolvi então nunca mais pensar em voltar ao meu país, mas acabar os meus dias nesta feliz região, aonde o céu me conduziu para me ensinar a cultivar a virtude. Por muito feliz me daria, se a minha resolução tivesse sido eficaz! Mas o azar, que sempre me perseguiu, não me permitiu que eu gozasse dessa felicidade. Seja como for, agora que estou em Inglaterra, sinto-me bem contente por não ter dito tudo e haver ocultado aos *huyhnhnms* três quartos das nossas extravagâncias e vícios; empalidecia até, de vez em quando, tanto quanto me era possível, os defeitos dos meus compatriotas. Embora os revelasse, usava de restrições mentais e tentava dizer o falso sem mentir. Não era eu digno de desculpa nisto? Quem não é um pouco parcial, quando se trata da própria pátria?

Relatei até aqui a súmula das conversas que tive com meu amo, durante o tempo em que me honrei de estar a seu serviço; mas, para evitar ser prolixo, passei em claro muitos outros assuntos.

Um dia, em que mandou chamar-me de madrugada e ordenou que me sentasse a alguma distância dele (honra que ainda me não havia dado), falou assim:

— Passei pelo meu espírito tudo que me tem dito, quer a seu respeito, quer a respeito do seu país. Vejo claramente que o senhor e os seus compatriotas têm uma centelha de espírito, sem que possa adivinhar como esse pequeno dom lhes coube em partilha; mas vejo também que o uso que fazem dele é apenas para aumentar todos os seus defeitos naturais e para adquirir outros, que a natureza lhes não deu. É certo que se parecem com os *Yahus* deste país pela configuração exterior e que só lhes falta, para serem perfeitamente iguais a eles, força, agilidade e garras mais compridas. Mas, pelo lado dos costumes, a semelhança é completa. Odeiam-se mortalmente e o motivo que encontramos para isso é que vêem reciprocamente a sua fealdade e a sua odiosa configuração, sem que nenhum olhe para si próprio. Como os senhores possuem um átomo de raciocínio e compreendem que a vista recíproca da impertinente figura dos seus corpos era igualmente uma coisa insuportável e que os tornaria odiosos mutuamente, têm o bom senso de os encobrir por prudência e amor-próprio; mas, apesar desta precaução, não se odeiam menos, porque outros assuntos de divergência, que reinam entre os nossos *Yahus,* também reinam entre os senhores. Se, por exemplo, atiramos carne a cinco *Yahus,* que bastaria para saciar cinqüenta, esses cinco animais, gulosos e vorazes, em vez de comerem em paz o que se lhes

dá em abundância, lançam-se uns contra os outros, mordem-se, dilaceram-se e todos querem tudo para si, de maneira que temos de os servir à parte e mesmo prender os que já estão saciados, com receio de que se lancem sobre os outros, que ainda não o estão. Se alguma vaca da vizinhança morre de velhice ou de acidente, os nossos *Yahus* mal sabem da agradável notícia, entram todos em campo, rebanho contra rebanho, curral contra curral, a ver qual se apossará da vaca. Batem-se, arranham-se, dilaceram-se, até que a vitória penda para um lado e, se não há morticínio, é porque não têm o raciocínio dos *Yahus* da Europa para inventar máquinas de carnificina e outras espécies de armas *assassinas.* Temos, em alguns pontos da região, certas pedras brilhantes de diversas cores, que os nossos *Yahus* muito apreciam. Quando as encontram, fazem o possível para as desenterrar de onde estão ordinariamente metidas; trazem-nas para as suas habitações e fazem delas um montão, que ocultam cuidadosamente e que vigiam sem descanso como um tesouro, tomando cuidado em que os companheiros não o descubram. Não pudemos ainda compreender de onde lhes provém tão forte tendência para estas pedras brilhantes e para que lhes podem ser úteis; mas suponho agora que essa avareza dos seus *Yahus,* a que aludiu, se encontra também nos nossos, e

que é isso que os torna apaixonados pelas pedras brilhantes.

Quis uma vez tirar a um dos nossos *Yahus* o seu querido tesouro; o animal, vendo que lhe tinham arrebatado o objeto da sua paixão, desatou a gritar com todas as forças dos seus pulmões; enfureceu-se e depois caiu em grande fraqueza; tornou-se lânguido, não comeu, não dormiu, não trabalhou até que eu desse ordem a um dos meus criados para lhe restituir o tesouro, colocando-o no sítio de onde o havia tirado. Então o *Yahu* começou a voltar ao seu habitual bom humor e nunca mais deixou de esconder os seus tesouros em outro ponto mais seguro. Quando um *Yahu* descobre, num campo, uma dessas pedras, muitas vezes aparece um outro que lha disputa; enquanto se agridem, vem um terceiro e arrebata a pedra; assim finda a questão. Segundo o que me disse, as suas questões não acabam tão depressa no seu país, nem com tão pouca despesa. Aqui, os dois pleiteantes (se esse nome se lhes pode aplicar) ficam quites por nem um nem outro ficar com o objeto disputado; em contrário do que acontece no seu país, onde, pleiteando-se, se perde o que se quer ter e o que não se tem. Muitas vezes os nossos *Yahus* são atacados por uma fantasia, cuja causa não podemos perceber. Gordos, bem alimentados, dormindo em boas camas, tratados com meiguice pelos donos, cheios de saúde e de força, caem de

repente num abatimento, num desgosto, numa negra melancolia, que os torna moles e estúpidos. Neste estado, fogem dos seus companheiros, não comem, não saem; parecem sonhar com o canto das suas habitações e abismar-se nos seus lúgubres pensamentos. Para os curar dessa doença, encontrámos apenas um remédio: é despertá-los por um tratamento um pouco rude e empregá-los em trabalhos difíceis. A ocupação que lhes damos põe em movimento todo o seu espírito e faz readquirir a sua natural vivacidade.

Quando meu amo me narrou este fato com pormenores, não pude deixar de pensar no meu país, em que muitas vezes acontece a mesma coisa e em que se vêem homens cumulados de bens e honras, cheios de saúde e de robustez, cercados de prazeres e livres de todas as inquietações, cair de repente em tristeza e languidez, tornar-se pesados a si próprios, consumir-se em quiméricas reflexões, apoquentar-se, acabrunhar-se e não fazer uso algum da sua razão, entregues aos flatos hipocondríacos. Estou persuadido de que o remédio que convém a estas doenças é aquele que se dá aos *Yahus,* e que uma vida laboriosa e árdua é um excelente regime para a tristeza e a melancolia. É um remédio que eu próprio experimentei e aconselho ao leitor amigo para prevenir o mal, incito-o a nunca ser ocioso; e, posto que não tenha situação alguma definida,

peço-lhe que observe que há diferença entre nada fazer e nada ter que fazer.

— Os nossos *Yahus* — prosseguiu meu amo — têm uma violenta paixão por certa raiz que dá muito sumo. Buscam-na com entusiasmo e sugam-na com extremo prazer e sem se cansar. Então se os vê ora a acariciar-se, ora a esgatanhar-se, ora a gritar e fazer caretas, ora a pairar, dançar, deitar-se no chão, rolar e adormecer na lama. As fêmeas dos *Yahus* parecem recear e fogem à aproximação dos machos; não consentem que as acariciem abertamente à vista de outrem; a menor liberdade em público fere-as, revolta-as e põem-nas zangadas; quando, porém, uma dessas castas fêmeas vê passar num ponto desviado algum *Yahu* novo e perfeito, oculta-se por detrás de uma árvore ou num silvado, mas de maneira que o *Yahu* possa vê-la ao passar e abordá-la. Logo ela foge, mas olhando muitas vezes para trás, e conduz tão bem o seu manejo que o apaixonado *Yahu,* que a persegue, atinge-a por fim num local favorável ao mistério e aos seus desejos. Aí, doravante ela aguardará o seu novo amante, que não deixará de comparecer à entrevista, salvo se alguma aventura idêntica se apresenta no seu caminho e lhe faz esquecer a primeira. Mas a fêmea é a própria que falha algumas vezes; a mudança agrada aos dois sexos e a diversidade é tanto do gosto de um como do outro. O prazer de

uma fêmea consiste em ver os machos cair, morder-se, arranhar-se, dilacerar-se por sua causa; excita-os ao combate e torna-se o prêmio do vencedor, ao qual se entrega para o agatanhar em seguida ou para se deixar agatanhar por ele próprio, e é assim que findam todos os amores. Amam loucamente os filhos; os machos, que se julgam os pais, querem-nos, ainda que lhes seja impossível assegurar-se de que tenham concorrido em parte para o seu nascimento.

Esperava que sua honra me fosse dizer mais alguma coisa com respeito aos costumes dos *Yahus* e que nada lhe escaparia dos seus vícios. Corava de antemão pela honra da minha espécie e temi que me fosse descrever todos os gêneros de impudência que reinam entre os *Yahus* do seu país; teria sido terrível a imagem das nossas devassidões em moda, em que a natureza não basta para os nossos desenfreados desejos, em que esta natureza se procura sem se encontrar, e em que inventamos prazeres desconhecidos aos outros animais, vício odioso para o qual só os *Yahus* têm tendência, e que o raciocínio não pôde banir do nosso hemisfério.

CAPÍTULO VIII

Filosofia e costumes dos huyhnhnms.

Algumas vezes solicitei do meu amo que me deixasse ver os rebanhos dos *Yahus* da vizinhança, a fim de examinar-lhes pessoalmente as maneiras e propensões. Consciente da aversão que lhes tinha, não receou que a vista e o contato com eles me corrompessem; quis, porém, que um corpulento alazão tostado, um dos seus criados fiéis e muito manso, me acompanhasse, receoso que me acontecesse algum acidente.

Os *Yahus* olharam-me como um semelhante seu, principalmente depois de me haverem visto as mangas arregaçadas, com o peito e braços nus. Quiseram, então, aproximar-se de mim, e começaram a arremedar-me, pondo-se em pé nas patas traseiras, levantando a cabeça e colocando uma das patas na ilharga. A vista da minha configuração fazia-os soltar gargalhadas. No entanto, testemunharam-me menos aversão e ódio, como fazem sempre os macacos selvagens à vista de um macaco aprisionado, que usa um chapéu, enverga uma roupa e anda de meias.

Com eles apenas me aconteceu uma aventura. Certo dia em que fazia muito calor e em

que eu me banhava, uma jovem *Yahu* acercou-se de mim e desatou a apertar-me com quanta força tinha. Soltei grandes gritos e supus que as suas garras me dilacerariam; mas apesar da fúria que a animava e da raiva que lhe brilhava nos olhos, não me fez a menor arranhadura. O alazão acudiu, ameaçou-a e ela fugiu logo. Esta ridícula história, referida depois em casa, foi motivo de grande galhofa para meu amo e toda a família, enquanto para mim foi causa de vergonha e enleio. Não sei se devo observar que esta *Yahu* tinha cabelos pretos e a pele mais cinzenta do que todas as que tinha visto.

Como me demorei três anos naquela região, decerto o leitor espera de mim, a exemplo de todos os outros viajantes, que faça uma narrativa ampla dos habitantes desse país, quero dizer, dos *huyhnhnms,* e que exponha pormenorizadamente os seus usos, costumes, máximas e modos. É isso também o que vou fazer, mas em poucas palavras.

Como os *huyhnhnms,* que são os senhores e os animais dominantes nesta região, nasceram com grande propensão para a virtude e nem sequer fazem a idéia do mal com relação a uma criatura racional, a principal máxima é cultivar e aperfeiçoar o seu raciocínio e tomá-lo por guia em todos os seus atos. Entre eles, a razão não produz problemas como entre nós e não forma

argumentos igualmente verossímeis pró e contra. Ignoram o que seja suscitar dúvidas, defender sentimentos absurdos e máximas perniciosas ou indignas a favor da *probabilidade.* Tudo o que eles dizem, convence, porque não afirmam coisa alguma obscura, duvidosa, desfigurada ou disfarçada pelas reflexões e pelo interesse. Recordo-me de que tive muito trabalho em fazer compreender a meu amo o que entendia pela palavra *opinião,* e como era possível que nós discutíssemos algumas vezes e que raramente fôssemos do mesmo parecer.

— Não é imutável a razão? — perguntava ele — A verdade não é uma só? Devemos garantir como certo o que é duvidoso? Devemos negar positivamente o que não vemos claramente que pode ser? Por que se debatem questões que a evidência não pode decidir, sobre as quais, fosse qual fosse o partido que tomassem, sempre encontrariam a dúvida e a incerteza? Para que servem todas essas conjecturas filosóficas, todos esses vãos raciocínios acerca de matérias incompreensíveis, todas essas indagações estéreis e essas eternas discussões? Quem tem boa vista não anda aos encontrões: com uma razão pura e penetrante não se deve contestar e, se assim o fazem, é porque é preciso que a sua razão esteja coberta de trevas ou que odeiem a verdade.

Era uma coisa admirável a sã filosofia deste cavalo; Sócrates nunca raciocinou com tanta sensatez. Se seguíssemos estas máximas, haveria certamente na Europa menos erros de que os que existem. Mas, então, em que se tornariam as nossas bibliotecas? Que seria feito da reputação dos nossos sábios e do negócio dos nossos livreiros? A república das letras seria apenas a da razão e nas universidades só haveria aulas de bom senso.

Os *huyhnhnms* amam-se reciprocamente, auxiliam-se, amparam-se e consolam-se mutuamente: não se invejam, não são ciosos da felicidade dos vizinhos; não atentam contra a liberdade e a vida dos seus semelhantes: julgar-se-iam infelizes, se algum dia o fizessem; dizem, a exemplo de um antigo: *Nihil caballorum a me alienum puto* (1). Não maldizem uns dos outros; a sátira não encontra neles nem princípio nem meio; os superiores não oprimem os inferiores com o peso do seu grau e da sua autoridade; o seu modo de proceder, justo, prudente e moderado nunca produz murmurações; a dependência é um laço e não um jugo, e o poder, sempre submetido às leis da equidade, é respeitado sem ser temido.

Os seus casamentos são melhor regulados do que os nossos. Os machos escolhem para esposas fêmeas da sua cor. Um ruço-malhado casa

sempre com uma ruça-malhada, e assim consecutivamente. Por esta razão nunca se vê mudança, revolta ou míngua nas famílias. Os filhos são o vivo retrato dos pais; as armas e o título de nobreza consistem na conformação, estatura, cor e qualidades, que se perpetuam na descendência, de maneira que não se vê um cavalo magnífico e soberbo gerar um sendeiro, nem de uma sendeira nascer um bonito cavalo, como muitas vezes acontece na Europa.

Entre esses animais não há desavenças caseiras. A esposa é fiel ao marido, e o marido paga-lhe na mesma moeda.

Um e outro, embora envelheçam, não esfriam as suas relações, quando mais não seja as do coração; apesar de permitidos, o divórcio e a separação nunca foram postos em prática; os esposos são sempre amantes e as esposas sempre queridas; eles não são imperiosos, elas não são rebeldes e nunca pensam em recusar aquilo a que os maridos têm direito e que quase sempre se encontram em estado de exigir.

A castidade mútua é o fruto da razão e nunca do receio, atenção ou preconceito. São castos e fiéis, porque, para conservar tanto a suavidade como a boa ordem da vida, assim ê preciso e o prometeram. É o único motivo que lhes faz considerar a castidade como uma virtude. Além

disso, têm na conta de um vício condenado pela natureza a negligência de uma propagação legítima da sua espécie e aborrecem tudo quanto pode causar obstáculo ou demora no cumprimento desse dever.

Educam os filhos com extraordinário cuidado. Enquanto a mãe vela pelo corpo e pela saúde, o pai atende ao espírito e à razão. Reprimem-lhes tanto quanto possível os ímpetos e os ardores fogosos da juventude e casam-nos cedo, em conformidade com os conselhos da razão e os desejos da natureza. Enquanto esses casamentos não se realizam, não consentem aos moços mais do que uma concubina, que mora na mesma casa e faz parte do número de criados, mas é sempre despedida nas vésperas do casamento.

As fêmeas recebem pouco mais ou menos a mesma educação dos machos, e lembro-me de que meu amo achava desarrazoado e ridículo o nosso costume sobre esse ponto. Dizia que metade da nossa espécie só tinha talento para se multiplicar.

O mérito dos machos consiste principalmente na força e na ligeireza, e o das fêmeas na meiguice e na docilidade. Se uma fêmea possui as qualidades do macho, procuram-lhe um marido que tenha as qualidades da fêmea; nesse caso

tudo é compensado e acontece, como às vezes entre nós, que o marido é a mulher e a mulher, o marido. Assim, os filhos gerados por estes casais não degeneram e perpetuam felizmente as qualidades dos autores dos seus dias.

CAPÍTULO IX

Parlamento dos huyhnhnms — Questão importante ventilada nesta assembléia de toda a nação — Pormenores acerca de alguns usos do país.

Durante a minha permanência no país dos *huyhnhnms,* quase três meses antes da minha partida, houve uma assembléia geral da nação, uma espécie de parlamento, em que meu amo se apresentou como deputado do seu cantão. Trataram de um assunto que já tinha sido posto cem vezes em discussão e que era o único assunto que nunca fora partilhado pelos espíritos dos *huyhnhnms.* Meu amo, no regresso, referiu-me tudo o que se passara a esse respeito.

Tratava-se de resolver se era absolutamente necessário acabar com a raça dos *Yahus.* Um dos membros sustentava e apoiava a sua opinião com diversas provas muito fortes e muito sólidas. Pretendia que o *Yahu* era o animal mais disforme e mais perigoso que a natureza até então tinha produzido; que era igualmente malicioso e insubmisso e que só pensava em prejudicar os outros animais. Recordou uma antiga tradição espalhada pelo país, segundo a qual se assegurava que os *Yahus* não tinham existido sempre, mas, num certo século, haviam

aparecido dois no alto de uma montanha. Ou porque fossem formados de um limo gordo ou glutinoso, aquecido pelos raios do sol, ou porque tivesse saído da vasa de qualquer pântano, ou porque a espuma do mar os fizesse desabrochar, o caso é que esses dois *Yahus* geraram muitos outros e a sua espécie se tinha multiplicado de tal maneira, que o país estava cheio deles; que, para prevenir os inconvenientes de semelhante procriação, os *huyhnhnms* tinham outrora ordenado uma caçada geral aos *Yahus*; que fora apanhada grande porção deles e que, depois de haverem destruído todos os velhos, haviam conservado os mais novos para os aprisionar o mais que lhes fosse possível com respeito a um animal tão mau e que os haviam destinado a serem domesticados. Acrescentou que o que havia de mais certo nesta lenda é que os *Yahus* não eram *Ylnhniam sky* (isto é, *aborígines*). Demonstrou que os habitantes da região tinham tido a imprudente fantasia de se servir dos *Yahus* em detrimento do uso dos burros, que eram excelentes animais, meigos, pacíficos, dóceis, submissos, que com qualquer coisa se alimentavam, infatigáveis, e que tinham o único defeito de possuir uma voz desagradável, embora muito menos do que a maior parte dos *Yahus.*

Logo que os outros deputados tinham discursado diversamente, porém com muita eloqüência, a respeito do mesmo assunto, meu

amo levantou-se e apresentou uma judiciosa proposta, cuja idéia eu lhe inspirara. A princípio confirmou a tradição popular pelo seu sufrágio e apoiou o que sabiamente tinha dito sobre esse ponto de história o honrado membro que usara da palavra antes dele. Mas acrescentou que esses dois primeiros *Yahus,* de que se tratava, tinham vindo de qualquer país de além-mar, e haviam desembarcado e sido abandonados pelos seus companheiros; que primeiramente se tinham retirado para as montanhas e para as florestas; que, na continuação, a sua índole se alterara; que se haviam tornado selvagens e ferozes e completamente diferentes dos da boa espécie, que habita em países afastados. Para estabelecer e apoiar solidamente esta proposta, disse que tinha em sua casa, desde algum tempo, um *Yahu* muito extraordinário, de quem certamente os membros da assembléia tinham ouvido falar e que até muitos o haviam visto. Contou, então, como me encontrara a princípio e como o meu corpo era coberto de uma composição artificial de pêlos e de peles de animais; disse que possuía uma linguagem que me era própria e que, no entanto, aprendera perfeitamente a sua; que eu lhe referira o acidente que me trouxera a esta costa; que me vira despido e nu, e observara que eu era um verdadeiro e perfeito *Yahu* se não fora a pele branca ter pouco pêlo e garras curtas em demasia.

— Este *Yahu* estrangeiro — acrescentou — quis-me persuadir de que, no seu país e em muitos outros que percorreu, os *Yahus* são os únicos animais senhores, dominantes e racionais, e que os *huyhnhnms* vivem na escravidão e na miséria. Tem certamente todas as qualidades exteriores dos nossos *Yahus,* mas é preciso confessar que é mais bem educado e tem alguma tintura de razão. Não raciocina como um *huyhnhnm,* mas ao menos possui conhecimentos e luzes muito superiores às dos nossos *Yahus.* Mas aqui está, senhores, o que vai surpreendê-los e para o que peço a máxima atenção; acreditá-lo-ão? Assegurou-me que, no seu país, os *huyhnhnms* eram feitos eunucos desde a mais tenra idade; que isto os fazia mais meigos e dóceis, e que essa operação era feita muito bem e sem perigo algum. Será a primeira vez, senhores, que os animais nos terão dado alguma lição e que teremos seguido o seu exemplo? A formiga não nos ensinou a sermos industriosos e previdentes? E não foi a andorinha que nos deu as primeiras luzes de arquitetura? Concluo, pois, que pode muito bem ser introduzido no nosso país, com respeito aos jovens *Yahus, o* uso da castração. A vantagem que daí resultará é que os *Yahus,* assim mutilados, serão mais meigos, mais submissos, mais tratáveis e, por esse meio, destruiremos a pouco e pouco essa maldita raça. Sou mesmo de opinião que se exortem todos os

huyhnhnms a educar com grande cuidado os burricos que são, na verdade, preferíveis aos *Yahus* a todos os respeitos, principalmente os que são capazes de trabalhar com a idade de cinco anos, enquanto os *Yahus* de nada são capazes, até aos doze.

Foi isto o que meu amo referiu acerca das deliberações do parlamento. Não me disse, porém, uma outra particularidade que me interessava pessoalmente e de que cedo principiei a conhecer os funestos efeitos; é esta a principal época da minha vida infortunada! Mas, antes de explicar este assunto, preciso ainda dizer alguma coisa do carácter e usos dos *huyhnhnms.*

Os *huyhnhnms* não têm livros; não sabem ler nem escrever e, por conseguinte, toda a sua ciência consiste na tradição. Como este povo é pacífico, unido, prudente, virtuoso, muito razoável e não tem comércio algum com os povos estrangeiros, são raríssimos os grandes acontecimentos no seu país, e todos os traços da sua história, que merecem ser conhecidos, podem muito bem ser conservados na memória que não a sobrecarregam.

Não têm doenças nem médicos. Confesso que não posso resolver se o defeito dos médicos provém do defeito das doenças, ou se o defeito das doenças provém dos defeitos dos médicos;

isto, porém, não quer dizer que, de vez em quando, não tenham algumas indisposições; mas sabem curá-las com facilidade pelo perfeito conhecimento que têm das plantas e das ervas medicinais, visto como estudam incessantemente a botânica nos seus passeios e muitas vezes mesmo durante as refeições.

A sua poesia é muitíssimo bela e principalmente muito harmoniosa. Não consiste numa pieguice familiar e baixa, nem numa linguagem afetada, nem num precioso calão, nem em pontos epigramáticos, nem em subtilezas obscuras, nem em antíteses pueris, nem nas *agudezas* dos espanhóis, nem nos *concetti* dos italianos, nem nas figuras exageradas dos orientais. A agradabilidade e a justeza das comparações, a riqueza e a exatidão das descrições, a ligação e a vivacidade das imagens formam a essência e o carácter da sua poesia. Meu amo recitava-me algumas vezes trechos admiráveis dos melhores poemas. Era um encanto! Persuadia-me de que estava ouvindo Homero, Virgílio ou Milton!

Quando um *huyhnhnm* morre isto não aflige nem alegra ninguém. Os parentes mais chegados e os melhores amigos olham para o seu falecimento com olhos enxutos e indiferentes. O próprio moribundo não demonstra o menor pesar por deixar o mundo; parece terminar uma visita e

despedir-se de uma sociedade com quem se entreteve muito tempo. Recordo-me de que meu amo, tendo convidado certo dia um dos seus amigos e respectiva família para tratar com ele determinado assunto importante, combinaram de parte a parte o dia e a hora. Ficámos muito surpreendidos de não os ver chegar à hora marcada. Por fim, apareceu a mulher, acompanhada de dois filhos, mas um pouco mais tarde, e disse ao entrar que a desculpassem, porque o marido morrera essa manhã de um desastre inesperado. No entanto, não se serviu da palavra *morrer,* pois semelhante termo é considerado como expressão descortês, mas da *snuuwnh,* que literalmente significava *ir ter com a avó!* Durante todo o tempo que se demorou na casa, esteve muito alegre, e daí a três meses morreu também alegremente, após uma agradável agonia.

A mor parte dos *huyhnhnms* vive entre setenta e setenta e cinco anos, e poucos atingem os oitenta. Algumas semanas antes de morrer pressentem vulgarmente o seu fim e não ficam aterrados. Por então recebem as visitas e os cumprimentos dos amigos, que vêm desejar-lhes uma feliz viagem. Dez dias antes do passamento, o futuro morto, que quase nunca se engana nos seus cálculos, vai pagar as visitas que recebe, conduzido numa liteira pelos seus *Yahus*; é nessa ocasião que se despede, usando as tradicionais

formalidades, de todos os amigos e lhes diz o derradeiro adeus de cerimônia, como se deixasse uma região para passar o resto da sua vida em outra.

Não quero esquecer de registrar aqui que os *Tiuyhnhnms* não possuem na sua língua termo para exprimir o que é mau, e servem-se de metáforas tiradas das disformidades e das más qualidades dos *Yahus*; dessa forma, quando querem exprimir a falta de jeito de um criado, a culpa de algum dos filhos, uma topada, um tempo chuvoso e outras coisas semelhantes, dizem o nome da coisa a que se querem referir, acrescentando-lhe apenas o epíteto de *Yahu.*

Por exemplo: para manifestar estas coisas, dirão : *Hhhm-yahu; whnaholm-yahu; inbhmnawhhma-yahu;* e para significar uma casa mal construída dirão: *unholmh-umrohlnw-yahu.*

Se algum dos meus queridos leitores quiser ter mais alguns conhecimentos com respeito aos usos e costumes dos *huyhnhnms, é* favor ter a bondade de esperar que um grosso *in quarto,* que preparo sobre este assunto, esteja concluído. Dentro em breve, publicarei o prospecto anunciador e tenho a certeza de que os assinantes não ficarão logrados nas suas esperanças e nos seus direitos. Entretanto, peço ao público a fineza de se contentar com este

resumo e que me dê licença para acabar de contar o resto das minhas aventuras.

CAPÍTULO X

Felicidade do autor no país dos huyhnhnms — Os agradáveis prazeres que saboreia com as conversas entabuladas com eles — Modo de vida que leva naquela região — É banido desse país por ordem do parlamento.

Fui sempre amigo da ordem e da economia, e, em qualquer situação em que me encontrasse, arranjei sempre de modo a regularizar e a industriar a minha maneira de viver. Meu amo, porém, marcara terreno para minha moradia quase a seis passos da casa, e essa moradia, que era uma cabana conforme o uso do país e muito parecida com a dos *Yahus,* não era agradável nem cômoda. Fui buscar barro com que fiz quatro paredes e um sobrado e, com um junco, fabriquei uma esteira com a qual cobri a moradia. Apanhei cânhamo, que crescia à vontade pelo campo. Limpei-o, fiei-o e do fio manufaturei uma espécie de pano, que enchi de penas de aves, para arranjar uma cama macia, onde dormisse à vontade. Com a minha faca e o auxílio do alazão fiz uma cadeira e uma mesa. Quando minha roupa ficou completamente esfarrapada, engendrei outra de peles de coelho a que juntei as de certos animais chamados *nnuhnoh,* que são muito bonitos e quase do mesmo tamanho, e cuja pele é coberta de um finíssimo pêlo. Com esta

pele arranjei também excelentes meias. Talhei para solas dos sapatos pedaços de madeira muito adelgaçados e substituí o cabedal por pele de *Yahu.* Quanto à comida, além da que acima aludi, apanhava algumas vezes mel dos troncos das árvores e comia-o com o meu pão de aveia. Ninguém experimentou tanto como eu que a natureza com pouco se contenta e que a necessidade é mãe do engenho.

Gozei de uma saúde perfeita e de um sossego de espírito inalterável. Não me via exposto nem à inconstância e traição dos amigos, nem às invisíveis ciladas ocultas dos inimigos. Não tinha tentações para vir vergonhosamente fazer corte a um fidalgo ou à amante, para me conceder honra da sua proteção e da sua benevolência. Não era obrigado a precaver-me contra a fraude e a opressão; não tinha aí espião ou denunciante pago, nem *lord-mayor* crédulo, político estouvado ou malfazejo. Aí não receava ter a minha honra menoscabada por absurdas acusações, e a minha liberdade vergonhosamente roubada por conspirações indignas nem ordens de prisão sacadas por alicantinas. Naquele país não havia médicos para me envenenarem, procuradores para me arruinarem, nem autores para me aborrecerem. Não me via rodeado de trocistas, de gracejadores, de maldizentes, de críticos, de caluniadores, de ratoneiros, de espíritos fracos,

de hipocondríacos, de tagarelas, de caturras, de facciosos, de sedutores, de falsos sábios.

Não havia por lá mercadores fraudulentos, peralvilhos, loquazes, desenxabidos, delicados, namoradores adamados, presumidos, espadas de arrasto, bêbados, invertidos e pedantes.

Os meus ouvidos não tinham sido enxovalhados por conversas licenciosas e ímpias; os meus olhos não eram impressionados nem pela presença de um maroto rico e educado nem pela de um honrado homem abandonado tanto à sua virtude como ao seu mau destino.

Tinha a honra de me entender muita vez com os senhores *huylmlinms,* que visitavam meu amo, que consentia que eu, de vez em quando, entrasse na sala para me aproveitar da sua conversa. Aquela sociedade dirigia-me às vezes algumas perguntas, às quais eu tinha a honra de responder. Acompanhava também meu amo nas suas visitas, mas permanecia sempre em silêncio, salvo se me interrogavam. Fazia de personagem auditor com infinito prazer: tudo o que ouvia era útil e agradável e sempre expresso em poucas palavras, porém com graça; o melhor bem-estar era observado sem cerimônia; cada um dizia o que lhe podia agradar. Nunca se interrompiam, nunca se davam a longas e fastidiosas narrativas, nunca havia discussões, nunca se chicanava.

Tinham por máxima que, numa sociedade, é bom que o silêncio reine de vez em quando, e parece-me que tinham razão. Neste intervalo, e durante esta espécie de tréguas, o espírito fornece-se de idéias novas e a conversa torna-se depois mais animada e viva. As conversas baseavam-se sempre sobre as vantagens e agrados da amizade, sobre os deveres da justiça, a bondade, a ordem, as admiráveis obras da natureza, as antigas tradições, as condições e limites da virtude, as invariáveis regras do raciocínio; algumas vezes sobre as deliberações da próxima reunião do parlamento e muitas outras sobre o mérito dos seus poetas e as qualidades da boa poesia.

Posso dizer, sem vaidade, que eu próprio fornecia, algumas vezes, conversa, isto é, dava ensejo a fortes raciocínios; porque meu amo narrava-lhes, de vez em quando, as minhas aventuras e a história do meu país, o que lhes fazia ter reflexões muito pouco vantajosas para a raça humana e que, por essa razão, não apontarei. Observarei apenas que meu amo parecia conhecer melhor a natureza dos *Yahus* que vivem nas outras partes do mundo que eu próprio conhecia. Descobria a fonte de todos os nossos desvairamentos, profundava a matéria dos nossos vícios e das nossas loucuras, e adivinhava uma infinidade de coisas de que eu nunca falara. Isto não deve parecer incrível, pois conhecia a

fundo os *Yahus* do seu país, de maneira que, supondo neles um pequeno grau de raciocínio, calculava o que seriam capazes com esse acréscimo, e o seu cálculo era sempre justo.

Confessarei aqui ingenuamente que as poucas luzes e filosofia que hoje possuo, apanhei-as nas sábias lições desse caro amo e nas conversas de todos esses seus judiciosos amigos, conversas preferíveis às doutas conferências das academias de Inglaterra, Alemanha e Itália. Tinha por todos esses personagens uma inclinação mesclada de respeito e temor, e sentia-me penetrado de reconhecimento pela bondade que tinham para comigo, não me confundindo com os seus *Yahus* e de me crerem um pouco menos imperfeito do que os do meu país.

Quando me lembrava de minha família, dos meus amigos, dos meus compatriotas e de toda a raça humana em geral, representavam-se-me todos como verdadeiros *Yahus,* pelo rosto e pelo carácter, contudo um pouco mais civilizados, com o dom da palavra e um pequeno grau de raciocínio. Quando vi o meu rosto na água pura de um límpido regato, desviei-me imediatamente, não podendo suportar a vista de um animal que me parecia tão disforme como um *Yahu.* Os meus olhos, costumados à nobre figura dos *huyhnhnms,* só neles encontrava beleza animal. À força de os contemplar e de lhes falar, tomara um

pouco das suas conveniências, dos seus gestos, das suas atitudes, dos seus passos e hoje, que estou na Inglaterra, os meus amigos dizem-me, algumas vezes, que troto como um cavalo. Quando falo ou rio parece-lhes que rincho. Vejo-me todos os dias assediado a este respeito sem sentir o menor desgosto.

Nesta feliz situação, enquanto saboreava as doçuras de um perfeito repouso, em que me julgava tranqüilo para todo o resto da minha vida, e que o meu estado era o mais agradável e o mais digno de inveja, um dia meu amo mandou-me chamar mais cedo do que era costume. Quando me encontrei junto dele, reparei em que estava muito sério, com ar inquieto e perturbado, querendo falar e não podendo abrir a boca. Depois de algum tempo de silêncio dirigiu-me estas palavras:

— Não sei como hei-de principar, meu querido filho, o que tenho a dizer-lhe. Ficará ciente de que na última assembléia do parlamento, na ocasião em que foi posto em discussão o caso dos *Yahus,* um deputado representou à assembléia que era indigno e vergonhoso para mim desse guarida em minha casa a um *Yahu,* a quem eu tratava como a um *huyhnhnm*; que me havia visto conversar com ele e sentir prazer em ouvi-lo, como se fosse um semelhante meu; que era um processo contrário à

razão e à natureza e que nunca se ouviu falar de uma coisa semelhante. Sobre este ponto, a assembléia *exortou-me* a fazer, de duas coisas, uma: ou juntá-lo aos outros *Yahus,* que vão mutilar num dia destes, ou a fazê-lo partir para o país de onde veio. A maioria dos membros que o conhece e que o viu em minha casa, rejeitou a escolha e sustentou que era muito injusto e contrário à benevolência colocá-lo entre os *Yahus* deste país, em vista de ter um começo de raciocínio e que seria mesmo para lastimar que lhes comunicasse algum que os tornaria piores ainda; que além disso, sendo misturado com os *Yahus,,* poderia armar uma conspiração, sublevá-los, conduzir todos a uma floresta ou ao cimo de uma montanha, em seguida pôr-se à testa deles e vir cair sobre todos os *huyhnhnms* para os destroçar e destruir. Esta opinião foi aprovada por unanimidade de votos e, enfim, fui *exortado* a fazê-lo sair o mais breve possível. Apresso-me a dar-lhe conta deste resultado e não posso adiá-lo. Aconselho-o, pois, a que se ponha a nado ou então construa um pequeno objeto semelhante àquele que o trouxe a estes lugares e de que me fez descrição e que volte por mar, conforme veio. Todos os criados desta casa e até os dos meus vizinhos auxiliá-lo-ão nessa tarefa. Se fosse só por mim, conservá-lo-ia toda a vida para serviço, porque tem boas inclinações, se se corrigir de alguns defeitos que possui e também de alguns

maus costumes, pois tem feito todo o possível para se conformar, tanto quanto a sua desgraçada natureza era capaz, com a dos *huyhnhnms.*

Notarei, de passagem, que os decretos da assembléia geral da nação dos *huyhnhnms* se exprimem sempre pela palavra *hnhnloyn,* que significa *exortação.* Não podem conceber que se possa obrigar e constranger uma criatura racional, como se ela fosse capaz de desobedecer à razão.

Este discurso caiu-me aos pés como um raio; fiquei logo em grande prostração e desespero: e, não podendo resistir à impressão da dor, desmaiei junto do meu amo, que me julgou morto.

Quando recuperei um pouco os sentidos, disse-lhe com voz fraca e ar tristonho que, embora não pudesse insurgir-me contra a *exortação* da assembléia geral, nem contra a solicitude de todos os seus amigos, que o apressavam a afastar-me, parecia-me, contudo, segundo o meu fraco entender, que poderiam deliberar contra mim um castigo rigoroso; que me era impossível pôr-me a nado, pois o mais que poderia nadar seria uma légua e que, no entanto, a terra mais próxima ficava talvez afastada cem léguas; que, com respeito à construção de um

barco, nunca encontraria no país o que seria necessário para semelhante trabalho; que, contudo, queria obedecer, apesar da impossibilidade de fazer o que se me aconselhava e me dizia respeito como uma criatura que está para morrer; que a presença da morte não me aterrorizava e que a esperava como o menor dos males de que estava ameaçado; que, posto que pudesse atravessar os mares e voltar ao meu país por qualquer aventura extraordinária, teria então a desgraça de me encontrar com os *Yahus,* com os quais seria obrigado a passar o resto da minha existência e cair, em breve, em todos os seus maus hábitos; que sabia bem que as razões que haviam levado os senhores *huyhnhnms* a essa resolução, eram muito fortes para que lhes pudesse opor as de um desgraçado *Yahu* como eu; que, nessa conformidade, aceitava o cativante oferecimento que me fazia dos seus criados para me auxiliar a construir o barco; que lhe pedia apenas que tivesse a bondade de me conceder certo prazo de tempo suficiente para dedicar-me a uma tarefa tão difícil, que era destinada à conservação da minha miserável existência; que, se algum dia chegasse à Inglaterra, trataria de me tornar útil aos meus compatriotas, traçando-lhes o perfil e as virtudes dos ilustres *huyhnhnms* e apresentando-os para exemplo a todo o gênero humano.

Sua honra replicou-me em poucas palavras, e disse que me concedia dois meses para a construção do barco e, ao mesmo tempo, ordenou ao alazão meu companheiro (porque me é lícito dar-lhe este nome na Inglaterra) que seguisse as minhas instruções, porque dissera a meu amo que só ele me bastaria e eu sabia que me era muito afeiçoado.

A primeira coisa que fiz foi ir com ele para o sítio da costa, onde aportara havia tempo. Subi a um outeiro e, estendendo a vista para todos os lados na solidão dos mares, julguei enxergar para o nordeste uma ilhota. Com o meu telescópio vi-a nitidamente, e calculei que estivesse afastada cinco léguas. Quanto ao bom alazão, dissera apenas que era uma nuvem. Como nunca vira outra terra além daquela em que nascera, não tinha vista capaz para distinguir no mar objetos afastados, como eu, que passara a vida sobre esse elemento. Foi para esta ilha que primeiramente me resolvi dirigir, quando o meu barco estivesse pronto.

Voltei à casa com o meu companheiro, e, depois de termos conversado um pouco, fomos a uma floresta, que estava um tanto longe, onde eu, com uma faca, e ele, com uma pedra cortante, encabadas com muita perfeição, cortámos a madeira necessária para o trabalho. A fim de não enfastiar o leitor com os pormenores da minha

tarefa, basta dizer que, dentro de seis semanas, fizemos uma espécie de canoa, à maneira dos índios, mas muito mais larga, que cobri com peles de *Yahu,* cosidas com fios de linho. Manufaturei uma vela com peles idênticas, tendo escolhido para isso as dos *Yahus* novos, porque as dos velhos teriam sido muito duras e muito espessas; forneci-me de quatro remos; fiz provisão de uma porção de carne cozida, de coelhos e aves, com duas vasilhas, uma cheia de água e outra cheia de leite. Fiz a experiência da minha canoa num grande lago e corrigi todos os defeitos que lhe pude notar, tapando todas as aberturas com sebo de *Yahu* e tentando pô-la em estado de me levar com a minha pequena carga. Coloquei-a, então, sobre uma pequena carroça e fi-la conduzir à margem por *Yahus,* sob as ordens do alazão e de um outro criado.

Quando tudo estava pronto e chegou o dia da minha partida, despedi-me de meu amo, da senhora sua esposa e de toda a família, tendo os olhos rasos de lágrimas e o coração trespassado de dor. Sua honra, fosse por amizade, fosse por curiosidade, quis ver-me na canoa e dirigiu-se para a costa com muitos amigos da vizinhança. Fui obrigado a esperar mais de uma hora em virtude da maré; então, notando que o vento estava de feição para me levar à ilha, fiz as últimas despedidas a meu amo. Ajoelhei-me a seus pés para lhos poder beijar e ele deu-me a

honra de levantar o pé dianteiro até a minha boca. Se relato essa circunstância não é por vaidade; imito todos os viajantes, que não deixam de mencionar todas as honras extraordinárias com que foram recebidos. Fiz uma profunda reverência a toda a sociedade e, entrando na canoa, afastei-me da praia.

CAPÍTULO XI

O autor é atingido por uma flecha que lhe dirige um selvagem — É tomado por portugueses que o conduzem a Lisboa, de onde passa para a Inglaterra.

Comecei esta desgraçada viagem a 15 de Fevereiro no ano de 1715, pelas nove horas da manhã. Ainda que o vento fosse favorável, a princípio só me servi dos remos; considerando, porém, que depressa me fatigaria e que o vento poderia mudar, arrisquei-me a içar a vela e, por esta forma, com o concurso da maré, singrei quase pelo espaço de hora e meia. Meu amo, com todos os *huyhnhnms* da sua companhia, permaneceu na praia até me perder de vista e ouvi várias vezes o meu amigo alazão gritar: *Hnuy illa nyha majah,* que, traduzido em vulgar, significa: *Toma cautela contigo, gentil Yahu.*

O meu desejo era descobrir, se pudesse, alguma ilhota deserta e desabitada, onde apenas encontrasse com que me alimentar e vestir. Passaria, em tal situação, uma vida mil vezes mais feliz do que a de um primeiro ministro. Tinha um extremo horror em regressar à Europa e ser obrigado a viver na sociedade e sob o império dos *Yahus.* Na feliz solidão que procurava, esperava passar docemente o resto

dos meus dias, envolvido na minha filosofia, usufruindo os meus pensamentos, não tendo outro fim além do soberano bem-estar, nem outro prazer que não fosse o testemunho da minha consciência, sem estar exposto ao contágio dos enormes vícios, que os *huyhnhnms* tinham feito entrever na minha detestável espécie.

O leitor, decerto, se recorda de que lhe disse que a tripulação do meu navio se revoltara contra mim e me aprisionara no camarote; que permanecera nessa situação durante muitas semanas, sem saber onde conduziam o meu navio e que, em suma, me haviam desembarcado sem me dizer onde me encontrava. Entretanto, julguei que estava a dez graus ao sul do Cabo da Boa Esperança e quase a quarenta e cinco de latitude meridional. Inferi de algumas conversas, que ouvira no navio, que tinham desejo de se dirigir a Madagascar. Embora isso não fosse senão uma conjectura, não deixei de tomar a resolução de singrar para leste, esperando refrescar-me ao sudoeste da Nova-Holanda, e daí dirigir-me a oeste para algumas das ilhotas que ficam nas proximidades. O vento estava diretamente para oeste, e, pelas seis horas da tarde, calculei que andara dezoito léguas para esse ponto.

Tendo, então, descoberto uma ilhota afastada mais de légua e meia, a ela aportei daí a pouco.

Não passava de um verdadeiro rochedo, com uma pequena baía que as tempestades aí haviam formado. Amarrei a canoa neste porto e, tendo trepado a um dos lados do rochedo, descobri para leste uma terra, que se estendia de norte a sul. Passei a noite na minha canoa e, no dia seguinte, desatando a remar de madrugada e com grande coragem, cheguei às sete horas a um sítio da Nova-Holanda, que fica a sudoeste. Isto confirmou-me uma opinião que tinha já há tempo: que os mapas-múndi e as cartas geográficas colocavam este país menos três graus para leste do que realmente está. Creio ter já, há muitos anos, comunicado o meu pensamento ao meu ilustre amigo, senhor Hermann Noll, e ter-lhe explicado as minhas razões; mas ele preferiu seguir a multidão dos autores.

Não avistei habitante algum no sítio onde desembarcara e, como não tinha armas, não quis aventurar-me nesse país. Apanhei na praia alguns mariscos que não me atrevi a cozer, com receio de que o fogo me fizesse descobrir aos habitantes da região. Durante os três dias que me demorei oculto naquele local, só me alimentei de ostras e outros mariscos, a fim de poupar as minhas provisões. Felizmente, encontrei um pequeno regato, cuja água era magnífica.

Ao quarto dia, aventurando-me a dar alguns passos nessa região, descobri talvez trinta

habitantes, numa altura que ficava a uns quinhentos passos distante de mim. Estavam todos nus, homens, mulheres e crianças, e aqueciam-se em volta de uma fogueira. Um deles avistou-me e fez sinal aos outros. Então, destacaram-se cinco do grupo e puseram-se a caminho, dirigindo-se para mim. Logo desatei a fugir para a praia, meti-me na canoa e remei com toda a força. Os selvagens seguiram-me ao longo da praia e arremessaram uma flecha que me atingiu o joelho esquerdo, onde me fez uma larga ferida, de que ainda tenho cicatriz. Receei que o dardo estivesse envenenado; assim, tendo remado fortemente, pondo-me fora do alcance dos inimigos, tratei de espremer bem a ferida e depois liguei o joelho conforme pude.

Estava seriamente embaraçado; não me atrevia a voltar ao sítio onde fora atacado e, como era obrigado a tomar o rumo norte, tornava-se-me preciso remar sempre, porque tinha o vento de nordeste. No momento em que lançava uma vista de olhos para todos os lados, a fim de descobrir alguma coisa, reparei, ao nordeste, numa vela que, momento a momento, crescia a olhos vistos. Não sabia se devia ou não caminhar para ela. Por fim, o horror que concebera por toda a raça dos *Yahus* fez-me tomar a resolução de virar de bordo e remar para o sul, a fim de voltar a essa mesma baía de onde saíra de manhã, preferindo expor-me a toda a casta de perigo a

viver com *Yahus.* Aproximei a canoa da praia o mais que me foi possível e, quanto a mim, ocultei-me a alguns passos, por trás de uma pequena rocha que estava perto do regato a que já me referi.

O navio avançou quase meia légua pela baía e mandou o escaler com tonéis para se fornecer de água. Este local era conhecido e visitado muitas vezes pelos viajantes, em virtude daquele regato. Os marinheiros, ao desembarcarem, viram primeiro a minha canoa e, principiando a examiná-la, sem grande trabalho notaram que aquele a quem pertencia não estava longe. Quatro deles, bem armados, procuraram por todos os lados e por fim encontraram-me escondido com a face voltada para o chão por trás da rocha. A princípio ficaram surpreendidos com o meu aspecto, minha roupa de peles de coelho, os meus sapatos de pau e as minhas meias forradas. Presumiram logo que não era daquele país, onde todos os habitantes andavam nus. Um deles ordenou que me levantasse e perguntou-me em língua portuguesa quem eu era. Fiz-lhe um grande cumprimento e nessa mesma língua, que entendia perfeitamente, respondi que era um pobre *Yahu* expulso do país dos *huyhnhnms* e que lhe pedia que me deixasse passar. Ficaram admirados de me ouvir falar a sua língua e calcularam, pela cor do meu rosto, que era europeu; não sabiam, porém, o que eu queria

dizer com as palavras *Yahu* e *Huyhnhnm*; e, não puderam, simultaneamente, deixar de rir com a minha acentuação, que se assemelhava ao relincho de cavalo.

Percebi, pelo seu aspecto, movimentos de tédio, e estava já na disposição de voltar-lhes as costas e dirigir-me para a canoa, quando puseram as mãos em mim e me obrigaram a dizer-lhes qual a minha naturalidade, de onde vinha e outras perguntas idênticas. Respondi-lhes que nascera na Inglaterra, de onde partira havia quase cinco anos e que, por então, reinava a paz entre aquele país e o meu; que, assim, esperava que tivessem a bondade de não me tratar como inimigo, pois lhes não queria mal algum, e que era um pobre *Yahu* que buscava uma ilha deserta onde pudesse passar na solidão o resto da minha desafortunada existência.

Fiquei a princípio surpreendido, quando me falaram, e julguei ver um prodígio. Isto parecia-me tão extraordinário, como se ouvisse falar um cão ou uma vaca na Inglaterra. Responderam-me com toda a humanidade e delicadeza possíveis, que me não apoquentasse, e que estavam certos de que o capitão quereria embarcar-me a bordo e levar-me grátis para Lisboa, de onde poderia passar para a Inglaterra; que dois deles iriam naquele momento ter com o capitão para o informar do que tinham visto e receber as suas

ordens; mas, ao mesmo tempo, salvo se lhes desse a minha palavra de não fugir, me ligariam. Disse-lhes que fizessem de mim tudo o que julgassem a propósito.

Tinham muita vontade de saber a minha vida e as minhas aventuras; mas dei-lhes poucas satisfações e todos concluíram que as minhas desgraças me haviam perturbado o espírito. Ao cabo de duas horas, a chalupa, que fora levar água doce ao navio, voltou com ordem de me conduzir imediatamente a bordo. Prostrei-me de joelhos para pedir que me deixassem à vontade e que não quisessem tolher-me a liberdade, mas foi em vão; fui ligado e metido no escaler, e nesse estado conduzido a bordo e ao camarote do capitão.

Chamava-se Pedro Mendes e era um homem muito generoso e delicado. Pediu-me, em primeiro lugar, que lhe dissesse quem era e depois perguntou-me se queria comer ou beber. Garantiu-me que seria tratado como ele próprio e, enfim, disse-me coisas tão obsequiosas, que fiquei admirado de encontrar tanta bondade num *Yahu.* Tinha, no entanto, um aspecto sombrio, sorumbático e rígido, e só respondi a todas as suas amabilidades que a bordo da minha canoa ainda tinha de comer. Ordenou, porém, que me servissem um frango e me fizessem beber excelente vinho; e, enquanto se esperava,

mandou arranjar uma boa cama num quarto muito cômodo. Quando aí fui conduzido, não quis despir-me, e deitei-me na cama conforme estava. Ao fim de meia hora, enquanto toda a tripulação estava no jantar, fugi do quarto no desejo de me lançar a nado, a fim de não ser obrigado a viver com *Yahus.* Mas fui detido por um dos marinheiros, e o capitão, sendo informado da minha tentativa, ordenou que me encerrassem no quarto.

Depois do jantar, D. Pedro veio ter comigo e quis saber qual o motivo que me tinha levado a formar a empresa de um homem desesperado. Assegurou-me, ao mesmo tempo, que só tinha empenho em dar-me prazer, e falou-me de uma forma tão cativante e persuasiva que comecei a olhá-lo como animal um pouco razoável. Referi-lhe, em poucas palavras, a história da minha viagem, a insurreição da tripulação do navio de que eu era o capitão, e a resolução que tinham tomado de me deixar sobre um ponto ignorado; declarei-lhe que passara três anos com os *huyhnhnms*, que eram cavalos falantes e animais raciocinantes. O capitão tomou tudo isso por visões e mentiras, o que me melindrou em extremo. Disse-lhe que esquecera a mentira desde que deixara os *Yahus* da Europa; que nos *huyhnhnms* não se mentia, nem mesmo às crianças ou criados; que, quanto ao mais, acreditaria o que lhe conviesse, mas estava

pronto a responder a todas as dificuldades que poderia opor e me orgulhava de lhe poder fazer conhecer a verdade.

O capitão, homem sensato, depois de me haver dirigido outras perguntas, e ter visto que tudo o que dizia era justo, e que todas as partes da minha história se relacionavam umas com as outras, começou a formar melhor opinião da minha sinceridade, tanto mais que me confessou que havia tempo se encontrara com um marinheiro holandês que lhe disse que, com mais cinco camaradas, havia desembarcado numa certa ilha ou continente ao sul da Nova-Holanda, onde tinham tomado aguada; que haviam descortinado um cavalo levando diante de si um tropel de animais perfeitamente semelhantes aos que lhe descrevera e a que eu dava o nome de *Yahus* com muitas outras particularidades, que disse ter esquecido, e de que não se dera o trabalho de guardar de memória, tomando-as como mentiras.

Acrescentou que, embora eu fizesse profissão de ter grande amor à verdade, quis que lhe desse a minha palavra de honra de ficar com ele durante toda a viagem, sem pensar em atentar contra a minha existência; que, em caso contrário, me encerrariam até que chegasse a Lisboa. Prometi-lhe o que exigisse de mim, mas protestei, ao mesmo tempo, que preferia sofrer os

mais desagradáveis tratos a consentir em voltar a viver com os *Yahus* do meu país.

Nada se passou de notável durante a nossa viagem. Para testemunhar ao capitão quanto estava sensibilizado pelas suas bondades, conversava com ele algumas vezes por gratidão, quando me pedia instantemente que lhe falasse, e tentava, então, ocultar a minha misantropia e a minha aversão por todo o gênero humano. No entanto, escaparam-me, por vezes, alguns ditos satíricos e mordentes, que escutava como gentil-homem ou aos quais fingia não dar atenção. Passava, porém, a mor parte do tempo só e isolado no meu camarote, e não queria dar palavra a tripulante algum. Tal era o estado do meu cérebro, que a minha convivência com os *huyhnhnms* me enchera de idéias sublimes e filosóficas. Sentia-me dominado por uma extraordinária misantropia, semelhante a esses espíritos sombrios, a esses ferozes solitários, a esses meditativos censores que, sem terem freqüentado os *huyhnhnms,* se melindram por conhecer a fundo o carácter dos homens e por possuir um soberano desprezo pela humanidade.

O capitão pediu-me, várias vezes, que me despojasse das peles de coelho, e ofereceu-se para me emprestar tudo o que fosse necessário para me vestir dos pés à cabeça; agradeci-lhe, porém, os seus oferecimentos, sentindo horror em

envolver o meu corpo com o que tinha sido usado por um *Yahu.* Consenti apenas em que me emprestasse duas camisas brancas que, sendo muito bem lavadas, não me podiam sujar. Chegámos a Lisboa a 15 de Novembro de 1715. O capitão forçou-me então a vestir a sua roupa, para evitar que a escumalha nos apupasse pelas ruas. Levou-me para sua casa e quis que permanecesse com ele durante a minha estada nessa cidade. Pedi-lhe instantemente que me alojasse no quarto andar, num sítio afastado, onde não convivesse com pessoa alguma. Solicitei-lhe também o favor de não contar fosse a quem fosse o que eu lhe narrara acerca da minha permanência nos *huyhnhnms,* porque, se a minha história fosse conhecida, seria em breve importunado com visitas, com uma infinidade de curiosos e, o que seria pior, talvez lançado às fogueiras pela Inquisição.

O capitão, que não era casado, só tinha três criados, um dos quais, o que me levava as refeições ao quarto, tinha boas maneiras comigo e parecia ter tão bom senso para um *Yahu* que a sua companhia não me desagradou, e conseguiu de mim que, de vez em quando, chegasse a uma fresta para tomar ar; em seguida persuadiu-me a descer ao andar de baixo e a deitar-me num quarto cuja janela dava para a rua; mas, a princípio, retirei tão depressa a cabeça quanto a deitara de fora; o povo feria-me a vista. Contudo,

fui-me paulatinamente habituando. Oito dias depois fez-me descer para um andar mais baixo; por fim, triunfou tão bem da minha fraqueza, que me convidou a ir sentar-me à porta para ver os que passavam e, em seguida, acompanhá-lo algumas vezes pela rua.

D. Pedro, a quem explicara a situação da minha família e dos meus negócios, disse-me, um dia, que era obrigado por honra e consciência a voltar ao meu país e ir viver em minha casa com a mulher e os filhos. Ao mesmo tempo avisou-me de que estava no porto um navio pronto a fazer-se de vela para a Inglaterra e assegurou-me que forneceria tudo quanto eu carecesse para a minha viagem. Aleguei vários motivos, que me desviavam de voltar a viver no meu país e que me haviam feito tomar a resolução de buscar uma ilha deserta, onde pudesse findar os meus dias. Replicou que essa ilha, que eu desejava procurar, era uma quimera, e que encontraria homens em toda a parte; que, pelo contrário, quando estivesse em minha casa, seria eu o dono e poderia permanecer solitário as vezes que me aprouvesse.

Por fim, rendi-me, não podendo fazer outra coisa; tinha-me, então, tornado um pouco menos selvagem. Deixei Lisboa em 24 de Novembro, e embarquei num navio mercante. D. Pedro acompanhou-me até o porto e teve a amabilidade

de me emprestar a soma de vinte libras esterlinas. Durante a viagem, não tive convivência com o capitão nem com os passageiros e pretextei uma doença para poder ficar sempre em meu camarote. A 5 de Dezembro de 1715 lançámos ferros nas Dunas, quase às nove horas da manhã, e às cinco da tarde cheguei a Redriff de boa saúde e recolhi-me à casa. Minha mulher e toda a família, ao tornar a ver-me, testemunharam a sua surpresa e a sua alegria; como me haviam julgado morto, entregaram-se a transportes que não posso exprimir. Beijei e abracei todos friamente, em virtude da idéia do *Yahu,* que não me saíra ainda do espírito, e por esse motivo não quis a princípio dormir com minha mulher.

O primeiro dinheiro que tive empreguei-o em comprar dois cavalos novos, para os quais mandei construir magnífica estrebaria, que entreguei aos cuidados de um palafreneiro de primeira ordem, a quem fiz meu confidente e favorito. O cheiro de estrebaria encantava-me e passava aí quatro horas por dia a conversar com os meus cavalos, o que me fazia recordar os virtuosos *huyhnhnms.*

No momento em que escrevo esta relação, há cinco anos que estou de volta da minha última viagem e vivo retirado em casa. No primeiro ano, foi a custo que suportei a presença de minha

mulher e a de meus filhos, e quase que não pude comer em companhia deles. As minhas idéias mudaram com a continuação e hoje sou um homem comum, embora sempre um pouco misantropo.

CAPÍTULO XII

Invectivas do autor contra os viajantes que mentem nas relações — Justifica a sua — O que pensa da conquista, que se quisesse fazer dos países que descobriu.

Dei-lhe, meu querido leitor, uma história completa das minhas viagens durante o espaço de dezesseis anos e sete meses; e, nessa relação, busquei menos ser elegante e enfeitado do que verdadeiro e sincero. Talvez tenha na conta de fábulas e historietas tudo o que narrei e a que naturalmente não encontrou verossemelhança; porém não me apliquei a procurar rodeios sedutores para dar força às minhas narrativas e torná-las críveis. Se me não acredita, queixe-se da sua própria incredulidade; quanto a mim, que não tenho gênio para ficções e possuo uma imaginação muito fria, relatei os fatos com tal simplicidade que devia curá-lo de todas as dúvidas.

É-nos dado a nós, viajantes que vamos a países onde quase ninguém vai, fazer descrições surpreendentes de quadrúpedes, de serpentes, de aves e de peixes extraordinários e raros. Mas que serve isso? O principal fim de um viajante que publica a relação das suas viagens, não deve ser tornar os homens do seu país melhores e mais

prudentes e citar-lhes exemplos estrangeiros, seja para bem, seja para mal, para os excitar a praticar a virtude e a fugir do vício? Foi isso o que me propus neste trabalho e creio que me devem agradecer.

De todo o meu coração desejaria que fosse decretado por lei que, antes de qualquer viajante publicar a relação das suas viagens, jurasse em presença do *lord* grã-chanceler que tudo o que mandasse imprimir, fosse exatamente verdadeiro, ou, pelo menos, que assim o julgasse. O mundo não seria talvez enganado como é todos os dias. Dou antecipadamente o meu voto para essa lei e consinto em que a minha obra só seja impressa depois de que ela vigore.

Na minha mocidade percorri grande número de relações com infinito prazer; mas, desde que dei quase volta ao mundo, e vi coisas com os meus próprios olhos, perdi o gosto por essa espécie de literatura; prefiro ler romances. Desconfio de que o leitor pensa como eu.

Os meus amigos, julgando que a relação que escrevi das minhas viagens tinha um certo ar de verdade, que agradaria ao público, fizeram-me ceder aos seus conselhos e consenti na impressão. Sofri muitos desaires na minha vida, mas nunca tive tendência para mentir, seguindo assim o preceito de Virgílio na *Eneida.*

Sei que não há muita honra em publicar narrações de viagens; que isto não demanda nem gênio nem ciência e que basta possuir uma boa memória ou ter um diário exato; sei também que os fazedores de relações se assemelham aos dicionaristas e são, no fim de certo tempo, eclipsados, como que aniquilados por uma multidão de escritores posteriores, que repetem tudo o que os outros disseram e acrescentam coisas novas. Talvez me aconteça o mesmo; viajantes irão aos países em que estive, inquirirão das minhas descrições, farão cair o meu livro e esquecer, talvez, o que nunca escrevi. Veria isso como uma verdadeira mortificação, se escrevesse para a glória; como, porém, escrevo para utilidade do público, nenhum cuidado me dá e estou preparado para todas as eventualidades.

Desejaria bem que o meu livro tivesse uma crítica severa; porém que se poderia dizer de um viajante que descreve países em que o nosso comércio não tem interesses e em que não se faz referência alguma às nossas manufaturas? Escrevi sem paixão, sem espírito de partido e sem querer ferir ninguém; escrevi para um fim mais nobre, que é a instrução geral do gênero humano; escrevi sem ter em vista interesse algum ou vaidade, de maneira que os observadores, os examinadores, os críticos, os chicaneiros, os tímidos, os políticos e os pequenos gênios intrujões, os espíritos mais difíceis e mais

injustos nada terão que dizer-me e não encontrarão ensejo para exercer o seu odioso talento.

Confesso que me fizeram compreender que devia primeiro, como bom súdito e bom inglês, apresentar ao secretário de Estado, no meu regresso, uma memória instrutiva concernente às minhas descobertas, visto como todas as terras que um súdito descobre, pertencem, de direito, à coroa. Entretanto duvido que a conquista dos países de que se trata seja tão fácil como a que Fernando Cortez fez outrora de uma região da América, em que os espanhóis chacinaram tantos pobres índios nus e desarmados. Primeiramente, no que diz respeito ao país de Lilipute, é claro que a sua conquista não é coisa que valha a pena, pois não tiraríamos lucros que pagassem as despesas feitas com uma esquadra e um exército. Pergunto se haverá prudência em ir atacar os Brodbingnagnianos. Seria muito interessante ver um exército inglês fazer ali uma descida! Ficaria contente, se fosse enviado a uma região onde se tem sempre sobre a cabeça uma ilha aérea, pronta a esmagar os rebeldes e com razão maior os inimigos de fora que quisessem se apoderar desse império? É verdade que a conquista do país dos *huyhnhnms* parece muito acertada. Esses povos ignoram o ofício da guerra; não sabem o que são armas de fogo e armas brancas.

Contudo, se eu fosse ministro de Estado, nunca estaria disposto a fazer semelhante conquista. A sua elevada prudência e a sua perfeita unanimidade são armas terríveis. Imagine-se, além disso, cem mil *huyhnhnms* lançando-se furiosamente sobre um exército europeu. Que carnificina não fariam eles com os dentes e de quantas cabeças e estômagos não dariam cabo com as suas patas traseiras?

Mas, longe de pensar em conquistar o seu país, queria antes que o convidassem a enviar alguns da sua nação para civilizar a nossa, isto é, para a tornar virtuosa e mais sensata.

Uma outra razão evita que eu seja de parecer da conquista dessa região, e de crer que venha a propósito aumentar os domínios de Sua Majestade britânica com as minhas felizes descobertas; esta é a verdade: a maneira por que se toma posse de um novo país descoberto causa-me alguns ligeiros escrúpulos. Por exemplo: um grupo de piratas é impelido por uma tempestade para uma região desconhecida. Um marujo, do alto da gávea, avista terra, e ei-los logo a singrar para lá. Aportam, desembarcam na praia, vêm um povo desarmado que os acolhe bem; logo dão uma nova denominação à terra e apossam-se dela em nome do seu chefe. Erigem um monumento que atesta à posteridade esta bela ação. Em seguida, põem-se a matar duas a três dúzias

desses pobres índios e têm a bondade de poupar-lhes outra dúzia, que mandam para as suas cabanas. É este propriamente o ato de posse que o *direito divino* começa a fundar.

Depois se mandam outros navios a esse mesmo país para exterminar maior número dos naturais; submetem os chefes à tortura para os obrigar a entregar os seus tesouros.

Confesso que o que aí fica não respeita à nação inglesa, que, na fundação das colônias, faz sempre brilhar a prudência e a justiça e que, sob este ponto, pode servir de exemplo a toda a Europa. Sabe-se qual o nosso zelo para fazer conhecer a religião cristã nos países modernamente descobertos e felizmente ocupados; que, para aí fazer praticar as leis do cristianismo, temos o cuidado de mandar pastores muito piedosos e muito edificantes, homens de bons costumes e de bom exemplo, mulheres e donzelas irrepreensíveis e de uma virtude bem demonstrada, valentes oficiais, juízes íntegros e, principalmente, governadores de uma reconhecida probidade, que fazem consistir a sua felicidade na dos habitantes do país, que não exercem tirania alguma, que não têm avareza, ambição, cupidez, mas unicamente muito zelo pela glória e pelos interesses do rei seu amo.

De resto, que interesse teríamos nós em querer nos apoderar dos países cuja descrição fiz? Que vantagens tiraríamos do trabalho de acorrentar e matar os naturais? Nesses países não há minas de ouro ou de prata, nem açúcar, nem tabaco.

Se, no entanto, a corte for de parecer contrário, declaro que estou pronto a atestar, quando me interrogarem judicialmente, que, antes de mim, europeu algum pusera os pés nestas mesmas regiões; tomo por testemunhas os naturais, cujo depoimento deve fazer fé. É verdade que se pode fazer chicana com relação a esses dois *Yahus* que citei, e que, conforme à tradição dos *huyhnhnms,* apareceram sobre uma montanha e tornaram-se desde então a vergôntea de todos os *Yahus* que infestam essa região. Não é difícil, porém, provar que esses dois antigos *Yahus* eram oriundos da Inglaterra; certos traços dos seus descendentes, certas tendências, certas maneiras o fazem pressupor. Quanto ao mais, deixo aos doutores em matérias de colônias discutir este assunto e examinar se não se funda num título claro e incontestável pelo direito da Grã-Bretanha.

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

Capítulo III

O autor é mandado para a corte; a rainha compra-o e o apresenta ao rei — Discute com os sábios de Sua Majestade — Preparam-lhe um aposento — Torna-se favorito da rainha — Mantém a honra do seu país — As suas questões com o anão da rainha.

Capítulo IV

Diversas idéias do autor para agradar ao rei e à rainha — O rei informa-se acerca da Europa, de que o autor lhe faz um relatório — As observações do rei sobre este assunto.

Capítulo V

Zelo do autor pela honra da sua pátria — Faz uma vantajosa proposta ao rei, que a rejeita — A literatura deste povo é imperfeita e limitada — As suas leis, os seus assuntos militares e os seus partidários de Estado.

Capítulo VI

O rei e a rainha fazem uma viagem à fronteira, onde o autor os acompanha — Pormenor da maneira por que saí desse país para regressar à Inglaterra.

TERCEIRA PARTE — Viagem a Lapúcia, aos Balnibarbos, a Luggnagg, a Glubbdudrib e ao Japão

Capítulo I

O autor empreende terceira viagem — É aprisionado pelos piratas — Maldade de um

Invectivas do autor contra os viajantes que mentem nas relações — Justifica a sua — O que pensa da conquista, que se quisesse fazer dos países que descobriu.

Notas

* — Digo quase porque, comparando o texto digitalizado com a edição do Project Gutenberg, verifiquei que trechos foram omitidos. O leitor que lê Inglês é incentivado a ler o original. Aliás, ler na língua em que a obra foi escrita é *sempre* melhor. [NE]

* — Distrito dos advogados em Londres. No original: "Smithfield blazing with pyramids of law books", portanto, aqui, refulgindo tem o sentido de "luzindo sob a luz de chamas" [NT]

(1) — Nem homem forte, nem mulher casta.

(1) — Nada desconheço do que diz respeito a cavalos.

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Junho 2004